

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

RENATO ELIAS PIRES DE SOUZA

A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA EM CENA NA PARAÍBA (1933-1938)

CAMPINA GRANDE – PB

2015

RENATO ELIAS PIRES DE SOUZA

A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA EM CENA NA PARAÍBA (1933-1938)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração Cultura, Poder e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires

CAMPINA GRANDE-PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S729c Souza, Renato Elias Pires de.

A cultura política integralista em cena na Paraíba (1933-1938)/Renato Elias Pires de Souza.–Campina Grande,2015.

175f.

Dissertação(Mestrado em História) –Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação:Profº.Dr.José Luciano Queiroz Aires".
Referências.

1. Cultura Política. 2.História
Política.3.Integralismo. I.Aires, José Luciano Queiroz. II.
Título.

CDU94:32(043)

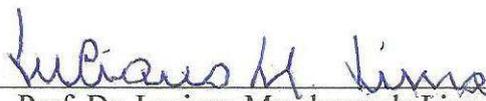
RENATO ELIAS PIRES DE SOUZA

A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA EM CENA NA PARAÍBA (1933-1938)

Dissertação Avaliada em 21/04/2015



Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires / UFCG
Orientador



Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima/UFCG
Examinador



Profa. Dra. Giselda Brito Silva/ UFRPE
Examinadora

Campina Grande

Abril de 2015

**A todos os livres pensadores e defensores da
pluralidade humana.**

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos para a nossa dissertação é antes de qualquer coisa reconhecer todos aqueles que colaboraram positivamente em nossa trajetória de vida pessoal e acadêmica. Corro o risco de esquecer-me de citar o nome de alguém, e a esses, além de desculpas, antecipo meu muito obrigado.

Agradecemos aos familiares, especialmente minha mãe, meu pai e minha irmã, que com amor incondicional acompanharam toda nossa trajetória, além de tios, tias e avó, que foram decisivos nesse processo.

Muito obrigado ao professor José Luciano Queiroz Aires que proporcionou uma excelente orientação, e com maestria ao longo desses anos, esteve disposto a discutir e contribuir com apontamentos direcionados a um caminho teórico e metodológico que se fez e faz além deste trabalho, servindo como inspiração para minha visão de vida e da história.

Ao professor Luciano Mendonça de Lima em cujas aulas tive o prazer de compreender melhor a importância do intelectual na luta por um mundo mais justo, bem como a aceitação de participar de nossa banca, trazendo significativas e necessárias contribuições.

A professora Giselda Brito Silva ícone na pesquisa sobre o integralismo, que aceitou prontamente o convite para participar na construção deste trabalho com críticas e sugestões realizadas sob um sensível espírito de cooperação, humildade e boa vontade.

Aos professores do PPGH, especialmente a Gervácio Aranha, Alarcon Agra, Marinalva Vilar, Celso Gestemeider e João Marcos, por proporcionarem discussões nas disciplinas que puderam ser transformadas em auxílios para escrita deste trabalho, bem como aos funcionários Felipe e Arnaldo que prestaram excelente serviço.

Aos funcionários das seguintes instituições: Arquivo Eclesiástico da Paraíba, Fundação Casa José Américo, IHGP, Biblioteca Atila Almeida, Arquivo Público do Estado João Emerenciano, Arquivo público de Rio Claro, CPDOC/FGV, pela gentileza e disponibilização do acesso aos respectivos acervos.

Aos colegas de classe Alisson, Anne, Allan, Ciro, Gilmara, Clau, Edson, Ronald, Pedro, Alanny, Francisca, Rafael, Josenildo, Tatiane, Izabelle, Susana, Max, Zulene, Aline, Leandro, Victor, Leonardo, Yara, Karilene, Edvania e Silvano, pelas trocas de ideias construídas no decorrer desses dois anos.

Ao professor Faustino Teatino pela gentileza no fornecimento de fontes necessárias ao trabalho, bem como ao amigo Joabe Aguiar que em muito nos auxiliou nesse processo.

Aos membros do GEINT, especialmente ao meu xará Renato Dotta, a professora Giselda Brito, Renata Duarte, Felipe Cazetta, Márcio Moraes e todos aqueles que nos auxiliaram com a prestação de valiosas informações e contato constantes com produções enriquecedoras sobre o Integralismo.

Agradecemos também aos nossos alunos que compartilharam e auxiliaram no processo de construção e desenvolvimento desses sonhos e projetos.

A família Floresta de Oliveira, especialmente a Tadeu e Mateus que me auxiliaram em informações sobre Eurípedes de Oliveira.

Ao Treze Futebol Clube que serviu como ponto de escape para os nossos momentos de tensão e aflição, bem como a escola *Bukan* de *Krav Magá*.

Muito obrigado a todos.

RESUMO

Em outubro de 1932 a Ação Integralista Brasileira (AIB) marcava o início de suas atividades no cenário político brasileiro, desenvolvendo todo um processo de construção de uma *Cultura Política* própria, capaz de modelar costumes e valores. Na Paraíba, a chegada e desenvolvimento dessa *cultura* ocorreu paralelamente ao reordenamento dos grupos oligárquicos locais, que unidos na perspectiva de valorização mitológica do ex-presidente João Pessoa, se enfrentavam em busca de poder, tendo no integralismo muitas vezes um aliado ou em determinados momentos um adversário que deveria ser combatido. Antes mesmo da fundação do núcleo integralista na Paraíba (AIB-PB), a Igreja Católica já demonstrava anuência aos preceitos anticomunistas da AIB, patrocinando por meio do jornal *A Imprensa* a doutrina do movimento no combate ao “Perigo Vermelho”. Entre os anos de 1933 até 1938 a *Cultura Política Integralista* foi posta em cena na Paraíba, provocando os mais variados sentimentos, discursos e atitudes frente aos seus seguidores, que conseguiram criar núcleos, escolas e toda uma logística facilitadora a expansão dos seus princípios por diferentes regiões do Estado.

Palavras Chaves: Cultura Política. História Política. Integralismo.

ABSTRACT

In October 1932 the Brazilian Integralista (IBA) marked the beginning of its activities in the Brazilian political scene, developing a whole process of building a Culture own policy, able to model customs and values. In Paraíba, the arrival and development of this culture was parallel to the reorganization of local oligarchic groups, which united in mythological valuation perspective of former President Joao Pessoa, clashed for power, and the fundamentalism often an ally or at certain times one opponent that should be fought. Even before the foundation of the fundamentalist core in Paraíba (IBA-PB) the Catholic Church already showed approval for the anti precepts of AIB, sponsoring through the newspaper The Press the doctrine of the movement in the fight against "Red Peril". Between the years 1933 to 1938 to Integralista Culture Policy was put into play in Paraíba, causing a wide variety of feelings, speeches and attitudes to his followers, who have managed to create cores, schools and a whole facilitating logistics expansion of its principles by different regions of the state.

Key Words: Political Culture. Political History. Integralism.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Quadro organizacional da AIB-PB em 1936

QUADRO II – Núcleos da AIB-PB e seus respectivos chefes

QUADRO III – Greves na Paraíba (1902-1934)

QUADRO IV – Jornais editados pelos operários (1921-1934)

QUADRO V – Greves em João Pessoa (1935)

QUADRO VI – Escolas da AIB-PB

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM I – Cópia do livro de registro plebiscitário

IMAGEM II – Primeiro registro doutrinário da AIB no jornal A Imprensa

IMAGEM III – Primeira aparição da imagem de Plínio Salgado no jornal A Imprensa

IMAGEM IV – Mudança na imagem de Plínio Salgado

IMAGEM V – Primeira publicação da coluna Deus, Pátria e Família explicitamente organizada pela AIB-PB

IMAGEM VI – Capa do livreto integralista

IMAGEM VII – Fotografia da caravana integralista em Campina Grande

IMAGEM VIII – Direcionamentos aos núcleos municipais

IMAGEM IX – Registro de inauguração da sede do núcleo central da AIB-PB

IMAGEM X – Registro de votação de um integralista

IMAGEM XI – Foto de Eurípedes de Oliveira e Plínio Salgado

IMAGEM XII – Velório integralista

LISTA DE SIGLAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

AIB-PB – Ação Integralista Brasileira na Paraíba

AIB-PE – Ação Integralista Brasileira em Pernambuco

ANL – Aliança Nacional Libertadora

APEJE – Arquivo Público do Estado João Emerenciano

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea

DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social

EUA – Estados Unidos da América

GEINT – Grupo de Estudos do Integralismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

LCT – Legião Cearense do Trabalho

LEC – Liga Eleitoral Católica

PP – Partido Progressista

PRL – Partido Republicano Libertador

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. PARAÍBA MASCULINA MULHER MACHO SIM SENHOR: O CONTEXTO POLÍTICO DA PARAÍBA PÓS 1930 E EMERGÊNCIA DA AIB-PB	24
2.1. POUCOS, MAS VISÍVEIS: A CHEGADA DO INTEGRALISMO NA PROVÍNCIA PARAIBANA	30
2.2. PERSPECTIVAS AUSPICIOSAS: A AIB-PB E O GOVERNO DE ARGEMIRO DE FIGUEIREDO	34
2.3. UM POR TODOS E NEM TODOS POR UM: A AIB-PB ENTRE TEORIA E PRÁTICA	40
2.4. NÚMEROS PARA PLÍNIO VER E DIZER: A SUPERVALORIZAÇÃO DO CRESCIMENTO INTEGRALISTA NA PARAÍBA	48
2.5. CONQUISTANDO ELEITORES E GERANDO INIMIGOS: AIB-PB E A CAMPANHA DE PLÍNIO SALGADO PARA PRESIDENTE DO BRASIL	55
2.6. INVERTENDO A IMAGEM INTEGRALISTA: A AIB-PB NA ILEGALIDADE	71
3. EM BUSCA DO HOMEM E DA SOCIEDADE INTEGRAL: A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA, FORJANDO O PASSADO E PROJETANDO O FUTURO	77
3.1. A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA EM TERRAS PARAIBANAS	86
3.2. FAÇA O QUE EU DIGO E TAMBÉM O QUE EU FAÇO: O COMPORTAMENTO INTEGRALISTA COMO ARTIFÍCIO DE ARREGIMENTAÇÃO E UNIFICAÇÃO	92
3.3. PARA SE INTEGRAR É PRECISO VESTIR A CAMISA: O UNIFORME INTEGRALISTA NA PARAÍBA	95
3.4. OPOSTOS QUE NÃO SE ATRAEM: A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA X CULTURA POLÍTICA COMUNISTA NA PARAÍBA	101
3.4.1. A MATERIALIZAÇÃO DA AMEAÇA: A AIB-PB EM LUTA CONTRA A ANL	106
4. É PRECISO VER PARA CRER: OS MEIOS DE DISSEMINAÇÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA NA PARAÍBA	118
4.1. O SENHOR ESTEJA CONVOSCO, O SIGMA ESTÁ NO MEIO DE NÓS: A IGREJA CATÓLICA E A DISSEMINAÇÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA	118
4.1.1. PATROCINANDO A DOCTRINA DO SIGMA: O JORNAL CATÓLICO ‘A IMPRENSA’ E A AIB-PB	121

4.2. RAZÕES DO NOSSO INTEGRALISMO: DANDO SENTIDO AO PASSADO PARA CONFIGURAR O PRESENTE E MODELAR O FUTURO.....	129
4.3. FRONTEIRAS DA SALVAÇÃO: AS SEDES DA AIB-PB E A EXTENSÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA.....	138
4.4. IDE E PREGAI: AS BANDEIRAS E OS DESLOCAMENTOS DA AIB-PB.....	147
4.5. TRANSFORMANDO MENTES E CORPOS: A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PARAÍBA.....	159
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171

1. INTRODUÇÃO

A história no entanto, não se pode duvidar disso, tem seus gozos estéticos próprios, que não se parecem com os de nenhuma outra disciplina. É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico, é, mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens. Sobretudo quando, graças a seu distanciamento no tempo ou no espaço, seu desdobramento se orna das sutis seduções do estranho. (BLOCH, 2001, p.44)

Quão estranho pode ser o passado? O olhar para um tempo não mais vivido desperta inúmeros sentimentos, por vezes encantador, por vezes assustador, mas quase sempre cheio de surpresas. Causadora por “gozos estéticos próprios”, a história, como disse Bloch, nos desafia a entender o “espetáculo das atividades humanas”, que no passado envolto de estranheza nos seduz. Ao nos depararmos com a presença da Ação Integralista Brasileira na Paraíba (AIB-PB), lutamos, constantemente, contra a “sedução do estranho”, marchas, desfiles, saudações, indumentárias e discursos nas fontes consultadas, pareciam vivos e ao ponto que nos aprofundávamos, mexiam diretamente com nossa atenção. Mais do que eufóricos com o achado das fontes, sempre algo positivo para um pesquisador, os achados nos faziam migrar para um mundo não vivido, impactando nossos sentimentos, e gerando a certeza do potencial colaborativo deste trabalho, que suscita na historiografia paraibana reflexões que elencam o integralismo como temática central, fato como veremos, já consolidado em muitos estados do país.

Segundo Bertonha (2014, p. 14-16), nos últimos vinte anos, têm se expandido em ritmo acelerado inúmeros estudos a respeito do integralismo, algo justificado por fatores como: o aumento dos cursos de graduação e de pós-graduação; o clima político e econômico dentro das universidades, observando as alterações teóricas metodológicas nas disciplinas, incluindo a superação do preconceito de se estudar a direita; a disponibilidade de fontes e o surgimento de uma nova e mais numerosa geração acadêmica, com imensa pressão para produzir. Todo esse contexto favorável, fez do integralismo um “objeto de pesquisa interessante, pois, em geral, a maior parte dos Estados teve atividade integralista”. (Ibid. p. 17).

Bem antes desse período frutífero, muitos estudos já colocavam o integralismo como objeto principal de análise, com destaque temporal para trabalhos realizados nas décadas de

1970 e 1980, onde cientistas sociais se debruçaram sobre a temática¹ discutindo, dentre outros elementos, a aproximação ou não da AIB com o Fascismo.

Nos anos 1990 em diante, a postura de novas abordagens se intensificou, vários historiadores adentraram na análise sobre o movimento integralista², fato que pode ser compreendido, dentre outros, pela renovação da história política³. Fazendo o cruzamento de interpretações historiográficas, podemos perceber as subjetividades presentes no tempo e na escrita de cada pesquisador, que dedicados ao mesmo objeto de estudo, o integralismo, acabaram por gerar ricas contribuições ao refletirem sobre: os símbolos, os discursos, a estrutura interna, os confrontos, as participações feminina, infantil e todo leque presente na formação e desenvolvimento do movimento, proporcionando um rico conjunto de trabalhos que acabam gerando complementos a respeito da compreensão da Ação Integralista Brasileira.

Mesmo tendo sido um movimento nacional⁴ o investimento em pesquisas de caráter regionais e estaduais tem oportunizado o conhecimento acerca de especificidades da AIB, incitando novos olhares em relação à atuação do integralismo, gerando ainda mais fertilidade ao campo analítico. O primeiro trabalho a proporcionar tal olhar, foi produzido por René Gertz⁵, sob o título de *Os Teuto-Brasileiros e o integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso*, onde o autor dedicou foco a articulação entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e a AIB, tema aprofundado em 1987, em sua tese de doutorado *O fascismo no sul do Brasil*, quebrando com

¹ De modo geral, podemos afirmar que nesse período dos anos 1970 e 1980, os historiadores brasileiros estavam fortemente influenciados pelo marxismo e pela Escola dos Annales, envolvidos com análises da história econômica e social, em detrimento da história política, tida por muitos como ultrapassada e pouco crítica. Enquanto isso, sociólogos, cientistas políticos e filósofos enveredavam nas abordagens sobre o integralismo, dando ênfase no estudo dos conceitos, selecionando fontes clássicas (jornais, livros, revistas), focando em trabalhos intensos de análise de discurso, e sem dúvida contribuindo para a compreensão do movimento, como podemos destacar nos trabalhos de Hégio Trindade, **Integralismo**: O fascismo Brasileiro na década de 1930, Gilberto Vasconcelos, **Ideologia Curupira**: análise do discurso integralista e José Chasin, com **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio.

² Cabe destacar nesse processo, a importância do Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT) que, desde 2001, tem proporcionado o intercâmbio de informações e reflexões acerca da temática, contribuindo decisivamente para produção de dezenas de dissertações e teses em todo o Brasil, estando presente no CNPq e na ANPUH. Para maiores informações sobre a perspectiva historiográfica relativa ao integralismo, consultar BERTONHA, João Fábio. **Bibliografia orientativa sobre o integralismo** (1932-2007). Jaboticabal: Funep (Unesp), Rio Claro: Arquivo do Município de Rio Claro, 2010.

³ Sobre o processo de renovação da história política, consultar: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003.

⁴ As publicações que tratavam do caráter nacional integralistas privilegiavam na maioria das vezes, o sudeste, tido como centro de difusão ideológica da AIB, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro.

⁵ GERTZ, René. **Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul**. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de Mestrado em Ciência Política).

a imagem até então defendida, de que o integralismo foi o movimento puramente urbano, já que no sul, agrupou muitos colonos rurais. Tais trabalhos deram “ponta pé inicial” para a construção de outros, com abordagens diferentes, a exemplo do trabalho de Fausto Irschlinger, que em 2001 apresentou: *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*.

Em 1986, dois importantes trabalhos trouxeram a investigação para o Nordeste, mais especificamente, para o Ceará. O primeiro foi à tese de Josênio Parente, *ANAUÊ: os camisas verdes no poder*, e o segundo foi o trabalho de João Montenegro, *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*, ambos apresentaram como contribuição a intensa ligação entre o movimento operário, sob a organização da Legião Cearense do Trabalho (LCT) e o integralismo, além de refletirem sobre a aproximação entre a Igreja Católica e a AIB. Tais trabalhos também proporcionaram o despertar de novas reflexões, a exemplo da dissertação de João Rameres, *Integralismo e Coronelismo: Interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*, defendida em 2008.

Em 1996, Giselda Brito Silva defendeu sua dissertação intitulada *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (A.I.B.-PE): 1932-1938*. Por meio desse trabalho a autora apresentou as singularidades da presença integralista naquele estado, mostrando os elos de fraternidade e embates do movimento em Recife e em algumas cidades do interior. Em 2002, a mesma autora aprofundou suas pesquisas no que diz respeito à presença integralista em Pernambuco, por meio de investigações nos arquivos policiais, contrariando algo até então afirmado que seria o apoio irrestrito do governo Vargas a AIB, defendendo a tese, *A lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Por meio desses trabalhos, outros surgiram, diversificando, ainda mais, a pesquisa, a exemplo da dissertação de Márcio Moraes, defendida em 2012 sob o título *Garanhus sob o símbolo do Sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)*.

Muitas outras importantes obras que retratam as singularidades regionais do movimento integralista surgiram, a exemplo do livro de João Caldeira, *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937)*; o livro de Laís Ferreira, *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial 1933-1937*, e a dissertação de Ademir Santos, *O Integralismo em Sergipe: as propostas e a propagação do ideário (1933-1938)*. Como não temos intenção de proporcionar uma súmula historiográfica, cabe ressaltar que seria mais do que injusto criar uma hierarquia entre as inúmeras obras e autores, todos contribuíram no seu tempo, oportunizando não apenas novas investigações e

conclusões, mas também unindo diferentes abordagens, que comprovam o quão rica é a temática integralista.

Diferente desses numerosos exemplos, na Paraíba, temos apenas a nossa monografia⁶, que de forma modesta buscou destacar a participação integralista no estado, relatando de maneira superficial o uso da simbologia política do movimento. Logo após a apresentação da mesma, em 2010, sentimos o desejo de prosseguirmos às pesquisas, unirmos a empolgação pelo tema com a possibilidade de aprofundarmos o assunto, fato possibilitado com a nossa entrada no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande em 2013.

Sob essa prerrogativa, utilizamos, como documentação escrita e imagética, os arquivos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), analisando especificamente entrevistas concedidas por políticos paraibanos no que diz respeito à presença integralista no estado; e o Fundo Plínio Salgado, existente no Arquivo Público Histórico Rio Claro, onde encontramos algumas fotografias referentes à Ação Integralista Brasileira na Paraíba (AIB-PB), além dos exemplares do jornal *Monitor Integralista*, espécie de diário oficial do movimento.

Para compreensão do processo de contextualização do cenário político paraibano e a inserção do movimento integralista nele, enveredamos na análise dos seguintes jornais: *A União*, *A Imprensa*, *Liberdade*, *O Dia*, *O Liberal*, *Jornal da Paraíba*, *A Batalha*, e *a Voz da Borborema*, arquivados no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), no Arquivo Eclesiástico, na Fundação Casa de José Américo e na Biblioteca Átila Almeida.

Também pesquisamos o jornal integralista *A Offensiva*, disponível de forma *online* na Hemeroteca Digital Brasileira, bem como entramos em contato com documentações referentes à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) de Pernambuco, disponíveis no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), o que nos proporcionou contato com algumas correspondências existentes entre integralistas paraibanos e pernambucanos.

Debruçamos também sobre a bibliografia produzida pelos próprios integralistas nacionais, a exemplo dos livros de Plínio Salgado e as diretrizes do movimento; e locais, como o livreto *Razões do Nosso Integralismo*. Além dessas fontes foram analisadas várias obras da historiografia especializada na temática integralista, enriquecendo o leque de

⁶ SOUZA. Renato Elias Pires de. **Teatralização e Simbolismo Político: A Atuação da Ação Integralista Brasileira na Paraíba (1933-1937)**. Monografia (História) - Universidade Estadual da Paraíba- Campina Grande, 2010.

informações com obras que retratam a política paraibana nos anos 1930, fator indispensável para a compreensão das singularidades presentes na atuação da AIB-PB.

Objetivando alcançar o propósito de dar sentido a todo esse conjunto de documentos, e como consequência interpretar a movimentação da Ação Integralista Brasileira na Paraíba, escolhemos como fundamentação teórica o pensamento de René Remond (2003, p. 36), de que “há no meio político mais do que política”, existindo um conjunto de práticas que são apoderadas por fenômenos locais e globais, podendo ser no caso integralista, compreendidas por meio do conceito de *Cultura Política*, definido por Rodrigo Motta (2009) como:

conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. (Motta 2009, p. 21)

Tal definição esclarece o conceito que perpassará durante toda a dissertação⁷, cabendo, no entanto, usufruir dele destacando aspectos elementares para esclarecer as perspectivas teóricas que se assentam em sua utilização, a fim de justificar a fertilidade do mesmo no entendimento da presença da Ação Integralista Brasileira na Paraíba.

Para José de Assunção Barros (2012, p. 30) *Cultura Política* seria uma área temática envolta de fortes conexões, capaz de enriquecer a perspectiva histórica por meio do acréscimo de combinações entre as perspectivas sociológica, antropológica e psicológica. Ângela de Castro Gomes (2005, p.27) contribuindo com a análise sobre o conceito de *Cultura Política*, afirmou que a História se apropriou de tal conceito e que a partir daí questões historiográficas passaram a integrar sua definição, assinalando nesse sentido uma convergência entre “uma nova história política e uma história cultural, sempre social”. (GOMES, 2005, p. 27).

O conceito de *Cultura Política* foi formulado após a Segunda Guerra, tendo campo fértil em parte da Ciência Política estadunidense dos anos 1960, com os trabalhos clássicos de Almond e Verba, que elencavam um modelo de comportamento escalar, centrando estudos na ideia de transição de modelos políticos “atrasados ou em desenvolvimento” para modelos políticos “modernos e exemplares”, valorizando previamente e criando um modelo desejável de se alcançar que era a cultura política democrática na linha do regime estadunidense. Ainda nos anos 1960 e 1970 muitos críticos afirmaram que tal concepção era simplista e tinha grande grau evolucionista, o que provocava uma interpretação etnocêntrica da questão da política e da cultura.

⁷ Para maiores informações acerca do debate conceitual envolvendo cultura política, consultar Berstein (2009), Dutra (2002), Gomes (2005) e Motta (2009).

Além dessas críticas, outras se fizeram presentes, a exemplo das dirigidas pelos estudiosos vinculados ao marxismo, que afirmavam que o conceito de classe social não era abarcado pelo conceito de *Cultura Política*, já que dentre outros aspectos, acreditavam que as esferas do político e da cultura não constituíam autonomia para interpretações frente a mudanças sociais. Quem também não poupou críticas ao conceito foram os estudos antropológicos, já que nos anos 1980 uma ala significativa da antropologia caminhava para interpretações relativistas a padrões culturais, não existindo possibilidade de convir com o discurso etnocêntrico da *Cultura Política*.

O bombardeamento de críticas também foi feito por historiadores, que se preocuparam em alertar sobre a fragilidade de tal olhar, ofertando, no entanto, novas oportunidades para a “redenção” do conceito, agrupando-o como afirmou Gomes (2005) a articulações próprias da história. A partir desse novo potencial, os historiadores políticos, principalmente, foram se apropriando do conceito, buscando limpá-lo das ideias formadas pela “escola da cultura política estadunidense”, ampliando o conceito de cultura, e claro, da própria política. Este último foi estendido, encarado como instância “autônoma e estratégica para a compreensão da realidade social, até porque a ideia é a de que as relações de poder são intrínsecas às relações sociais” (GOMES, 2005, p.31), fazendo da categoria política um elemento fluído e móvel, e quanto ao poder, inclusive o poder do Estado, “não se trata mais de pensá-lo como força, coerção ou manipulação, mas igualmente como legitimidade, adesão e negociação” (Ibid.).

Neste movimento inter e transdisciplinar, historiadores como François Sirinelli e Serge Bernstein foram essenciais para apropriação e construção do novo conceito de *Cultura Política*, fazendo deste conceito uma “intersecção entre duas esferas, na qual se cria um campo em comum, um território comum entre o cultural e o político no qual o historiador constrói o seu objeto”. (BARROS, 2012, p. 32).

Neste sentido, encarando esse modelo transformado da História Política, onde ideias, imagens, ritos, mitos e formas simbólicas fazem parte da fecunda análise política, parece ser consenso entre os defensores do conceito atual, o fato de que a manifestação da *Cultura Política* ocorre frequentemente por meio da construção de “um projeto de sociedade, de Estado, ou uma leitura compartilhada de um passado comum”, tendo instituições chaves como “famílias, partidos, sindicatos, igrejas, escolas”, conotando de forma positiva ou negativa “personagens, eventos, textos, referenciais e, principalmente, um enredo – uma narrativa própria do passado” (GOMES, 2005, 32).

Tomando como base tais princípios, acreditamos ser o uso do conceito de *Cultura Política* extremamente frutífero para interpretarmos a atuação da AIB-PB, já que tomando

todas as características pertinentes ao conceito defendido por Motta (2009) no projeto desenvolvido pelo integralismo, temos o que defendemos ser a formulação da *Cultura Política Integralista*, que representava a AIB como sendo um movimento capaz de resolver os problemas do país por meio de uma revolução cultural, incorporando uma noção de mobilização constante, buscando transformar os militantes em “cidadãos soldados”, seguidores dos valores pregados na tríade *Deus, Pátria e Família*, evocando as tradições e expressando identidades por meio de um conjunto místico formado por um corpo simbólico: A figura de Plínio Salgado, considerado como o chefe nacional perpétuo; pelo sigma (Σ), símbolo adotado sob a justificativa de representar a unidade cristã; pela saudação “Anauê” que teria significado indígena, e que deveria servir de cumprimento entre os militantes, além de toda uma estrutura que fornecia inspiração para construção de um projeto futuro, o *Estado Integral*.⁸

Levando em consideração que toda essa mística envolvia um conjunto de princípios e tinha sempre um caráter específico, ratifica ainda mais a compatibilidade e a nossa escolha pelo conceito de *Cultura Política Integralista*, permitindo contrariar a interpretação de que os agentes políticos, nesse caso os integralistas, eram guiados exclusivamente por ideias e interesses, acrescentando na análise a convicção de que as pessoas também agiam (agem) movidas por paixões e sentimentos, como a esperança, o orgulho, o medo e ódio; sabiamente mobilizados por meio de representações e imaginários capazes nesse caso de influenciar valores construídos em torno da religião, da nação e da família.

Evocando todas essas características, os integralistas construíram figuras mitológicas, heróis exemplares, como também inimigos odiados, unindo a perspectiva política não apenas a apreensão racional de projetos sistemáticos e coerentes, mas também aos fatores culturais⁹, incluindo o ordenamento com *Culturas Políticas* já existentes na sociedade paraibana.

Visando enriquecer ainda mais a análise das ações integralistas, também escolhemos como suporte teórico o historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) onde, por meio da utilização de duas categorias conceituais, *Espaço de Experiência*¹⁰ e *Horizonte de Expectativa*, capacitamos nossa interpretação a cerca da construção e desenvolvimento da

⁸ Para maiores informações a respeito do conceito de *Estado Integral*, consultar TANAGINO, Pedro Ivo Dias. “**É Preciso Crer**”: Contribuição Para Uma História do Conceito de Homem Integral Segundo a Doutrina de Plínio Salgado (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História) Juiz de Fora, UFJF, 2013.

⁹ Não objetivamos adotar com o conceito de *Cultura Política* o determinismo cultural, desprezando a importância de outros fatores, queremos apenas enriquecer a abordagem dando destaque as múltiplas esferas da vida humana.

¹⁰ Segundo Koselleck (2006, p; 309-310) a experiência “é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. A expectativa por sua vez seria o “futuro presente”, “voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto.”

meta história integralista, já que buscamos entender como uma certa interpretação do passado e do futuro foi produzida e consolidada, chegando a integrar as noções de temporalidades presentes no imaginário de muitos “camisas verdes”. Nesse sentido, a proposta defendida na presente dissertação, tem como objetivo perceber a instalação e o desenvolvimento da *Cultura Política Integralista* na Paraíba, analisando pontos que não tinham sido observados anteriormente, dentre os quais: a compreensão das singularidades envolvidas no processo de adesão ao movimento, a produção e reprodução dos discursos, o relacionamento com as oligarquias locais, e com o clero, a estrutura organizacional, as práticas eleitorais e todo o processo de conquista de espaços do integralismo na Paraíba.

Dessa forma, o nosso trabalho é composto da presente *Introdução*, que se constitui no nosso primeiro capítulo e de outras quatro partes, cabendo destacar que os tópicos que separam os conteúdos dentro dos capítulos foram feitos mediante potencial flexível, devendo ser interpretados como possuidores de continuidade, onde não raramente o assunto de um se estenderá durante os outros, seguindo a demarcação cronológica de 1933 até 1938.

No segundo capítulo, intitulado *Paraíba Masculina Mulher Macho Sim Senhor: O Contexto Político da Paraíba Pós 1930 e a Emergência da AIB-PB*, discutimos o cenário paraibano nos anos 1930, no qual confeccionamos o panorama político da ascensão integralista no Estado, analisando o contexto provocado pela perspectiva mitológica derivada da morte de João Pessoa, e as transformações em decorrência da “Revolução de Outubro”. Em um Estado onde os grupos oligárquicos se reorganizavam, buscamos analisar como os integralistas se introduziram e interferiram na vida política, para tanto, traçamos as relações existentes entre a AIB-PB enquanto movimento doutrinário, que tinha nesse caso ampla liberdade de divulgação e atuação, e a AIB-PB enquanto partido político, sofrendor de inibições e perseguições.

Obedecendo a essa linha de raciocínio buscamos analisar a relação existente entre o integralismo e o governo paraibano, dando destaque ao período de atuação regido por Argemiro de Figueiredo, já que foi durante seu governo que a AIB-PB teve o seu maior período de vida, se fortalecendo e posteriormente sendo colocada na ilegalidade.

Para melhor compreensão do quadro interno integralista, buscamos averiguar a relação da AIB-PB com o movimento Integralista nacional, percebendo nesse sentido as alterações existentes entre o discurso proveniente da *Cultura Política Integralista*, propagandeando uma unificação integral e amplo desenvolvimento, e a “concretização da realidade”, ausente da manipulação oficial do movimento, capaz de acusar a desmistificação e dar vida aos conflitos internos.

No terceiro capítulo, *Em Busca do Homem e da Sociedade Integral: A Cultura Política Integralista, forjando o passado e projetando o futuro*, buscamos analisar os princípios presentes no substrato filosófico da *Cultura Política Integralista*, apresentando-os por meio de análises do próprio Plínio Salgado, que em sua obra *O que é o Integralismo*, sintetizou os principais pontos. Por meio de um enredo histórico envolto de anacronismo, os “camisas verdes” passaram a forjar uma interpretação do passado, numa narrativa envolta de *experiências*, que visava diagnosticar a trajetória humana como sendo parte integrante de uma “marcha para o desenvolvimento”, fato que ratificaria as fortes *expectativas* para um futuro aclamado, onde a concepção integralista tomaria conta do “homem, do estado e da nação”, promovendo, segundo a utopia da AIB, uma “nova humanidade”.

Por meio dessa perspectiva meta histórica a *Cultura Política Integralista* se inseriu na Paraíba, unindo-se aos aspectos locais, conseguindo unir e arregimentar pessoas sob suas diretrizes, transformando “cidadãos em soldados”, que vestiam orgulhosamente a farda e passavam a lutar por sua expansão.

Ainda nesse capítulo, procuramos apresentar o quadro de tensão envolvendo os integrantes da *Cultura Política Integralista* e os da *Cultura Política Comunista*, que mesmo em meio a grandes limitações, não pouparam esforços para atingirem seus objetivos.

No quarto capítulo, *É Preciso Ver Para Crer: Os Meios De Disseminação da Cultura Política Integralista na Paraíba*, dedicamos atenção aos aspectos de socialização da *Cultura Política*, focando nos meios de disseminação do movimento, com destaque ao principal meio propagandístico da AIB-PB, o jornal da diocese, *A Imprensa*, analisando os discursos propagados por meio da folha católica, o seu grau de compromisso existente entre os integralistas e principalmente as brechas analíticas proporcionadas por ele, já que em muitos casos ocorria divergência entre os números propagados pelos meios oficiais integralistas e o periódico paraibano, o que nos proporcionou excelente espaço de reflexão.

Outro ponto desse capítulo foi a análise da mística desenvolvida em ritos e cerimônias realizadas pelos integralistas, em suas sedes, na promoção de bandeiras (deslocamentos), e em todas outras ações realizadas pelos “camisas verdes” paraibanos com intuito de agregar o maior número possível de pessoas.

Por último, buscamos averiguar como toda essa estrutura expansiva conseguiu alcançar e adornar não apenas as interpretações políticas, mas a própria formação moral e cotidiana de alguns paraibanos, que mesmo depois de vivenciarem o fim e a repressão da AIB-PB continuaram seguindo as diretrizes pregadas pelo sigma.

A título de Considerações Finais, nosso quinto capítulo analisa algumas conclusões a que chegamos após a realização dessa pesquisa, ao tempo em que ressaltamos os questionamentos para os quais não alcançamos respostas e que se abrem a futuros trabalhos.

2. PARAÍBA MASCULINA MULHER MACHO SIM SENHOR: O CONTEXTO POLÍTICO DA PARAÍBA PÓS 1930 E EMERGÊNCIA DA AIB-PB

A música “Paraíba”, composta por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, propõe símbolos marcantes de épocas completamente diferentes: o da criação da música nos anos 1950¹¹, que aqui não nos interessa, e o contexto interno de grande efervescência da Paraíba dos anos 1930. Em consonância com a ideia de que o texto e o contexto necessitam ter ligações na análise histórica da canção, selecionamos como trechos significativos para nossos primeiros passos sobre o ambiente político paraibano, apenas as duas partes do enredo que mais nos interessa. A primeira é a que faz clara referência aos confrontos ocorridos na cidade de Princesa, cuja liderança do coronel José Pereira desafiava a autoridade do então presidente João Pessoa. E a segunda, ainda mais importante indicativo para colocarmos em um tópico da dissertação, é o refrão: “Paraíba, muié macho sim sinhô”, que diferente de algumas interpretações originalmente nada tem com as mulheres paraibanas, mas sim o fato da Paraíba ser um dos estados subscritos no feminino, “A Paraíba”, e de que este estado supostamente teria a prevalência de valores tidos culturalmente como próprios do masculino, a honra, valentia, o heroísmo e outros atributos da mesma origem que eram amplamente divulgados com claros interesses políticos¹².

Tais valores vão permear o imaginário paraibano, e até mesmo nacional, com o advento da morte de João Pessoa e a consequente “Revolução de 30”. Aires (2006, p.7) cita que “O mito da chamada Revolução de 30 foi, sem sombra de dúvida, o ex-presidente João Pessoa, candidato único ao papel gerador do movimento que decreta o fim da Primeira República”, o presidente paraibano aparece travestido de mártir e herói. Baseado nessas e em outras considerações, não temos como entender o cenário político local sem essa herança

¹¹ Segundo AIRES (2013), essa música surgiu em meio a uma das mais disputadas eleições para governador na Paraíba. A disputa eleitoral de 1950 envolvia a chapa composta por Argemiro Figueiredo, candidato a governador pela UDN, apoiado por Getúlio Vargas, contra José Américo de Almeida pela coligação PSD-PL. Na realização de um comício da UDN em Campina Grande, Luiz Gonzaga lançava como jingle a canção “Paraíba”, objetivando tratar dos supostos feitos heroicos do estado paraibano. Como forma de combate, o grupo político de José Américo deu outro significado à letra da música, apontando-a como uma ofensa a honra da mulher paraibana, distribuindo boletins com críticas aos adversários políticos e ao próprio artista. Para maiores informações consultar AIRES, José Luciano de Queiroz. Baião no palanque. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 9, n.99, p.76-79, dez. 2013.

¹² Podemos citar como exemplos de promoção desses valores a disposição veemente do presidente da Paraíba na luta contra José Pereira e o suposto posicionamento corajoso de João Pessoa, quando negou apoio à candidatura proposta por Júlio Prestes, então presidente da República, caracterizando a “pequenina” como desafiadora de todo poder da máquina federal, marcando espaço de elevação nacional e consequentemente ratificando a virtuosa ideia de valentia paraibana. Cabe destacar, que não compactuamos com a versão de heroísmo, coragem ou mesmo de “masculinidades” nas atitudes citadas. Entendemos o posicionamento de João Pessoa, e dos demais envolvidos, como parte de todo um processo do jogo político existente no período.

mitológica de João Pessoa e mesmo da própria Paraíba, que foram indispensáveis à criação de um clima de progresso e luta por um novo ideal de pátria, como podemos observar no editorial abaixo:

Agora é a Pátria Nova e redimida, agora, é o Executivo que se levanta; é a Marinha que se ergue, é o novo que freme ao clarinar da victoria contra a tyrania que há quarenta anos nos oprime e avilta. (Jornal *O Liberal*, 11 out. 1930)¹³

O trecho do editorial sob o título de *Ao Clarinar da Victoria* é um claro demonstrativo da euforia e encanto dos vitoriosos da Aliança Liberal, que depuseram Washington Luís e colocaram Getúlio Vargas no poder. Parte significativa da Paraíba incorporou a plataforma de governo da Aliança Liberal desde a aceitação de João Pessoa à chapa presidencial. O discurso de luta contra “os vícios que até então haviam corrompido a política nacional” (FAUSTO, 1985, pp.408-415) provocou adesão de grande parcela da sociedade brasileira e esses latentes anseios e reivindicações, com o levante de outubro de 1930, também chamado de “Revolução de 1930”¹⁴, parecia que seriam atendidos.

Em torno do assassinato de João Pessoa, a Aliança Liberal desenvolveu toda uma campanha nacional de comoção popular, transformando o presidente paraibano em mártir, tal fato, como já citamos, foi decisivo para que o Brasil começasse a passar por momentos de reestruturação. Vargas assumia o poder de maneira “provisória” e afirmava ter como principal responsabilidade a moralização e renovação dos costumes políticos. Ao lado do presidente provisório estavam os tenentes, elementos fundamentais na consolidação do movimento que levariam ao Estado seus projetos: voto secreto, ensino primário obrigatório, criação de conselhos nacionais, reforma nos sistemas políticos, comercial, tributário etc. Diferente dos apontamentos de mudança profunda, o que ocorreu, segundo Fausto (1985, p.416), foi a preocupação em conciliar compromissos estabelecidos com os grupos vencedores e chefias locais dos estados, e isso devia ser feito por meio de intensa e crescente centralização.

Na Paraíba, a euforia e o sentimento de mudança eram explícitos, e o reconhecimento de sua colaboração com a “*Revolução de 1930*” trouxe vantagens para os herdeiros políticos de João Pessoa, com destaque ao principal deles, José Américo de Almeida, que foi nomeado

¹³ O jornal *O Liberal* era um vespertino calcado dentro do direcionamento político-ideológico da Aliança Liberal, tinha na direção Synesio Guimarães e era impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial.(ARAUJO 1986.

¹⁴ Para maiores esclarecimentos sobre a chamada “Revolução de 1930” consultar AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando tradições, construindo memórias: A “Revolução de 30” na Paraíba.** Dissertação (mestrado em história). João Pessoa: UFPB, 2006.

por Juarez Távora como chefe do executivo paraibano, permanecendo por pouco mais de um mês, posteriormente substituído por Antenor Navarro.¹⁵

Segundo Eliete Gurjão (1994, p.106), no pós 1930 foi criada uma “máquina burocrática que escapava ao controle direto das oligarquias regionais”, centralizando o poder no governo federal, substituindo os compromissos mútuos da *política dos governadores* para um sistema cuja força efetiva vinha por meio dos interventores e departamentos administrativos ligados ao Rio de Janeiro.

A mesma autora ainda destaca que, diferente de outros estados, onde ocorreram os conflitos entre interventores e a elite local, provocaram rompimentos e grandes choques, na Paraíba “as interventorias impuseram-se pela repressão e cooptação como força maior disciplinadora da ordem oligárquica.” (Ibid. p.107). Cabia aos interventores, centralizarem o poder, indicando os nomes para os Conselhos Consultivos estaduais, nomeando os conselheiros municipais e os prefeitos, ou seja, tinha poder para escolher entre os seus para garantir governabilidade e força dentro do estado. Foi exatamente isso o que fez o interventor Antenor Navarro¹⁶, subordinado a José Américo, buscou fortalecer as pretensões tenentistas, ampliando os domínios do estado; enfraquecendo os redutos de poderes locais; nomeando oficiais da Polícia Militar para as prefeituras; atacando a autonomia dos municípios; decretando inúmeras exonerações e remoções de funcionários com o objetivo de diminuir os gastos públicos, criou inúmeras escolas estaduais; eliminando benefícios da Igreja Católica; secularizando os cemitérios; e reiterando o discurso contrário à implantação imediata do regime constitucional, já que o projeto deveria continuar até sepultar uma vez por todas os vícios da “República Velha”.¹⁷

Antenor Navarro não pôde continuar em abril de 1932, o mesmo faleceu em decorrência de um acidente aéreo, sendo substituído na interventoria por Gratuliano de Brito¹⁸, que manteve forte direcionamento no processo de centralização política. Considerado mais moderado do que o antecessor (MELLO, 1994, p.187), Gratuliano de Brito aprimorou as organizações fiscais da administração, resolveu problemas como o da energia elétrica da

¹⁵ Ao sair da interventoria paraibana, José Américo recebeu o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas o que trouxe grande importância para sua carreira política em âmbito estadual e até mesmo nacional.

¹⁶ Para maiores informações consultar Santos Neto, Martinho Guedes dos. **Os domínios do Estado: a interventoria de Antenor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932)**, Dissertação (Mestrado em História) UFPB, João Pessoa 2007.

¹⁷ Para melhor reflexão sobre a discussão em torno do uso do termo “República Velha” sugerimos: GOMES, Angela de Castro; ABREU, Martha. Apresentação. IN: **A Nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia. Revista Tempo**, n 26, janeiro de 2009. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v13n26a01.pdf, acessado em 06 de fevereiro de 2014.

¹⁸ Delegado de Polícia no governo de João Pessoa, então secretário do governo de Antenor Navarro, Gratuliano governou o estado da Paraíba até o ano de 1934.

capital, concluiu o porto de Cabedelo e promoveu condições para a instalação de novas empresas. Tendo forte influência no tenentismo, personificado na figura de seu secretário da Fazenda, Agricultura, Viação e Obras Públicas o tenente Ernesto Geisel, uma espécie de coordenador administrativo, manteve a Paraíba em linha ao projeto centralizador do Rio de Janeiro “ignorando os coronéis aos quais não afrontou”. (Ibid. p.190).

O tempo passava e o governo provisório de Vargas incomodava os remanescentes das oligarquias decaídas em 1930, criando uma espécie de sentimento de frustração e inconformismo. Tal sentimento explodiu em São Paulo, em julho de 1932, onde as forças paulistas, insatisfeitas com a derrocada de poder e a ausência de uma constituição, enfrentaram as forças federais. A Paraíba não ficou alheia a tal movimento, participou enviando tropas para auxiliar o governo federal na luta contra os paulistas que tentavam deslegitimar o regime implantado em 1930. Enquanto os embates ocorriam no Sul, o Norte, mais precisamente o Nordeste, enfrentava graves problemas relacionados à seca, tal fato foi excelente oportunidade para José Américo ganhar enorme destaque, fazendo de seu cargo de ministro uma ótima ponte para criações de paliativos que promoveria seu nome por toda a região, desenvolvendo o que a historiografia local conceituou de *Americismo*, dando-lhe crédito inclusive para posteriormente disputar as eleições presidenciais. Por meio das ações de José Américo, a imagem de Vargas também era difundida, criando a ideia de benfeitor do Nordeste.

Outro ponto do cenário nacional que tem ressonância na Paraíba foi a reforma eleitoral. Em fevereiro de 1932 a nova legislação era decretada, expandindo o corpo político da nação ao oportunizar o direito de voto a todos brasileiros maiores de 21 anos, alfabetizados, e sem restrição de gênero.¹⁹ O mesmo código ainda determinava funções para a Justiça Eleitoral, que teria que fiscalizar o alistamento, a apuração dos votos e outras atividades que seriam exercidas a partir de tribunais regionais, instalados nas capitais de cada estado. Tais atos tinham intenções de minimizar as corrupções e impropérios dos pleitos, no entanto, segundo Marta Falcão Santana (2000, p.107) “(...) a precária implantação da nova legislação permitiu que a fraude e a corrupção continuassem a ser as molas propulsoras do processo eleitoral.”

A mesma autora ainda apresenta uma questão importante para esse contexto que seria o caráter “antipartidário” do sistema político nacional, segundo ela, o quadro político que se delineia no país: “(...) no pós 30, com algumas organizações políticas tentando cristalizar o

¹⁹ Nesse momento apenas as mulheres casadas e com autorização dos maridos poderiam votar.

ideário outubrismo, não foi favorável à estruturação partidária, que permaneceu vincada pelo estadualismo (...)” (SANTANA, 2000, p.116). Na Paraíba, os dois mais significativos partidos políticos da época eram o Partido Progressista (P.P.)²⁰, comandado por José Américo, e o Partido Republicano Libertador (PRL)²¹, liderado por Antônio Botto de Menezes. À margem desses dois fortes partidos existia a Liga Eleitoral Católica (LEC)²², inspirada nos preceitos católicos nacionais, podendo ser encarada como um artifício da Igreja Católica para reaver o espaço político perdido com a laicidade do Estado, e a Liga Pró-Estado Leigo²³, liderada por intelectuais de esquerda, protestantes, maçons, espíritas e até mesmo católicos que defendiam a liberdade de pensamento religioso e propunham-se a combater a intromissão do catolicismo na política.

Nesse processo de caráter “estadualista” surge uma exceção significativa, a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada, oficialmente, depois da leitura do *Manifesto a Nação* no dia 07 de outubro de 1932, no Teatro Municipal de São Paulo, por Plínio Salgado. Este documento explicitava, em dez pontos, a síntese “*Deus, Pátria e Família*”, traçando parâmetros para a construção de uma *Cultura Política* que visava formar cidadãos em soldados²⁴, regimentando comportamentos²⁵, criando uma visão de passado em comum²⁶ e projetando um futuro almejado por meio do combate ao liberalismo e ao comunismo. Encarando o cenário político nacional como caótico e propondo uma tarefa bem definida para o integralismo nessa realidade, o 5º ponto do *Manifesto* tratava o seguinte:

²⁰ No pleito de 1933 o PP teve grande sucesso, ao conseguir ampla maioria nas urnas e eleger os seus cinco candidatos a Assembleia Nacional Constituinte.

²¹ Mesmo configurando-se como a segunda força política do estado, o PRL conseguiu pouco mais de 15% nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em 1933.

²² Não concorria como legenda partidária, mas explicitava apoio a toda proposta contrária ao comunismo e qualquer indício de laicidade.

²³ Nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1933 a Liga Pró-Estado Leigo conseguiu quase 2% do eleitorado.

²⁴ Soldados que deveriam renegar sua própria vida se preciso fosse pela defesa dos ideais nacionais. Segundo *Os Protocolos e Rituais* (art. 239, p. 72) “O Integralista não pôde permitir em caso algum, a menor offensa à Nação Brasileira ou aos seus symbolos, às classes armadas e às autoridades do Sigma. Os comunistas e os separatistas, principalmente, devem ser repellidos com energia. Contra os dois inimigos do Brasil deve o Integralismo estar sempre vigilante, dia e noite, hora a hora, minuto a minuto”.

²⁵ No *Protocolos e Rituais*, (art. 225, p. 68-69) a conduta dos integralistas é apontada dentre outras coisas como a de um homem devotado a Deus, à Pátria e à Família. “O Integralista deve ser franco, esforçado, pontual, corajoso e despido de vaidade. Deve pleitear todas as virtudes que dignificam o homem e abster-se de tudo que o possa comprometer perante o Sigma e perante a sociedade. Deve evitar a vida faustosa e ostensiva de prazeres materiais que contrasta com a miséria de milhões de brasileiros. Deve abster-se de tomar parte em banquetes e festins de caracter burguez (...) É preciso que jamais se diga que o Camisa Verde frequenta casas de jogo ou de tolerância; que se embriaga ou que tem qualquer vício (...)”.

²⁶ O passado brasileiro na concepção integralista é um período de grande desenvoltura e cheio de atributos positivos que devem ser lembrados, exaltados e dentro das possibilidades “resgatados”.

Nós, os Partidos e o Governo

Nós, brasileiros unidos, de todas as Províncias, propomo-nos a criar uma cultura, uma civilização, um modo de vida genuinamente brasileiros. Queremos criar um direito público nosso, de acordo com as nossas realidades e aspirações, um governo que garanta a unidade de todas as províncias, a harmonia de todas as classes, as iniciativas de todos os indivíduos, a supervisão do Estado, a construção nacional. Por isso, o nosso ideal não nos permite entrar em combinações com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecemos a Nação. Enquanto não virmos o Brasil organizado, sem o mal dos partidarismos egoístas, o Estado Brasileiro exprimindo classes, dirigindo a Nação pelo cérebro das suas elites, não descansaremos, na propaganda que nos impomos.

A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos. A nossa Pátria precisa de estar unida e forte, solidamente construída, de modo a escapar ao domínio estrangeiro, que a ameaça dia a dia, e salvar-se do comunismo internacionalista que esta entrando no seu corpo, como um cancro. Por isso, não colaboramos com nenhuma organização partidária, que vise dividir os brasileiros. Repetimos a frase do lendário Osório, quando escrevia dos campos do Paraguai, dizendo que não reconhecia partidos, porque eles dividiam a Nação e esta deve estar coesa na hora do perigo. Juramos, hoje, união, fidelidade uns aos outros, fidelidade ao destino desta geração. Ou os que estão no poder realizam o nosso pensamento político, ou nós, da Ação Integralista Brasileira, nos declaramos proscritos, espontaneamente, da falsa vida política da Nação, até ao dia em que formos um número tão grande, que restauraremos os nossos direitos de cidadania, e pela força desse número conquistaremos o Poder da Republica. Por isso, marcharemos através do Futuro e nada haverá que nos detenha, porque marcham conosco a consciência da Nação e a honra do Brasil. (SALGADO, 1955, p.100)

Podemos observar, nesse ponto, a forma como a Ação Integralista Brasileira foi apresentada. Atacando diretamente a liberal-democracia que, na visão dos integralistas, seria provocadora da divisão do país, a partir de critérios regionalistas, com práticas oligárquicas dos falhos partidos que frisavam apenas interesses particulares, gerando currais eleitorais que impediam o desenvolvimento da nação forte e ausente de lutas de classes. Segundo Santana (2000, p.126) o pleito de 1933, na Paraíba, foi marcado por todo tipo de coerção e violências, materializando-se por ameaças, censuras e espancamentos produzidos pelos partidos locais, logo essa proposta corporativista apresentada pelos integralistas, em detrimento das ideias liberais, ganhava terreno fértil nas “rodas intelectuais paraibanas” ausentes de envolvimento com os partidos dominantes, na medida em que segundo eles, a ineficiência administrativa do liberalismo aparentemente estava comprovada por meio do contexto das mazelas políticas locais e também pelos problemas gerados internacionalmente com a quebra da Bolsa estadunidense de 1929. No mesmo ponto em que o ataque era feito ao liberalismo, também o era ao comunismo, que na visão dos integralistas não era apenas um problema de ordem política, mas também aparecia como “cancro” ameaçador à estrutura da moral cristã, fazia desse discurso, junto com o viés nacionalista um elemento bastante aglutinador.

Com claras intenções de criar uma sensação de que era ela a solução para as aflições políticas e sociais, a AIB se lançava no cenário político predominantemente “estadualista” criando um espaço de legitimidade para sua doutrina que seria expandida por todo o Brasil.

Como demonstrativo dessa política expansiva, em novembro de 1932, as ideias integralistas chegavam até Pernambuco²⁷, onde alguns intelectuais da Faculdade de Direito do Recife leram e distribuíram exemplares do *Manifesto a Nação*, juntamente com o *Manifesto de Recife*, que apoiava a ideologia do sigma. Um mês depois, temos o primeiro registro da chegada do *Manifesto* à Província da Paraíba²⁸. Pedro Batista, que seria o futuro chefe integralista paraibano, recorda em uma conferência realizada em São Paulo que “em dezembro de 32 lera o manifesto integralista e que em princípios de 1933 vindo a S. Paulo cerrou fileiras ao lado dos primeiros integralistas”, recebendo por essa ocasião a “ordem do chefe nacional para organizar a Província da Paraíba.” (Jornal *A Imprensa*, 29 mar. 1935). Não temos informação de como Pedro Batista conseguiu um exemplar do *Manifesto*, mas é a partir desse momento que o integralismo ganhava mais um “soldado”, ao que tudo indica, o primeiro paraibano, que vai lutar para o estabelecimento do *Estado Integral*, e será um dos provocadores da materialização dessas ideias na Paraíba.

2.1. POUCOS, MAS VISÍVEIS: A CHEGADA DO INTEGRALISMO NA PROVÍNCIA PARAIBANA

A AIB-PB foi fundada às 15 horas do domingo, dia 16 de julho de 1933, com uma reunião solene na capital João Pessoa, no edifício da *União de Moços Católicos*, oferecido por sua diretoria. A sessão foi organizada por um grupo de intelectuais da classe média, simpatizantes do integralismo. Em nota de divulgação no jornal oficial do governo (jornal *A União*, 16 de jul. 1933), consta o nome de alguns deles: o livreiro, escritor e historiador Pedro Baptista²⁹; o jornalista Hortensio Ribeiro³⁰; o também jornalista Chileno de Alverga, o médico Lauro Wanderley; o jurista Coralio Soares; e o diretor do jornal *A Imprensa*, Mauro Coêlho.

²⁷ Para maiores informações sobre o processo de expansão integralista em Pernambuco consultar SILVA, Giselda B. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco: 1932-1938*. Dissertação (Mestrado em história), UFPE, 1996.

²⁸ Província era o termo pelo qual os integralistas se referiam aos estados.

²⁹ A grafia do sobrenome de Pedro ora aparece escrita “Batista” ora como “Baptista”.

³⁰ A grafia também apresenta variações, ora aparece “Hortensio”, ora “Hortencio”.

A sessão foi presidida por Pedro Batista que, em discurso, dissertou a respeito das finalidades do integralismo, tornando pública a primeira formação organizacional da AIB-PB, o triunvirato³¹, que era composto pelo próprio Pedro Batista, chefe do movimento até 1935; Hortensio Ribeiro e Chileno de Alverga, cabendo a este o cargo de secretário geral. Por meio deles, os primeiros passos da AIB-PB foram dados, restritos inicialmente, a cidade de João Pessoa, os poucos integralistas passavam a divulgar a doutrina do sigma, que ganhava visibilidade com a visita de uma “ilustre caravana”³² liderada por Plínio Salgado.

Em decorrência da vinda da caravana, foi realizada uma sessão pública, iniciada às oito horas, tendo presente a nata intelectual pessoense, estudantes, operários, senhoras, além de autoridades civis e religiosas (jornal *A Imprensa* 08 ago. 1933). Como a AIB-PB ainda não tinha prédio próprio, a conferência ocorrera no salão nobre da *Escola Normal*, cedido pelo seu diretor, Padre Matias Freire. O evento promoveu a posse formal do triunvirato paraibano e abriu espaço para a apresentação da doutrina que já vinha sendo feita por meio de publicações no jornal católico *A Imprensa*.³³ Podemos destacar, ainda, como fruto dessa caravana o primeiro deslocamento da AIB-PB para o interior paraibano, Pedro Batista, acompanhado de Hortensio Ribeiro e os caravaneiros nacionais deixaram João Pessoa, no dia nove de agosto em direção a Campina Grande,³⁴ onde no *Cine Teatro Apolo*, realizaram uma “concorrida conferência”, divulgando a doutrina integralista. No final do mesmo ano, outra caravana integralista, chefiada pelo membro da Academia de Letras, Gustavo Barroso³⁵, visitava João Pessoa, percorrendo, rapidamente, alguns pontos da cidade, juntamente com o triunvirato local, sendo acolhidos “com vivas provas de simpatia e admiração” e prometendo retornar com mais tempo para realização de uma conferência já que o navio *Foconê* estava de partida.³⁶ (*A Imprensa*, 16 dez. 1933)

³¹ Forma adotada pelo AIB para o gerenciamento das atividades integralistas em cada província.

³² A vinda de Plínio Salgado era fruto de uma das estratégias utilizadas pelo integralismo, às chamadas bandeiras ou caravanas integralistas consistiam em incursões dos principais dirigentes da AIB pelos estados brasileiros, tinham como objetivo divulgar a doutrina e atrair a simpatia da população. A caravana que veio à Paraíba era composta por Plínio Salgado, o capitão Aristofanes Ribeiro do Vale, Martins Moreira, que era o chefe da província do Rio de Janeiro, e Hermes da Mota Barcelos, secretário da AIB do Rio de Janeiro.

³³ Separamos para o último capítulo a análise aprofundada da relação existente entre o jornal e a divulgação das ideias integralistas na Paraíba, aqui cabe destacar que um dos elementos de maior visibilidade do credo da AIB-PB foi o clero paraibano, que pelas folhas de seu periódico irradiava doutrina do Sigma por todo o estado.

³⁴ Podemos considerar Campina Grande como a cidade mais importante do interior paraibano, tendo no período uma significativa pujança econômica sustentada, sobretudo, por meio da comercialização de algodão e outros produtos atacadistas.

³⁵ Além de Gustavo Barroso a caravana era composta por Miguel Reale, Herbert Dutra, Afonso de Oliveira e outros destacados nomes da AIB.

³⁶ Segundo CALDEIRA (1999 p.32) “Na década de 1930, eram poucas estradas de rodagens que interligavam os Estados brasileiros. Em viagens longas, usavam-se o hidroavião e o navio. Para atender a finalidade de propaganda ideológica, os integralistas optavam por percorrer o Norte e Nordeste brasileiros de navio, em grande parte por ser menos oneroso e também porque as viagens eram feitas ao longo do litoral, durando semanas; os

As passagens das caravanas trouxeram consolidação organizacional para a AIB-PB, objetivando a divulgação dos preceitos doutrinários do integralismo na Paraíba, a comissão de doutrina da província era apresentada, tendo como presidente Mauro Coelho, Josa Magalhães como vice e Lauro Wanderley como secretário. Outra novidade era a organização da milícia no bairro de Jaguaribe, chefiada por Firmo de Moraes Lucena.³⁷ (*A Imprensa*, 09 jan. 1934). Ainda por meios dessas caravanas, os integralistas conseguiram boa repercussão, já que os caravaneiros eram homens de renomes, com obras conhecidas nacionalmente e com proposta de uma *Cultura Política* até certo ponto, bastante anuente aos interesses dos grupos conservadores locais. Tal repercussão não se configurou em números, quase um ano depois da fundação da AIB-PB o secretário geral Chileno de Alverga lamentava o fato de que:

(...) Aqui, na Paraíba, infelizmente o nosso povo ainda não alcançou as diretivas auspiciosas do apostolado Integralista.
Falta de propaganda? Não pois, “*A Imprensa*” esse vanguardeiro da ação católica, há sido incansável na divulgação dos trabalhos do nosso credo. (*A Imprensa*, 08 jun. 1934)

Não temos fontes que precisem o número de integralistas paraibanos em 1934, mas ratificamos o posicionamento de número pequeno quando em março de 1935 foi publicado que AIB-PB crescia, “já se elevando a 52 o número de fichados”³⁸ (*A Imprensa*, 13 mar. 1935), ou seja, dois anos depois da fundação, 52 pessoas, oficialmente, integravam o corpo de integralistas paraibanos. A repercussão das caravanas também não proporcionou um avanço na estrutura, na medida em que os integralistas paraibanos, mesmo desejando, não conseguiram enviar representantes para o *I Congresso Nacional Integralista*³⁹, sendo a Paraíba representada pelo secretário da província do Rio de Janeiro, Hermes Barcelos, um dos integrantes da caravana de Plínio Salgado que visitou a província paraibana. Outro fato que

navios demoravam nos portos para o reabastecimento, embarque e desembarque de cargas e passageiros. “Desse modo, em relação ao tempo e ao trajeto, o roteiro da caravana integralista foi limitado àqueles que faziam normalmente os navios das campanhas de navegação”.

³⁷ Infelizmente muitos dados a cerca da presença integralista na Paraíba não mais existem, não temos maiores informações sobre Firmo de Moraes Lucena. Sobre a Milícia, TRINDADE (1979, p.188) aponta que todo integralista que tivesse idade de 16 a 42 anos, era obrigado a inscrever-se nas Forças Integralistas. A milícia teria um caráter francamente inspirado no exército, dividida em quatro seções: a primeira seria a da correspondência, controle da organização (estatística, efetivo, disciplina e justiça); a segunda seria a de serviço de informações; a terceira da instrução militar e elaboração dos planos e operações militares; e a quarta teria responsabilidade no setor de material e serviços.

³⁸ Por ordem nacional, todo membro integralista seria fichado no seu núcleo de origem.

³⁹ O I Congresso Nacional Integralista foi realizado em Vitória, Espírito Santo, dos dias 28 de fevereiro até 03 de março de 1934. Por meio dele a AIB se consolidava nacionalmente, lançando um modelo pré-estatal, configurado no poder de Plínio Salgado, auxiliado por um aparato burocrático bem definido envolvendo um Conselho Nacional, Gabinetes Civil e Militar e seis Departamentos Nacionais: Doutrina, Finanças, Propaganda, Cultura Artística, Organização Política e Milícia. Para maiores informações consultar TRINDADE (1979).

reforça a fragilidade estrutural da AIB-PB seria a ausência de uma sede própria, que só iria existir em 1935. Antes dela, as reuniões eram feitas por meio de espaços cedidos, como o do salão da *Escola Normal* e até mesmo a residência de Hortencio Ribeiro.⁴⁰

A falta de sucesso inicial da AIB-PB era apontada pelos integralistas como fruto do “fetichismo da política” que teria o poder de ludibriar o sentir das massas, “com os eternos tabus partidários”. (*A Imprensa*, 08 jun. 1934), ou seja, para os “camisas verdes”, o fracasso do integralismo nas terras paraibanas se dava pela prevalência das forças oligárquicas locais. Esse diagnóstico da pouca receptividade nos parece fazer sentido, já que o espaço político da Paraíba estava preenchido, controlado de perto, pelo partido situacionista, o Partido Progressista, com poucas brechas para a oposição, que tinha no Partido Republicano Libertador seu principal representante.

Nesse contexto, a AIB-PB vivenciava um quadro complexo, pois se por um lado a hegemonia dos partidos oligárquicos paraibanos era elemento decisivo na limitação do crescimento integralista, por outro lado, a falta desse crescimento gerava espaço para sua atuação sem maiores restrições, não sendo os integralistas incomodados pelo interventor Gratuliano de Brito⁴¹, nem tão pouco atacados pelos partidos dominantes locais, devido ao fato de que estes não encaravam no movimento uma ameaça a hegemonia partidária. Logo temos presente nesse momento a distinção entre a AIB-PB enquanto partido⁴² e a AIB-PB enquanto elemento doutrinário, que mesmo divulgando discursos ferozes contra os partidos liberais e o cenário oligárquico, em alguns aspectos convergiam a eles, como no caso do anticomunismo, além de ter apoio quase irrestrito de um grande aliado, a Igreja Católica.

Identificando os condicionantes limitadores do seu crescimento, a AIB-PB passou a se adequar ao jogo da política local, buscando se fazer presente entre aqueles que descreditavam do cenário vigente, focou na pregação de uma sociedade livre de amarras, ofertando a sensação de participação política ampliada, principalmente aos jovens, junto com a responsabilidade de mudanças radicais no interior da sociedade. Sob esses direcionamentos,

⁴⁰ No dia 27 de outubro de 1934 *A Imprensa* publica nota de convocação para uma reunião integralista na sede provisória que seria a casa do membro do triunvirato Hortencio Ribeiro, localizada em João Pessoa, na rua Duque de Caxias.

⁴¹ Em entrevista concedida no contexto do projeto “História política da Paraíba: constituição de acervo”, desenvolvido pelo CPDOC, em convênio com a Universidade Federal da Paraíba, entre maio de 1978 e agosto de 1980, Gratuliano de Brito afirmou ter o Integralismo na Paraíba repercussão insignificante, o que comprova a nossa tese de que a ausência de força da AIB-PB provocou liberdade de atuação e falta de empecilho institucional do Estado.

⁴² Cabe destacar que a AIB se tornou partido político apenas em 1935, sendo antes disso um movimento político doutrinário, o que não ausentava sua participação nos pleitos por meio da legenda Integralista.

a AIB-PB, seguindo diretriz nacional, lançou candidatura própria para o legislativo estadual, como veremos a seguir.

2.2. PERSPECTIVAS AUSPICIOSAS: A AIB-PB E O GOVERNO DE ARGEMIRO DE FIGUEIREDO

Em meio a um quadro turbulento de agitação social, provocado pelas greves e movimentos paredistas⁴³, as eleições de outubro de 1934 demarcariam os representantes da Assembleia Legislativa, que por sua vez indicaria o novo governador⁴⁴. Na medida em que o pleito se aproximava, o clima de guerra se propagava, os insultos e retaliações entre os membros do Partido Progressista (PP) e do Partido Republicano Libertador (PRL), ganhavam às ruas e às páginas dos principais jornais com acusações mútuas. À margem desses confrontos, a AIB-PB expunha seu manifesto de apresentação do seu candidato apenas dez dias antes da ocorrência do pleito:

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA MANIFESTO

Aos integralistas da Província da Paraíba do Norte

A Ação Integralista Brasileira cumprindo o imperativo de suas bases assiste o dever do comparecimento no pleito eleitoral que se vai ferir no país no dia 14 de outubro de 1934. Não olhando regionalismo, não se apegando as questiúnculas estaduais, não se norteando por princípios que não sejam os realmente Brasileiros, são patrióticos e elevados em conceito e fins, e visando:

- a) O Estado integral dirigido por um governo forte que mantenha a unidade brasileira indivisível formada pelos municípios e pelas províncias autônomas de fato e de direito e não sómente na letra da lei;
- b) A integridade da família;
- c) O respeito à propriedade privada;
- d) A direção da economia nacional sob a mais absoluta garantia do trabalho e da produção evitando o esgotamento daquele e cuidando desta como fator real do progresso econômico;
- e) A cooperação de todos os brasileiros para a grandeza da Pátria, dentro do ideal cristão, segundo as tradições do nosso povo;
- f) E finalmente, o combate sem tréguas com a palavra e com a escrita pela difusão da cultura e da moral filosófica antíteses do materialismo comunista que quer uma pátria sem Deus e as massas humanas escravizadas, embrutecidas e reduzidas a números, números sómente; aqui vem para cumprir tal imperativo, repetimos. Conquanto o Manifesto de Outubro diga que “nós” os integralistas nos declaremos proscritos da falsa vida política da Nação assisti-nos o devêr de comparecer para sustentar a nossa doutrina em todas as manifestações de vida dessa mesma Nação.

⁴³ Optamos por explorar esse quadro de agitação social, envolvendo greves e movimentos paredistas, no próximo capítulo da dissertação.

⁴⁴ As eleições dos governadores se davam por meio indireto, sendo o poder legislativo autor da escolha.

Trazemos a mais rigorosa disciplina e o mais elevado ponto de vista para exercermos o direito do voto. Não nos contaminaremos com o “cheiro forte da luta” nem nos deixaremos arrastar na caudal de competições mesquinhas que reduzem o Brasil a êsse espetáculo triste que contemplamos em quase todos os Estados, cujos partidos se digladiam na virulência de uma linguagem deselegante que lembra as pugnas nos bugres contados por Frei Vicente do Salvador.

Combatendo pela hierarquia, sabemos acatar e respeitar a autoridade constituída que, segundo S. Paulo, procede de um poder Legítimo.

Ora isso posto, resta-nos um apêlo aos companheiros integralistas para que saibam se colocar acima e fóra de todos os partidos, afim de exercer com altivez um direito que a nossa doutrina considera um meio ocasional e nunca um fim como o Estado atual considera o sufrágio Universal.

Assim, apresentamos ao voto dos Integralistas desta Província, para deputado à Assembleia Constituinte e Legislativa do Estado o: DR. CHILENO COÊLHO D`ALVERGA. (*A Imprensa*, 04 out. 1934)

Atacando fortemente a perspectiva liberal e comunista, o manifesto era, na teoria, dirigido apenas aos integralistas, no entanto, sua publicação no jornal e os pontos tratados nele, deixam claro que o público alvo era muito maior. A doutrina que preservava a família, Deus e a Pátria se consumava em legítimo discurso partidário. Tentando desvincular a contradição no fato de descrever do cenário político, atacar a ação da democracia representativa e, ao mesmo tempo, participar dela, o manifesto criticava duramente as disputas entre os partidos dominantes, findando com o apelo de atitude diferencial dos integralistas, exigindo o comportamento do militante que deveria ser “acima e fora de todos os partidos” buscando, com isso, ser uma alternativa viável para os eleitores paraibanos independentes, ou seja, ausentes de filiação ou compromissos com os principais partidos paraibanos.

A estratégia integralista não teve sucesso, o pleito mais uma vez foi marcado por intensa violência e predomínio do Partido Progressista. Ainda no primeiro semestre o partido situacionista fazia valer sua hegemonia, censurando o jornal de oposição *Brasil Novo*⁴⁵, proibindo e ameaçando os gazeteiros de distribuírem exemplares, além de prenderem, arbitrariamente, o fundador e redator Tancredo de Carvalho. Muitos comícios do PRL foram proibidos ou dissolvidos à bala, urnas foram violadas, eleitores e candidatos foram presos, espancados e ameaçados como garantia da vitória do Partido Progressista, que não enxergava, no Integralismo, ou mesmo em outro partido, além do Partido Republicano Libertador, opositores que impedissem seu êxito, que outra vez veio com ampla maioria, elegendo oito dos nove deputados federais, bem como vinte e sete dos trinta deputados estaduais.

No dia 08 de outubro, o secretário e membro do triunvirato integralista, Chileno de Alverga, lançava a sua apresentação de candidatura que só foi publicada pelo jornal católico *A*

⁴⁵ Semanário fundado em Campina Grande por Tancredo de Carvalho, a 10 de janeiro de 1931; era um jornal inspirado nos ideais da Revolução de 1930. A partir de fevereiro de 1932 foi transferido para João Pessoa, sendo perseguido e atacado pela censura. (ARAÚJO, 1986, p.86).

Imprensa no dia do pleito, em uma nota “sem responsabilidade nem solidariedade da redação” trazendo na metade da página palavras entusiasmadas do candidato integralista:

(...) A escolha do candidato à Constituinte Estadual, mal grado insistente escusas, incidiu em minha pessoa, desvalida intelectualmente, mas, estuante de fé e confiança nos destinos da terra comum!

Não sou, como já me deveis conhecer, caçador de aventuras, ou diletante de política. Não. Venho de há muito, servindo a Paraíba, colaborando com simpatia e vibração dalma em todos os cometimentos cívicos que digam respeito a nossa estremecida gleba.

(...) A Ação Integralista agindo dessa maneira, teve em mira valorizar civicamente, pelo exercício do voto as suas falanges, exponenciando a disciplina dos seus comandados, o patriotismo dos seus legionários, finalmente, o sentido de brasilidade que reveste a sua ação no panorama político da atualidade.

(...) Paraibanos! Direi melhor, brasileiros! Sou presentemente, um dos depositários da nova cruzada. Tenho grandes responsabilidades na propaganda desse movimento. Se, no instante em que necessito do vosso apoio moral, posso oferecer folha corrida dos meus préstimos à causa pátria; se, o meu passado de jornalista testemunha lealdade e desprendimento de atitude; se, esses requisitos me abonam à simpatia de todos, então, posso me considerar pago e satisfeito dos sofrimentos e desenganos que tenho curtido com abnegação de brasileiro e fé de Integralista! Assim, espero! Assim, confio! (*A Imprensa*, 14 out. 1934)

A AIB-PB teve um total de cento e vinte oito votos, o que não indica que cento e vinte oito pessoas votaram nela, a contagem de voto era completamente diferente do regime atual⁴⁶, tendo a legenda Integralismo, no primeiro turno, alcançado apenas vinte e oito votos, ficando em último lugar entre as legendas.⁴⁷ Fato que nos chama atenção é a votação avulsa para Chileno de Alverga ser superior à própria legenda, isso indica que o número de pessoas participantes do credo integralista paraibano era mesmo pequeno, o que não desmerece determinado apoio e visibilidade da doutrina integralista, que tinha no nome de Chileno de Alverga um grande propulsor das ideias autoritárias do sigma, propagando-as por meio de inúmeras publicações no jornal católico. Assim sendo, dada a dificuldade de um eleitorado independente, ausente do apoio ao Partido Progressista e dos outros partidos, os eleitores que votaram no secretário da AIB-PB se identificavam na *Cultura Política Integralista*. A grande

⁴⁶ O código eleitoral de 1932 promoveu grandes mudanças, introduzindo a representação mista, que consistia em uma inovação no método de transformação de votos em cadeiras para cargos legislativos. De acordo com o método adotado, poderiam disputar as eleições, partidos e candidatos avulsos, onde os eleitores poderiam votar na legenda ou no candidato. As eleições passariam a ocorrer em dois turnos: no primeiro, estariam eleitos os candidatos da legenda que atingissem o quociente eleitoral. O segundo turno, porém, seria destinado a preencher as vagas não preenchidas no primeiro turno, tendo direito a elas os candidatos avulsos mais votados. Para maiores informações consultar: SILVA, 2013, **Eleições no Brasil antes de 1945: os casos de 1933 e 1934** disponível em: http://www.fflch.usp.br/dcp/assets/docs/III_SD_2013/Mesa_11.2_-Thiago_Nascimento_e_Estevao_Silva_III_SD_2013.pdf. Acessado em 10 de mar. de 2014.

⁴⁷ Nas cédulas partidárias o Integralismo teve 28 votos no primeiro turno e nenhum no segundo. Nas cédulas avulsas Chileno de Alverga teve 43 votos no primeiro turno e 57 no segundo turno. A legenda que recebeu mais votos foi o Partido Progressista que teve 19.890; seguido pelo Partido Republicano Libertador 3.915; Trabalhador Vota em Ti Mesmo 772 e o Partido Democrático 139.

maioria desses eleitores era da própria capital, João Pessoa, única cidade até então a ter um núcleo integralista na Paraíba, tendo ainda de forma diminuta votos nas cidades de Sousa, Mamanguape, Catolé do Rocha e Bananeiras, referenciando o potencial de propaganda em decorrência do apoio dado pelo jornal católico.

A vitória esmagadora do partido situacionista pode ser interpretada como fruto do uso da força, das arbitrariedades desenvolvidas pela máquina estatal bem como pela arregimentação de quase todos os prefeitos e chefes políticos do estado (SANTANA 2000, P.144). O interventor Gratuliano de Brito e, principalmente, seu secretário de Interior e Justiça, Argemiro de Figueiredo, realizaram dois congressos estaduais do PP que objetivavam traçar direcionamentos para a manutenção da unidade partidária na defesa dos ideais de 1930. Por meio desses contatos envolvendo os vários ramos oligárquicos, Argemiro de Figueiredo,⁴⁸ foi ganhando confiança e destaque político, sendo indicado por José Américo para ser o novo governador. Acolhido quase como unanimidade, Argemiro de Figueiredo, foi eleito indiretamente, tendo ainda como senadores dois outros membros do Partido Progressista, José Américo de Almeida e o médico Virgínio Veloso Borges. Este último recebeu homenagem do secretário integralista paraibano, Chileno de Alverga que, em uma nota publicada com o título de *Gesto que define um caráter*, teceu inúmeros elogios ao fato de que o então senador, negou o almoço que projetava oferecer-lhe um grupo de amigos, pedindo que as contribuições arrecadadas fossem destinadas a uma aplicação humanitária como a construção de um pavilhão no *Instituto de Proteção e Assistência a Infância* (*A Imprensa*, 23 nov. 1934). Esse ato, não muito raro, era aclamado pelo integralista como prova de um modo diferenciado de se fazer política, algo semelhante à proposta da AIB-PB.

Sobre os resultados do pleito eleitoral, mais especificamente sobre sua derrota no pleito, Chileno de Alverga esperou quase três anos pra desabafar:

(...) A sorte não me sorria é bem verdade, pois a hora era dos furta-cores... Lutava, então nucleando um pugilo de idealistas, ante duas fortes agremiações partidárias que dispunham da cornucópia das graças do alto dinheiro a mancheias cabos eleitorais ativismos, prestígio de famílias de sangue azul, impando de orgulho e sequiosas de um feudalismo à outrance em pleno século das luzes. (...) (*A Imprensa*, 28 set. 1937)

Se mediante o seu fracasso, imposto mediante a luta contra o “feudalismo local”, o secretário integralista demorou a publicar suas reflexões, o mesmo não ocorreu quanto a

⁴⁸ Argemiro de Figueiredo era bacharel em Direito e era reconhecidamente um grande orador. Foi um dos fundadores do Partido Democrático e por algumas vezes assumiu interinamente a direção do estado quando o então interventor Gratuliano de Brito se dirigia ao sudeste do país.

vitória de Argemiro de Figueiredo, que em projeções para o futuro, foi descrito pelo integralista como parte de *Perspectivas Auspiciosas*:

(...) Demais, o passado político do sr. Argemiro, répresentâ na h6ra pr6sente, para os qu6 querem analisar com 6quidade, o melhor t6stemunho de f6 e confian7a com qu6 poder6mos contar. Habil pol6tico, maneir6so, descr6to, 6nergico, mas de uma 6nergia sem af6ta76o, h6n6sto, mod6sto, de uma mod6stia invulgar para sua idade, int6ligente, ponderado, eis, em tra7os aligeirados, o perfil m6ral do futuro condut6r dos n6ssos destinos. (...) Sinto-me 6 vontade, exp6ndendo 6sses conc6itos pois, como um dos m6ntores da A76o Integralista n6ste Estado, fa7o qu6st6o de frizar a simpatia com qu6 o v6remos na g6st6o gov6rnativa, formulando diante m6o, melhores aug6rios de felicidade. (*A Imprensa*, 02 dez. 1934)

Esse quadro de admira76o e at6 mesmo de bajula76o se manteve pelos integralistas ao governador paraibano, o que entendemos ser explicado por dois motivos. O primeiro seria a perspic6cia pol6tica do movimento integralista, que enxergou em Argemiro e no seu respectivo partido, advers6rios que n6o tinham menor chance de serem derrotados, e o segundo motivo seria mais pr6tico, na medida em que o governo de Argemiro de Figueiredo at6 a legalidade da AIB-PB, n6o criou obst6culos para o desenvolvimento integralista, sendo bastante anuente aos interesses da doutrina da AIB-PB, com sua pol6tica de centraliza76o administrativa e principalmente no combate ao comunismo, como afirmou o ex integralista Ivan Bichara, que questionado sobre a atua76o do governo paraibano em rela76o a AIB, respondeu:

O Governo do Estado tolerava francamente, aqui na Para6ba, a exist6ncia do Integralismo. Nunca o considerou como perturbador da ordem, ou como qualquer amea7a 6s institui76es e havia uma toler6ncia completa por parte do governo, em rela76o 6 A76o Integralista. (BICHARA, 20 mar. 1980)⁴⁹

Al6m dessa toler6ncia ao integralismo, Argemiro de Figueiredo conciliou compromissos estabelecendo uma correla76o entre antigos advers6rios, reorganizando as for7as olig6rquicas na Para6ba por interm6dio de privil6gios, promovendo a concretiza76o de interesses dos profissionais liberais urbanos⁵⁰ e dos coron6is da zona rural.⁵¹ A sua posse foi

⁴⁹ Esse trecho foi retirado da entrevista concedida no contexto do projeto “Hist6ria pol6tica da Para6ba: constitui76o de acervo”, desenvolvido pelo CPDOC em conv6nio com a Universidade Federal da Para6ba, entre maio de 1978 e agosto de 1980.

⁵⁰ Segundo Melo (1994, p. 188-189) O governo de Argemiro de Figueiredo, que se estendeu at6 julho de 1940, marcou 6poca, e 6 unanimemente considerado um dos mais operosos da hist6ria da Para6ba. Na administra76o do governo ele criou as Secretarias de Produ76o e Com6rcio, e Via76o e Obras P6blicas, a Diretoria Geral de Estat6stica, Departamento de Educa76o, renovou a For7a P6blica, desenvolveu Plano Rodovi6rio, C6mara de Expans6o Comercial, Caixa de Fomento Agr6cola e a R6dio Tabajara. Na capital ele beneficiou a circula76o de pessoas e mercadorias com planejamento urban6stico, cria76o da avenida Get6lio Vargas e o Parque Solon de

marcada por muito entusiasmo, apresentado no jornal *A União*⁵² como o homem que inauguraria o “advento de uma nova era” (*A União*, 26 jan. 1935), por meio de uma política intervencionista, repressora, conciliadora e cooptadora (SANTANA 2000, p.156).

Junto com a chegada do novo governo, a AIB-PB promovia sua primeira expansão, no Alto Sertão paraibano fundando dois núcleos municipais: o de Sousa com sede em São Gonçalo e o de Catolé do Rocha. (*A Imprensa*, 07 fev. 1935). O núcleo de Sousa seria um dos mais fortes do estado, abrindo novos horizontes com a adesão do Dr. Trajano Pires da Nobrega, “grande influência política do interior” (Ibid. 09 fev. 1935). As informações que temos sobre Trajano Pires da Nobrega dão conta de que, em 1917, foi nomeado prefeito municipal de Soledade, permanecendo até 1924, quando foi nomeado por João Suassuna o prefeito da capital, permanecendo até janeiro de 1926. Mediante tal trajetória, os integralistas tinham certa razão em vibrarem com a adesão dele ao credo do sigma, trazendo consigo elementos de sua família e seu *status* de “importante político”, que mesmo não estando mais em um cargo político realçava a força do movimento.

Em fevereiro a AIB-PB dava mais um passo: a inauguração de sua sede própria, no núcleo provincial, localizado na Av. General Ozorio, número 77, João Pessoa, ocorrendo com a presença de delegações do interior, e até mesmo de vinte e um integralistas pernambucanos, que vieram liderados pelo médico Gonçalo de Melo, chefe da AIB-PE. O evento foi descrito como “um verdadeiro acontecimento na cidade”, e Pedro Batista nomeou a ação como “2º dia integralista na Paraíba”, onde foram entregues trinta e uma cadernetas de identificação, sendo vinte e oito delas para *camisas verdes* e três para as primeiras *blusas verdes*⁵³ (Ibid. 19 fev. 1935).

Lucena, cartão postal da cidade ainda hoje. Campina Grande ganhou no seu governo o abastecimento de água e saneamento.

⁵¹ Segundo Falcão (2000, p. 166), O novo interventor encontrou um estado que tinha 80 % de sua receita dependente do algodão, buscou providências para incrementar novas culturas, dinamizadas pela assistência técnica e financeira aos produtores, com a fundação de cooperativas de créditos agrícolas, e empréstimos a preços módicos, disseminando campos de demonstração de algodão, de cana-de-açúcar, de fumo, batatinha e propondo a mecanização da lavoura. Criou laboratórios modernos na Escola de Agronomia do Nordeste, na cidade de Areia, objetivando melhorar a quantidade e qualidade da produção agrícola paraibana.

⁵² Jornal oficial do governo do estado da Paraíba. Tinha (tem) como principal objetivo, tornar público as obras e feitos dos governos e governantes.

⁵³ Camisas Verdes eram como chamavam os homens integralistas, nessa ocasião os camisas verdes paraibanos que receberam a caderneta foram: dr. Antônio Francisco da Costa Filho; dr. Chileno Coêlho de Alverga; Francisco Alves Paiva; Pedro F. do Amaral; Antônio Xavier da Silva; Cosme Batista; Francisco de Oliveira; João Manuel de Manuel de Maria; Aluísio Espínola Navarro; Eurípedes Ernesto de Oliveira; Ulisses Marques de Oliveira; dr. Josa Magalhães; Alberto Batista Vieira; José Jorge de Oliveira; bel. Joel Dias Pinto; Oscar Pessôa da Costa; José Batista de Araujo; Agostinho Serrano; José Batista Guedes; João Carlos de Lima; Luis Miranda; dr. Trajano Pires da Nobrega; José de Queiroz Batista; Eliseu Gerônimo Lira; Antonio Batista dos Santos; Celso Oliveira Albuquerque; Paulo Pereira e Antonio Paulo de Meneses. As mulheres eram chamadas de blusas verdes e receberam a caderneta Jaci Mesquita Araujo, Dorinha C. Batista e Turisina Viana Smith.

Fruto desse processo de crescimento e organização, a AIB-PB pode enviar delegados para o II Congresso Nacional Integralista⁵⁴, realizado em Petrópolis, partindo no navio *Itajubá* que saía de Cabedelo, o chefe provincial Pedro Batista, Luis Miranda, do departamento financeiro e Joel Pito do departamento político, ficando como chefe interino da AIB-PB Chileno de Alverga. No mesmo ano, ainda surgiram mais quatro núcleos municipais, respectivamente, em Cajazeiras, Pirpirituba, Santa Rita e João Pessoa, contabilizando o número de seis núcleos municipais e um provincial.

O que poderia ser interpretado como fruto de um comando forte e estratégico e, portanto de um trabalho que começava a apresentar sucesso, termina tendo novos contornos quando é a partir desse momento que encontramos indícios de relevantes divergências internas.

2.3. UM POR TODOS E NEM TODOS POR UM: A AIB-PB ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Levando em consideração que a comunicação e o discurso atuam no processo de representação do mundo, e que assim sendo, a prática discursiva tem como objetivo “produzir uma rede de significados e sentidos” (MARCHIORI, 2009, p.10), podemos afirmar que, os integralistas não pouparam esforços para gerar a impressão de unificação absoluta do movimento. Tal constatação pode evitar o que Bertonha afirmou ser um mito que ronda a história dos Estados e dos regimes fascistas, que proclama a ideia de perfeição e eficiência de um modelo puro e ausente de qualquer dissidência interna, tendo sido de certa forma não apenas aceito, mas repetido por parte significativa dos pesquisadores do tema. (BERTONHA, 2014, p. 145).

Ao nos depararmos com as fontes que tratavam do movimento integralista na Paraíba, tivemos a oportunidade de encontrar singularidades que, muitas vezes, escaparam do controle oficial do movimento, fato que valoriza a necessidade de sobrepor as armadilhas de uma possível transposição de outras experiências, para não cair no erro de caracterizar a AIB-PB como simples cópia nacional em instância local, o que dificultaria ou mesmo inviabilizaria a possibilidade de compreensão das experiências paraibanas. Assim sendo, ao analisarmos a documentação, buscamos a todo momento nos afastarmos da inocência de creditá-las como

⁵⁴ Por meio desse congresso a AIB deixava de ser um movimento cívico e passava a ser um partido político, além disso, substituíam os departamentos por secretarias, passando os deveres do departamento de milícias para a secretaria de educação.

elaborações ausentes de intencionalidade e imparcialidade, compreendendo-as como produções voltadas a propaganda doutrinária, e que em muitos casos nos fornecem brechas analíticas que possibilitam o desmascaramento do discurso unificador, como veremos a seguir.

O primeiro grande caso de dissidência que encontramos nas fileiras da AIB-PB e que termina por desencadear pistas para outros casos, foi justamente o do seu próprio chefe, Pedro Batista, figura mentora dos primeiros passos do integralismo na Paraíba. Não possuímos informações detalhadas sobre o processo⁵⁵, mas encontramos importantes vestígios que dão indícios desse tumultuado caso de bastidores do sigma.

Pelo contato que tivemos com as fontes, podemos afirmar que entre 1933, ano da fundação e 1934, a AIB-PB não conseguiu imprimir quase que nenhum crescimento, decepcionando os integralistas locais e também nacionais que, sabedores das fragilidades do movimento na Paraíba, telegrafaram a Pedro Batista, exigindo-o a se fazer presente no II Congresso Integralista, mas já destacando que em caso de impossibilidade, que fosse enviado “pelo menos o secretário da organização política”.

Visando compreender o quadro de inanição do movimento, Plínio Salgado enviou do Rio de Janeiro, em missão especial, Valdemar Pessoa da Costa, que passou 13 dias na Paraíba, se despedindo por meio de uma publicação no jornal:

Despedindo-me do glorioso povo paraibano, por ter de voltar hoje para o Rio, de onde vim como representante do Chefe Nacional do Integralismo brasileiro, tratar de importantes negócios da chefia provincial, daqui, não posso deixar de cumprindo um nobre dever, agradecer ao mesmo povo e a nobre Imprensa, que a serve com muita dignidade, o modo gentil e patriótico, com que soube encher a minha alma de gratidão inacabável.

Aproveitando a oportunidade, reitero o apêlo, por mim feito em nome do Chefe Nacional Plínio Salgado, à Paraíba, no sentido de serem cerradas fileiras ao lado dos Camisas Verdes, Soldados da Pátria e da Família.

Anauê.

Pelo bem do Brasil. (*A Imprensa* 22 fev. 1935)

No período em que Valdemar Pessoa passou na Paraíba, percebemos intensa movimentação da AIB-PB, um dia antes de sua chegada, sob ordem de Pedro Batista, o jornal católico publicava um texto afirmando que: “auspícia-se bem promissor o movimento integralista nessa província especialmente no interior”, destacando a força do integralismo nas

⁵⁵ Na cidade paulista de Rio Claro, encontra-se no arquivo municipal os documentos pertencentes a Plínio Salgado, contendo 61.194 páginas de correspondências. Acreditamos que dentre essas múltiplas páginas existam referências ao caso da dissidência de Pedro Batista, já que o Chefe Nacional da AIB era o responsável por solucionar tais fatos. Infelizmente em meio as dificuldades de se fazer um mestrado sem bolsa, e ainda com a necessidade de manter compromissos profissionais, não tivemos condições de nos deslocarmos a Rio Claro e averiguarmos tal material.

idades de Souza, Catolé do Rocha, Cajazeiras, Pirpirituba, Caiçara, e afirmando que em vias de organização estavam Campina Grande, Guarabira, Areia e núcleos distritais em João Pessoa. (*A Imprensa*, 09 fev. 1935). Ainda na mesma nota era divulgado a chegada da segunda remessa de uniformes, e que em breve estariam sendo realizados exercícios da milícia. Ao que tudo parece, sabedor de que seria avaliado de perto, Pedro Batista buscou criar a impressão supervalorizada da AIB-PB, objetivando se promover frente ao representante nacional.

Ainda nesse processo de demonstração de organização e articulação, já com a presença de Valdemar Pessoa, foi inaugurada com grande pompa a sede da AIB-PB, que contou com apoio dos integralistas pernambucanos. Como se tal ato não fosse suficiente para valorização do chefe paraibano, é publicado no jornal uma carta endereçada a Pedro Batista, enviada pelo Chefe da Casa Civil Integralista:

S. Paulo, 24 de Janeiro de 1935 – Companheiro Pedro Batista – Chefe Provincial da Paraíba – João Pessoa.

Ontem, encerrado o primeiro Congresso Integralista da Província de S. Paulo, o Chefe, historiando a sua primeira viagem ao norte do país, teve a oportunidade de citar, entre outros, o nome do nosso prezado companheiro como um exemplo de fé na causa, empunhando a bandeira azul do Sigma, quase só, lutando contra tudo e contra todos.

(...) Muito bem, Pedro Batista! Precisa prosseguir na campanha. Organizar um núcleo os simpatizantes. Dar-lhes funções. Distribuir os setores de ação. Desfechar a propaganda individual e global, através de conferencias em reuniões em palestras, em comícios, através da imprensa, entre moços, operários e soldados. Apelar para os amigos, insistir com os conhecidos, mostrando-lhes que o Integralismo é obra de salvação nacional, inadiável e urgente.

Organizar os núcleos no interior, levando o companheiro a cruz, mas acompanhado, agora. (...) (*A Imprensa*, 19 fev. 1935).

A transcrição da carta no jornal nos parece ratificar a tentativa de Pedro Batista de realçar seu valor dentro do movimento, a citação do seu nome pelo próprio Plínio Salgado, comprovaria sua importância, e nesse caso, era usada como um demonstrativo de força do chefe paraibano frente ao enviado nacional, dos comandados integralistas e da própria população paraibana. Mesmo com intuito exclusivo de valorizar Pedro Batista, a carta nos fornece indícios de que era esperado pela chefia nacional um maior empenho, já que a mesma tece detalhes sobre as competências do chefe, na esperança de que o mesmo não carregasse “a cruz sozinho”.

Essas atitudes de Pedro Batista, visando sua autopromoção, não podem ser compreendidas exclusivamente pela análise do jornal católico, o que ao nosso entendimento é uma forma de blindar o chefe paraibano e o próprio integralismo. No entanto, o jornal

comunista campinense, *A Batalha*⁵⁶, apresenta interessantes revelações em uma matéria intitulada *O Integralismo na Paraíba*:

(...) Queremos tão somente localizar a indiferença com que os paraibanos estão olhando os camisas-verdes da terra. Que parecer-nos que é a capital do nosso Estado a única dentre todas as outras da Federação que conta menor número de adeptos do Sigma. (...) Ninguém ignora que, para nuclear-se um movimento como o Integralismo torna-se preciso que os seus orientadores gozem de uma certa simpatia por parte da população ou então de quem dirige essa população; e nós bem sabemos que o chefe do Integralismo entre nós, sr. Pedro Batista, não tem os requisitos necessários, para gozar simpatias,

Aliás, quando aqui esteve o sr. Valdemar Pessoa, representando o sr. Plínio Salgado, foi apresentado ao sr. Pedro Batista o “bilhete azul” (...) Insistiu o sr. Pedro Batista em continuar no posto de que fora alijado pelo pedido do representante do Chefe Supremo, Valdemar Pessoa no sentido de retirar o sr. Pedro Batista da chefia do movimento aqui na Paraíba, pois enquanto este aqui permanecer o movimento não prosseguirá.

Já ouvimos de elevadíssimo número de conterrâneos nossos esta observação < Enquanto Pedro Batista for chefe do integralismo eu não vestirei a camisa verde >. Um nosso leitor. (*A Batalha*, 16 mai. 1935)

A citação de um leitor não identificável do jornal comunista é bem curiosa, os ataques à figura de Pedro Batista ou mesmo do pífio crescimento da AIB no Estado, não devem ser tidos como mera constatação ausente de interesses. A publicação do jornal quer desacreditar os atributos do líder da AIB-PB, desacreditando também o próprio movimento, o que não nos deixa de ser uma reveladora fonte à cerca das dificuldades da gestão de Pedro Batista, que teria recebido o “bilhete azul”, ou seja, teria sido reprovado, demitido. Mesmo em lado ideológico oposto, acreditamos que a teoria do jornal comunista faz sentido ao creditar uma desaprovação do enviado Valdemar Pessoa em relação ao chefe da AIB-PB. Tal fato explica as ações contínuas de valorização de Pedro Batista no jornal católico, que continuara, tendo ele viajado para participar do II Congresso, não deixou de enviar relatos sobre suas ações, como a visita à sede da AIB em São Paulo, narrada da seguinte forma:

Perante numeroso auditório realizou-se ontem à noite, na sede da Chefia Provincial Integralista, uma recepção ao sr. Pedro Batista, chefe provincial da organização na Paraíba. O visitante foi introduzido no salão com as saudações do protocolo, tendo tomado assento ao lado do chefe provincial integralista de S. Paulo (...) Em seguida fez uso da palavra o sr. Lima Neto para declarar que entre paulistas e paraibanos haviam desaparecido todos os ressentimentos, estando hoje unidos no mesmo ardor de servir ao Brasil. (...). (*A Imprensa* 29 mar. 1935)

⁵⁶ Fundado em 1934 por Arlindo Correia e Isidro Aires, o jornal *A Batalha*, era profundamente panfletário. (ARAÚJO, 1986, p.88).

Mais do que ratificar sobre o fim da animosidade existente entre paraibanos e paulistas, o relato acima pode ser interpretado como mais uma estratégia de Pedro Batista, que ao retornar a Paraíba continuou em busca do fortalecimento do seu nome, visitando cidades, inaugurando núcleos e criando, inclusive, o primeiro e único jornal oficial do movimento, o semanário *Inubia*⁵⁷, na esperança quase que desesperada de se manter no poder.

Ao que tudo indica o esforço de Pedro Batista foi em vão, em Julho de 1935, Chileno de Alverga, convidava a todos integralistas paraibanos para uma reunião extraordinária, objetivando a posse do chefe provincial interino, Ordival Gomes, delegado do Chefe Nacional que chefiava uma caravana integralista em Pernambuco⁵⁸, alertando que: “é de esperar de todos os camisas verdes conscientes de sua missão, o mais acabado espírito de disciplina, demonstrativo do grau de elevação moral do Integralismo nesta Província.” (...) (*A Imprensa*, 23 jul. 1935). A chegada de um novo chefe provincial, enviado de outro estado, já seria elemento suficiente para ultrapassarmos o discurso de homogeneidade integralista, e percebermos a presença de divergências internas da AIB-PB. A fala de Chileno de Alverga quanto à “missão” dos integralistas paraibanos deixa ainda mais transparente as dissidências, alertando aos militantes descontentes em relação à substituição de Pedro Batista, a necessidade de desenvolver o “espírito de disciplina”.

Pouco mais de dez dias depois de assumir o posto, Ordival Gomes passou o cargo para Antônio Francisco da Costa Filho, confirmado a substituição definitiva de Pedro Batista, como podemos observar na resolução do jornal de circulação nacional: *Monitor Integralista*:

Resolução n 110
 EXONERA UM CHEFE PROVINCIAL
 O Chefe Nacional da A.I.B., usando das atribuições que lhe competem,
 Resolve:
 1º Exonerar a pedido, atendendo a motivos justos, do cargo de Chefe da Província da Parahyba, o companheiro Pedro Baptista
 2º Elogiar o mesmo companheiro pelo zêlo, dedicação e espírito integralista que sempre revelou durante longo período em que exerceu aquele cargo. (*Monitor Integralista*, 25 ago. 1935)

A resolução não esclarece quais seriam “os motivos justos” para a substituição do comando da AIB-PB, mesmo tendo reconhecido seu trabalho “zelo, dedicação e espírito”, Pedro Batista afastava-se do movimento, tendo Antônio Francisco da Costa Filho comandado

⁵⁷ Sobre o jornal *Inubia* debateremos mais adiante.

⁵⁸ Para maiores informações sobre a caravana organizada por Ordival Gomes consultar MORAES, Márcio André de. **Garanhus sob o símbolo do Sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)**. Dissertação (Mestrado em história). UFRPE, Recife- Pernambuco. 2012.

os integralistas até janeiro de 1936, experimentando como líder do movimento algumas das maiores tensões envolvendo integralistas e comunistas, como veremos no próximo capítulo.

A mudança no comando não parece ter surtido grandes efeitos no que diz respeito ao fortalecimento da AIB-PB e a satisfação do movimento nacional quanto à província paraibana. No começo de 1936 foi publicado que o integralismo se irradiava por todo o Brasil, tendo na Paraíba o mais lento desenvolvimento, “fato é que entre nós o integralismo não passa de um fenômeno insignificante como a formação de um clube qualquer, ou de uma academia provinciana de letras” (*A Imprensa* 10 jan. 1936). Sabendo da quase inércia do movimento, Plínio Salgado nomeava novo chefe provincial, “o distinto moço João da Veiga Cabral, bastante conhecido nas rodas intelectuais pessoenses”.

Sob o comando de João da Veiga Cabral, percebemos um maior endurecimento quanto à organização interna da AIB-PB, logo no primeiro mês de seu comando foram publicadas notas como a exposta abaixo:

Chamada de integralistas

O Chefe da Divisão do Pessoal, cumprindo as determinações da CHEFIA PROVINCIAL, pede para comparecerem a esta sede, a contar desta data, os companheiros que se encontram afastados do movimento, sem motivo justo, ou em atraso para com a Secretaria de Finanças, afim de regularizarem suas situações, sob pena de serem chamados nominalmente, findo o referido prazo (...). (*A Imprensa*, 29 jan. 1936)

A nota sob o título de *Chamada de integralistas* ratifica os “desvios de condutas” de alguns integralistas paraibanos, que eram ameaçados de terem seus nomes expostos caso não se comprometessem em concretizar suas dívidas para com o movimento. O uso de notas na imprensa, inclusive, proporcionou um desentendimento público entre o então chefe provincial João da Veiga e o ex-chefe Pedro Batista.

No dia 18 de fevereiro, o jornal católico publicava em sua capa, sob a supervisão da AIB-PB a notícia abaixo:

(...) Comemorando a passagem do 1º aniversário de fundação da “Ação Integralista Brasileira” entre nós, os “camisas verdes” desta capital, promoveram ontem à noite no salão da Caixa Rural uma grande sessão solene em que tomaram parte além dos integralistas conterrâneos, os delegados dos núcleos de Pirpirituba, Guarabira, S. Rita, Cajazeiras e S. Gonçalo, e uma representação da Província de Pernambuco. (...) (*A Imprensa* 18 fev. 1936)

No mesmo exemplar, foi publicada uma carta a pedido de Pedro Batista:

(...) Confiado na probidade e bôa fé manifestadas sempre pela “A Imprensa”, venho pedir uma ligeira retificação no registro feito hoje sob o título: Ação Integralista Brasileira.

É o caso que o vosso noticiário fazendo a reportagem da sessão integralista ontem realizada, se refere à passagem do “primeiro aniversário da fundação...”, como se estivesse dizendo uma verdade. Entretanto sr. Diretor, tal não acontece, pois o aniversário comemorado ontem, se refere à instalação de uma séde e não do movimento nesta Província.

É certo que não ignorais o avassalante desmemoramento que de 1930, para cá, pesa sobre pobres criaturas que, não sabemos por quais cargas d’água, as veem à tona de movimentos políticos e até culturais, porém, a dever, não deixar passar em julgado que não se expressem a verdade.

A essa redação não é estranho que em dias de maio de 1933, no próprio prédio da Caixa Rural, no salão de sessões da U.M.C. gentilmente cedido pela sua Diretoria, por convite prévio impresso e assinado pelos drs. Hortensio Ribeiro, Chileno de Alverga, Mauro Coêlho e o humilde signatário desta, foi realizada uma sessão e declarada instalada a Província Paraibana.

Também não deve ser estranho ao vosso jornal que em 3 de outubro de 1934, foi lançado um manifesto aos eleitores da Província, apresentando o candidato Chileno de Alverga, às eleições constitucionais, com as assinaturas dos drs. Hortensio Ribeiro e Josa Magalhães e ainda desse vosso amigo que pede publicar esta. (...) (Ibid)

A publicação da carta de Pedro Batista é extremamente curiosa, por meio dela é possível perceber que ele tinha conhecimento prévio sobre a notícia “inverídica” a respeito da instalação da AIB-PB, como também é possível perceber sua ampla influência dentro do jornal, a ponto de ter publicada sua carta na íntegra e no mesmo exemplar da notícia. Podemos interpretar a carta ainda, como uma excelente fonte para entendermos a disputa de comando do movimento, o ex-chefe integralista não perdeu oportunidade de taxar as lideranças da AIB-PB de “pobres criaturas”, que em meio a uma ausência de atributos qualificantes se apegavam ao “desmemoramento”. Enquanto historiador, Pedro Batista se preocupou em fazer uma minirretrospectiva dos feitos do movimento sob sua direção, se achando no direito de pousar como defensor da verdade tentou demonstrar humildade ao ponto que indiretamente se vangloriava de corrigir publicamente não apenas a nota do jornal, mas a própria AIB-PB, mesmo se equivocando quanto a data de fundação da inauguração, que ocorrera em julho e não em maio 1933.

Não temos fontes que nos apresentem a repercussão da carta de Pedro Batista em relação aos quadros internos do integralismo, mas acreditamos que a resposta veio também em forma de publicação, quando do gabinete do chefe provincial integralistas foi afirmado que:

(...) Notáveis os progressos que tem feito o movimento integralista na Paraíba nestes últimos tempos. Pode-se mesmo dizer que esse movimento estacionado que se encontrava, desde a sua instalação neste Estado por motivos estranhos à vontade dos verdadeiros entusiasmos da causa do Sigma, começa agora, graças a uma propaganda inteligente a firmar, de maneira definitiva a sua doutrina sã e elevada em todas as classes da nossa sociedade. (...) (Ibid 14 abr. 1936)

Mais do que autovalorizar-se, a nota do chefe João da Veiga era incisiva quanto ao fracasso do movimento até 1935, que segundo ele, estava parado mediante a atuação da gestão de Pedro Batista, que tinha propaganda ineficiente e pouco produtiva. Em meio a esses confrontos internos, Plínio Salgado enviou como delegado, o acadêmico Luciano Lacerda, com o fim de “inspecionar os trabalhos da província, autorizado plenamente a agir com todos os poderes no caso de reorganização completa” (Ibid. 14. Mai. 1936). Pouco mais de dez dias da chegada de Luciano Lacerda, o jornal *A Imprensa*, afirmando não ter responsabilidade nem solidariedade da redação, publica uma nota de expulsão de Pedro Batista:

A Chefia Municipal de João Pessoa da Província da Paraíba do Norte, de acordo com a Chefia Provincial e os poderes que lhes são constituídos:

Considerando que a Maçonaria é uma arma perigosa contra a Ação Integralista Brasileira, baseada nos seus princípios doutrinários e cristãos, combate abertamente essa instituição;

considerando que o sr. Pedro Batista faz parte da Maçonaria como um de seus membros mais destacados;

considerando que o sr. Pedro Batista não se tem portado condignamente para com o nosso movimento, estando afastado do mesmo sem motivo justo, desde o dia 4 de julho de 1935, apesar de reiterados apelos pessoais e oficiais, para que voltasse ao cumprimento dos deveres correntes do seu juramento prestado,

Resolve: 1º Excluir da Ação Integralista Brasileira, a bem da nossa disciplina, o ex-companheiro PEDRO BATISTA.

Cidade de João Pessoa, 23 de maio de 1936, Vº da Era Integralista. Luciano Lacerda – Chefe Municipal VISTO Veiga Cabral. (*A Imprensa*, 26 mai. 1936)

A nota de expulsão de Pedro Batista foi publicada sob a alegação de manutenção da disciplina, para que ficasse claro que qualquer “camisa verde” que se desviasse da conduta desejada teria o mesmo fim. Os “desvios de conduta” foram apontados como sendo duplos, o primeiro seria pertencer à maçonaria⁵⁹, fato que acreditamos não passar de uma tentativa de desqualificá-lo, já que dentre outros aspectos ele tinha uma relação mais que amistosa com os membros do jornal católico⁶⁰, e o segundo desvio seria a ausência de Pedro Batista da AIB-

⁵⁹ Para entender o posicionamento integralista frente à maçonaria, consultar o segundo capítulo de Oliveira, Rodrigo Santos de. **Perante o Tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)** Dissertação (Mestrado em História), PUC, Porto Alegre, Rio Grande do Sul 2004.

⁶⁰ Não raramente encontramos textos contrários à maçonaria no periódico católico, fator que inibiria a aproximação entre Pedro Batista, caso fosse membro destacado da maçonaria, e os redatores do jornal. Além desse detalhe, buscamos informações no arquivo da maçonaria sobre a participação de Pedro Batista e nada foi encontrado.

PB por quase um ano, tendo sido convidado a retornar por diversas vezes, ação que vai de encontro as projeções teóricas do movimento, que apontavam a necessidade de engajamento intensivo dos seus membros, sem a presença de insistências para concretização de suas responsabilidades.

Não encontramos no periódico qualquer informe da parte de Pedro Batista que respondesse as acusações, o fato é que tal caso não foi o único demonstrativo de que na AIB-PB existiam disputas e acirramentos internos.

2.4. NÚMEROS PARA PLÍNIO VER E DIZER: A SUPERVALORIZAÇÃO DO CRESCIMENTO INTEGRALISTA NA PARAÍBA

Enquanto ocorriam os confrontos internos pelo poder da AIB-PB, as eleições municipais de 1935 se aproximavam e, mais uma vez, a grande disputa seria estabelecida entre o Partido Progressista e o Partido Republicano Libertador, não contando com a participação da legenda integralista. Marta Santana (2000) afirma que mesmo propagando um clima de ampla democracia por meio do jornal oficial, o governo de Argemiro de Figueiredo nada fez para evitar “as mesmas violências das eleições anteriores, com eleitores perseguidos, urnas violadas, funcionários perseguidos e espancados (...)” (SANTANA, 2000, p. 225). O resultado não trouxe grandes surpresas, o Partido Progressista foi vitorioso em quase todo o estado, com exceção da capital João Pessoa, onde o Partido Republicano Libertador elegeu a maioria dos vereadores e nos municípios de Patos, Umbuzeiro e Itabaiana, onde o PRL elegeu os prefeitos.

A respeito da derrota do PP na capital, Chileno de Alverga, mais uma vez, rasgara elogios ao governador Argemiro de Figueiredo, afirmando que este “soube perder nas eleições” e que é um “timoneiro hábil” (*A Imprensa*, 26 set. 1935), a admiração do integralista pelo governador como vimos não era novidade, em abril Chileno de Alverga revelava publicamente o desejo de convidar Argemiro de Figueiredo para o integralismo afirmando: “Quem bom Integralista nos daria esse divisor de atitudes esse controleur das nossas aspirações (...) Às vezes, sinto gana em mandar-lhe uma proposta, fichando-o como camisa verde, mesmo discricionariamente.” (Ibid. 02, abr. 1935). Longe de interpretarmos o desejo de Chileno de Alverga como simples admiração pelo governador, acreditamos ser esse discurso parte da estratégia integralista para se aproximar e, assim, blindar-se perante o poder

institucional, já que no começo de 1936⁶¹ a AIB-PB passaria a se portar não apenas como movimento doutrinário, mas definitivamente, como partido político.

Por meio desse novo caráter integralista, que até o final de 1935 se apresentava através da projeção ditatorial, com uma proposta paramilitar que chegaria ao poder com o uso da força, defendendo o unipartidarismo como condição necessária para por fim a suposta desordem do país, o movimento integralista é colocado no campo da competitividade política⁶² através do seu *Manifesto Programa*, lançado em 1936, que segundo Plínio Salgado, considerava a realidade brasileira:

(...) depois de três anos consecutivos, não só de formação de uma consciência nova, mas de pesquisa em face dos fenômenos nacionais, em todos os campos da atividade social em nossa Pátria, lançamos à Nação os lineamentos gerais de um programa de governo pelo qual nos bateremos, desde já, como Partido Político de âmbito nacional (aliás o único existente no país), comparecendo a tôdas as eleições municipais, estaduais, federais, e preparando-nos para o lançamento de uma candidatura integralista às próximas eleições para a Presidência da República. Os lineamentos gerais dêsse programa com o qual nos apresentamos de agora em diante, ao sufrágio democrático do Povo Brasileiro, conterão, de futuro, a pormenorização dos múltiplos aspectos particulares de cada um dos problemas, com a precisão técnica oriunda dos nossas constantes estudos. (SALGADO, 1955, p. 155)

O texto acima foi lido por Plínio Salgado em reunião do Supremo Conselho Integralista, em 23 de janeiro de 1936, com o fim de servir de base ao desenvolvimento da campanha eleitoral da AIB. Por meio dele percebemos a preocupação do Chefe Nacional de respaldar o movimento integralista em análises produzidas por meio de estudos, fruto de “três anos consecutivos de reflexões” capazes de gerar uma “consciência nova”, o que supostamente legitimaria as propostas defendidas.

O programa apontava para um governo amplamente forte e centralizador, voltado para defesa da manutenção da ordem por meio da valorização do nacionalismo, incorporando o conceito de *Democracia Integral*, objetivando, segundo Plínio Salgado: “a felicidade do Povo Brasileiro, dentro da justiça social, dos princípios verdadeiramente democráticos, garantida a intangibilidade dos grupos naturais e assegurada, de maneira definitiva, a grandeza da Pátria que deverá ser elevada ao seu máximo esplendor” (Ibid. p. 153). A proposta de uma organização corporativa regendo um Estado forte deixa mais que explícita a intenção

⁶¹ Muitos pesquisadores afirmam ser o ano de 1936 o “ano verde” (auge) do desenvolvimento integralista. Na Paraíba não encontramos fontes que demonstrassem tal crescimento, na medida em que durante todo o ano apenas três novos municípios foram criados, e todos eles entre setembro e novembro, ou seja, no fim do ano.

⁶² Importante ressaltar que a mudança promovida pela AIB não pode ser entendida fora do contexto da fracassada Intentona Comunista, que acabou por provocar uma forte repressão por parte do governo em relação a movimentos autoritários, como verificaremos no próximo capítulo.

intervencionista do integralismo no que diz respeito à manutenção dos princípios morais e conservadores, que tinham como inimigos maiores o liberalismo e o comunismo.

Para concretização de todo esse projeto era necessário convencer o maior número de pessoas possíveis e para tanto, os serviços eleitorais integralistas foram criados. Com objetivo de enfrentar os “falhos partidos” e demonstrar força, a AIB se apressava a colocar o movimento como sendo “a maior potência eleitoral de todo o Brasil”, afirmando que seus militantes-eleitores em “cálculos pessimistas”, ultrapassavam os 170 mil, (*Monitor Integralista* 25 ago. 1935), capazes de elegerem “16 deputados federais e 100 estaduais”.

Com interesses implícitos muito maiores do que as eleições legislativas, o grande objetivo seria alcançar o maior cargo do executivo federal, a presidência da República, a AIB se mobilizava na construção de um aparato diferenciado objetivando arregimentar o maior número possível de eleitores em todas as províncias, na previsão de que:

Não podemos excluir a hypothese de uma victoria eleitoral do Integralismo nas eleições presidenciais de 1938. Ella é possível, dependendo:

- a) da posição em que se collocarem as correntes liberais em face da sucessão presidencial;
- b) da nossa actividade de propaganda e organização, assim como da nossa capacidade de sacrifício de tempo e de dinheiro;
- c) do crescimento do comunismo. (Ibid.)

A previsão entusiasmada da AIB não contava apenas com suas próprias forças, era esperado o posicionamento das correntes liberais e dos comunistas, cabendo aos militantes integralistas trabalharem com “tanto ardor como se tivéssemos de vencer amanhã; com tanto desinteresse, como se tivéssemos de vencer daqui a cem anos (...) com paciência para sofrer pelo Brasil” (Ibid.). Essa dualidade envolvendo o ardor e o desinteresse tinha como princípio alavancar o posicionamento integralista por todo o Brasil, deixando cada “camisa verde” consciente da dificuldade e ao mesmo tempo esperançoso quanto ao seu sucesso.

Mobilizados na construção de um aparato diferenciado, envolvendo secretarias e departamentos específicos, os integralistas partiram em busca do maior número possível de eleitores em todas as províncias. Na Paraíba, esse processo de organização visando o crescimento eleitoral se consolida com a chegada de mais um enviado de Plínio Salgado, o agrônomo Pedro Bentes Guimarães, que logo tendo assumido a chefia do núcleo provincial, buscou organizar o quadro funcional do partido, nomeando os membros para as secretarias provinciais (S.P.), bem como os chefes de departamento:

QUADRO ORGANIZACIONAL DA AIB-PB – 1936

S.P. Serviços Eleitorais e Políticos	Luis Miranda
S.P. de Propaganda	Pedro Amaral
S.P. de Estudos	João da Veiga Cabral
S.P. de Finanças	Francisco de Assis Gondim
S.P. de Educação Moral, Cívica e Física	Francisco Alves Paiva
S.P. Assistência Social	Oscar Pessoa da Costa
S.P. de Imprensa	Luciano Lacerda
Chefe do Gabinete da Chefia Provincial	Manoel Lemos Neto
Chefe do Departamento P. dos Estudantes	Ivan Bichara

Quadro elaborado pelo autor.

As secretarias e departamentos da AIB-PB eram norteados pelos regulamentos definidos no Estatuto da AIB, fiscalizados e submissos ao chefe provincial, cada um possuía uma função determinada e muitas vezes se uniam para melhor realizá-la⁶³. Por meio de todo esse aparato complexo, a AIB-PB se preparava para galgar novos espaços e depois de mais de um ano, um novo núcleo municipal surgia, na cidade de Pocinhos, tendo o chefe provincial Pedro Bentes afirmado que estava nos sertões a força integralista (*A Imprensa*. 10 set. 1936).

Afirmar que a força do integralismo estava “nos sertões” nos parece fazer parte da estratégia de articulação integralista, a partir do momento em que a capital não conseguia imprimir o crescimento esperado, tentava-se valorizar o interior, objetivando criar uma sensação permanente de crescimento para os integralistas de João Pessoa e região litorânea quanto para as cidades nomeadas de “sertão”. Importante destacar que os números que temos

⁶³ A S.P. de Serviços Eleitorais e Políticos tratava da parte sindical e corporativa, orientando politicamente, alistando eleitores, e recolhendo informações políticas estratégicas; A S.P. de Propaganda tratava da divulgação do movimento, principalmente na formação e constituição de um corpo de oradores autorizados na difusão correta da doutrina, além de fiscalizar e tornar público as ações integralistas em jornais, desfiles etc; S.P. de Estudos organizava e mantinha controle das escolas integralistas, a AIB-PB criou e manteve treze escolas, tendo como principal função aumentar o número de integralistas eleitores; S.P. de Finanças era encarregada de cuidar da parte financeira, controlando mensalidades, contabilizando débitos e créditos; S.P. Moral, Cívica e Física tinha como função manter os preceitos da antiga milícia, realizando atividades com exercícios físicos com função de manter a guarda do movimento e implementar o espírito de disciplina; S.P. Assistência Social tinha como função realizar atividades auxiliares à sociedade, na Paraíba eles atuavam em visitas à hospitais, doações de presentes as crianças pobres e até mesmo na ajuda de obras públicas; S.P. de Imprensa tinha grande relação com a secretaria de Propaganda, e era usada como forma de informar os integralistas e os simpatizantes da doutrina sobre as atividades da AIB-PB: o chefe de gabinete auxiliava administrativamente o chefe provincial, sendo encarregado das tarefas burocráticas como envio de notas e outros informes; o Departamento dos Estudantes como o próprio nome indica, estimulava participação ativa dos estudantes integralistas, organizando leituras, debates sobre os textos dos principais teóricos do sigma e auxílios nos serviços eleitorais.

em relação ao crescimento integralista na Paraíba não coincidem com os números apresentados pelo movimento⁶⁴. Tal discrepância pode ser explicada pela supervalorização dos dados oficiais, que visavam emplacar uma imagem fortalecida do integralismo em todo Brasil.

Especificamente sobre a AIB-PB, as informações transmitidas por meio dos órgãos oficiais, desde o começo, conflitavam com a realidade, maquiando, em muitos casos, projeções que não se consolidavam, a exemplo das emitidas no jornal *Monitor Integralista*, que na primeira quinzena de dezembro de 1933, trazendo um relatório sobre o desenvolvimento nas províncias, destacava que na Paraíba já estava em formação “alguns núcleos na capital e no interior” (*Monitor Integralista*, jan. 1933), repetindo a mesma informação na primeira quinzena de fevereiro ao afirmar que “anuncia-se a inauguração de alguns núcleos municipais” (Ibid. fev. 1934). É bem provável que existisse não apenas a vontade mais a própria ideia de se organizar núcleos pelos municípios paraibanos, mas até os primeiros dias de janeiro de 1935 só existia na Paraíba o núcleo central em João Pessoa. As afirmações de “organiza-se” e “anuncia-se” não podem ser descritas como mentirosas, mas nos parecem ser muito além da capacidade efetiva da AIB-PB naquele momento.

Em outubro de 1935 a exposição gráfica do jornal *Monitor Integralista* apresentava a província paraibana contendo um total de 10 núcleos, número alcançado apenas no final de 1936. Quanto mais se aproximava do período eleitoral maiores eram os blefes, o chefe nacional Plínio Salgado, ao presenciar e apresentar tais números, fortificava a imagem do partido e conseqüentemente sua própria imagem política frente aos aliados e adversários, tanto que em fevereiro de 1937, o ano mais significativo da propaganda eleitoral, o *Monitor* trazia sobre a Paraíba o número absurdo de 2.500 eleitores integralistas, sediados em 13 núcleos concretizados e 5 estando em via de coordenação, algo elevado ainda mais em outubro de 1937 quando o jornal trouxe um aumento de mais de 100% de integrantes da AIB-PB aptos a votarem, chegando ao número de 6.000 integralistas, algo completamente fora da realidade para o cenário vigente, já que Campina Grande, a segunda maior cidade em colégio eleitoral da Paraíba tinha creditado para o pleito que se aproximava o número de 9.400 eleitores.

⁶⁴ A maioria dos números e dados que temos em relação à AIB-PB foram retirados dos exemplares do jornal *A Imprensa*, que por intermédio da vontade do clero, não poupava esforços para valorizar as ações integralistas no Estado. Por não ser um periódico oficial do movimento, encontramos com certa facilidade, índices de números e ações divergentes aos propagados oficialmente pela AIB. Tal discussão será aprofundada no próximo capítulo da dissertação.

A supervalorização não aparece apenas mediante os números de núcleos e eleitores, com intenção de gerar credibilidade, boatos eram divulgados por ordem do movimento, como o que foi publicado nacionalmente e reproduzido pelo jornal *A Imprensa*, que levantava a suspeita sobre a adesão ao integralismo de Artur Bernades e o major Juarez Tavora, destacando que nada apontava para positividade “a respeito da veracidade dessa notícia” (*A Imprensa* 15 jun. 1935), ou seja, mesmo sem nenhum resquício de veracidade o jornal apresentava aos leitores a notícia, já que a intenção era abrilhantar o movimento com a entrada de personalidades independente da realidade.

Outra supervalorização diz respeito a organização dos periódicos da AIB-PB, o *Monitor Integralista* apontava a presença de dois periódicos oficiais do integralismo paraibano, que seria *Inubia*, em João Pessoa e *O Rebate* em Campina Grande. Sobre o primeiro, a notícia de lançamento foi divulgada no jornal *A Imprensa*, apresentado como:

Mais um órgão de imprensa vai ser lançado à publicidade, nesta capital, enriquecendo o domínio de nossas letras, desenvolvendo, porém, um programa de ação inteiramente doutrinária.

É a “Inubia”, semanário, inteiramente, destinado à propaganda do movimento integralista, entre nós, e que obedece à orientação intelectual do sr. Pedro Batista, chefe provincial da Paraíba. (*A Imprensa*, 03 mai. 1935).

Não encontramos nenhum exemplar de tal periódico, acreditamos que o tempo de vida dele foi diminuto, já que surgiu em maio de 1935 e seu administrador, Pedro Batista, se afastava da AIB-PB em julho do mesmo ano, não aparecendo mais como sendo um órgão oficial do movimento no jornal *Monitor Integralista*. Ação que nos intrigou bastante foi a colocação do jornal *O Rebate*⁶⁵ como sendo oficialmente ligado ao movimento integralista, acreditamos que essa postura deriva do fato de que um dos redatores e fundadores do jornal, Eurípedes de Oliveira, era membro e o “principal arauto campinense” da AIB. (SYLVESTRE, 1993, p.202). Nos exemplares do jornal *O Rebate* não foi encontrada nenhuma referência obrigatória⁶⁶ que pudesse identificá-lo como sendo oficialmente ligado a AIB-PB, além disso, a criação dele, em outubro de 1931, antecede, em dois anos, o surgimento do integralismo na Paraíba e em seis anos a criação do núcleo municipal em Campina Grande; seu diretor, Luiz Gil, bem como o gerente de redação, Pedro d`Aragão, não eram filiados ao movimento e ainda encontramos matérias contrárias ao integralismo, como a exposta abaixo:

⁶⁵ Fundado por Luiz Gil de Figueiredo, Pedro de Aragão e Euripedes Floresta, sendo considerado o jornal mais duradouro de Campina Grande, circulando até princípios dos anos 60. (p.87).

⁶⁶ Oliveira (2009, p. 178) afirma que todos os jornais e revistas integralistas apresentavam obrigatoriamente algum tipo de referência direta ao movimento (“órgão integralista”, “folha integralista”, “jornal integralista”, etc.).

Os males que têm caído sobre nossa pátria são tantos, que não será fácil curá-los em pouco tempo e com simples medicamentos (...) Quem poderá salvá-lo? E como podemos vê-lo feliz, grandioso e forte? (...) O Integralismo? Também não; pois o integralismo é ditadura e nosso povo não suportaria tal regimen, visto que nossa gente tem sede de liberdade e quando pensa que uma cousa não está direita vai a praça pública dizer o que sente. E este regimen não permitiria tal cousa, visto ser um regimen de crer ou morrer! (...) (*O Rebate*, 04 out. 1937)

Apontar o integralismo como uma ditadura e ratificar o antagonismo entre as propostas da AIB com o caráter democrático da população não teria sentido se o jornal realmente fosse pertencente à AIB-PB, assim sendo, concluímos que a inclusão do jornal *O Rebate* como sendo um periódico oficialmente ligado ao Integralismo não passa de um arranjo falacioso com intenções de gerar uma imagem de fortalecimento estrutural.

Outro ponto que nos parece ser equivocado é a interpretação feita por Eliete Gurjão (1994) que aponta *A Sociedade Beneficente dos Artistas*, como sendo “dirigida e financiada por integralistas, distribuindo ajuda em dinheiro e sustentando mais de 500 alunos em suas escolas.” (GURJÃO, 1994, p. 153). *A Sociedade Beneficente dos Artistas* (SBA) foi fundada em 1930, ou seja, antes mesmo da existência do integralismo, mantinha duas escolas a *Nilo Peçanha* e a *Afonso Campos* (*O Rebate*, 02 mar. 1935). Um dos seus fundadores e líderes era o Eurípedes de Oliveira, que como já destacamos pertencia a AIB-PB. Em um discurso comemorativo a respeito da posse da nova diretoria da SBA, Eurípedes de Oliveira, que recebera a caderneta de identificação integralista dias antes (*A Imprensa*, 19 fev. 1935), cita os princípios cristãos como base fundamental das relações da SBA, bem como ressalta os sentimentos de exaltação a pátria, a família, destacando os prejuízos da luta de classe e outros elementos extremamente próximos aos da *Cultura Política Integralista*. Ao falar da escola, ele afirma que:

(...) Ainda hoje, apesar de termos três anos de trabalhos e a ser a nossa escola rudimentar noturna, uma das mais frequentadas do Estado, não dispomos de uma única carteira escolar e é com maior esforço, tirando dos nossos minguados salários, que está assegurado a cada um dos alunos um canto de uma tábua de andaimes, arranjada sobre cavaletes, onde eles possam fazer a aprendizagem da escrita. (*O Rebate*, 02 mar. 1935)

O apontamento do discurso de Eurípedes de Oliveira trata de “três anos de trabalhos”, ou seja, ele se refere ao processo desenvolvido ainda em 1932, quando as escolas da SBA já eram existentes e a AIB-PB ainda não, a descrição das dificuldades estruturais e financeiras não deixa claro sobre quem, além do orador, seriam as pessoas que “com maior esforço”, tiravam dos próprios salários para assegurar um precário espaço de estudo, mas encaramos

como bem improvável que fossem integralistas, na medida em que nesse período o número de membros da AIB-PB era pequeno, e que nenhuma publicidade foi feita no jornal *A Imprensa* com relação a tal fato. A escola integralista em Campina Grande, nomeada de *Dom Vital*, foi inaugurada juntamente com o núcleo municipal apenas em janeiro de 1937, com direcionamentos para alfabetização, visando arregimentar eleitores para a candidatura presidencial Integralista (*A Imprensa*, 22 jan. 1937). Assim sendo, interpretar a SBA como fruto do patrocínio integralista nos parece mais uma supervalorização em relação ao potencial da AIB-PB.

Nesse sentido, diferente do que os números oficiais propagavam, a AIB-PB não tinha nenhum periódico próprio e até outubro de 1936 possuía apenas sete núcleos municipais, e um deles, o de Catolé do Rocha, estava fechado (Ibid. 22 jan. 1937). Em meio à necessidade de crescimento, mais uma vez, Plínio Salgado determinou a substituição da chefia provincial, enviando José Mayrink de Sousa Mota⁶⁷, o “poeta proletário”, para assumir o cargo e buscar alavancar o crescimento integralista. Foi na gestão de José Mayrink onde a AIB-PB teve o seu maior crescimento, conseguindo se expandir por todo o Estado, quadruplicando os núcleos municipais, mesmo fugindo não raramente das orientações conceituais em relação aos critérios necessários para formação, criando mais de dez escolas, realizando caravanas, comícios e até mesmo um grande congresso em João Pessoa, tendo nesse sentido proporcionado elevados números para a vitalidade da candidatura de Plínio Salgado.

2.5. CONQUISTANDO ELEITORES E GERANDO INIMIGOS: AIB-PB E A CAMPANHA DE PLÍNIO SALGADO PARA PRESIDENTE DO BRASIL

A cerimônia de posse de José Mayrink foi feita mediante todo o simbolismo integralista, com convite realizado a toda população⁶⁸. (Ibid. *A Imprensa*, 03 out. 1936). Poucos dias depois de se instalar na chefia da AIB-PB, o novo chefe provincial recebia um grupo de integralistas pernambucanos, oportunidade que gerou uma sessão solene “assistida por inúmeras pessoas” (Ibid. 20 out. 1936). Em novembro, o novo chefe provincial realizava sua primeira bandeira rumo ao interior, oportunidade na qual o integralismo encontrava a primeira barreira institucional, o delegado de polícia de Campina Grande,

⁶⁷ José Mayrink era pessoa bastante influente dentro dos quadros da AIB, conhecido por ser um grande orador e por suas poesias, chegou a integrar diversas caravanas integralistas antes de assumir a província paraibana.

⁶⁸ Cabe ressaltar que na chefia da AIB-PB José Mayrink fez questão de realizar as comemorações simbólicas mais marcantes do integralismo, tais realizações serão analisadas no último capítulo.

Ascendino Feitosa, que inviabilizou a propaganda integralista, como nos relata a matéria sob o título: *O que há contra o Integralismo na Paraíba*:

Em dias da semana passada, saiu desta capital, com destino ao interior do Estado a “Bandeira Integralista Vidal de Negreiros”, sob a chefia do sr. José Mayrink C. P. Em Campina Grande os camisas verdes realizaram uma importante sessão no Colégio Pio XI (...) No dia seguinte realizou-se uma conferência em Puxinanã. No mesmo dia, quando a Bandeira se dirigiu para Pocinhos, pela estrada de Puxinanã, encontrou-se com o capitão Ascendino Feitosa. Nessa ocasião ele se dirigiu ao Chefe Provincial informando que havia recebido ordens superiores quanto ao fechamento da A.I.B naquele município e não permissão de propaganda e uso da camisa-verde. Com fim de esclarecer definitivamente o caso, enviou a Chefia Provincial um emissário às autoridades estaduais no sentido de procurar colher informações sobre o ocorrido.

Vindo até esta capital o dr. Pedro Bentes procurou as autoridades e com elas conferenciou. Levou um ofício do sr. Chefe de Polícia dizendo que era permitida a propaganda dentro da séde e uso da camisa verde, ao sr. Ascendino Feitosa. Apesar do ofício emanado da Chefatura de Polícia o sr. delegado de Campina Grande continua mantendo o seu ponto de vista de repressão ao integralismo. Essas ordens “superiores” que não foram estabelecidas nem pelo sr. ministro do interior, nem pelo sr. Chefe de Polícia e nem pelo sr. Delegado da Ordem Política e Social, vêm de encontro às leis do país, pois o Integralismo é um partido político de âmbito nacional, registrado no Superior Tribunal Eleitoral e nem mesmo as autoridades estaduais podem fechar um partido legal e reconhecido pelas leis do país. (*A Imprensa*, 12 nov. 1936)

Acreditamos que o impedimento gerado por Ascendino Feitosa ocorreu mediante a percepção da mudança do viés da AIB-PB, se antes os “camisas verdes” paraibanos representavam apenas a expansão doutrinária de uma *Cultura Política* bastante próxima aos dos grupos políticos locais, a partir do desenvolvimento dos preparativos para a campanha nacional, os “camisas verdes” passavam a representar um adversário político que ganhava visibilidade e fôlego com as atuações de José Mayrink. Não temos como afirmar se havia um comando superior para a ação do delegado contra a AIB-PB, o que sabemos é que ações contra o integralismo vinham sendo tomadas em várias partes do país, a exemplo do Paraná, com fechamento de sedes e escolas, e na Bahia, quando os núcleos da AIB também foram fechados sob a acusação de planejarem um levante armado.⁶⁹

Ponto importante para nossa reflexão sobre a queixa contra o delegado é a reação quase instantânea dos integralistas, que com um discurso já pronto, e doutrinado por parte do movimento nacional, visava desmoralizar a conduta da autoridade estadual frente ao

⁶⁹ Sobre o suposto levante integralista, encontramos em nossas pesquisas o inquérito feito pelo delegado baiano, minuciosamente detalhado em 59 laudas, destacando o nome dos envolvidos, as apreensões de artefatos bélicos, os eventuais planos de assassinatos e instalação de um novo governo. Acreditamos que o mesmo foi passado a polícia paraibana por intermédio do Tribunal de Segurança Nacional, o que poderia justificar certa postura repressora. Para maiores informações quanto à vigilância e repressão ao movimento integralista nesse período consultar: SILVA, Giselda B. **A Lógica da suspeição contra a força do Sigma**: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Recife, UFPE. Tese (Doutorado em História) UFPE-CFCH, 2002.

reconhecimento de que o integralismo era um partido legítimo, reconhecido pelo Superior Tribunal Eleitoral. Outro elemento curioso é a disposição ativa do chefe provincial, em meio a necessidade de propagandear o credo e converter potenciais eleitores, José Mayrink envia o ex-chefe provincial Pedro Bentes para um deslocamento desgastante até a capital e o retorno imediato com o ofício para ser entregue ao delegado, esforço que, segundo a mesma matéria, não trouxe resultados, já que o integralismo continuaria sofrendo repressão.

Mesmo em meio às dificuldades provocadas pelo delegado Ascendino Feitosa, a bandeira da AIB-PB gerou frutos, tendo inaugurado mais dois núcleos provinciais em Puxinanã e Canoas, duas escolas, sendo uma delas inaugurada em Pocinhos, e visitado ainda as cidades de Soledade e Areia, onde promoveram sessões públicas, fato até então raro, e que passa a ser recorrente dada a necessidade de agrupar eleitores. Em nota, os membros da AIB-PB faziam questão de transmitir a sensação de heroísmo e bravura, afirmando que “As perseguições não enfraqueceram os integralistas e sim fortaleceram, acelerando a marcha do Sigma no coração da gente heroica dos sertões” (Ibid. 18 nov. 1936). Enquanto a caravana ocorria no interior, o núcleo central organizava um evento em homenagem ao “Dia da Bandeira”, com objetivos de ressaltar o patriotismo do partido, sendo o convidado de honra o vereador integralista pernambucano Arnobio Graça, que discursou depois da apresentação da ritualística da AIB. (Ibid. 19 nov. 1936).

Outra sessão importante, realizada em todos os núcleos da AIB-PB, ocorreu no dia 27 de novembro, onde os integralistas homenageavam os “heroicos militares que morreram na defesa da integridade nacional” no levante comunista de 1935. (Ibid. 27 nov. 1936) A data lembrada, tinha ao nosso entender, uma dupla função, ratificar a periculosidade dos comunistas e demonstrar o integralismo como aliado das forças armadas⁷⁰, conseqüentemente contrário às “desordens” do credo vermelho.

Enquanto a AIB-PB reforçava seu antagonismo ao comunismo, o jornal pessoense *Liberdade*⁷¹, que se proclamava defensor da democracia liberal e já vinha atacando os integralistas paraibanos, afirmava, em matéria de capa, ser o integralismo um movimento extremista igual ao comunismo, sendo assim semelhante a uma melancia, “Verde por fora e vermelho por dentro”:

⁷⁰A tentativa de demonstrar compatibilidade entre a AIB e as forças armadas foi reforçada no final do ano quando em homenagem a “abnegação do marujo” no dia do marinheiro, a AIB-PB realizava uma sessão pública em João Pessoa. (Ibid, 15 dez. 1936).

⁷¹ Jornal *Liberdade*, que se dizia “do povo e para o povo”, foi fundado por Aderbal Piragibe, auxiliado por Anchises Gomes e Alves de Mello. Não era um órgão tão combativo como o objetivo ao qual se propunha, no entanto zelava pela independência e descompromisso com a oficialidade. (ARAÚJO, 1986 p.62).

Para a Democracia, em luta com os seus inimigos ideológicos, não há diferença de extremismos. Porque em ambos é o mesmo o ódio e mesmos são os processos de que lançam mão contra as instituições vigentes em nosso país. A bala do integralista não é mais suave que a bala do comunista. (*Liberdade*, 21 dez. 1936)

Mais do que a simples preocupação com os preceitos democráticos, acreditamos que o jornal *Liberdade* diagnosticava no crescimento integralista estadual e, principalmente, nacional, uma ameaça partidária e tomava posicionamento contrário visando enfraquecer na Paraíba a expansão das ideias do sigma, que cresceriam principalmente no decorrer do ano de 1937, como alertava José Mayrink:

(...) A chefia pretende animar intensamente a propaganda, em Janeiro, focalizando o problema eleitoral, da sucessão presidencial. Conclamam os integralistas da Capital ao comparecimento as sédes, de vez que iniciará, agora, a revisão de fichários para redução dos quadros às proporções reais, com a eliminação dos faltosos. (*A Imprensa*, 05 jan. 1937)

A intenção de intensificar a propaganda partia de uma necessidade e uma orientação nacional, no começo de 1937 o *Monitor Integralista* trazia na capa uma diretiva do chefe nacional, alertando que o ano de 1937 seria o “ano de intenso alistamento eleitoral nas fileiras do sigma”, determinando ainda 7 pontos, conforme exposto abaixo:

1º Que em todos os núcleos municipais do país se verifique quase os integralistas que ainda não são eleitores, marcando-lhes o prazo de uma semana, a contar do dia da verificação, para que se inicie o processo da sua qualificação.

2º Todos os integralistas deverão passar pelo departamento eleitoral do seu núcleo, afim de dar o número do seu título e a sua residência.

3º No acto da inscrição de novos integralistas, estes deverão dar o número de seu título e sua residência ao departamento eleitoral, caso sejam eleitores, ou iniciar, no mesmo acto da inscrição, ou dentro de 24 horas, o processo de sua qualificação.

4º Contra os refractários ao alistamento eleitoral deverá ser aplicada a pena de suspensão e, na reincidência, de expulsão do movimento.

5º Os chefes municipais deverão activar, por todas as formas, a propaganda do alistamento eleitoral, a começar por afixar esta resolução em lugar bem visível na sede do núcleo.

6º Os chefes provinciais respondem pelo cumprimento desta directiva.

7º Esta resolução entra em vigor nesta data e deverá ser publicada em todos os jornais integralistas e permanentemente.

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1937.

Plínio Salgado

Chefe Nacional da A.I.B. (*Monitor Integralista*, 20 fev. 1937)

A busca incessante por eleitores pode ser percebida pela diretiva de Plínio Salgado, no mesmo exemplar do *Monitor* existia um apelo aos “companheiros integralistas”, afirmando que o “Chefe Nacional precisa de UM MILHÃO de eleitores”, não bastando os votos dos “camisas verdes”, sendo preciso os votos da “sua esposa, seus filhos, suas irmãs, seus pais,

todos enfim alistáveis, que vivem no seu lar christão”, já que agora a arma integralista era o voto. (Ibid.). Na Paraíba, enquanto o governo de Argemiro de Figueiredo estampava nos jornais um balanço de suas vultuosas realizações, em virtude do seu segundo ano de governo (*A União*, 27 jan. 1937), os integralistas buscavam aumentar seus quadros com interesses à sucessão presidencial, como nos mostra a nota da AIB-PB no jornal:

Iniciando a fase de propaganda intensificada pela campanha do sangue novo, a Chefia Provincial do Integralismo na Paraíba do Norte vem fazendo larga distribuição de prospectos, visando as diferentes camadas sociais e os diversos grupos profissionais, criando um centro de interesses para os elementos visados na catequese.

Considerando que o movimento nesta parte do Brasil precisa colocar-se no mesmo pé de grandeza em que se acha em todas as grandes unidades da Federação, foi instalado um posto de propaganda eleitoral, provisoriamente a rua Barão do Triunfo. (...) A campanha do sangue novo, orientada diretamente pela Chefia Provincial, visa à inscrição de elementos de responsabilidade social, que venham fortalecer o organismo político da A.I.B. na terra de João Pessoa. Cada camisa-verde da Província, à guisa do que se haveria de fazer na campanha do mais um ou na campanha do natal, terá que promover a catequese de um amigo, através de um oferecimento constante de material de propaganda, convites para as reuniões, esclarecimento de dúvidas, etc.

Os militares, os políticos, os produtores, os médicos, os advogados, os professores, os católicos, os protestantes, os espíritas – todos receberão pequenos manifestos, acompanhados de livros, jornais etc. (*A Imprensa*, 06 jan. 1937)

O ânimo da propaganda do sangue novo tinha como objetivo catequizar novos eleitores para a AIB-PB, para tanto, a seletividade aparentemente mantida na entrada do novo integrante, que tinha que ser “elemento de responsabilidade social”, foi sendo enfraquecida, já que o voto de um católico era equivalente a um de um protestante ou mesmo espírita. Outro ponto interessante é a propaganda dirigida aos militares. A legislação não permitia que os praças votassem, logo a AIB-PB focava nos oficiais e sargentos, pedindo que estes ponderassem “sobre a responsabilidade das pessoas que se elegem, para zelo do BEM PÚBLICO” (Ibid.). A legislação também ausentava os analfabetos que não eram desprezados pelos integralistas, que afirmavam serem eles “olhados com o máximo de interesse, embora não possamos fazer com eles um eleitorado imediato” (Ibid.). Além da doutrina, exposta em folhetos, jornais e livros, cabia ao próprio militante ser a personificação das bonanças integralistas, pregando e convertendo no mínimo, um amigo, dobrando assim o número de eleitores.

Para viabilidade da propaganda pelo interior, a AIB-PB usava as bandeiras e os núcleos municipais. Por isso, no ano de 1937 o integralismo ampliou e muito o número deles, só em janeiro foram criados, respectivamente, os núcleos de Soledade (Ibid. 05 jan. 1937); Bananeiras; Serraria; Guarabira, Mamanguape (Ibid. 19, jan. 1937) e Campina Grande (Ibid.

21 jan. 1937), todos frutos de bandeiras lideradas pelo chefe provincial José Mayrink, que até onde apontam nossas fontes, foi o único dentre os chefes da AIB-PB a se deslocar até os núcleos do Sertão. Sobre esses deslocamentos cabe ressaltar as dificuldades de se transitar pelas cidades paraibanas naquele período, em relato sob o título de *O Integralismo em marcha*, a bandeira “Jaime Ferreira da Silva” que saiu de João Pessoa em direção ao Sertão, gastou até seu retorno a capital, dez dias, devido às circunstâncias das estradas e outros empecilhos. (*A Imprensa*, 02 fev. 1937).

Motivados pelo crescimento e desejando chamar ainda mais atenção, os integralistas anunciavam um congresso da AIB–PB em João Pessoa, nos dias 17 a 21, sendo no dia 19 a realização pública no Teatro Santa Rosa, às 20 horas de sexta-feira. Foram expedidos convites às “altas autoridades do Estado, Governador, Presidente do Tribunal, Presidente da Assembleia, Ensino, Arcebispo, Pastores Protestantes, Presidente da Federação Espírita”, reinando, segundo a notícia, grande interesse da parte da população “por esta primeira prova de vitalidade do Integralismo paraibano.” (Ibid. 18 fev. 1937). Na mesma nota, a secretaria de finanças do núcleo de João Pessoa faz a cobrança nominal de 27 integralistas, ameaçando-os de exclusão caso não retomem o cumprimento das obrigações.

No dia 20 o jornal católico apresentava a cobertura da noite anterior, no Teatro Santa Rosa, afirmando que “A capital presenciou, ontem a instalação do primeiro congresso integralista da Província, que se realizou dentro de um ambiente de grande entusiasmo e vibração”:

Abriu os trabalhos o Chefe Provincial, que começou agradecendo às famílias e demais brasileiros presentes que enchiam completamente o recinto da velha casa de diversões, e especialmente o Tte. João de Sousa e Silva representante do exmo. Sr. Governador do Estado, e ao sr. Delegado da Ordem Política e Social, o conforto e o prazer do seu comparecimento.

Em seguida concedeu a palavra ao sr. Agostinho Serrano que pronunciou expressivo discurso. Em seguida usa da palavra o sr. Ivan Bichara que focaliza em linhas gerais o histórico do Movimento Integralista e o seu sensível e crescente desenvolvimento nesta Província. Recita uma poesia Maria Inês Batista. Depois fala Eliseu Lira, chefe municipal de São José que traça bem firmes conceitos em torno da maneira com que o Integralismo encara a organização do Trabalho. Encerrando, fala finalmente, o Chefe Provincial Mayrink que por espaço de quase duas horas fez vibrantes e felizes comentários em torno da Doutrina do Sigma. O seu discurso foi interrompido varias vezes por salvas de palmas. Por fim, com a cerimônia de estilo e com o Hino da Pátria cantado pelos camisas-verdes foi encerrada a sessão de instalação do Congresso Provincial que ora se está realizando nesta capital. Ao mesmo compareceram delegações de todos os Núcleos do Estado, mesmo os mais longínquos. (Ibid, 20 fev. 1937)

A ausência de Argemiro de Figueiredo nos pareceu bem estratégica, mais do que um simples congresso doutrinário, o congresso integralista tinha como objetivo agregar boa parte dos seus membros com fins eleitorais, o governador paraibano já tinha seu partido e mais tarde seu próprio candidato a presidência⁷², logo, no nosso entender, enviar representantes foi uma saída bem diplomática. O arcebispo paraibano, Dom Moisés, também não se fez presente, enviando por meio de correspondência ao chefe provincial, que no dia da conferência estava em visita pastoral, mas fazia votos para que “grandioso nobre ideal Deus, Pátria e Família (...) prossiga seu glorioso triunfo como dique ação maléfica ao infausto comunismo.” (Ibid, 04 mar. 1937). Conseguindo lotar as cadeiras e os camarotes do teatro, os integralistas tiveram excelente oportunidade para divulgação de sua *Cultura Política*.

Os discursos vibrantes, a poesia, o canto do hino, o fardamento e disciplina mostrados no congresso, faziam parte não mais de um pensamento que pregava o uso da força para o alcance do poder, mas de um pensamento que visava ter êxito por meio das urnas, atingindo a população presente, que estava enquanto plateia, bem como os próprios integralistas que deveriam ser “contagiados” com a empolgação do movimento. José Mayrink ao exortar os chefes municipais, que o “Congresso Provincial (...) deve ter sido para vós, não só um motivo para balanços de forças, como também ponto de partida para uma propaganda intensiva e persistente”, transmitia também a responsabilidade do futuro, afirmando que chegava a hora “Da Paraíba heroica. Da Paraíba cristã. Da Paraíba sadia” e que estava nas mãos dos chefes provinciais a sorte do Integralismo no Estado. “Na vossa dedicação e no vosso trabalho está a menor ou maior (...) reação nacionalista que a Paraíba oferecerá no caso de uma revolta orientada por Moscou” (Ibid.). Por meio dessa responsabilidade e ânimo novo, a AIB-PB inaugurou, entre fevereiro e março, mais seis núcleos municipais, respectivamente em Pombal (Ibid. 05 fev. 1937); Esperança, São Francisco, Areia, Pilões e Coremas (Ibid. 18 mar. 1937), ao ponto que o núcleo central recebia nova instalação no “Magnífico Prédio da av. Guedes Pereira n 58” (Ibid.).

Em maio o jornal *Monitor Integralista* formaliza o que já vinha sendo afirmado por Plínio Salgado, a resolução para procedimento de um plebiscito para a escolha do candidato integralista a presidência da República, justificando dentre outros pontos que:

(...) CONSIDERANDO:

(...) que assim sendo, são os integralistas os homens do Brasil que maior soma de liberdade individual possuem, ao ponto de a despenderem prodigamente em

⁷² O candidato à presidência que recebeu apoio de Argemiro de Figueiredo foi o paraibano José Américo, escolhido para concorrer as eleições em maio de 1937.

benefício da disciplina, que por sua vez se torna a máxima segurança da manutenção das liberdades, (...) Que a Acção Integralista Brasileira quer implantar no Brasil a verdadeira democracia, dentro da qual a Autoridade deve ser respeitada, a Ordem mantida, a Justiça executada (...) Que o Chefe Nacional da Acção Integralista Brasileira não quer ser chefe de escravos, de inconscientes, de autômatos, e sim chefe de homens absolutamente livres, não só na escolha e aceitação espontânea da disciplina a que se sujeitam para engrandecer a Pátria e garantir liberdades, mas também para escolha e proclamação daquele que deve encarnar o princípio sagrado da Autoridade (...) Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1937. (*Monitor Integralista*, 12 mai. 1937)

A proposta do plebiscito para a escolha do candidato integralista as eleições presidenciais tinha como explícita intenção, desvincular os adjetivos de partido fascista da Acção Integralista Brasileira, buscando criar a imagem do partido mais democrático do Brasil, colocando seus militantes como os mais livres do país na tentativa de inserir no jogo político que se delineava a distinção entre a “verdadeira liberdade” pregada pelos “camisas verdes” e as propostas desviantes dos demais partidos. O regulamento do plebiscito afirmava que todo integralista devidamente inscrito, contendo 17 anos completos, sendo ou não eleitor, poderia participar do processo, sendo o voto executado “com plena liberdade de escolha”, assinalando no livro o nome do candidato e posteriormente em “voz alta” tornando-o público para os presentes, o que acreditamos ser uma estratégia para inibir ações de divergências. O mesmo regulamento ainda apresentava indícios sobre a provável escolha do plebiscito ao afirmar que “No caso do Chefe Nacional ser o escolhido, ele não poderá valer-se da sua autoridade para deixar de cumprir a vontade de seus comandados”. (Ibid.)

Os números oficiais do plebiscito indicam a vitória esmagadora de Plínio Salgado com 846.354 votos, o que não foi surpresa, seguido por Gustavo Barroso com 1.397 e Miguel Reale com 164 (*Monitor Integralista*, 17 jul. 1937). Na Paraíba não tivemos acesso a todo o levantamento do plebiscito, mas em levantamento parcial apresentado pela cobertura do jornal *A Imprensa*, foi destacado que na região com sede em João Pessoa: Plínio Salgado teve 70 votos, seguido por Gustavo Barroso que teve 3. Na região com sede em Pocinhos, Plínio teve 70 votos; na região com sede em São Gonçalo Plínio Salgado teve 84 votos; e na região com sede em Bananeiras, Plínio Salgado teve um total de 12 votos, contabilizando ao todo 236 votos para o chefe nacional. (*A Imprensa*, 27 mai. 1937). O mais intrigante é que por meio dos números oficiais integralistas, os dois candidatos que concorreriam como adversários de Plínio Salgado a campanha presidencial foram votados, ficando Armando de Sales Oliveira em 19º com 57 votos e José Américo de Almeida em 23º com 27 votos. (*Monitor Integralista*, 17 jul. 1937)

Os números publicados mais uma vez se confrontam com os números que não vieram a público, o que ratifica a contínua ação de manipulação do movimento. Na mesma informação do jornal *A Imprensa* sobre o plebiscito, é informado que na região de São Gonçalo, 57 integralistas teriam votado no paraibano José Américo, número que acreditamos ter sido ainda maior se contabilizados os votos de outras provinciais, como nos mostra a cópia do livro registro do plebiscito do núcleo municipal de Rio Branco - Pernambuco:

GABINETE DA CH FIA	
24 de maio de 1937	
COPIA DO LIVRO REGISTRO PLEBISCITARIO	
FOLHA 1 VERSO -	VOTANTE
	CANDIDATO
Trajano Pires da Nobrega	José Americo de Almeida
Laure Mendes	Plinio Salgado
Abdias Cordeiro da Silva	Plinio Salgado
Olympio Fraga Junior	Plinio Salgado
José Estansláu Gomes	Plinio Salgado
Antonio Gomes dos Santos	Plinio Salgado
José Pacheco Freire	Plinio Salgado
Gerson de Siqueira Freire	Miguel Reale
José Nazareth Guerra	Miguel Reale
Arnaldo Pontes Barbosa	Gustavo Barroso
James Pacheco de Albuquerque	Miguel Reale
Adalgisa Alves Cavalcanti	Plinio Salgado
Iracema Cavalcanti	Plinio Salgado
Manoel de Oliveira Freitas	Plinio Salgado
Lodonio Noronha	José Americo de Almeida
Manoel Rodrigues de Freitas	Plinio Salgado
Alceu Alves Maciel Feitosa	Plinio Salgado
José Wilson Rosas	Gustavo Barroso
José Bezerra do Amaral	Plinio Salgado
João Tenorio Neto	Plinio Salgado
José Pinheiro de Souza	José Americo de Almeida
Antão de Siqueira Fontes	José Americo de Almeida
Ananias Bezerra Lima	Não soube votar
Raymundo Feitosa (analfabeto)	Plinio Salgado
Antonio Napoleão Arcoverde	Plinio Salgado
Luís Bezerra de Lima	José Americo de Almeida
Gumercindo Gomes	Plinio Salgado
Pedro Pacheco de Melo	Plinio Salgado

FONTE: Arquivo do DOPS – APEJE

Como nos mostra o registro, dos 28 integralistas votantes, 1 não soube votar, 16 votaram em Plínio Salgado, 2 votaram em Gustavo Barroso, 3 em Miguel Reale e 6 em José Américo, dentre eles o paraibano Trajano Pires da Nóbrega⁷³, que auxiliava o núcleo pernambucano, como relatou em comunicado o chefe municipal de Rio Branco, Antônio Napoleão Arcoverde ao chefe provincial pernambucano. Por meio desses números

⁷³ O *Monitor Integralista* apresentava a possibilidade de “camisa verde” não estando em seu núcleo de origem poder votar em outro núcleo.

acreditamos que podemos descartar a simples inversão numérica existente entre o posicionamento no resultado do plebiscito de Armando Sales e José Américo.

Quanto à aproximação em relação aos integralistas paraibanos e José Américo, o mesmo Antônio Napoleão Arcoverde, em outro comunicado a chefia provincial pernambucana informa que esteve em sua residência um cidadão de Alagoa de Monteiro, província paraibana, dizendo que não se formou um núcleo integralista naquela localidade por ausência de alguém que levasse a palavra de ordem. Depois de caracterizar o visitante como sendo “comodista e mesmo egoísta, não servindo para o nosso movimento senão como simples camisa verde”, o chefe de Rio Branco informa que o “cidadão a quem me refiro é um comerciante muito acreditado e trabalhador e chama-se Darcilio Gomes Rafael. É muito Zeamerianizado, como a maioria dos paraibanos, isto porém, não será nenhum empecilho. (Documento do Dops – APEJE 01 jun. 1937). Ao que parece, a ideia dos paraibanos, incluindo os próprios integralistas, serem muito “zeamericanizados”, não seria motivo suficiente para dificultar as projeções do movimento, o que ao nosso entender pode ser explicado pela confiança de que a *Cultura Política Integralista* teria capacidade de moldar pensamentos, “exorcizando” o apego ao candidato José Américo e enquadrando-o como eleitor convicto de Plínio Salgado.

Ivan Bichara em entrevista concedida ao CPDOC em parceria com a UFPB chegou a afirmar ter sido a candidatura de José Américo capaz de empolgar sem exceção “todas as correntes de opinião na Paraíba. E foi aí que, de certa maneira, dissolveu-se a Ação Integralista Brasileira na Paraíba (...)” (BICHARA, 20 mar. 1980 p.5). No mesmo relato, o ex-integralista afirmou ter apoiado José Américo e não Plínio Salgado, fato inverídico, mas justificado mediante o desenvolvimento da memória sobre o movimento integralista⁷⁴ e a postura do entrevistado enquanto homem importante da política paraibana, ex-governador no período da entrevista. Se Ivan Bichara continuara apoiando Plínio Salgado, Hortensio Ribeiro, participante do triunvirato integralista paraibano, ao que parece já desligado do movimento,⁷⁵ prestou declarado apoio a José Américo (*Voz da Borborema*, 16 jul. 1937).

Enquanto a AIB e principalmente a AIB-PB demonstrava certa divergência, o que foi apresentado como prova da liberdade da livre escolha integralista e assim da democracia, o

⁷⁴ Sobre o processo de enquadramento da memória integralista, consultar CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas**. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

⁷⁵ Não encontramos no Jornal *A Imprensa* notas de expulsão além da de Pedro Batista, mas ao que parece muitos foram os integralistas que abandonaram o movimento, como o próprio Hortensio Ribeiro e Chileno de Alverga.

jornal pessoense *Liberdade*, apelava a polícia para que tomasse providências contra os abusos dos integralistas paraibanos:

(...) Aqui só conhecemos uma força e só respeitamos um princípio: a Democracia. Eis porque temos oferecido franco combate, tanto ao extremismo da esquerda como ao de direita; tanto ao comunismo como ao integralismo. Ambos tentam a derrubada do regimen, a desagregação da família brasileira, a instalação de um caos permanente na vida nacional.

Na Paraíba, não sabemos por que, os adeptos do sigma – felizmente uma ínfima quase que imperceptível parcela do nosso povo – gozam de regalias extremas, perambulando acintosamente pelas ruas principais da capital, ostentando a camisa verde e revolver à cinta.

Os liberais democratas não podem sequer fazer comentários, ainda mesmo respeitosos, em rodas de amigos, porque se um integralista estiver por perto e presentir a palestra, promoverá desordens perturbando assim o sossego e a paz da família paraibana.

Em sua sede, na avenida Guedes Pereira, “eles” realizam sessões, às escancaras, onde se pronunciam discursos subversivos contra o regime e os homens que nos governam. E durante essas reuniões – isto que é o mais grave ! – distribuem ao longo da calçada da sede 4 ou 5 membros do Sigma para policiar o local ao que “eles” chamam de “brigada de choque”.

Ainda sábado, à tarde, um grupo de integralistas, tendo à frente o chefe Mayrink, agrediu o dr. José Mousinho e o sr. Itagiba Chaves que na ocasião palestravam numa das bancas do “Bar Werner”

Os integralistas feriram as suas vítimas, exibindo ainda quilométricos revólveres. Ontem à noite, no “Café Alvear” deram-se novas arruaças dos “camisas verdes”, obrigando a intervenção enérgica do inspetor de polícia social (...). (*Liberdade*, 04 mai. 1937)

A notícia do jornal, mesmo em meio a alguns exageros, como a parte dos “quilométricos revólveres”, apresenta a concretização do integralismo enquanto incômodo político. Se apenas ínfima, quase imperceptível parcela da sociedade paraibana aderiu a AIB-PB, por que razão o jornal dedicava sua matéria de capa para acusá-los? O relato sobre “brigada de choque” nos parece bem provável, já que a AIB-PB possuía na secretaria de Educação Moral, Cívica e Física, treinamentos anuentes a de uma milícia, visando dentre outras coisas gerar proteção às cerimônias. A agressão feita pelos integralistas, se mesmo provocadas por questões políticas e ideológicas, nos revela que nesse momento, não mais apenas os comunistas eram alvos concretos, mas até mesmo partidários do liberalismo eram combatidos pelos integralistas paraibanos, que se achavam no direito de rebater, até mesmo fisicamente, o que eles entendiam por afrontamentos. No final da matéria o jornal destacava o fato de que o estado de guerra estava em vigor e que não seria justo manter as medidas coercitivas atingindo apenas o comunismo.

No dia do plebiscito integralista, a AIB-PB realizou um evento público, onde o chefe José Mayrink focou nas “imperfeições do sistema liberal democrático” (*A Imprensa*, 25 mar.

1937), momentos antes da irradiação da fala de Plínio Salgado, que segundo o jornal *Liberdade*:

(...) O chefe da “Ação Integralista Brasileira” condenou os processos que, diz ele, vêm sendo usados para a escolha do candidato da maioria, afirmando que em 1930 fez-se uma revolução para se acabar com a indébita interferência dos Governos da Nação e dos Estados na escolha do presidente da República.

Hoje, continuou, os governadores reúnem-se numa convenção que nada tem de democrática, para impõem à Nação um candidato às futuras eleições.

O sr. Plínio Salgado, depois de emitir vários conceitos sobre a Democracia e sua finalidade no seio das nações cultas, disse que essa Democracia vem sendo exercida pelo integralismo que, ainda agora, consulta, não aos seus chefes, mas a massa integralista brasileira, sobre o candidato do Sigma.

O seu discurso foi longo e doutrinário.

É sobremodo lamentável que os partidários do Sigma, na Paraíba, houvessem desvirtuado a boa ética que deve presidir a todas as campanhas de carácter ideológico, pronunciando discursos claramente subversivos, alguns deles francamente hostis ao presidente Getúlio Vargas e ao governador Argemiro de Figueiredo. E a Polícia Social? (*Liberdade*, 24 mai. 1937)

A referência de Plínio Salgado ao “candidato da maioria”, que era o paraibano José Américo de Almeida, escolhido pelos governadores e líderes políticos nacionais, demonstrava o que já apontamos, a tentativa de moldar o integralismo a um partido mais democrático do que os concorrentes. Enquanto o jornal oficial do governo ignorava as ações da AIB-PB e divulgava festivamente a homologação de José Américo pelas “forças majoritárias”⁷⁶ (*A União* 26 mai. 1937), o jornal *Liberdade* não deixava de atacar o integralismo tentando insuflar o governo de Argemiro de Figueiredo contra os “camisas verdes”. Em meio aos ataques do jornal *Liberdade*, o chefe provincial José Mayrink, publica extensa nota no jornal católico, sob o título de *Serenidade e consciência*, revidando as acusações e denunciando as dificuldades sofridas pelo integralismo na luta contra “senhores dos feudos” :

Todas às vezes em que a impaciência de adversários alarmados com o desenvolvimento da campanha dos integralistas, na terra de Vidal de Negreiros, crê uma situação qualquer, em que procuram envolver nossos passos, a Chefia Provincial deixa transcorrer alguns dias, que o tempo, naturalmente, se encarrega de confundi-los e desmoralizá-los.

(...) porque estamos na província brasileira menos fácil de trabalhar, por circunstâncias que saltam aos olhos de todo mundo (...) Não que tenhamos sofrido, até aqui, nenhuma coação por parte do governador do Estado, dr. Argemiro de Figueiredo (...) conhecedores dos hábitos dos nossos adversários, sempre ocupados em monopolizar o direito de propaganda eleitoral, já impedindo nossos comícios e fazendo-os, em praça pública; (...) Teremos que bater as portas do Tribunal Eleitoral,

⁷⁶ Nesse momento não apenas o jornal oficial declarava apoio a candidatura de José Américo, todos os jornais analisados apresentavam euforia a possibilidade de “um filho da terra” chegar a presidência da República. A *Imprensa*, mesmo demonstrando anuência aos outros jornais, no que diz respeito ao apoio a candidatura de José Américo, abria dosados espaços para a campanha integralista.

dentro do estabelecido pela Lei de Segurança Nacional e pela Lei que estabeleceu o Estado de Guerra do País. (*A Imprensa*, 29 mai. 1937)

Os “senhores feudais”, apontados por José Mayrink, são os líderes dos grupos oligárquicos que não estavam satisfeitos com a projeção da AIB-PB. Na terra do paraibano José Américo, pertencente ao Partido Progressista, as liberdades de propagandas de adversários políticos não poderiam ser facilitadas, e quando possível deveriam ser repreendidas⁷⁷. Fator curioso é que mesmo atacando os adversários, os integralistas faziam questão de ausentar o interventor Argemiro de Figueiredo⁷⁸ de qualquer atuação arbitrária, prestando, inclusive, elogios a sua atuação política e direcionando posicionamento de admiração e respeito, como no caso do encontro de alguns membros da AIB-PB com o governador no Palácio da Redenção, onde os integralistas visavam pedir autorização para propaganda, tendo recebido do governador garantias para tal. A nota do jornal católico que publica tal encontro chega a afirmar que Argemiro de Figueiredo fez referências elogiosas ao movimento do sigma, “reafirmando as suas simpatias pelas ideias do Integralismo chegando até a dizer que mesmo que desaparecessem os homens o integralismo persistiria, porque uma ideia boa não morre.” (Ibid. 10 jul. 1937). Em um cenário bastante efervescente como o paraibano, a nota do jornal *A Imprensa* deixava Argemiro de Figueiredo enrascado, tendo assumido apoio ao seu colega de partido, José Américo, não poderia gerar munições para propaganda integralista.

No outro dia, em matéria de capa, o jornal oficial do governo destaca a visita dos integralistas a Argemiro de Figueiredo, esclarecendo os fatos e acusando o jornal católico de publicar uma nota inverídica e de trabalhar contra o governo, além de relatar que o chefe provincial da AIB-PB tinha desmentido a notícia. (*A União*, 11 jul. 1937). Dias depois o próprio chefe integralista, José Mayrink, esclarece o caso como um incidente, afirmando que o jornal católico não cometeu mentira alguma, e que a culpa cairia “sobre os ombros de seu Secretário de Imprensa” que escreveu uma redação pouco recomendável, “porque se presta a todas as interpretações” (*A Imprensa*, 13 jul. 1937). No mesmo dia, o jornal *Liberdade*, foi ainda mais enfático nas acusações e destacou que “(...) Os integralistas entenderam de

⁷⁷ Devido o estado de guerra, que acabara em julho de 1937, os comícios estavam proibidos.

⁷⁸ Não encontramos em nossas fontes elementos que apontassem para atuação da figura do então governador Argemiro de Figueiredo contra a AIB-PB. O mesmo buscou dar legitimidade ao discurso de liberdade e igualdade no decorrer da campanha, tendo a polícia estadual reprimindo inclusive um discurso pró José Américo, por ter o orador usado de “palavreado inconveniente e infamante contra os integralistas” (*A Imprensa*, 09 set. 1937). Outro exemplo que ratificaria o posicionamento “imparcial” de Argemiro Figueiredo frente aos integralistas foi o ordenamento de investigação pedido pelo próprio governador, para que se apurasse repressão do subdelegado de Pocinhos ao chefe integralista daquela localidade.

espalhar pela sua imprensa que o governador Argemiro de Figueiredo aderira aos camisas-verdes” e que tal prática era normal numa época de “abastardamento, do disse e não disse, onde o público sensato que confronte essas atitudes e faça um juízo seguro dos que querem transformar o Brasil numa senzala de escravos” (*Liberdade*, 13 jul. 1937). As trocas de farpas via imprensa provocou um desentendimento físico, entre o gazeteiro do jornal *Liberdade* e os integralistas, onde segundo nota do próprio jornal *Liberdade*, o gazeteiro foi “Estupidamente seviciado”:

(...) Jornal de livre opinião, *Liberdade* entendeu de comentar certas atitudes chocantes dos integralistas desta cidade, que após uma visita ao governador Argemiro de Figueirêdo alardearam que S. Ex.^a, aderira a esse credo extremista. (...) Os “camisas verdes” não gostaram dos nossos comentários (...). Ontem, por volta das 21 e 30, o gazeteiro Alcides Chagas da Silva, bastante conhecido nesta capital pela sua atividade profissional, apregoava o *Liberdade* que trazia os referidos comentários à visita dos integralistas ao governador Argemiro de Figueirêdo. Ao aproximar-se inadvertidamente da sede integralista (...) foi o pequeno vendedor de jornais agarrado por um grupo de “camisas verdes” que o seviciou barbaramente, não tendo o fato maiores consequências devido a intervenção imediata e enérgica da polícia da Ordem Social que compareceu incontinenti na pessoa do inspetor Manuel Formiga (...). Os agressores tornaram-se verdadeiras feras humanas, pois tentaram até reagir contra a polícia afim de não entregar a vítima. (*Liberdade*, 14 jul 1937)

A nota do jornal ainda aponta que o inquérito foi feito mediante inúmeras irregularidades, tendo o gabinete do delegado sido “invadido pelos camisas verdes que acintosamente assistiram os depoimentos, entre risinhos e chacotas” (Ibid.). Bem diferente do relato do jornal *Liberdade*, o jornal *A Imprensa* divulgou o envio de um telegrama ao Tribunal Eleitoral, Governador do Estado e a Imprensa carioca, onde o chefe provincial José Mayrink relatava o ocorrido com o gazeteiro da seguinte forma:

(...) venho trazer conhecimento vossência fato verificado ontem à noite atentatório segurança nossa propaganda eleitoral (...). Em virtude altercação um gazeteiro e um integralista fóra da sede fechada apenas Secretário Provincial, Junta Executiva Campanha Eleitoral e Secretário Municipal Serviços Eleitorais João Pessoa (...) Agentes de ordem social obedecendo ordem invadiram sede General Ozorio ostentando armas de fogo prendendo aquelas duas autoridades serviços eleitorais vasculhando todo edifício pt Agente Formiga repetia enunciando preparo antecipado de cousa que queria o Chefe insistindo sempre na pergunta onde está o Chefe o valentão? Sede eleitoral ficou abandonada ordem policial daria guarda pt Regressando mais tarde recebemos sede papéis eleitorais em andamento nossa organização partidária entregues nas mãos dos adversários políticos (...). (*A Imprensa*, 15 jul. 1937)

Os relatos, como podemos observar, são inteiramente divergentes, a começar pelo número de integralistas que se envolveram contra o gazeteiro, sendo um grupo como relatou o primeiro jornal, ou apenas um, como relatou o chefe provincial. O fato é que a indefinição da

verdade ratifica o quanto a propagação das ideias beiram os interesses políticos, o jornal *Liberdade* tinha interesse em ver a AIB-PB proibida e mais uma vez pedia providências as autoridades para que agissem de maneira mais dura. Por sua vez, José Mayrink, que não estava presente no local, denunciava as arbitrariedades dos agentes da lei, colocando como pretexto da queixa a violabilidade das atividades eleitorais e o interesse pessoal do agente Formiga, que estava a persegui-lo. É exatamente a partir desse momento que a AIB-PB sofrerá uma série de dificuldades para propagar sua campanha, mesmo tendo garantias do governador, que na teoria consentia para todos os partidos os mesmos direitos. Na prática e, principalmente no interior, a situação era bastante complicada, se antes a AIB-PB era ignorada perante os chefes locais, por apenas se apresentar como doutrina contrária ao comunismo, agora a AIB-PB era uma ameaça partidária e por inúmeras vezes teve sua liberdade ameaçada.

Em meio aos abusos, José Mayrink voltaria a apelar para o Tribunal Regional Eleitoral, queixando-se de novas perseguições e atentados contra o partido integralista, segundo o novo telegrama do chefe da AIB-PB, após uma confusão em frente à casa do advogado João Santa Cruz, o delegado de Ordem Social, “único que tem demonstrado alguma isenção de animo”, evitou a depredação da sede integralista. No mesmo telegrama é apresentada a queixa em relação a Campina Grande, onde arrancaram a “taboleta do posto eleitoral” e nada foi feito, José Mayrink encerra afirmando que prevê a repetição intensa de tais episódios que são encarados como “atentatórios fóros civilização Paraíba”. (Ibid.20 jul. 1937)

A previsão do chefe integralista estava correta, em passagem pelo núcleo de Sousa, Mayrink afirma em telegrama dirigido mais uma vez ao Tribunal Eleitoral que os comícios integralistas estavam ocorrendo sem nenhuma garantia de segurança, e que supostas denúncias de subversão por parte da AIB-PB não passavam de pretextos para depredação das sedes, o chefe provincial alegava que antigos elementos da Aliança Nacional Libertadora compareciam armados nas manifestações integralistas e que as autoridades nada faziam, enquanto os membros da AIB-PB tinham suas bagagens revistadas. (Ibid. 08 ago. 1937). Percebemos, nos envios dos telegramas de José Mayrink, a antecipação de justificativas perante supostos desvios integralistas, ao que nos parece uma tentativa de ausentar qualquer culpabilidade dos seguidores do sigma, contudo, não podemos deixar de perceber as suas inúmeras denúncias ao Tribunal, como um refúgio às dificuldades de desenvolver uma campanha contra o candidato da terra: José Américo.

Em nota no jornal católico, um integralista de nome José Nobrega, denunciava que indo “pacatamente” assistir à sessão doutrinária, junto com mais dois companheiros na cidade de Soledade, foram surpreendidos pela polícia que rasgou a “camisa verde do companheiro Manuel Xavier” e ainda tentou rasgar a camisa dele e do dr. Trajano Nobrega, “no que não puderam”. (Ibid. 15 ago. 1937). Retornando do Ceará, onde participou de uma caravana, José Mayrink afirmou que participou de seis comícios com totais garantias do governo, fato que não acontecia na Paraíba. O chefe em mais um envio de telegrama ao Tribunal, criticava as “Medidas de caciquismo político” e alertava para os atentados às sedes de Pocinhos, Canôas e Puxinanã, acrescentando as ameaças de morte que vinha sofrendo (Ibid.). Não sabemos se devido aos confrontos e ameaças, ou por estratégia administrativa, José Mayrink deixou a chefia provincial da AIB-PB assumindo em seu lugar Agostinho Serrano, comerciante de João Pessoa, que até então liderava o integralismo na capital e seria o último chefe provincial.

A troca de chefes não amenizou o clima hostil, o jornal católico denunciava o apedrejamento sofrido pelos membros da AIB-PB em Campina Grande, onde em preparos para um comício os integralistas foram atacados a pedradas por pessoas estimuladas por comunistas. (ibid. 22 ago. 1937). Ao afirmar ser o ataque arregimentado pelos comunistas, os integralistas tentavam polarizar a campanha, quem não fosse integralista ou não apoiasse a candidatura de Plínio Salgado consequentemente seria comunista. O jornal *Liberdade* relata esse episódio afirmando que “Agostinho Serrano, torce falsamente a verdade quando só ver em Campina Bolchevistas”; segundo o mesmo jornal, não ocorreu agressão física, a população apenas vaiou os integralistas e gritou “vivas a José Américo”. (Ibid. 26 ago. 1937). Em meio a todo esse acirramento, o “perigo vermelho” viria mais uma vez à tona. No dia 28 de setembro o chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, general Góes Monteiro, anunciou em rádio e repercutiu em vários jornais nacionais, a “descoberta” de um plano comunista⁷⁹, cujo objetivo era derrubar o presidente Getúlio Vargas. A partir dessa “descoberta” o pleito eleitoral foi suspenso, e posteriormente todos os partidos políticos entrariam na ilegalidade.

⁷⁹ Esse plano ficou conhecido como “Plano Cohen” e foi falsificado pelo capitão Olímpio Mourão Filho, membro do Serviço Secreto Integralista. Por meio dessa manobra Vargas conseguiu permanecer no poder até 1945.

2.6. INVERTENDO A IMAGEM INTEGRALISTA: A AIB-PB NA ILEGALIDADE

Com a repercussão do suposto plano comunista, Getúlio Vargas deixou a nação espantada, o Congresso Nacional decretou Estado de Guerra, suspendendo os direitos constitucionais e atribuindo uma maior autonomia governamental ao chefe do executivo, que em 10 de novembro de 1937 decretava o *Estado Novo*⁸⁰, com uma nova constituição, que de acordo com o governo, estaria apta para defender o Brasil da ameaça comunista. Com o advento da nova modelagem política, os integralistas acreditavam que dividiriam a administração com Getúlio Vargas, Plínio Salgado coordena um grande desfile com 50 mil camisas verdes e apontava seu apoio ao presidente:

Assim começou o chefe do Integralismo: Camisas Verdes, Brasileiros, Comemorando o Centenário de Couto de Magalhães, realizamos, hoje um imponentíssimo desfile (...). Essa parada teve duas finalidades; 1º) render uma homenagem àquele grande vulto nacional; 2º) afirmar a nossa solidariedade ao Presidente e às Forças Armadas contra o Comunismo e a anarquia liberal-democrática na criação de uma ordem nova. (...) O momento nacional exige uma definição. Sempre pensei não ser o Presidente da República, mas o Condestável da Nação. (*A Imprensa*, 04 nov. 1937)

Mais do que simples homenagem, Plínio Salgado desejava demonstrar força mobilizando os integralistas para galgar um cargo na administração de Getúlio Vargas,⁸¹ na medida em que o Estado Novo tinha muita compatibilidade com os preceitos doutrinários da AIB, ao menos essa era a impressão inicial. Agostinho Serrano, chefe do integralismo na Paraíba, compartilhando esse sentimento de pertencimento ao governo novo declarava que “aqueles mesmos políticos que chamavam o Integralismo de extremismo da direita e de antidemocrático, foram os primeiros a prestigiar a Ordem Nova que possui densa e poderosa contribuição de Integralismo.” (Ibid. 13 nov. 1937). Na visão do sigma, Getúlio Vargas compensaria todo o esforço e apoio dado, fato que não aconteceu.

Em meio ao entusiasmo integralista, a AIB-PB recebia convite para participar de um grande desfile em Recife, com o mesmo intuito de demonstração de força, onde estariam reunidas delegações de Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. (Ibid. 11 nov. 1937). Um dia antes de partirem para Recife, os integralistas promoveram desfile na capital João Pessoa, o maior até então da Paraíba, “reunindo cerca de 400 Camisas Verdes (...) realizado

⁸⁰ Para maiores informações consultar CAPELATO, M. H. R. Estado Novo: novas histórias, *In: Historiografia Brasileira em Perspectiva*, Universidade da São Francisco, São Paulo: Contexto, 1998. p. 192.

⁸¹ Para compreender melhor os interesses do chefe integralista, consultar: SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. Obras Completas 2 ed. São Paulo. Editora das Américas 1955.

na maior calma, não se registrando nada de anormal”. (Ibid. 17 nov. 1937). Em relação ao desfile de Recife, a nota do jornal apresenta como “um espetáculo majestoso tendo formado cinco mil homens e oitocentas senhoras e senhorinhas (...). Tomaram parte no desfile os integralistas de Recife do interior de Pernambuco e uma delegação de 400 homens da Paraíba” (Ibid. 17 nov. 1937). Esses desfiles proporcionaram um pouco mais de força para a AIB-PB. Nesse momento, ingressar ao integralismo não era mais um gesto contra a democracia e contra José Américo, tanto é que o jornal católico publicava a adesão ao integralismo dos drs. Paulo Alfeu Miranda Henriques e Meira de Menêzes, o primeiro agrônomo da Diretoria de Produção do Estado e o outro era Diretor da Estatística Estadual (Ibid. 18 nov. 1937).

No Dia da Bandeira, a AIB-PB organizava uma solenidade onde, dentre os vários oradores integralistas, falou o reverendo Padre Joaquim de Sousa que pronunciou vibrante e comovida alocução sobre a bandeira:

(...) Verificava, que naquele ambiente reinava a sinceridade e o são patriotismo e que por isso dirigia, alegremente aos bravos camisas-verdes, a sua palavra de fé e de confiança nos destinos do Brasil.

Continuando, afirmou que não era integralista, mas que não podia esconder o seu entusiasmo pelo Integralismo, a única força organizacional do Brasil contra o Comunismo. (Ibid, 21 nov. 1936)

Como podemos observar na fala do padre, a AIB-PB ausente do campo eleitoral, voltava a ser destaque positivo na luta contra os comunistas, principalmente nas ações patrióticas que não findavam. No final de novembro, os membros da AIB-PB realizavam sessão em homenagem “aos bravos soldados e militares patrícios, sacrificados pelo ódio bolchevista”. Na sessão estiveram presentes integralistas pernambucanos, tendo falado como um dos oradores o capitão do exército, Volnei de Castro, afirmando que “O Integralismo estava com o Exército e com a Marinha Nacional, pronto a dar o sangue dos seus membros se a Pátria exigir”. (Ibid. 01 dez. 1937).

Nos primeiros dias de dezembro mais dois núcleos integralistas eram inaugurados, os últimos da província, um em Pedro Velho, município de Ouro Preto e outro em Queimadas. Ao todo, diante de nossos registros a AIB-PB alcançou trinta e três núcleos⁸², sendo um

⁸² Estes núcleos eram divididos em quatro áreas, chamadas pelos integralistas de regiões. A primeira região era composta pelo espaço metropolitano da capital, contendo João Pessoa, Jaguaribe, Torre, Cruz das Armas e Santa Rita. A segunda era composta pela região agreste, tendo Pocinhos, Campina Grande, Puxinanã, Soledade e Canoas. A terceira era formada pelos núcleos do sertão com Catolé do Rocha, Cajazeiras, São Gonçalo, Lavras etc e a quarta região tinha os núcleos Bananeiras, Guarabira, Areia etc. (*A Imprensa*, 24 jan. 1937).

núcleo central, vinte e oito municipais, três distritais, e um núcleo rural, como nos mostra o quadro abaixo:

NÚCLEOS DA AIB-PB E SEUS RESPECTIVOS CHEFES 1933-1937

NÚCLEO	CHEFES
JOÃO PESSOA – CENTRAL	Pedro Batista (1933-1935); Ordival Gomes (jul.1935); Antônio Francisco da Costa Filho (Jul.1935-jan.1936); João da Veiga Cabral (jan-jul.1936); Pedro Bentes (jul-set.1936); José Mayrink de Sousa Mota (Out.1936-ago.1937); e Agostinho Serrano (ago-dez. 1937).
CATOLÉ DO ROCHA	?
SOUSA-SÃO GONÇALO	Eliseu Lira (abr. 1935-?); José Horizonte Brasileiro (fev.1937-?).
PIRPIRITUBA	Dr. João Romualdo Costa (abr.-mai. 1935); Otaviano Porpino (mai. 1935-?); Feliciano Marques (jan. 1937-?).
SANTA RITA	J. Romualdo Costa (Abr. 1935 - ?); e Jovelino Candido (jan. 1937-?).
JOÃO PESSOA – MUNICIPAL	Dr. Chileno de Alverga (jun. 1935-?); Pedro Amaral (jan.1937-?).
TORRE – DISTRITAL J.P.	?
JAGUARIBE – DISTRITAL J. P.	Francisco Paiva (jan. 1937-?).
C. DAS ARMAS - DISTRITAL J.P.	Dr. Pedro Bentes Guimarães (abr. 1937-?).
GUARABIRA	Comerciante F. Vanderlei (jan. 1937-?).
CAJAZEIRAS	Ivan Bichara (abr. de 1935-fev.1936); Professor Manuel de Oliveira (fev. 1936-?); Osnir Machado (mai. 1937-?).
SÃO JOSÉ DE SOUSA	?
POCINHOS	Antônio Alberto Dantas (set. 1936-?); Abilio França (jan. 1937-?).
BANANEIRAS	Estudante Moacir Medeiros (jan. 1937-?).
LAGOA DO MATO – RURAL	?
CAMPINA GRANDE	Professor Serafim Lacerda (jan. 1937-?).
PUXINANÃ	Antônio Alberto Pires (nov.-dez.1936); Euclides Cavalcanti Ribeiro (jan. 1937-?).
CANOAS	Inácio Cavalcante Ribeiro (nov. 1936-?).
SOLEDADE	?

SERRARIA	Estudante Odizio Duarte (jan. 1937-?).
MAMANGUAPE	?
S. JOSÉ DE LAGOA TAPADA	?
LAVRAS	?
POMBAL	Osni Machado (fev. 1937-?).
ESPERANÇA	?
SÃO FRANCISCO	?
AREIA	?
PILOÕES	?
COREMAS	Eliseu Lira (mar. 1937-?); Zozimos Ramos (abr. 1937-?).
ITABAIANA	Antônio Quirino Pessôa (abr. 1937-?).
TAPEROÁ	?
PEDRO VELHO	?
QUEIMADAS	?

Quadro elaborado pelo autor.

Cabe destacar que a grande maioria desses núcleos não alcançavam as exigências necessárias para serem chamados como tais, tendo ausência de espaços para as sedes e não raro tendo um número de membros bem abaixo do mínimo necessário, que era de 50 integrantes (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 29). Alguns deles não tiveram tempo de vida superior a um mês, já que no começo de dezembro o jornal oficial publicava o decreto federal que determinava a dissolução de todos os partidos, proibindo ainda o uso de distintivos, uniformes e milícias cívicas, (*A União*, 05 dez. 1937) atingindo diretamente os integralistas, que esperavam por recompensas que nunca vieram.

Para simplesmente não desaparecer, a AIB se transformou em Associação Brasileira de Cultura (ABC). Com o fim de organizar a sucursal da ABC na Paraíba, Agostinho serrano convida os “ex-integralistas e os brasileiros em geral, que desejem prestigiar esse grande movimento cultural e de ressurgimento do Brasil no sentido verdadeiramente nacionalista”, para uma reunião preliminar, às 20 horas do dia 10, na Av. Eptácio Pessoa (*A Imprensa*. 09 fev. 1938). Não temos notícias quanto ao desenvolvimento da ABC na Paraíba, mas acreditamos na eliminação precoce dela na medida em que em março o governo federal, junto com alguns governos estaduais, inclusive o de Argemiro de Figueiredo, atuaram reprimindo

os membros integralistas que supostamente planejavam se sublevar por não aceitarem o quadro de “traição” de Vargas.

O jornal campinense *Voz da Borborema*⁸³ apresentou o acontecimento em matéria de capa, destacando que:

(...) O integralismo entre nós sempre mereceu acatamento enquanto esse esboço de regimen se manteve no terreno puramente ideológico, perlustrando os campos da especulação, sem resvalar para a objetivação violenta de suas ambições (...) Mesmo com ajuda dos jornais católicos não conseguiu o integralismo lançar raízes profundas no espírito do povo paraibano, que sempre lobrigou nessa concepção híbrida um produto de importação que por forma alguma se adaptaria à nossa índole liberal e historicamente democrática (...). Fracassada a intentona integralista, pela desmoralização em que acabam de cair os seus condutores ou chefes, evidencia-se de maneira iniludível que são irretocável as bases em que se fundamenta o Estado Novo – que um destino feliz pós sob a direção atilada e patriótica de um verdadeiro chefe prático que se chama Getúlio Vargas. (23 mar. 1938)

Buscando limitar a atuação da AIB-PB, o jornal campinense não perdeu oportunidade de provocar o jornal católico *A Imprensa*, afirmando que mesmo mediante apoio o integralismo não fincou profundas raízes devido ao sentimento democrático do povo paraibano. Na mesma matéria ainda é afirmado que o integralismo era averiguado por seu lado exótico e mesmo caricato, e que somente os desavisados abraçaram a causa do sigma, que estaria agora fracassada.

Mediante toda repercussão nacional e estadual, providências que já vinham sendo tomadas foram intensificadas. O delegado Abdias de Almeida, revela que em cumprimento a determinações superiores, após o fechamento da AIB-PB, averiguou que os mais graduados integralistas vinham se reunindo com muita frequência em residências e casas comerciais pertencentes as seus adeptos, “com fins evidentemente suspeitos”. (Ibid. 23 mar. 1938). Essas reuniões eram presididas por Agostinho Serrano, que obedecia “técnica do pequeno agrupamento, de oito a dez pessoas, isto várias vezes durante a noite, de modo a convocar numerosos partidários sem despertar ostensivamente a atenção pública”. Por meio do serviço secreto, que intensificou vigilância no começo de janeiro, localizando todas as casas nas quais ocorriam às reuniões e percebendo um fato interessante, os partidários do sigma poderiam ser identificados não mais pela camisa verde, ou emblemas, mas por uma simples gravata preta usada pelos homens, e laço preto na blusa, para as mulheres. O delegado conta que em fevereiro se deslocou até Recife, onde planejou com o delegado Edson Mouri, uma fiscalização mais intensa nos postos de Paulista e Gramame, respectivamente em Pernambuco

⁸³ Tal jornal surgiu como periódico de apoio ao Partido Progressista, “perdendo” essa feição política com o advento do Estado Novo e consequente fim do partido.

e Paraíba, notando fluxo frequente entre integralistas de João Pessoa e Recife. No dia três, o dr. Abdias de Almeida teve conhecimento que “algo de anormal se preparava para uma iminente perturbação da ordem no país.⁸⁴” e mandou intensificar a vigilância, tendo apreendido no dia dezessete os fichários integralistas, o que facilitou a repressão na medida em que nas fichas continham os dados dos membros da AIB-PB, como nome, profissão e endereço.

No dia vinte e dois os integralistas paraibanos eram detidos para averiguação, sendo muitos soltos logo em seguida, prosseguindo os principais presos na Fazenda São Rafael, a mesma em que os comunistas tinham sido colocados, o chefe Agostinho Serrano, junto com Arquimedes da Silveira Junior, Abilio de França, Cosme Batista, Euripedes de Oliveira, Ivan Bichara, João Batista da Veiga Cabral, José Castro Correia Lima, José Avelino Portela e Luis Miranda (Ibid.). Por pouco mais de trinta dias os integralistas foram mantidos em cela, algo extremamente vergonhoso para muitos deles que se apresentavam como salvadores da pátria, combatentes do perigoso comunismo e naquele momento eram eles próprios encarados como inimigos da nação, ou seja, a imagem da Ação Integralista Brasileira sofrera um revés drástico e por meio dessa situação a AIB-PB saía de cena, mesmo não tendo participado do movimento que ficou conhecido como *Intentona Integralista*⁸⁵, os “camisas verdes” paraibanos permaneceram vigiados, como nos informa a publicação do *Jornal da Paraíba*:

(...) O delegado da ordem social enviou, ontem, a tarde, vários investigadores daquela delegacia inclusive o chefe do Presídio Especial sr. Antonio Serra Junior para fazerem uma vistoria na séde da extinta Ação Integralista.

(...) realizando rigorosa busca nos livros e papeis que ali se achavam, não sendo porém encontrado nenhum vestígio que denunciase a intervenção dos camisas verdes da Paraíba, na intentona do dia 11, acreditando-se que aqueles conspiradores contra a integridade da Pátria tramavam em lugares inteiramente clandestinos (...) Imagem de Cristo Crucificado foi um dos objetos encontrados no prédio da séde dos integralistas. Com esta imagem os inimigos do Brasil ludibriavam a boa fé dos nossos homens que ainda não conheciam o que reinava naquele ambiente sanguinário: ódio e perversidade. (...) (*Jornal da Paraíba*, 18 mai. 1938)

Tendo atuado na Paraíba por cinco anos e conquistado espaço significativo, o integralismo saía de cena, sendo denominado como movimento “sanguinário, de ódio e de perversidade”, voltando a atuar em 1945 sob a legenda do Partido de Representação Popular.

⁸⁴ Muitos integralistas foram presos no começo de março por planejarem um projeto de ação subversiva, objetivando matar os principais líderes e assumir o poder por meio do uso da força.

⁸⁵ Movimento de ataque ao Palácio de Vargas. Para maiores informações consultar: SILVA, Hélio. **Terrorismo em Campo Verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

3. EM BUSCA DO HOMEM E DA SOCIEDADE INTEGRAL: A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA, FORJANDO O PASSADO E PROJETANDO O FUTURO

A historiadora Ângela de Castro Gomes (2005), quando escreveu reflexões acerca do uso do conceito de *Cultura Política*, preocupou-se em destacar que um ponto caro aos historiadores seria a percepção de que tal conceito incorpora sempre uma “leitura do passado-histórico, que conota positiva ou negativamente períodos, personagens, eventos, textos referenciais e, principalmente, um enredo – uma narrativa – do próprio passado”. (GOMES, 2005, p. 34-35). Nesse sentido, segundo a mesma autora, estudar uma *Cultura Política* é, antes de tudo, entender como certa interpretação do passado (e do futuro) é produzida e consolidada, passando a integrar-se ao imaginário ou a memória coletiva de determinados grupos sociais, e até mesmo nacionais.

Levando em consideração tais direcionamentos, podemos afirmar que os integralistas modelaram sua *Cultura Política* por meio de uma construção meta-histórica, entrelaçando o passado por meio de *Experiências*, fundindo a elaboração racional com formas inconscientes de comportamentos (KOSELLECK, 2006, p. 310), realizando projeções para o futuro, por meio de *Expectativas*, que sempre se decompunham em infinitos momentos temporais, não podendo ser contemplada, mas devendo ser insistentemente falada e desejada (Ibid.).

Visando forjar um enredo histórico, os “camisas verdes” buscaram creditar responsabilidades aos intelectuais, ainda em 1927, Plínio Salgado no prefácio do seu livro *Literatura e Política*, endereçava mensagem aos “intelectuais do meu país”, exaltando o espírito de luta política, que segundo ele era necessário aos mesmos, diante de um quadro pessimista que se apresentava naquele momento. A suposta ausência de engajamento dos intelectuais brasileiros teria provocado “um ambiente artificial, subordinando a vida à literatura, quando em outros países se dá o contrário” (SALGADO, 1956, p.11). Para mudar esse parâmetro, o chefe integralista afirmava que só havia uma saída, a experiência direta do intelectual na vida da sociedade, fundindo assim “o homem de Letras, o homem de Estado e o homem do povo” para melhor compreender o que ele afirmava ser “as leis eternas, que regem a evolução humana” (Ibid. p.32).

O texto de Plínio Salgado deixa clara a interpretação de um caminhar histórico evolutivo, que regido por “leis eternas”, teria de forma quase que natural proporcionado o desenvolvimento humano. Por meio desse pensamento, Plínio Salgado mostrava ciência da importância de proporcionar um enredo que pudesse legitimar as ações da AIB, e que o fruto

do aprofundamento da compreensão intelectual brasileira provocaria uma oportunidade histórica de emancipação política e cultural, gerando segundo ele em uma concepção de “Super-Nacionalidade”, havendo para tanto a necessidade de uma “filosofia nova, uma nova política, novos costumes, nova estética, e um novo sentido social” (Ibid. p.41), que seriam consumados numa lógica que apontava a ideia de um destino, ou o que Koselleck (2006) chamou de *Horizonte de Expectativas*:

Sou ainda dos que crêem que à América do Sul e, especialmente ao Brasil, está reservado um papel no mundo. Há um paralelismo extraordinário entre o destino geológico do nosso continente sul-americano e a sua predestinação social. Aqui inicia-se a elaboração de um tipo futuro de humanidade, cuja expressão é ainda tão incerta como a fisionomia geográfica que resultará no drama geológico do Amazonas. (SALGADO, 1956, p. 87)

As expectativas de Plínio Salgado eram enormes, encarar o Brasil como país predestinado, com papel reservado no mundo para a construção de um “tipo futuro de humanidade”, confirma a ideia de Koselleck de que “o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que o que foi experimentado no passado” (2006, p. 311), ou seja, o entrelaçamento entre passado e futuro é feito por meio de um diagnóstico positivo, de que o “devir” será sempre melhor, mais atraente do que o tempo presente.

Para os integralistas o “devir” seria maravilhoso, contemplaria as projeções tidas como necessárias para o desenvolvimento do homem e da própria nação. No entanto, antes de passar a sonhar com o futuro idealizado, era necessário “resgatar” uma versão interessada do passado, que pudesse nutrir experiências que justificassem a esperança desse futuro promissor. Nesse sentido, Plínio Salgado publicou em 1933 o livro *O que é o Integralismo*, numa pretensão de narrar o enredo da “marcha da Humanidade” em cinco tópicos, sintetizando o pensamento integralista⁸⁶.

No primeiro ponto *Destino do Homem e da Sociedade*, Plínio Salgado afirma escrever em um período tenso, “numa hora de confusão e de dúvidas”, e de que assim o faz por ser necessário despertar uma “consciência nítida” na população, para que a mesma cumprisse o seu dever e também para que tomassem conhecimento dos feitos integralistas. A indagação que vai construindo todo o texto é “Qual o destino do Homem e da Sociedade?” Nesse sentido o chefe integralista busca uma explicação evolutiva dos acontecimentos, criando uma história

⁸⁶ Optamos por descrever, os principais aspectos dos 5 tópicos do livro, por acreditarmos que eles sintetizam grande parte do extrato filosófico da Cultura Política Integralista.

linear, afirmando que o sentimento de felicidade individual do homem “desde o começo do mundo”, provocou a luta “do homem contra o homem”. (SALGADO, 1956, p. 18).

(...) No começo, a batalha foi desordenada e cruel. Inspirada nos instintos, deflagrou em pilhagem e homicídio. (...) Longa e dolorosa foi a marcha do gênero humano sobre a terra, e os séculos estão cheios de gemidos, que subiram do fundo das galeras e das trevas dos cárceres, dos campos devastados e dos ergástulos de cativos.

Essa tragédia prolongou-se, atenuando-se ou recrudescendo, repontando em cada século, sob novos pretextos, até assumir a feição moderna dos nítidos lineamentos da batalha econômica a qual se esboça mais claramente na época chamada de Idade Média (...) Foi daí por diante, e principalmente a contar do período da História denominado Renascimento, que a Humanidade começou a compreender bem o sentido verdadeiro da sua luta (...)

A narrativa envolta de construções próprias da história tenta estabelecer a impressão de um passado longínquo, onde a humanidade iniciava a sua “marcha” por meio de ações selvagens e extremamente violentas. Na visão do integralista, desde o período inicial existiam dois distintos conceitos de vida. O materialista, tratado como sendo um conceito cético, onde os seguidores não acreditariam em Deus, na alma e por conseguinte:

(...) na dignidade do ser humano, que se torna insubsistente por falta de base; a concepção moral, que se torna inexplicável e perfeitamente inútil; a ideia de Pátria, que não passa, então, de simples convencionalismo; a ideia estética, isto é, da beleza, que, sendo uma disciplina dos sentidos, segundo aspirações transcendentais, perde os seus pontos de referência; o amor da família e do próximo, que já não se explicam uma vez que se tem de adotar um critério de felicidade pessoal, egoísta, sem incômodos nem compromissos; e, finalmente, o sentimento de disciplina consciente, que será substituído pela disciplina mantida pela violência dos mais felizes nos golpes aventureiros” (Ibid. p. 20).

E o conceito espiritualista, que seria exatamente o oposto do primeiro, considerando a vida humana como sendo um fenômeno transitório, condicionado a uma aspiração externa. Segundo Plínio Salgado, os que adotaram tal conceito tinham crença em Deus, na alma, e por “consequência natural”, eram dignos, já que superariam as contingências materiais, ultrapassando os limites da luta “biológica”, por meio de uma concepção moral imperativa, valorizando a Pátria não como uma convenção, mas como realidade moral, ligada diretamente a realidade da família e da tradição do povo. A ideia de beleza também seria diferente do primeiro conceito, não “descambando para as aberrações, que traduzem quase sempre confusão dos instintos ou perversões sexuais ou da sensibilidade”. Por último era afirmado que os seguidores do conceito espiritualista continham grande amor ao próximo, abnegação e sacrifício voltado para uma harmonia dos movimentos sociais como finalidade suprema da

disciplina. Ainda segundo o chefe integralista, durante toda trajetória humana esses dois conceitos “lutaram sempre um contra o outro”.

Em espaços e tempos onde o primeiro conceito predominou, haveria um padrão de civilização voltado para os valores materiais, sendo nesse caso valorizados “os poderosos”, “os ricos” e os “astutos” em detrimento do “pobre” e do “honesto”. Ao contrário destes, nas civilizações onde o conceito espiritualista prevaleceu, os “mais admirados e respeitados são os que trazem para a sociedade o máximo de contribuição moral ou intelectual”. (Ibid. p.22).

Seguindo esse jogo dualístico, onde todos os aspectos tidos como negativos eram frutos da concepção materialista, e todos os aspectos tidos como positivos eram consequência do conceito espiritualista, Plínio Salgado passa a definir o que ele chama de “concepção integralista do mundo”:

(...) como a própria palavra está indicando, considera o universo, o homem, a sociedade e as nações, de um ponto de vista total, isto é, somando todas as suas expressões, todas as suas tendências, fundindo o sentido materialista do fato ao sentido interior da ideia, subordinando ambos ao ritmo supremo espiritualista e apreendendo o fenômeno social segundo as leis de seus movimentos. (Ibid, p. 23-24)

Em um aspecto filosófico que beira a contradição, Plínio Salgado afirmara que a concepção integralista seria capaz de analisar todas as tendências, somando tudo, mas fazendo questão de definir como aspecto negativo o que ele julgou ser a “unilateralidade do materialismo”. Nesse sentido, a concepção integralista seria mais completa do que a concepção espiritualista, e antagônica a concepção materialista, não desprezando enquanto método de análise social, como afirma o próprio chefe Plínio Salgado: “é preciso ficar bem claro que se condenamos o marxismo como filosofia, se o repudiamos como finalidade e como processo político, nós integralistas, o toleramos como documentação e como método”. (Ibid. p. 55).

Finalizando o primeiro tópico do livro, Plínio Salgado afirma que a finalidade do homem na concepção integralista seria transcendental, “superior intelectual e moral. Considerando, entretanto, que nem por isso o Homem deixa de ser um índice biológico”, sendo compreendido ao infinito. Visando abarcar todas as concepções de vista, dando sentido assim ao termo “integral”, os “camisas verdes” apresentavam a finalidade do Homem e da Sociedade na seguinte ação hierárquica: O Homem Integral - realizando as suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais; A Sociedade Integral- funcionando harmoniosamente; A Nação Integral - com autoridade efetiva, através dos seus órgãos de

governo, mantendo equilíbrio entre o Homem e a Sociedade; e finalmente a Humanidade Integral, objetivando o seu superior destino de aperfeiçoamento.

Maiores esclarecimentos complexos não foram efetivados, passando para outros apontamentos no segundo tópico, que tinha como título *A Liberal Democracia*. Sob o mesmo critério elucidativo do primeiro, onde as “verdades” são estipuladas facilmente pelo narrador Plínio Salgado, o segundo tópico traria reflexões sobre dois critérios distintos e tidos como nefastos: “o critério individualista”, chamado de liberal-democrático, que teria surgido nos princípios da Revolução Francesa e, o “critério coletivista”, que seria o socialismo, baseado no marxismo.

O primeiro critério é tratado como ação de ilusão as “massas trabalhadoras”, onde por meio de uma “ostentação de um fundo moral, baseado na liberdade humana, na igualdade, na fraternidade, na possibilidade de cada um conseguir galgar por si as posições de conforto e de poder” acaba sendo materialista, permitindo que se “processe a evolução das forças materiais da sociedade sem nenhuma orientação diretiva do Estado, tornando este um mero mantenedor da ordem pública” (Ibid. p. 29). Na avaliação integralista, esse critério já estaria falido, na medida em que “sob sua exclusiva responsabilidade é que os povos viveram no século passado”, colhendo a “grande guerra”, a “tragédia russa”, “a masorca chinesa”, “o banditismo no território norte-americano”, a “super produção de mercadorias” e um “Estado ineficiente”.

Ainda como consequência desse critério teria surgido o “absurdo do voto”, tido pelos integralistas como a “grande mentira que serve de instrumento à opressão das massas trabalhadoras, iludidas na sua boa fé”, na medida em que o sufrágio universal não seria capaz de atingir os reais interesses do cidadão, servindo apenas como elemento de justificativa para os poderosos se manterem no poder. Já que o mundo estaria em “desordem porque o Estado Liberal é fraco”, o integralismo propunha rapidamente uma solução, “uma democracia de fins e não uma democracia de meios”. Na fala de Plínio Salgado: “O Integralismo surge como única força capaz de implantar ordem, disciplina. A única força capaz de amparar o homem, hoje completamente esquecido pelo Estado liberal burguês” (Ibid. p. 40). Finalizando o tópico, o chefe dos “camisas verdes” afirma ser a liberal-democracia, aproveitável apenas aos poderosos, que exploram os pobres e os fracos, sendo forma do “suicídio da burguesia” e que os integralistas desejavam a “verdadeira democracia” para o combate as “hediondas quadrilhas das oligarquias a serviço dos poderosos”. (Ibid. 45).

O segundo critério, igualmente atacado, teria segundo Plínio Salgado, buscado mostrar as massas trabalhadoras que “tudo se baseia no determinismo materialista”, desejando por meio de um ideal fanático, contrariar “a natureza humana, matando no Homem tendências que

lhes são próprias, atrofiando-lhe a personalidade, negando-lhe qualquer valor como interferente a marcha social” (Ibid. p. 30). Para melhor focar nesse processo ele destinou o terceiro tópico do livro ao *Alerta Contra o Socialismo*.

Usando de argumentos simples, Plínio Salgado começa questionando mais uma vez qual o destino do homem e da sociedade? Respondendo prontamente que o “homem não nasceu apenas para comer e procriar; nem tampouco para só estudar ou produzir obras de arte; nem ainda para viver uma vida exclusivamente contemplativa e espiritual”. Segundo a concepção integralista o homem nasceu para tudo isso, harmonizado, de acordo com as tendências e envolto de um critério superior de espiritualidade, de interesse nacional, social e humano, o que seria realizado pelo *homem integral*. Em busca desse ideal o chefe integralista atacava o socialismo e reduzia as reflexões materialistas ao simples interpretar do homem como um ser econômico e o mundo social como uma arena onde se digladiam “Capital e Trabalho, numa luta de morte.” Buscando amenizar os confrontos da luta de classe, o argumento era de que o brasileiro não se iludisse já que o socialismo desejaria: Internacionalizar o proletariado, destruindo a religião, a família, a pátria, combatendo a cultura, os padrões morais e tradicionais do povo por simples desejo de presenciar a luta de classe. Para que não fosse desmentido por um exemplo diferente, Plínio Salgado afirmara que “Se houver um partido socialista que não adote esse programa, é que ele não é socialista”. (Ibid. p.49).

Ponto bastante interessante é a concepção integralista de revolução, no final do tópico, Plínio Salgado aponta que para a AIB o marxismo seria um ideal antirrevolucionário, porque se baseia na evolução determinista, vista como “filosofia burguesa do século passado”, sendo-o ainda antidinâmico, já que “concebe, no futuro, uma sociedade estática e um homem definido segundo um ponto de vista unilateral.” Por outro lado, seria o integralismo encarado como “única força revolucionária, porque pretende integrar no Estado, não só as expressões da economia, da sociedade e da moral, como a sua dinâmica, transformando a luta desordenada que se fere fora dos ânimos do Estado, em harmonização dos contrários”. Encerrando o tópico Plínio Salgado alertava que o povo brasileiro deveria negar o socialismo, para impedir a aceleração da “marcha da destruição da Pátria e da escravização do homem”. (Ibid. p.52).

No penúltimo tópico *Notas Sumárias da Vida Brasileira*, Plínio Salgado traça apontamentos sobre a “evolução dos fatos na história brasileira”. Se nos outros tópicos a “marcha” da meta-história integralista se debruçava em análises da história geral, nesse tópico o centro das atenções do enredo integralista é o próprio Brasil, possuidor , segundo os

“camisas verdes”, de um “grande povo, trabalhador e resistente” que vem sendo explorado pelo “espírito liberalista do século XIX, a serviço do capitalismo internacional.”

Buscando contornos históricos singulares, Plínio Salgado apresenta suas considerações sobre o processo de independência, afirmando que:

A nossa independência foi patrocinada pela Inglaterra, que, tendo perdido sua grande colônia americana, precisava criar novos mercados. Esse episódio, que nos parece tão belo, e que gravamos no quadro sugestivo do grito do Ipiranga, foi arquitetado no gabinete de Canning, primeiro ministro inglês. (...) Recebendo nós a Independência, ela não nos era dada gratuitamente: começávamos a vida dos empréstimos e entrávamos em nossa maioridade política já grillhetados pelos agiotas. (...) Surgimos, assim, fazendo dívidas e desorganizando a nossa incipiente produção. Tudo isso nada seria, se a marcha universal não nos conduzisse para uma situação de pobreza e insolvabilidade. (...) Os capitais estrangeiros, emigrando para o Brasil, vinham em busca de taxas de juros, de lucros compensadores, que não encontravam na Europa. Tivemos, desse modo, em todo o período da nossa história de vida independente, a mercadoria dinheiro por um preço elevado. (...) Essa onda de liberalismo, que nos livraria da metrópole portuguesa (como as outras nações do continente, da metrópole espanhola), deveria levarmos ao jogo do capitalismo internacional, subordinando a nossa vida de povo as oscilações caprichosas de Londres e depois de Nova York. (...). (SALGADO, 1956, p. 56)

Traçando o processo de independência brasileira como fruto direto dos interesses liberais externos, inglês e posteriormente estadunidense, Plínio Salgado tentava passar a imagem de uma contínua postura de dependência política econômica, que teria acarretado em fortes inibições ao desenvolvimento nacional. Seguindo esses direcionamentos a narrativa integralista abordava o “Poder Moderador” como sendo a prova de que a “índole do povo brasileiro” repugnava o liberalismo-democrático, insinuando claramente a compatibilidade entre um regime autoritário, leia-se o próprio integralismo e os interesses da população.

A meta história integralista continuava a traçar seu enredo, classificando a “chegada da República” como maléfica a integração nacional, afirmando que por meio dela, foram criados partidos em cada estado, e que esses partidos eram completamente ausentes de programas doutrinários, o que os tornavam meras máquinas eleitorais, destinadas a manutenção da aristocracia. Segundo essa visão, os municípios perderam gradativamente sua autonomia e os estado absorveu, em seu próprio benefício, e contra a nação, todas as vantagens possíveis. Baseado nesse caminhar “maléfico e liberal”, Plínio Salgado afirmava que as “três maiores forças (Minas, São Paulo e Rio de Janeiro) se julgaram suficientemente fortes, tendo aniquilado os municípios e escravizado as classes proletárias” (Ibid., p.60), reduzindo as aspirações ao progresso material, banindo toda preocupação moral e pretendendo se impor a hegemonia à nação.

Segundo a interpretação integralista em “quarenta anos de república federativa liberal-democrática” ocorreram enormes prejuízos econômicos, políticos e sociais, onde no “dia a dia, ocorreu a abolição de todos os escrúpulos”, havendo um esquecimento das “tradições da Pátria Brasileira”, a repulsa dos princípios “eternos da religião do povo” e a gradual “extinção do sentimento “da família e dos deveres para com ela”. A avaliação caótica apresentada pelo chefe integralista tinha como intenção projetar uma esperança futura, o integralismo era colocado como elemento necessário ao resgate dos bons valores, que por meio do anacronismo da narrativa eram tidos como próprios do Brasil.

Continuando a narrativa do passado com claros e evidentes interesses no presente, Plínio Salgado afirmava ter sido os acontecimentos de 1930, reflexo do desespero da “situação criada pelo materialismo grosseiro”, onde se derramou o “sangue da mocidade da Pátria”, excitou-se o “ódio das províncias entre si e de cada uma contra a Mãe Pátria”, o que refletiu “hoje em um povo que acompanha caudilhos e uma turba de caudilhos que trabalha mesquinamente por desmoralizar os valores nacionais que surgem em nome da cultura, da energia do espírito, dispostos a levar o Brasil para melhores destinos. (Ibid. p.66).

No último tópico do livro *O Integralismo na Hora Presente*, Plínio Salgado passa a fazer a transição entre o passado (experiência) para o presente projetado para o futuro (expectativas). É nesse momento onde os princípios da *Cultura Política Integralista* vão se tornando mais claros, construindo sentido a trama mitológica salvacionista que colocara a AIB como redentora para todas dificuldades do Brasil.

Em um jogo de apresentação de “problemas” e “soluções”, Plínio Salgado afirma que depois das “revoluções de 30 e 32” algumas “ameaças” se apresentaram. A primeira delas seria a “Reorganização das oligarquias estaduais, com a volta das lutas entre os grandes Estados desejosos de conquistar a hegemonia federal”; outra grande ameaça seria o “regresso ao regime agnóstico, materialista, a República sem outra finalidade senão a do progresso material”, o “retorno aos governos fracos, impotentes para orientar a produção e o comércio nacionais”, e o “regresso a demagogia parlamentar ou a Ditadura arbitrária e sem base filosófica, jurídica ou econômica”. Podemos perceber que segundo a concepção integralista todas as “ameaças” não se apresentavam como sendo novidades, mas como “reparição” ou “regresso”, um indicativo de que a concepção meta histórica integralista (linear e progressista) estaria ameaçada, e por isso haveria de ter a necessidade de um movimento que proporcionasse o continuar da “marcha humana”, trazendo para a prática atitudes contrárias a todas as “ameaças”, incluindo as duas tidas como “desgraças”, o “separatismo” e o “comunismo”.

Nesse sentido, o extrato filosófico integralista afirmava pretender, “antes de tudo, libertar o Brasil de fórmulas teóricas vazias de sentido prático”, ou seja, teria os “camisas verdes” critérios não abstratos para solucionar o quadro apontado como perturbador para a nação. Em doze pontos esses critérios foram apresentados:

- 1º Identificar o Estado como instrumento da Nação;
- 2º Subordinar a luta de classe (operários e patrões) ao supremo critério da Pátria;
- 3º Submeter a produção aos interesses nacionais;
- 4º Impor às Províncias um ritmo uniforme de política nacionalista, visando a unidade da Pátria;
- 5º Traçar nítidos limites à autonomia política das unidades federais e aos municípios componentes das Províncias Brasileiras;
- 6º Reformar de alto a baixo o ensino, criando a Universidade, segundo um conceito filosófico e político baseado no espiritualismo, moralizando cursos de humanidades e imprimindo caráter de extrema brasilidade à escola primária;
- 7º Disseminar o crédito, dar eficiência prática ao aparelhamento bancário;
- 8º Dar maior amplitude à ação educativa nacional, armando o Ministério respectivo da capacidade de ação necessária;
- 9º Reprimir o comunismo, não pelos métodos de violências da polícia liberal-democrática, que hipocritamente massacra os pobres proletários enquanto protege os comunistas de colarinho, mas pela ação enérgica contra os responsáveis intelectuais na propaganda desnacionalizadora do bolchevismo, inimigos da Pátria, os quais, como tal, devem ser considerados;
- 10º Reprimir os abusos do capitalismo, sua ingerência nos negócios do Estado, sua crueldade para com as massas proletárias, sua ganância, sua avareza, a opressão que exerce contra os produtores;
- 11º Sufocar o cosmopolitismo, o esnobismo, as imitações dos costumes estrangeiros, o sibaritismo materialista das classes burguesas, ensinando-as a amar o Brasil, a cultura a Pátria;
- 12º Fundar toda a moral brasileira nos sentimentos religiosos, base da honestidade e da disciplina social. (SALGADO, p. 1956, p. 74)

Os critérios apresentados pelo integralista deixam muito clara a feição fascista do movimento. Colocar o Estado como provedor de todas as ações da nação, “pacificando” inclusive a luta de classe, seria a base do pensamento integralista, que submeteria todas as ações e interesses a tutela estatal, retirando nesse sentido a representação partidária e executando a representação corporativa. Para disseminar esses valores os integralistas percebiam a importância da educação, tanto que em dois dos doze critérios, medidas intervencionistas em áreas educacionais estavam explícitas. O sentimento nacionalista deveria suprimir qualquer divergência interna, sendo exaltado e mantido vivo, construído de perto pela base familiar, dando “altíssimo relevo aos pensadores, filósofos, cientistas, artistas, técnicos, proclamando-os supremos guias da Nação”. Sintetizando bem a concepção integralista, Plínio Salgado encerra o tópico afirmando que: “O Integralismo proclama que não há direito algum que se sobreponha aos direitos da Nação, limitados estes pelos princípios do Direito Natural baseados em Deus”, (Ibid. p.77), ou seja, tal concepção explora bem a

perspectiva gerida pelo princípio espiritual, nacional e familiar, contemplados na frase *Deus, Pátria e Família*, largamente usada pelos integralistas, que não encaravam o integralismo como sendo um partido, mas sim um movimento, uma “atitude nacional um despertar de consciência, a marcha gloriosa de um Povo” (Ibid.).

Os princípios da *Cultura Política Integralista* foram expandidos por todo o país. Na Paraíba, tais princípios foram disseminados pelo jornal Católico e pelos próprios “camisas verdes” locais, que não pouparam esforços para fortalecê-los e colocá-los em cena.

3.1. A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA EM TERRAS PARAIBANAS

O jornal *A Imprensa*, foi um grande divulgador da doutrina integralista na Paraíba, por meio das suas colunas as primeiras impressões do movimento do sigma chegavam aos leitores com o nítido objetivo de seduzi-los. Segundo Oliveira (2009) “o jornal tinha o papel de garantir a imagem de uma unidade ideológica, que na prática não existisse” (OLIVEIRA, 2009, p. 212), ou seja, cabia ao jornal *Integralista*, e nesse caso também ao jornal *A Imprensa*, conter qualquer dissidência interna da AIB, procurando suprimir as divergências ideológicas, criando a imagem de organização perfeita, compondo uma *Cultura Política* inflada de princípios de ordem, hierarquia e disciplina que levariam a um futuro grandioso com a implementação do *Estado Integral*.

Para alcançar tal objetivo, desde as primeiras publicações, o jornal *A Imprensa* apresentou o integralismo como força patriótica de reação aos problemas brasileiros, a concepção filosófica dos integralistas, que serviria de base para seu sistema de convicções, valores e representações, seria a de uma nova sociedade que permitiria a superação dos valores materiais, gerando “um tipo futuro de humanidade” apegado aos valores espirituais, que livrariam os homens da precariedade social sob a insígnia de *Deus, Pátria e Família*.

O integralista Chileno de Alverga, assíduo autor de textos da AIB-PB no jornal católico, inaugurava sua participação tecendo comentários elogiosos ao discurso de Plínio Salgado, pontuando a necessidade de uma “renovação integral”:

(...) Projetando num rasgo de destemor, as luzes de sua esclarecida inteligência ante o atualismo político nacional que, ao seu entender, estava a necessitar de uma renovação integral, provou sociedade a justeza do catecismo integralista como capacitado a levar a efeito uma revolução, moldada como é, na Ação, em que predominam os fatores espirituais, contrapondo-se ao feudalismo dominante em pleno século XX. (...) O mundo, na incerteza dos caminhos por que trilha, vazio de

programas consentâneos com o bom senso e a razão, visando por querelas infundas entre o capital e o trabalho, não pode recusar o primado do espírito sobre a matéria (...). (*A Imprensa*, 11 ago. 1933)

A *Cultura Política Integralista*, como podemos observar, era materializada como uma ação de catequese, a defesa de causas espirituais em detrimento das materiais tinha grande receptividade frente a uma sociedade de ampla maioria católica, os leitores paraibanos deveriam ser convertidos ao princípio político-religioso pregado pelos catecúmenos do sigma e, assim, ajudarem na construção de um novo Brasil. Esse novo Brasil, segundo o próprio Chileno de Alverga, caminhava a “largos passos para um movimento Integralista de feição acentuadamente fascista⁸⁷” (Ibid. 03 ago. 1933), onde Plínio Salgado teria um idealismo construtor, tal qual Adolf Hitler, Benito Mussolini e Oliveira Salazar que “polarizar as supremas aspirações dos seus povos com um programa renovador e de uma realidade sobremaneira auspiciosa.” (Ibid.). O mesmo Chileno de Alverga, então secretário e membro do triunvirato da AIB-PB, em outra nota no jornal católico destacava, mais uma vez, a sua admiração aos “regimes de força” e fazia questão de criticar o regime democrático dos EUA, como nos mostra o relato abaixo:

Democracia a “Dutrance!”

Venho de há muito, acompanhando o evoluir vertiginoso da Norte América, seus costumes, suas leis, suas disposições reguladoras de comércio, seus institutos de defesa social agrárias, seus expedientes de combate ao marxismo e ao banditismo e, por sinal, já fiz em tempos idos nas colunas do “O Combate”, elogios plenos a esse envolver (Sem paga recompensa já se vê), contudo, ainda não compreendi outras inovações curiosas da velha república septentrional.

Reporto-me ao processo em voga do Tio Sam, de não dar quartel aos homens de côr. É de pasmar. Avaliem os leitores que na terra da Liberdade, da Democracia e outras palavras bonitas, donde copiamos como “macaquitos” antigos dispositivos constitucionais e, onde existe, para o ilusionismo dos papalvos, uma democracia decantada em todas as líras pelas sensitivas do Poder, os negros são tidos como animais ferozes (Que fossem parias!), caçados à unha, postos em caldeiras de pez fervente, etc.

(...) Sou pois, e com razão, desmitificado das excelências administrativas dos Estados Unidos.

Pelo exposto é-nos preferível ficar com os regimes de força de Hitler, a Mussolini e, no Brasil o Integralismo, pois, ao menos, esses já estão demonstrando frutos auspiciosos, ao passo que aquele só nos apresenta digno de menção, a cremação dos seres humanos vivos, e a dissolução generalizada dos costumes e o banditismo oficializado, triste faceta, concludente do valor das suas diretrizes políticas administrativas. (Ibid, 12 dez. 1933)

⁸⁷ Cabe destacar que o fascismo nesse período era encarado pela elite brasileira como uma força que havia restaurado a ordem na Itália, dando início a um período de grandeza. Para maiores informações consultar BERTONHA, João Fábio. **Observando o littorio do outro lado do Atlântico**: a opinião pública brasileira e o fascismo italiano, 1922-1943. http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg9-9.pdf.

A proximidade do Brasil com os costumes constitucionais estadunidenses incomodava Chileno de Alverga, que enxergava em tal prática uma continuação de uma colonização, provocadora de uma repetição mecânica, quase animal. O integralista paraibano usava os exemplos racistas dos EUA como prova maior de incompatibilidade das práticas do “Tio Sam” com os caminhos da sociedade brasileira, e afirmava ser preferível ficar com os regimes de forças, colocando no mesmo barco ideológico o Nazismo, o Fascismo e o próprio Integralismo.

A admiração de Chileno de Alverga frente ao modo de governo fascista, não era um ato solitário, boa parte da imprensa paraibana repercutia positivamente as ações dos governos totalitários⁸⁸ e por sua vez, a militância integralista era unânime na necessidade de um novo regime, já que o regime liberal, segundo a argumentação da AIB, provocava a impregnação de estrangeirismos, sendo inadequado diante dos desastres da pátria, gerando “influência perniciososa da pseudo civilização” bem como a influência do comunismo que “representa o capitalismo soviético”. Estaria, então, a Ação Integralista disposta a se levantar num grande movimento nacionalista para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que, segundo os integralistas, seria útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros, invocando as “tradições gloriosas” com o intuito de inviabilizar divisões, já que segundo eles, o nacionalismo seria “a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da pátria e do amor da raça. (Ibid. 26 set. 1934).

Essa perspectiva aglutinadora e cheia de esperanças, tinha como intuito criar naquele momento um clima de desencanto e amargura, propondo na adesão integralista um trabalho de soerguimento, um estímulo energético para a manutenção ou mesmo recuperação da ordem e da moral, supostamente tão carentes no Brasil. Para que tal apelo fosse eficiente e sedutor, havia a necessidade de torná-lo pedagógico, ou seja, facilmente entendido, e por isso alguns textos publicados no jornal *A Imprensa* eram feitos em meio a analogias, como podemos constatar no fragmento abaixo, publicado poucos dias depois da passagem de Plínio Salgado a Paraíba:

Dum filho ao Pai.

- Que significa, Papai, essa bandeira azul que o Plínio Salgado trouxe à Paraíba ?
- É a salvação da Pátria, meu filho, ameaçada de morte.
- Qual é essa moléstia, que mata o Brasil ?
- É a peste amarela do materialismo, socialismo e comunismo.

⁸⁸ Nesse momento os campos de concentrações ou quaisquer outras arbitrariedades hediondas dos regimes fascistas não eram de conhecimento público, tanto que na segunda metade dos anos 1930 o piso do palácio do governo estadual paraibano foi ilustrado com suásticas. Sobre esse assunto consultar MELLO, José Octavio de Arruda. **Os Italianos na Paraíba** – da Capital ao Interior. Ed. A União. 2006.

- Qual o remédio específico que evita essa calamidade, Papai ?
 - O Integralismo, meu filho, única taboia de arrimo aos naufragos que procuram o porto da libertação nacional.
 - Mas não me disse o senhor que se fez a revolução de outubro para salvar o Brasil?
 - Sim, meu filho, mas o Dr. Plínio Salgado diz que a Revolução de outubro não acertou ainda com o remédio da salvação da Pátria.
 - Por que, Papai?
 - Diz ele, meu filho, que é preciso aplicar umas medidas duras para conseguir um estado forte.
 - E que medidas são estas a revolução já deixou tanta gente magoada?
 - Não, meu filho, tu não poderás compreender tudo de uma vez. Dr. Plínio Salgado diz que com o Liberalismo Democrata nada realizará qualquer revolução porque aquela concepção política forma uma grei governamental môle, anêmica, conduz o pobre a uma condição de não ter nada para o estomago, vencido pelo rico, e coloca o rico no perigo de encobrir à competência desenfreada dos outros ricos.
 - Ave Maria, papai! Fato está difícil. Diga-me tudo numa palavrinha.
 - Ei-la meu curioso, diz o Dr. Plínio Salgado que pela impotência, o Estado Liberal Democrata se torna em precursor, em preparador do materialismo socialista ou do comunismo moscovita.
- v N. Sr... papai! Compre-nos logo meia dúzia de camisas verdes. (Ibid, 12 ago. 1933)

O diálogo tinha a intenção de socializar a *Cultura Política Integralista*, utilizando uma linguagem simplificada, sistematizando o conteúdo do sigma a partir de mediações simbólicas gerada pelo processo de relação entre o novo, que seria a pregação e a mística doutrinária da AIB, e o familiar, que nesse caso seria o diálogo entre os dois personagens. Caberia ao leitor, usar de pouco esforço para entender que as perguntas da criança são dirigidas como dúvidas da “inocente” sociedade paraibana, dúvidas que poderiam ser dele próprio, que em meio à novidade da chegada da AIB-PB se questionaria sobre tal acontecimento. Não por meio de coincidência, o chefe nacional da AIB, interpretava a nação brasileira como “Pátria-Criança”, o Brasil seria “uma Nação enorme, por todos os títulos prodigiosos, mas, como uma criança, que o é na realidade, muda completamente, até a pouco, e agora apenas balbuciante”. (SALGADO, 1955 p.123). As respostas do pai, paciente, sempre amoroso e sábio, representariam a voz da salvação da nação, esclarecendo as dúvidas do leitor, ao ponto que buscava inflamá-lo para aderir o movimento que seria o remédio para a cura de toda enfermidade sociopolítica gerada pelo liberalismo, socialismo e pelo comunismo. As respostas do pai, mesmo indicando tendências, abrem oportunidade para que no fim do texto, a própria criança, ou seja, o leitor, concluísse que a solução era a rápida entrada nas fileiras integralistas e o dever de vestir o manto verde.

Em outra analogia, o discurso da AIB-PB continuava a descrever um quadro caótico no Brasil:

S-O-S! É o sinal característico, emitido pelos navios em perigo. E por que não sê-lo da Pátria, neste instante angustioso que perpassa?

O Brasil assemelha-se a um barco frágil, ao sabor das ondas revoltas da insinceridade dos nossos políticos.

Faz-se mister um timoneiro hábil capaz de aproá-lo pelos baixios e arrecifes da hora tormentosa, ao porto do salvamento (...) as velas estão sobremaneira enfunadas e, a embarcação, um joguete inconsciente às mãos impiedosas de um destino cruel. Um desvio ao leme e a embarcação adernará ou se precipitará contra as rochas arrastando consigo e para sempre, os seus desventurados tripulantes (...) Súbito, um urra de alegria no meio do caos reinante, satisfação indescritível do meio desses homens (...) como que contido por força oculta e poderosa é amainada a agitação, singra então vitoriosamente as ondas e o barco meio estilhaçado, levando a todos a certeza do triunfo da fé contra a força bruta dos elementos desordenados. Esse barco chama-se Brasil e, essa força dominadora dos mares e elementos encapelados, denomina-se Nacional Integralismo ou Política Realizadora de Futuro. (Ibid, 27 abr. 1934)

A analogia do Brasil com um barco que sofre com os desmandos políticos é feita com grande apelo emotivo, cabia aos leitores se sentirem tripulantes, presentes no mar turvo e perigoso, que findaria com todas as esperanças futuras em um destino cruel se nada fosse feito. Assim como no diálogo entre pai e filho da história anterior, e as reflexões de Plínio Salgado, o tempo que viria (expectativa) poderia ser diferente, bastava um pedido e a força integralista pacificaria a nação projetando uma “Política Realizadora de Futuro”, ou seja, seria o integralismo o movimento necessário para transformação, cabendo para tanto o consentimento popular que poderia ser mostrado com a adesão às fileiras do sigma, assim sendo a responsabilidade da posterioridade estaria no próprio leitor e esse raciocínio passava a ser confirmado em publicações como a que segue:

(...) O integralismo está em voga. Pelos cafés, pelos lares, pelas fábricas onde os bons operários brasileiros derramam o seu suor e pelas ruas só se fala nesta doutrina salvadora da Nação.

Pelos lares são mais animadores os comentários. A mãe carinhosa já dá conselhos aos filhos para que ingressem nas fileiras dos “camisas-verdes”. A irmã aconselha os irmãos. E deste modo o Integralismo, que tem como lema a defesa da idéia de Deus, de Pátria e de Família vai sendo simpatizada naturalmente, pela família pessoense.

(...) Se o operário vive revoltado e se algumas vezes tenta militar no comunismo avassalador é justamente porque não soube ainda que no Brasil há o Integralismo que solucionará de uma maneira muito mais eficaz o sério problema dos trabalhadores (...). (Ibid, 21 fev. 1935)

O relato acima destaca o integralismo não como um simples partido político, mas como um movimento de transformação humana, seria ele positivamente impactante a ponto de ser indicado pelas famílias e de promover saídas eficazes para os “bons operários”. Em nota de conteúdo muito próximo a este, os integralistas conclamavam “Aos moços brasileiros da Paraíba (...) que tendes mãe, que tendes filhas, que tendes esposa ou que tendes noiva não podereis fugir das fileiras do Integralismo onde se defende Deus, Pátria e Família” (Ibid. 27 fev. 1935), ou seja, por meio desse discurso o integralismo seria o movimento que defenderia

a necessidade do homem paraibano de proteger suas mulheres e conseqüentemente a própria sociedade, a AIB seria o destino dos bravos, dos heroicos rapazes onde a não adesão seria encarada como inércia, sendo justificada por “creaturas” típicas do Brasil, como “o homem que não é nada” que teria em suas características um elevado ceticismo, não tendo crença em Deus, na política, nos partidos, avacalhando o comunismo, cobrindo de ridículo a monarquia, maltratando o integralismo, não empregando esforço para nada, sendo “um zero a esquerda” ou “o homem que não quer ser coisa nenhuma”, que teria suas “ideiasinhas”, elogia o integralismo, discretamente apoia o comunismo ou endeusa a liberal-democracia “mas não é besta, não quer arriscar a preciosa pele” por ideologia alguma. (Ibid. 29 fev. 1936).

A nomenclatura pejorativa de “homem que não é nada” bem como a do “homem que não quer ser coisa nenhuma”, transmite a ideia de que o filiado ao integralismo diferente do simples simpatizante, pois possui ações e ambições de um futuro idealizado, estando disposto a se expor para lograr êxito, sendo e querendo algo promissor, não se furtando de esforços e combates para realização das mudanças que viriam com o *Estado Integral*. Em outro discurso integralista, o simpatizante que não aderisse ao movimento era provocado, clamado a acordar do “sono acabrunhador”:

(...) Já perdestes alguma de sono pensando numa solução para a dolorosa inquietação brasileira? (...) Ó brasileiros meus irmãos, acordai deste sono acabrunhador. O Brasil já não está dormindo. Alguns moços valorosos já se ergueram no cenário nacional e desfraldando uma bandeira de salvação da Dignidade brasileira, de Unidade do Brasil, apresentaram à nossa Pátria a solução para a sua angústia. São os “camisas-verdes”. Estudai o seu pensamento. (...) porque até agora não ingressastes no Integralismo por dois motivos: preguiça ou covardia; preguiça de ler, de estudar, de pensar; covardia em face dos malfados “compromissos políticos”. Violentai essas barreiras! Atendei ao apelo veemente de vossa consciência e vesti com energia e altivez bem sertanejas uma gloriosa “camisa-verde”. (Ibid. 08 dez, 1936)

No argumento acima a não adesão ao integralismo era justificada por polos distintos e inteiramente desonrosos para o homem, a “preguiça” e a “covardia”, nesse caso, o leitor do jornal não adepto à AIB-PB estaria sendo incluído em atributos pouco dignos e assim sendo estava provocado a se livrar deles, buscando conhecer a *Cultura Política Integralista*, tida com confiança pelos “camisas verdes” já que os escritos doutrinários despertariam altivez nacionalista e conversão ao sigma.

As ações sedutoras continuariam estampando as páginas do jornal católico, com a proximidade do pleito presidencial, os apontamentos positivos do movimento seriam personificados em Plínio Salgado, como nos revela a publicação de Ivan Bichara:

Porque Plínio Salgado?

A Ação Integralista Brasileira, hoje registrada como partido político de âmbito nacional é a única organização político-social que combate o comunismo Internacionalista. Esse combate não é, porém, uma atitude reacionária de ódio, o que seria praticar materialismo pelo método reverso. Contra o comunismo que nega, que quer destruir a Pátria e a Família o Integralismo orige, não como uma atitude literária, porém como fiel tradutor do sentimento e das aspirações da Nacionalidade, o lema de Deus, Pátria e Família.

Por ele combate faz 5 anos, sem cansaço e sem pressa. Por ele trabalha mesmo contra a indiferença ou a hostilidade. Por ele 17 brasileiros, pais de família uns operários esses comerciantes aqueles outros estudantes, deram sua vida preciosa. Tudo dentro do maior espírito de amor e Fé. (...) Por que Plínio Salgado? Não há três candidaturas? Qual a razão dessa preferência? A pergunta já é uma resposta. Sim, porque Plínio Salgado é o legítimo defensor das tradições cristãs da Nacionalidade; porque Plínio Salgado é o soldado humilde e indormido da dignidade da Família Brasileira; porque Plínio Salgado é o batalhador incansável da intangibilidade da Pátria; porque Plínio Salgado é a própria alma do Brasil o espírito guerreiro dos nossos antepassados, o decifrador corajoso e forte dos mistérios nacionais; porque Plínio Salgado é o único candidato que vencedor poderá dizer contemplando o resultado da pugna eleitoral: não ha nesta soma nenhum voto comunista, nenhum voto ateu, nenhum voto inconsciente – todos são cristãos. Como Abel ele poderá ofertar ao Senhor o fruto do seu esforço e da sua luta, com as mãos brancas e puras de servo fiel. (Ibid. 24 jul. 1937)

Os numerosos atributos destacados a Plínio Salgado e no próprio movimento tinham como interesse persuadir o leitor a unir-se aos integralistas, essa lógica apelativa repleta de exaltação, como podemos ver, pode ser encontrada em quase todas as publicações confeccionadas pela AIB-PB no jornal *A Imprensa*. Provavelmente muitos leitores e eleitores que tinham acesso ao jornal foram atraídos por essa emotiva disseminação doutrinária e, como consequência, filiaram-se ao integralismo, prosseguindo compactuados as diretrizes do sigma.

3.2. FAÇA O QUE EU DIGO E TAMBÉM O QUE EU FAÇO: O COMPORTAMENTO INTEGRALISTA COMO ARTIFÍCIO DE ARREGIMENTAÇÃO E UNIFICAÇÃO

Visando empreender a revolução integralista e, assim, despertar a reconstrução do homem e, conseqüentemente, nutrir oportunidades para formação do *Estado Integral*, os membros da AIB-PB deveriam comporta-se adequadamente, de modo que todos os seus procedimentos servissem de parâmetros. Nas indicações dos *Protocolos e Rituais* o integralista deveria ser:

(...) franco, esforçado, pontual, corajoso e despido de vaidade”, devendo “praticar todas as virtudes que dignificam o homem e abster-se de tudo que possa comprometer perante o Sigma e perante a sociedade (...). Deve ainda o Integralista evitar qualquer ostentação de luxo ou de opulência, de prazeres materiais grosseiros e voluptuosos (...). É preciso também “que jamais se diga que o “Camisa-Verde” frequenta casas de jogo ou de tolerância; que se embriaga ou que tem qualquer vício;

que sendo casado deixa de cumprir os deveres de esposo e de pae; que seja um ridículo conquistador ou um condescendente para com incorreções familiares; que se imiscua em desordens; que compareça a rodinhas de politiqueiros ou ande em companhias reprováveis que seja incorrecto em seus negocios particulares ou commerciaes”. (*Protocolo e Rituais*, 1937, p. 69).

Como podemos observar no trecho acima, ser integralista não deveria ser apenas uma adesão política, mas sim, uma transformação moral. O indivíduo deveria se modificar e seu comportamento ilibado faria dele um excelente artifício propagandístico para a causa do movimento. Para adentrar no sigma era necessário ser apresentado por um integralista que estivesse em dias com suas obrigações. O neófito preencheria as fichas da formalidade e seria questionado pela autoridade se “já pensou maduramente na responsabilidade que vai assumir?”, obtendo resposta positiva, o mais graduado poderia dispensá-lo ou não do período de estágio,⁸⁹ se confirmando a dispensa, algo que acreditamos ter sido o mais rotineiro na Paraíba, já que em algumas narrativas do jornal *A Imprensa* se falava da adesão e juramento integralista na mesma oportunidade, diria “Dispensei-o do estágio; deverá, porém, esperar cinco minutos, para prestar o juramento em homenagem ao Chefe Nacional, que o esperou desde 7 de Outubro de 1932”. (Ibid. p. 41).

O ato do juramento deveria ser presenciado por no mínimo dez integralistas e na presença da foto de Plínio Salgado, o novo adepto com o braço direito erguido verticalmente, pronunciaria: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores” (Ibid. p.42), sendo saudado pelos presentes com “Anauê!”⁹⁰. Nesse ato inicial também poderiam ser detectados problemas de transgressão a disciplina, que inabilitariam a entrada ao movimento como nos mostra Porfírio (2003), ao relatar a aceitação do convite de um integralista de nome Abelardo, feito a um morador da *Pensão Royal*, João Batista Barbosa, que antes de se apresentar aos integralistas foi orientado por um comunista de nome Valdecir a realizar algumas perguntas:

⁸⁹ Em caso de não dispensá-lo do estágio, o graduado diria “Considero-o inscripto; deverá, porém, esperar noventa dias para prestar juramento, em homenagem ao Chefe Nacional que o esperou desde 7 de Outubro de 1932.

⁹⁰ Os militares que ingressassem na AIB tinham o juramento dispensável já que Plínio Salgado entendia “(...) que a nacionalidade estaria falida no dia em que um militar precisasse repetir um juramento que já fez de servir à Pátria e o Integralismo é considerado pelo Chefe como única doutrina salvadora da Nação.” Outra especificidade do juramento era em relação as crianças, chamadas de *Plinianos*, prestavam o compromisso afirmando que “Prometto ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometto ser obediente a meus paes, a meus mestres e a meus chefes; prometto ser amigo de meus irmãos, collegas e companheiros e companheiros, prestando-lhes serviços, defendendo-os e amando-os; prometto ser aplicado nos estudos para torna-me útil a Deus, à Pátria e a Família; prometto cumprir o Regulamento dos Plinianos. (Ibid, p.42-43).

O companheiro comunista me orientou a fazer algumas perguntas. Dentre elas, como os integralistas viam o movimento operário no mundo? Decorei as perguntas e fui ao local da sede dos integralistas, na Rua Barão do Triunfo. Chegando lá, fui apresentado ao ‘chefe Mayrink’ pelo Abelardo: “Pronto, chefe, é esse o rapaz que eu lhe falei’. Mayrink mandou-me sentar numa cadeira e perguntou o que é que eu queria. Eu disse que não queria nada, apenas o Abelardo que me mandou para conversar com o senhor. Aproveitando a oportunidade, perguntei a ele como era que o integralismo via o movimento operário. Aí ele olhou para mim e perguntou: ‘Você é comunista?’ Respondi que não, estava apenas querendo saber. O chefe Mayrink gritou na sala: ‘Abelardo, tira esse jovem daqui, ele é comunista’. Saí de lá gritando e aos empurrões (...). (PORFIRIO, 2003, p. 39)

Por meio desse relato podemos perceber a grande rivalidade envolvendo integralistas e comunistas na Paraíba. Ciente de que o morador da pensão estava sendo “cortejado” pelos “camisas verdes”, o comunista Valdecir buscou preparar o amigo para provocá-los em seu próprio território. Por reproduzir o que parecia um simples questionamento, interpretado por José Mayrink como próprio da conjuntura comunista, o morador da pensão foi imediatamente expulso aos empurrões da sede integralista, sendo nesse caso descartada sua entrada nas fileiras da AIB-PB.

Se, no caso citado, a entrada não foi possível, aqueles que eram aceitos passariam por todo um processo místico, onde o primeiro rito, assim como os demais, buscava incutir no novo militante as múltiplas responsabilidades de um integralista. O culto ao chefe começava a ser exercido e a partir daquele momento um mundo novo, envolto de encenação e simbolismo, passava a fazer parte do seu cotidiano. Jurando defender a causa nacionalista, todos os integralistas tinham que prestar compromissos à bandeira nacional, relatando as palavras destacadas abaixo:

–“Bandeira da minha Pátria:
Prometto servir ao Brasil – na hora da alegria e na hora do sofrimento, - no dia da glória – e no dia do sacrifício. – Prometto respeitar – a liberdade – a justiça – e a lei
– Prometto defender – na sua pureza – o legado moral – e na sua integridade, - o patrimônio territorial – que recebi dos meus antepassados. – Salve Bandeira do Brasil”. (Ibid, p. 43)

Esse compromisso não era apenas teorizado, podemos observar a materialização dele na Paraíba quando, em passagem do movimento à cidade de Pocinhos, os integralistas notaram “com tristeza, que em nenhum estabelecimento público foi içada a bandeira da Pátria” (*A Imprensa*, 19 set. 1936), e depois de suas solenidades fizeram questão de hastear a bandeira brasileira como também a bandeira da AIB. Em novembro do mesmo ano, ato comemorativo ao dia da bandeira foi feito, na sede provincial, com apresentações de

recitativos e números de artes desenvolvidos pelos currupiras integralistas⁹¹. (Ibid. 19 nov. 1936). Essas ações possuíam mais do que o simples interesse patriótico, tinham como intuito criar a imagem de que apenas a AIB-PB respeitava os símbolos nacionais e que por isso estariam preparados para a valorização e o comando do Brasil, além disso, esse comportamento deveria servir de exemplo para a sociedade paraibana, que adepta ao nacionalismo estaria se aproximando da *Cultura Política Integralista*.

3.3. PARA SE INTEGRAR É PRECISO VESTIR A CAMISA: O UNIFORME INTEGRALISTA NA PARAÍBA

Em nota no jornal *A Imprensa*, os integralistas paraibanos anunciavam por meio da publicação de um telegrama, a aprovação do Ministério da Guerra em relação ao uniforme da AIB:

(...) Pelo exposto, encontram-se os Integralistas paraibanos, habilitados ao uso da camisa oliva, conforme permissão do Exmo. Sr. General Góes Monteiro, D. D. Ministro da Guerra.

Cumpra, pois, aos legionários do Sigma nesta província, providenciarem com urgência na aquisição do nosso fardamento, podendo os que quiseram usá-lo diariamente para melhor propaganda do nosso movimento. Assim, a Camisaria Colombo, dos Srs. Lianza & Filhos, desta praça, acha-se habilitada a confecção das mesmas. (Ibid. 12 set. 1934)

Conforme podemos observar acima, a liberação do uso do uniforme foi anunciada junto com a indicação de onde o integralista paraibano poderia obtê-lo, a instrução nacional era que a camisa fosse padronizada⁹² e, por isso, acreditamos que as exigências métricas foram repassadas para a loja. Também acreditamos que, com objetivo de facilitar a aquisição, o núcleo central passou a encomendar as camisas, já que em nota do jornal católico é informado a chegada da segunda remessa, “num total de 80” e que seriam “cedidas a preços cômodos”. (*A Imprensa* 09 fev. 1935). A observação de que o uso do fardamento poderia ser constante, indica a percepção do movimento para o poder de sua propagação política, um militante fardado chamaria muita atenção e é a partir desse momento que as ruas de algumas

⁹¹ Eram chamados de currupiras os integralistas com idade entre 7 e 9 anos.

⁹² Segundo o Art. 26 dos Protocolos e Rituais o uniforme deveria ser: - A) Camisa simbólica na cor verde inglês de colarinho pregado por botões nas pontas, passadeiras com 6 cms, na base e com 5 nas pontas que devem ser em semicírculo, terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos a altura do peito com pestanas retas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo, um círculo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundado por um vivo preto de 0,5 cm de largura, e sobre o campo branco um sigma preto, cujas dimensões serão de 7 cms por 6 cms. (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 11).

idades paraibanas passaram a presenciar o desfile dos “camisas verdes”, como podemos observar no relato abaixo:

(...) Marcharam, então pela cidade ao som do tambor, sem nenhuma anormalidade. Despertando ao envez, o olhar curioso dos pacatos habitantes que riam uns ou zombavam outros. (...) Observavam aqueles a simplicidade com que homens já feitos vestiam de verde para sair à rua marcando passo como os meninos do colégio. (Ibid. 10 abr. 1935)

O relato acima foi exposto no jornal católico por um correspondente no sertão, fazia referência ao desfile ocorrido na cidade de Cajazeiras em decorrência da inauguração de um núcleo da AIB-PB. Por meio dele percebemos que o traje verde, bem como o desfile, alcançava a atenção do público, mesmo que de forma diferente da pretendida pelos integralistas. Para Cavalari (1999) a função do uniforme integralista não estaria para a sociedade, mas para o próprio movimento, servindo para tentar abolir as diferenças, homogeneizando e classificando os diferentes segmentos no interior da AIB, em meio a isso, um conjunto de normatização foi feito, onde todo integralista seria obrigado a ter a camisa verde sempre pronta, por ser ela um “símbolo do seu idealismo”, mesmo viajando em caráter particular, a camisa deveria ser conduzida na mala (*Protocolos e Rituais*, 1937, p.12 -13), era proibido o uso de suspensórios, como também usar a camisa em desalinho ou manga arregaçada (Ibid. p.11), já que a intenção seria a de criar um sentido de corporificação e unificação da *cultura política integralista*, como podemos observar na imagem seguinte:

REGISTRO DA INAUGURAÇÃO DA SEDE DO NÚCLEO CENTRAL DA AIB-PB



FONTE: jornal *A Imprensa*, 20 fev. 1935.

O registro acima ilustra a perspectiva unificadora desejada pelo movimento⁹³, com exceção de quatro homens que estão com roupas brancas, todos os outros militantes, inclusive as duas mulheres, vestem a farda integralista, expressando rigidez e a manifestação de uma identidade de cidadão-soldado, que foi alimentada pela *Cultura Política Integralista* em todo o período de legalidade da AIB-PB.

Se, em grupo, a apresentação da unificação era realçada com o fardamento verde, solitariamente, o integralista fardado também explicitava uma postura militarizada e propagandística, contribuindo para a visibilidade do movimento, como podemos observar na foto abaixo:

⁹³ Na imagem, estão presente vinte e um integralistas pernambucanos, dentre eles as duas mulheres e os integralistas paraibanos.

REGISTRO DE VOTAÇÃO DE UM INTEGRALISTA



FONTE: jornal *União*, 16 out. 1934.

A foto retirada da capa do jornal oficial do governo desejava mostrar apenas o momento em que o então interventor e também candidato a deputado federal, Gratuliano de Brito, colocava na urna o seu voto. No texto que segue, a imagem é focada a tranquilidade do pleito bem como a força do partido situacionista, que em meio aos primeiros resultados dos sufrágios, concluía o jornal que o “eleitor pessoense deu nas urnas o mais eloquente atestado de sua solidariedade ao Partido Progressista” (Ibid.). O que provavelmente passou despercebido pelo fotografo⁹⁴ e pelos membros do jornal, é que atrás do interventor um jovem integralista esperava a oportunidade de inserir na urna o seu voto. Por estar fardado o integralista conseguiu proporcionar ao movimento do sigma uma propaganda gratuita dentro de um periódico contrário aos interesses políticos partidários da AIB-PB. Consciente desse poder de transmissão, a chefia da AIB-PB determinava em resolução que:

⁹⁴ Infelizmente não temos fontes que nos aponte a autoria da foto, mas encontramos a mesma fotografia na capa do jornal *A Imprensa* no dia 16 out. 1934.

(...) CONSIDERANDO que a camisa verde é o símbolo maior dos ideais de renovação, de soerguimento, de afirmação da nossa Pátria, consubstanciados na Doutrina da Ação Integralista Brasileira;

CONSIDERANDO que o uso da camisa verde deve constituir para o integralista sincero e perfeitamente identificado com a sua causa, além de uma confissão pública do ideal sublime que abraçou, um motivo de justo orgulho e de íntima satisfação;

CONSIDERANDO, ainda, que o uso constante da camisa simbólica, por parte dos bons e verdadeiros integralistas, torna-se indiretamente, uma magnífica propaganda dos princípios superiores que defendemos;

RESOLVE:

Art. 1º) Tornar obrigatório o uso da camisa verde nas sessões, reuniões e trabalhos, a se realizarem nas sedes de todos os núcleos da Província.

Art. 2º) Recomendar a todos os integralistas da Província, o uso constante da camisa verde, quer em suas ocupações, quer em seus passeios, viagens ou diversões.

(...) (*A Imprensa*, 07 mar. 1936)

O trecho da resolução é bem claro quanto ao significado místico do fardamento integralista e seguia de perto as orientações nacionais. Gustavo Barroso, na sua obra *O Integralismo de Norte a Sul* (1934), justificava a utilização da camisa verde afirmando que o uniforme seria um demonstrativo de “coragem de afirmar de público a nossa opinião, porque não precisamos nos esconder na hora da pregação, porque todos nos devem reconhecer na ocasião do perigo e para que já esteja separado o joio do trigo no momento do triunfo.” (BARROSO, 1934, p.78). Essa ligação entre o discurso dos líderes da AIB-PB e das lideranças da AIB, deixa claro o potencial da *Cultura Política Integralista* e confirma o poder unificador da doutrina. Assim sendo, a camisa verde para o militante integralista não seria uma simples vestimenta, seria uma segunda pele, dotada de inúmeros atributos quase que sagrados, que poderiam e deveriam ser ostentados nas mais variadas ocasiões.

A importância dada ao fardamento era tamanha que o movimento resolveu criar uma data comemorativa, o “Dia da Camisa Verde”, considerada como data magna, o dia 23 de abril virou feriado nacional para os integralistas por ter sido nesse dia, em 1933, que Plínio Salgado e alguns poucos militantes marcharam fardados pela primeira vez, a ordem era que todos os núcleos do país prestassem homenagens à “histórica data”. Dois dias antes da primeira comemoração da data na Paraíba, em nota no jornal católico *A Imprensa*, os integralistas anunciaram a organização de um “atraente programa cívico-artístico” que seria realizado na sede provincial (*A Imprensa*, 21 abr. 1936).

Um dia depois da data festiva, o jornal trazia informações sobre a cobertura do evento:

(...) Aberta a sessão pelo Chefe Provincial, o sr. João da Veiga Cabral foi entoada a “Canção Anauê” por todos os integralistas tendo lugar imediatamente a solenidade do juramento de mais três soldados do Sigma.

Em seguida falaram os srs. Ivan Bichara, Pires Ferreira e Angelico Loureiro que versaram proficientemente sobre as bases do Integralismo e, de modo especial sobre motivo daquela reunião.

Cantado, em seguida, o Hino Nacional, o Chefe encerrou a sessão para dar início à hora artística, onde figurou o educado violão do sr. Nelson Ramos. A festividade comemorativa da “Camisa Verde” foi assistida por todos os integralistas desta capital e varias outras pessoas. (Ibid. 24 abr. 1936)

A festividade referente ao “Dia da Camisa Verde” buscou atrair não apenas os integralistas. Separando o evento em duas partes, a AIB-PB deixava clara a estratégia pretendida, o convite estendido a toda população tinha como interesse aproximar o público simpatizante aos soldados do sigma, que poderiam demonstrar na sessão toda projeção de sua *Cultura Política*, inclusive com a adesão de mais três soldados que lutariam para “salvação da pátria”. Em meio a essa perspectiva nacionalista a canção, “Avante”, considerada como hino oficial do movimento, emplacava o marco emotivo da ocasião, por meio dela a missão dos integralistas era cantada e exaltada:

Avante! Avante!
 Pelo Brasil toca a marchar!
 Avante! Avante! Nosso
 Brasil vai despertar!
 Avante! Avante!
 Eis que desponta outro arrebol,
 Marchar, que é a primavera,
 Que a Pátria espera:
 É o novo Sol.
 Eia, avante brasileiros,
 Mocidade Varonil!
 Sob as bênçãos do Cruzeiro
 Viverás pelo Brasil!
 Avante! Avante!
 Pelo Brasil toca a marchar!
 Avante! Avante! Nosso
 Brasil vai despertar!
 Avante! Avante!
 Eis que desponta outro arrebol,
 Marchar, que é a Primavera,
 Que a Pátria espera,
 É o novo Sol!
 Olha a Pátria que desperta,
 Mocidade Varonil!
 Marcha! Marcha e brada:
 Alerta! Sentinela do Brasil!⁹⁵

O hino era mais um elemento inspirador, por meio dele o discurso de salvadores recaía sob os ombros dos “soldados do sigma” que se comprometiam a avançar na transformação da nação, esse compromisso cantado poderia ser atraente para muitos jovens paraibanos simpáticos ao integralismo e desejosos por mudanças. A segunda parte dos festejos do “Dia da Bandeira” foi à hora artística, onde os integralistas paraibanos poderiam, em um raro

⁹⁵ Letra e música de Plínio Salgado.

momento de confraternização com os não militantes, demonstra um lado mais sublime e descontraído sob o som do violonista Nelson Ramos.

Em outras várias oportunidades os membros da AIB-PB estamparam suas fardas em compromissos espalhados pela capital e pelo interior, semanalmente, as camisas eram vestidas ao menos três vezes, em consequência das sessões que ocorriam nas sedes dos núcleos, tais acontecimentos eram excelentes meios de afirmação da *Cultura Política Integralista*, como veremos a seguir.

3.4. OPOSTOS QUE NÃO SE ATRAEM: A CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA X CULTURA POLÍTICA COMUNISTA NA PARAÍBA

Na Paraíba, assim como ocorreu por todo o Brasil, as relações entre integralistas e comunistas se desenvolveram de maneira pouco amistosa. No período de atuação da AIB-PB, encontramos diversos momentos de provocações e embates envolvendo membros dos dois grupos, que à todo momento buscavam legitimar suas convicções ante a população e efetivar seus projetos políticos. Elencamos adiante os pontos mais importantes dos estratos filosóficos de *Cultura Política Comunista*⁹⁶, como também da *Cultura Política Integralista*, visando perceber os aspectos antagônicos entre elas, bem como a atuação das mesmas frente à população paraibana dos anos 1930.

Segundo Motta (2013, p. 21-22) uma das convicções fundamentais da *Cultura Política Comunista*, seria a ideia de que uma nova sociedade surgiria fundamentada na superação da pobreza e da miséria excluindo, nesse sentido, o “atraso social da tradição”, com o fim do sistema de propriedade privada bem como da religiosidade. Além desses aspectos, segundo o mesmo autor (MOTTA, 2013, p.23) outro ponto essencial da *Cultura Política Comunista* seria o culto a URSS e a formação de uma nova moral, dotando “homens e mulheres de escala de valores capazes de substituir os sistemas morais pré-revolucionários, fundamentando os comportamentos da nova sociedade” (Ibid. p.25).⁹⁷ Todo esse corpo ideológico fomentado na

⁹⁶ Cabe destacar que como a ênfase da nossa dissertação é a *Cultura Política Integralista*, optamos por não nos aprofundarmos no que diz respeito à *Cultura Política Comunista*, retirando nesse caso apenas alguns apontamentos feito por Motta (2013). Para maiores informações consultar MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A Cultura Política Comunista. Alguns Apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos, CZAJKA, Rodrigo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.) **Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013.

⁹⁷ Em apresentação detalhada, Motta (2013) afirma que por meio da Cultura Política Comunista os militantes aprendiam a amar a revolução e o partido acima de tudo, bem como o operariado, o povo e a humanidade. Sua

base da *Cultura Política Comunista* era, absolutamente, rejeitado pelos integralistas, que também afirmavam lutar por uma transformação na sociedade, pregando o alcance do “homem integral”, combatendo dois perfis de homens, o “homem cívico” fruto do liberalismo e o “homem econômico” reflexo do comunismo, já que o homem, na perspectiva integralista, deveria contemplar além das aspirações cívicas e econômicas, também as espirituais.⁹⁸ Essa postura de mudança humana se congregava ao respeito à propriedade privada, ao fortalecimento das tradições e, principalmente, a tentativa de formatar o comportamento a tríade “Deus, Pátria e Família”. Toda essa divergência de convicções passara a ser muito útil a AIB, na medida em que o anticomunismo já possuía grande repercussão na sociedade brasileira dos anos 1930, fato comprovado por Trindade (1979, p.61) ao revelar que esse era o principal motivo de adesão ao integralismo.⁹⁹

Os vários segmentos da oligarquia paraibana, incluindo, principalmente, a Igreja Católica, e o próprio integralismo, empreenderam verdadeira campanha no sentido de inculcar o anticomunismo, tanto no que diz respeito à elaboração de representações mentais, quanto em relação à materialização de propaganda, por meio de atividades educativas, movimentos policiais, e manifestações públicas¹⁰⁰ como as que traziam informações sobre os perigos da *Lógica Terrorista*:

(...) O bispado forneceu a lista dos padres e religiosos caídos ao pé da cruz (...) o comunismo fez do martelo e da foice o seu símbolo. Ora, é natural que os defensores da cruz sejam recebidos a marteladas e foçadas ou, para variar, à faca ou bala. A terceira Internacional admite unicamente o Estado, chefe do temporal e degolador do espiritual. Daí a guerra de extermínio movida aos dignitários da Igreja.

A religião vê na família a obra prima de Deus, a primeira sociedade natural, a célula mãe da formação física e moral. Moscou execra os elementos constitutivos do lar, como sejam o casamento, o pudor, a felicidade, o poder paterno e a piedade filial. (*A Imprensa*, 12 fev. 1935)

devoção à causa deveria ser total e abnegação seria ilimitada, à custa de sacrifícios pessoais e familiares, e mesmo eventuais sofrimentos físicos em caso de prisão. (MOTTA, 2013, p. 26).

⁹⁸ Plínio Salgado defendia que a liberal democracia seria a “filha da filosofia materialista e irmã gêmea do comunismo” e concebia este último como desdobramento do liberalismo que seria o promotor da desordem no mundo ao enfraquecer o Estado. Contrariando essa postura, o Integralismo se apresentava como “única força capaz de implantar ordem, disciplina. A única força capaz de amparar o homem, hoje completamente esquecido pelo Estado liberal-burguês, como aniquilado e humilhado pelo Estado marxista soviético.” (SALGADO, 1955,p.32).

⁹⁹ Importante destacar que na Paraíba os elementos intrínsecos ao comunismo presentes na *cultura política* do período, não foram criados pelas elites políticas e intelectuais paraibanas dos anos seguintes a 1930, mas remetem a uma lógica autoritária anterior a isso, algo produzido ainda no século XIX sob a batuta da Igreja Católica, que enxergava no comunismo uma nova e perigosa doutrina que rivalizaria com a moral cristã. (CAVALCANTE NETO, 2013,p.67).

¹⁰⁰ No que diz respeito aos meios de propaganda integralista na Paraíba, debateremos no terceiro capítulo. Sobre os aspectos anticomunistas na Paraíba, consultar CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **A ameaça vermelha: o imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937)**. Tese (Doutorado em história) Pernambuco-UFPE, 2013.

A descrição da “lógica terrorista” comunista é forçadamente descrita como um ambiente de ódio e perigo, principalmente para os religiosos, que como tencionava demonstrar o relato, estavam sendo perseguidos e assassinados por meio de “foiçadas e marteladas”. Como a grande parte da população brasileira, e também paraibana, era movida as predisposições cristãs, a informação de ataques ao clero tinha como intenção despertar sentimentos de sensibilização dos leitores, algo ratificado pela pregação de que na capital comunista os elementos construtores do lar são simplesmente execrados, findando o pudor, a felicidade e até mesmo os laços entre pais e filhos. Mesmo em meio a esses recorrentes direcionamentos, as ideias de esquerda vinham sendo propagandeadas e os trabalhadores passavam a se organizar realizando greves e movimentos paredistas desde o começo do século XX, como nos mostra o quadro abaixo:

QUADRO DE GREVES NA PARAÍBA (1902-1934)

CATEGORIA E/OU ESTABELECIMENTO	CIDADE	DIA-MÊS	ANO
Ferrovíários da Great Western	Capital	22 a 27/01	1902
Ferrovíários da Great Western	Capital	13 a 25/01	1909
Cigarreiros	Capital	25/06 a 05/07	1917
Jornaleiros da Great Western	Capital	25/07	1917
Operários da Casa Kroncke & Cia.	Capital	25/07 a 30/07	1917
Tecelões da Fábrica Tibiry	Santa Rita	30/07 a 14/08	1917
Jornaleiros da Great Western	Capital	30/07 a 14/08	1917
Operários da Casa Iona & Cia.	Capital	30/07 a 14/08	1917
Estivadores	Cabedelo	27/07 a 14/08	1917
Carroceiros	Capital	?	1917
Costureiras	Capital	?	1917
Alfaiates	Capital	?	1917
Operários da Escola Normal	Capital	?	1918
Empresa de Tração, Luz e Força	Capital	?	1919
Ferrovíários da Great Western	Capital	19 a 28/03	1920
Foguistas e cavoeiros das obras do porto Sanhauá	Capital	09/08	1922
Operários da Fábrica Rio Tinto	Rio Tinto	?/ 10	1928
Alfaiates	Capital	?	1917
Operários da Escola Normal	Capital	?	1918

Empresa de Tração, Luz e Força	Capital	?	1919
Ferrovários da Great Western	Capital	19 a 28/03	1920
Foguistas e cavoeiros das obras do porto Sanhauá	Capital	09/08	1922
Operários da Fábrica Rio Tinto	Rio Tinto	?/ 10	1928
Telegrafistas	Capital e Campina Grande	? / 07	1934
Operários da Fábrica de Fiação Marques de Almeida e Cia.	Campina Grande	23 a 31/08	1934

FONTE: GURJÃO, 1994.

Além desses movimentos grevistas, outro ponto de destaque para a expansão da ideologia de esquerda ocorria por meios dos jornais, onde os operários conseguiam alcançar visibilidade:

JORNAIS EDITADOS PELOS OPERÁRIOS PARAIBANOS (1921-1934)

A Voz Operária	1931-1935	Associações Operárias da Parahyba do Norte
A Alvorada	01/05/1933	Alliança Proletária Beneficente
O Norte Operário	12/10/1933	União Operária Beneficente
A Frente	01/05 a 01/08/1934	Sindicatos de Campina Grande

FONTE: GURJÃO, 1994, p.147.

Os movimentos grevistas e os jornais de esquerda comprovam que o movimento operário paraibano crescia, ao mesmo tempo em que se fortalecia a aliança entre a Igreja e a AIB-PB. Se em caráter geral, os discursos entre integralistas paraibanos e católicos convergiam, onde a proposta de Deus e da fé cristã, mais explicitamente, o catolicismo, eram partes substanciais da *Cultura Política Integralista*, o contexto político paraibano facilitava ainda mais essa aliança. O clero, que tinha vínculos abertos com o partido situacionista, poderia decretar explícito apoio à doutrina da AIB-PB sem ferir os interesses do Partido Progressista, na medida em que o apoio ao integralismo era apoio à promessa de fazer prevalecer na vida pública e mesmo na vida pessoal, os valores espirituais e a consequente luta contra o comunismo.

A luta contra o comunismo para os membros da AIB-PB iniciou de forma precoce. O primeiro ato de embate entre integralistas e comunistas em terras paraibanas ocorreu logo no primeiro evento de grande porte do sigma, a vinda de Plínio Salgado, em agosto de 1933

onde, segundo jornal católico, em meio a fala de um dos oradores integralistas, “o dr. João Santa Cruz¹⁰¹, orientador comunista desta capital, esquecendo-se do compromisso que assumira de não perturbar a reunião, procura apartear o orador”. (*A Imprensa*, 08 ago. 1933). O ato “impertinente” do comunista paraibano, foi rebatido por Plínio Salgado que, em seu discurso, ironizou “o socialismo de fabricação doméstica”, afirmando ser o materialismo marxista um transformador do homem em “um monstro que só tem estomago e sexo”, sendo o integralismo a exposição da solução desse problema, na medida em que enxerga “o homem como ele é. Corpo e Alma” (Ibid.).

Por meio dos jornais o combate também era travado, o periódico comunista *A Batalha*, trazia em sua matéria de capa a manchete sob o título de *Snobismo ou conhecimentos da doutrina integralista?*:

O integralismo é o pára-quedas do capitalismo que está prestes a morrer. Quem disser o contrário está iludindo a bôa fé do povo. Esta doutrina fascista é reacionária. É um dique oposto às organizações do operariado. Se Mussolini estivesse governando no mar das rosas de que tanto a imprensa burguesa apregôa aos quatro ventos, não teria se realizado a greve da Lombardia. Os desocupados aumentam na Itália e o “Duce” procura canalizá-los para a guerra (...). O que importa, desde já, é explicar às classes o que vale o integralismo e o monstruoso cerceamento de liberdade que há neste regimen.

Creemos que é um puro esnobismo esta história de integralismo no Brasil. E, senão, aguardaremos, o desenrolar dos fatos.

Para evitar explorações o operariado fica alerta contra a possível ofensiva dos rapazes da camisa verde. (*A Batalha*, 28 nov. 1934)

O jornal comunista campinense não perdeu oportunidade de ligar o Integralismo ao movimento fascista, acusando a “imprensa burguesa” de, forçadamente, passar uma realidade exclusiva de progresso na Itália, excluindo os problemas sociais, o que de antemão provocaria uma imagem positiva da AIB. Respondendo a pergunta do título, os comunistas afirmaram ser esnobismo a pregação de que o integralismo se espalhava nacionalmente, deixando, contudo, o alerta ao operariado ao perigo da AIB-PB. O mesmo jornal, no mesmo tom provocativo, em março de 1935, trazia um comunicado do oficial do Estado Maior Integralista de São Paulo, dirigido ao povo campinense, ação classificada pelo periódico como fruto de “Apelo da Angústia”. (Ibid. 21 mar. 1935).

¹⁰¹ Participando como candidato as eleições de 1933 e 1934 pela legenda *Trabalhador Vota em Ti Mesmo*, já que o Partido Comunista estava na ilegalidade, João Santa Cruz se destacava na cidade de João Pessoa, tendo ligações com grupos sindicais e dirigindo o *Socorro Vermelho*, que seria uma assistência jurídica a “todo aquele que fosse pela sua ideia vítima de perseguições” (*A Imprensa*, 03 Mar. 1936).

Em decorrência do pleito de 1934, que escolheria os legisladores constituintes, as forças de esquerda lançaram a legenda *Trabalhador Vota em Ti mesmo*¹⁰² que, em comício, na Cidade de Campina Grande, teria enfrentado dentre outros empecilhos, os integralistas, como nos apresenta a nota o periódico *Praça de Campina*¹⁰³:

(...) A cidade recebeu com certo interesse o boletim dos trabalhadores que votam em si mesmo, porque eles anunciavam que falaria o conhecido agitador de massas incautas, Dr. João Santa Cruz, e outros camaradas de coturno mais baixo e cultura inferior.

Por isso que a Praça João Pessoa ocorreu considerável número de pessoas curiosas de conhecer as idéias da mocidade legendista.

Mal começado o comício, surgiram apartes de todas as partes aos propagadores das idéias leninistas, marxistas e de outros ístas... menos perigosos.

Os oradores, constantemente interrompidos com os apartes do povo, ficaram meios embatucados e daí surgiram diversos incidentes que ninguém sabe explicar. (*Praça de Campina*, 07 out. 1934)

Acreditamos que a referência aos “outros ístas” seja direcionada aos integralistas, que na visão do periódico era “menos perigoso” e também não podiam trazer lucidez à Paraíba, já era o “Partido Progressista, que é o partido do povo que quer e vai fazer a felicidade da Paraíba”. (Ibid.). Cenas de apartes entre integralistas e comunistas voltariam a se repetir com mais ênfase a partir da consolidação da AIB-PB e o surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ALN).

3.4.1. A MATERIALIZAÇÃO DA AMEAÇA: A AIB-PB EM LUTA CONTRA A ANL

Se, no que diz respeito à estrutura administrativa, o governo de Argemiro de Figueiredo provocou a aglutinação dos mais variados ramos oligárquicos, tal ação não se refletiu no apaziguamento das tensões políticas, a velha ameaça do “perigo vermelho” estava presente, materializada agora na Aliança Nacional Libertadora – ANL que, na visão do governo e dos grupos conservadores, deveria ser fortemente combatida.

No dia trinta de março de 1935¹⁰⁴, tinha lugar, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o lançamento público da Aliança Nacional Libertadora (ANL). A ANL consistia em

¹⁰² Assim como apontamos a articulação política partidária paraibana, tendo como centro de comando o Partido Progressista, elemento principal para a inibição do crescimento político integralista, acreditamos ter sido o mesmo, elemento central para as dificuldades de sucesso eleitoral comunista.

¹⁰³ Órgão que servia aos interesses da junta comercial campinense e demonstrava grande apoio ao Partido Progressista.

¹⁰⁴ Nesse mesmo dia, o Congresso aprovava a Lei de Segurança Nacional, que tinha por finalidade transferir para uma legislação especial os crimes praticados por grupos extremistas subversivos. Na teoria, tanto Integralistas como Comunistas seriam enquadrados em tal lei, mas na prática apenas os segundos sentiram o peso dela

uma grande frente formada por comunistas, anarquistas e liberais mobilizados em torno dos ideais de “Paz, Pão, Terra e Trabalho” e tinha como principal objetivo, o combate às expressões fascistas, leia-se integralistas¹⁰⁵. Nascidos oficialmente em 1935, os grupos que viriam a formar a ANL já tinham demonstrado poder de organização e força, quando no dia três de outubro de 1934, na cidade de Bauru, São Paulo, um forte tiroteio entre integralistas e anti-integralistas resultou na morte do “primeiro mártir da AIB”, o servente de ferrovia Nicola Rosica.

Em nota no jornal católico, Pedro Batista divulgava ordem de Plínio Salgado determinando “em todos os comícios até o próximo pleito seja guardado um minuto de silêncio a memória de Nicola Rosica heroico companheiro morto pelos comunistas em defesa do nosso ideal quando traiçoeiramente fomos atacados (...)”. (*A Imprensa*, 06 out. 1934). No dia sete de outubro, ocorreu novo confronto entre Integralistas e Anti-integralistas, quando estes últimos dissolveram, por meio de um intenso tiroteio, uma manifestação da AIB na Praça da Sé, em São Paulo, relatado na capa do jornal católico com o título *Grande Conflito entre Integralistas e Comunistas – Os Provocadores foram os comunistas cuja atitude deu lugar a uma verdadeira batalha*:

Registrou-se ontem, em S. Paulo, violento e sangrento conflito provocado por comunistas durante a parada em que tomaram parte 10 mil milicianos integralistas. Assim, ao chegarem ao local anunciado para o início da cerimônia, mal os Camisas Olivas começaram a prestar juramento, rompeu das janelas de prédios situados na praça, cerrada, fuzilaria de fuzis e revólveres, estabelecendo-se grande pânico.

(...) Em consequência do conflito provocado pelos comunistas morreram o estudante integralista Decio Pinto de Oliveira, o inspetor de polícia Ernani de Almeida e três populares. (...) A luta durou meia hora e só foi dominada graças aos constantes reforços mandados pela polícia ao local da ocorrência. A maioria dos feridos é composta de integralistas. (*A Imprensa*, 09 out. 1934)

As notas divulgadas no jornal *A Imprensa* deixavam claro o posicionamento da Igreja Católica, expondo as ações dos anti-integralistas como frutos da arbitrariedade comunista, que agiam de maneira traiçoeira, colocando os integralistas como vítimas pacíficas ao ponto que

quando em 11 de julho de 1935 foi decretada o fechamento de todos os núcleos aliancistas em todos os estados do Brasil.

¹⁰⁵ A luta antifascista era uma contenda que já vinha se desenrolando, no Brasil e no mundo, desde a década de 20, tomando outra dimensão na década de 30 com a novidade, ao menos no Brasil, da Ação Integralista Brasileira e da união dos grupos antifascistas. Com arremetimento de ambos os lados, que vão referenciar o fascismo ou antifascismo, rompendo o espaço geográfico do eixo Rio-São Paulo, ganhando visibilidade em todo cenário nacional, os combates serão constantes e intensos. As principais entidades que combatiam a AIB e vão se aglomerar na ANL foram: A Frente Comum Anti-integralista; A Frente Única Antifascista; A Frente Única Popular Anti-integralista; A Frente popular contra o Fascismo e a Guerra; A Liga Anti-imperialista do Brasil; A União Feminina do Brasil; A União Libertadora Brasileira e a Frente Popular pela Liberdade. PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos Vermelhos: A Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira 1934-1937**. Dissertação (Mestrado em história), UFBA, Salvador 2006.

alarmavam o perigo da “selvageria comunista”. Dias depois, ainda sobre os acontecimentos, o jornal católico relatava a bravura de uma senhorita integralista que, mesmo em meio a forte tiroteio, “empunhava a bandeira do Partido e longe de se atemorizar, a referida moça continuou no local, erguendo vivas ao Integralismo”. (*A Imprensa*, 11 out. 1934). Na mesma nota o jornal apontava a presença de um comunista paraibano no confronto, o jornalista Mario Pedrosa, um dos mais “ardorosos comunistas do Brasil sendo autor de inúmeras traduções de livros marxistas”, que era apresentado de forma vexatória por ter sido ferido a bala “na região glútea”. (ibid).

Mesmo mediante esse discurso antagônico, segundo Porfirio (2003, p.45), os poucos comunistas do estado da Paraíba, se empolgaram com o surgimento da ANL e, ao divulgarem o programa da organização, conseguiram atrair dezenas de intelectuais¹⁰⁶, com destaque para o jornalista e advogado João Santa Cruz de Oliveira, líder da ANL na Paraíba, que avaliou o desempenho dos aliancistas em depoimento ao DOPS, afirmando que a Aliança Nacional Libertadora “desenvolveu intensa propaganda, pelos jornais e pela palavra, efetuando, com pessoas do diretório uma série de comícios na cidade”. (*A Imprensa*, 03, mar. 1936)

No jornal pessoense *O Dia*¹⁰⁷, temos um indício da propaganda aliancista quando, em pequena nota de capa, divulgava que “Terá lugar, hoje às 20 horas no salão da Academia de Comércio, a primeira reunião preparatória, afim de tratar da fundação da Aliança Nacional Libertadora”. (*O Dia*, 03 mai. 1935). A mesma nota ainda destacava que o “Comitê” solicitava o comparecimento do povo em geral, para a aludida reunião, “sem distinção de classes, credos políticos ou religiosos.” A observação final sintetiza bem os motivos do temor que a ANL vai gerar nos grupos conservadores paraibanos, a ausência de distinção de classes era um enorme indicativo para a luta do trabalhador, bem como a abertura a credos religiosos e até mesmo políticos, marcavam uma afronta ao catolicismo e uma tentativa de aglutinar os descontentes da política paraibana.

Não demorou muito para que a repressão se fizesse presente, não apenas por parte do governo, ou da Igreja, mas pelos integralistas, que cresciam em números e organização, para enfrentar os aliancistas que se inseriam cada vez mais na capital João Pessoa, como nos mostra o jornal *O Dia* ao informar a realização de “mais um comício da ANL”, que ocorreu na avenida João Machado, onde João Santa Cruz dissertou sobre o momento político

¹⁰⁶ Dentre os intelectuais podemos citar o Procurador da República, Ademar Vital, e os jornalistas Aderbal Jurema, Aderbal Piragibe e Guimarães de Tal, este último sendo o diretor do jornal do Comércio em João Pessoa.

¹⁰⁷ O jornal *O Dia*, foi fundado em 1935, por Manuel Formiga, ao lado dos advogados Renato Bastos e Hélio Soares. Efêmero e afirmando seguir uma linha independente, o jornal durou poucos meses. (ARAÚJO, 1986, p.63).

nacional, tendo sido muito aplaudido pelos presentes, “cerca de 500 pessoas, não se registrando, felizmente, nenhum incidente”. (*O Dia*, 06 jul. 1935). O indicativo final da informação do jornal é bastante revelador, o registro da ausência de incidentes demonstra o quão efervescente era o clima de manifestação e acirramento ideológico, seja dos comunistas ou integralistas, ocasionando, não raramente, incidentes como o citado por Porfirio onde:

O então estudante secundarista Celso Furtado, hoje economista renomado no Brasil e no exterior, defensor dos ideais anti-integralistas, chegou a trocar tapas com Ivan Bichara (integralista de carteirinha e de farda), por este ter colocado o símbolo do integralismo nos muros do Liceu Paraibano. A briga se estendeu para outros estudantes que estavam por perto. (PORFIRIO, 2003, p.38)

Das trocas de tapas entre jovens seguidores da *Cultura Política Integralista* ou *Comunista* no Liceu Paraibano, até as depredações de sedes, apartes presenciais, acusações jornalísticas e ameaças de confrontos armados, a convivência entre integralistas e comunistas se deu sempre de maneira pouco amistosa, algo que foi piorando com o advento do crescimento da AIB-PB, passara a contar se não com apoio direto, mas com auxiliadora não interferência do governador Argemiro de Figueiredo, que tinha grandes interesses na luta contra os comunistas.

Dias depois da inauguração da sede do núcleo de Sousa, onde trinta e quatro pessoas juraram seguir o integralismo, surgia em Cajazeiras mais um núcleo da AIB-PB. Solenidade realizada no salão do Cinema Moderno, repleto de pessoas, onde o jovem Ivan Bichara era empossado como chefe municipal. No meio dos discursos integralistas, um tumulto era provocado:

(...) O Sr Otavio Mariz parece ter vindo de encomenda para apartear. A princípio os apartes eram mais ou menos calmos, eletrizantes, despertando o entusiasmo do orador e a solidariedade de alguns amigos antiplinianos que se achavam espalhados no recinto.

Mas, em poucos minutos os assistentes de simples ouvintes interessados, começaram a se incomodar, e as famílias se foram retirando assustadas. A coisa chegou mesmo ao excesso. Eram gritos, eram insultos não só ao integralismo, mas ao povo de Cajazeiras, e até ao catolicismo.

Estabeleceu-se a confusão. Os homens se aproximavam para ocupar os lugares vazios com a retirada das senhoras e das senhoritas. Os companheiros do sr. Mariz se aproximavam também, deixaram-se ver e, alguns deles, auxiliaram-nos com gritos e até com bilhetes de ajuda aos apartes. Por outro lado o orador continuava a responder ataques, e enxertar assuntos, até concluir debaixo de uma demorada salva de palmas que significou a solidariedade dos companheiros, que continuavam firmes, nos seus lugares, sem nenhuma desordem.

Levantou-se então o sr. Eliseu Lira vibrando de entusiasmo e despertando novos apartes do Dr. Otavio.

Declarou que levava de Cajazeiras a melhor impressão possível porque tinha-se despertado o entusiasmo do povo. Declarou-se ainda satisfeito com o sr. Otavio Mariz que tivera a coragem de se declarar inimigo. (*A Imprensa*, 10 abr. 1935)

A cena retratada pelo correspondente do jornal deve ser interpretada com bastante ressalvas, é nítida a tentativa de agrupar os “antiplinianos” como homens ausentes de educação e grosseiros quanto ao integralismo, a cidade de Cajazeiras e até mesmo ao catolicismo. O relato restante da matéria mostra a fala do Pe. Joaquim de Assis que, mediante os insultos ao credo católico, se retira do recinto junto com muitos de seus paroquianos, se queixando da ação orquestrada por aquele “estrangeiro”, se referindo ao Otavio Mariz. A cena ainda deixa indício de mobilização dos comunistas, que se atreveram a irem ao evento da AIB e explicitar o desagrado perante a doutrina do sigma, algo que também ocorria na sede principal, em João Pessoa, onde um “camisa verde” relatara que quando da realização da sessão integralista, “(...) a qual compareceu não só grande número de companheiros como também de pessoas estranhas ao movimento, até mesmo representantes do nosso maior inimigo - o comunismo”. (Ibid. 09 abr. 1935).

Enquanto o integralismo continuava se expandindo na Paraíba, o jornal *A Imprensa* divulgava mais um forte tiroteio envolvendo integralistas e comunistas, em Petrópolis, Rio de Janeiro, expondo os fatos estabelecendo como culpados os membros “aliancistas” que, após comício, passaram de frente a sede integralista (ibid. 12 jun. 1935). Um mês depois o mesmo jornal ainda destacava, em capa, que a sede da Ação Integralista de Recife foi varada a bala por comunistas, que foram surpreendidos pelo revide da parte de um integralista, onde “sem dúvida não saíram satisfeitos com a experiência”. (Ibid. 09 jul. 1935).

Percebendo a conjuntura nacional e os múltiplos confrontos existentes entre a AIB e ANL, os dirigentes da AIB-PB logo se preocuparam em inserir, nos seus discursos, explicações sobre o inimigo. Ivan Bichara, em um comício integralista realizado em Sousa, “discorreu cerca de 30 minutos sobre as misérias do comunismo russo (...) advertiu mais ao povo que a Aliança Libertadora era o comunismo que se disfarçava para melhor iludir a boa fé das populações cristãs do Brasil”. (Ibid.). Dias depois, o jornal católico divulgava, em mais uma matéria de capa, a notícia passada pela secretária integralista, que atestava a inscrição da AIB como partido no Tribunal Eleitoral e a negação da ANL. (Ibid. 12 jul. 1935).

Segundo Porfírio (2003, p. 48-49) o governo federal, preocupado com o crescimento da ANL, ordenou o fechamento de todas as sedes, além de prender alguns dirigentes e filiados, em especial, os que participavam do Partido Comunista do Brasil. Esse fato ocorreu

dias antes de ser inaugurada a sede da ANL na Paraíba¹⁰⁸, que estava prevista para o dia 15 de julho de 1935. O interventor Argemiro de Figueiredo, colaborando com a ordem federal, conversou com o advogado João Santa Cruz e o advertiu quanto à ordem de fechamento das sedes. (*A União*, 13 jul. 1935). Mesmo contrariado, o líder da ANL acatou a decisão, encerrando, ao menos oficialmente, as atividades na Paraíba, que na prática continuaram de maneira clandestina prosseguindo no combate aos integralistas.

Dias depois da publicação do não registro da ANL o jornal *A Imprensa*, divulgava um pequeno texto do chefe integralista de Sergipe, intitulado *Que nome terá hoje?*:

O comunismo pretende: extinguir a Liberdade; acabar com a Pátria; a idéia de Deus deverá ser arrancada do povo; extinguir a Família; acabar letaria e tem tomado mil outras formas de disfarce. Hoje, vestiu roupa nova e tomou um nome pomposo, Aliança Nacional Libertadora... Mas, o povo que não dorme, batizo-a diferentemente; assim, querem uns que A.N.L. signifique “Amigo Nosso Lampião”, já chamados a colaborar com ela, como é do domínio público. Querem outros que A.N.L. signifique “Avança Negada Lisa”, um belo convite para, após a problemática “vitória” comunista, encherem os aderentes da dita cuja, os seus rasos bolsos na gamela do Tesouro Nacional...

Duas perguntas e um doce a quem responder. Porque o comunismo anda com máscaras? Que nome adotará amanhã, essa “aliança libertina internacional?”. (*A Imprensa*, 21 jul. 1935)

A citação acima demonstra que destratar a ANL é um perfeito exemplo de que mesmo em meio à ilegalidade, os comunistas ainda consistiam, na visão integralista, em uma forte ameaça. Vinculá-los ao cangaço, “Amigo Nosso Lampião”, ou mesmo a “Negada Lisa”, era vinculá-los ao banditismo e as arbitrariedades dos fora da lei que, vitoriosos, roubariam o “Tesouro Nacional” por se tratar de um “ramo libertino internacional”, dirigido pela URSS. As palavras envoltas de comparativos fáceis de entendimento tinham como objetivo a manutenção do anticomunismo, alertando a população para a necessidade de combate as múltiplas máscaras do “perigo vermelho”, bem como de aderirem ao integralismo, que seria o agente de ação, o soldado que impediria o fim da pátria, da ideia de Deus e da família.

Todo esse alerta integralista não estava amplamente desprovido de razão, no começo de agosto uma caravana que estava em Pernambuco veio à Paraíba, onde proferiu uma conferência pública de propaganda às 20 horas na rua Duque de Caxias, “onde perante numerosa assistência começaram os camisas verdes a pregação de sua doutrina”, ocorrendo mais um rápido confronto com os comunistas:

¹⁰⁸ Com poucos meses de atuação a ANL expandiu-se para algumas cidades estratégicas, além da capital João Pessoa, constituiu-se diretórios em Campina Grande, Cajazeiras, Santa Rita e Cabedelo.

(...) Ia ainda a princípio da sua exposição das idéias do sigma, o primeiro orador, o pastor protestante Eurípedes Menezes, quando elementos comunistas espalhados pelo salão, entraram a perturbar a reunião com vivas a Aliança Nacional Libertadora e gritos que queriam discutir a “filosofia” do marxismo, retirando-se depois em tropel do recinto, permaneceram ainda algum tempo diante do prédio com assuadas e exclamações pornográficas, bastou, porém, a presença de dois soldados de polícia, para que os “valentes” se retirassem, prosseguindo o orador, sem mais perturbação. O último orador foi o poeta proletário Mayrink que fez uma longa e vibrante exposição da posição do Integralismo diante a questão social, particularizando soluções à respeito da classe operária. No fim de sua oração fez o orador, se dirigindo para os elementos aliancistas que ainda permanecem escutando avidamente as suas palavras, às janelas do prédio, em forte apelo para que aparecessem os contraditores da doutrina integralista para uma discussão ampla no terreno doutrinário, Ninguém aceitou o repto, a reunião terminou com o hino nacional. (Ibid, 07 ago. 1935)

O relato do jornal católico pode ser confrontado com o relato do jornal *O Dia* que, se referindo a mesma conferência integralista e ao embate com os comunistas, publica uma versão diferente, começando pelo fato do número de pessoas, “Cerca das 20 horas de ontem, quando um reduzido número de integralistas estava reunido”:

(...) Sucedeu que se aproximaram do local diversos adversários daquela ideologia, e diante dos ataques ao programa da A.N.L., os partidários desta protestaram veementemente, ocorrendo uma certa exaltação em ambas as partes. Diante disso, o dr. Chefe de Polícia compareceu ao local, fazendo retirar-se os manifestantes, afim de, sem dúvida, evitar incidentes entre os dois grupos adversos. Infelizmente, isto está acontecendo devido à parcialidade, que parece existir da parte dos nossos dirigentes. Os aliancistas têm razão de protestar, uma vez que estão privados dos mesmos direitos de que gozam os integralistas. Os nossos governos, em vez de combater as duas correntes em apreço, deixam uma com o campo aberto para a propaganda e a outra com as suas próprias sédes fechadas. Não deveria ser assim, desde que ambas combatem a liberal democracia, que o regimen vigente instituiu, e que os nossos governos assumiram o compromisso de defender, de acordo com a evolução social do nosso povo. (*O Dia*, 07 ago. 1935)

Analisar os dois relatos nos permite enriquecer a reflexão de como o confronto existente entre integralistas e comunistas se mantinha vivo mesmo depois do fim da ANL. A publicação do jornal da Igreja, como já vinha ocorrendo, estabelece a ideia de um grande número de integralistas presentes no salão e aponta para mais uma intromissão grosseira dos “elementos aliancistas”, que ao ponto que tinha coragem para entrarem no recinto e posteriormente “exclamarem pornografias”, perdiam a valentia quando apenas dois soldados de polícia se faziam presentes, ou mesmo quando eram chamados pelo “poeta proletário Mayrink” para mostrar os erros da doutrina integralista. Do outro lado, o jornal que prestava solidariedade com a esquerda, ressaltava o número diminuto de integralistas, que em meio a “diversos adversários” os provocaram por meio de ataques ao programa da ANL, tendo os

aliancistas, apenas protestado veementemente, gerando uma exaltação de ambas as partes. O mesmo jornal ainda apresenta a injustiça e parcialidade do governo que ao ponto que persegue os comunistas deixa os integralistas com campo aberto. Mais do que se propor a relatar a verdade, os dois periódicos desejam convencer os leitores para aceitarem ou rejeitarem o credo integralista ou comunista, colocando nas entrelinhas a promoção ou degradação da ideologia defendida.

Mesmo longes do pleito municipal, integralistas não perdiam oportunidade de lançar ataques aos seus maiores inimigos, como nos mostra a curiosa matéria do jornal católico denominada de *Votos Interessante*:

A apuração vem dando ensejo à revelação de curiosos epigramas com que espíritos galhofeiros se comprazem tornando a urna eleitoral em perigosa caixa de segredos...

Sem contar com os votos em branco já em número de 100 que valem por um protesto aos partidos disputantes, pois, aumentam o coeficiente eleitoral sem beneficiar nenhum partido, os votos nulos se sucedem.

(...) Em outra cédula, outro gaiato escreveu: “Voto na Manteiga Garça”.

Um “sociólogo” deixou dentro do envelope a seguinte proclamação, que conseguimos copiar:

Consoante o grande pensador, De Greef, “a política é, comumente, o refugio de todas as nulidades” Isto posto, os partidos políticos como expressões dessas “nulidades”, não possuem credenciais para cabalar votos do povo, pois, não passam de exponenciações negativas do bem público.

As massas, cabe discernir com inteligência, repudiando com energia esses pretensos “salvadores”, pois, dentro dos quadros político-sociais do Brasil, só ha margem para quantidades positivas dignas de aplausos populares.

NACIONAL-INTEGRALISMO e Aliança Libertadora, são os reagentes positivo e negativo desse dinamismo renovador. Um eleitor consciente”. (*A Imprensa*, 13 set. 1935)

Não sabemos se tal escrito foi retirado do envelope eleitoral ou foi simplesmente inventado por um membro do jornal, levando em consideração que ele realmente tenha sido escrito por um eleitor, é bastante interessante perceber o grau intelectual do integralista, que de forma sucinta e culta, ataca os partidos que disputavam a eleição, apontando a nulidade dos mesmos em relação a envolver das massas, fazendo questão de lembrar a ANL como reagente negativo e exaltando o reagente positivo que seria o Integralismo. Tal exposição colabora com a ideia de que integralistas e comunistas, mesmo à margem da política paraibana continuavam se enfrentando, como nos mostra a matéria do jornal católico sobre a pichação dos comunistas à sede integralista:

A séde do núcleo integralista que funciona nesta capital à Rua Nova, amanheceu no domingo riscada com um “viva Luis Carlos Prestes” e “morra Plínio Salgado”.

É uma “violência” típica dos nossos comunistas que estas horas devem estar impando de orgulho do “perigo” que souberam afrontar, às caladas da noite, em rua deserta...

Enquanto isto o telégrafo noticia que a polícia carioca descobriu um arsenal de bombas nos meios comunistas, destinadas a destruição das sédes integralistas. E fica-se a pensar na marisidão dos paraibanos; lá bombas e sangue, aqui vivas e morras; lá a destruição e a morte, aqui somente as paredes. É por isto que dizem que caranguejo não dá coragem... (*A Imprensa*, 02 out. 1936)

A nota faz questão de tornar a ação dos comunistas um gesto ausente de coragem, desacreditando a capacidade destes aqui na Paraíba, com provocativo que apresenta bem o clima de luta que fica mais intenso com as inúmeras greves que surgiam na capital paraibana, como nos mostra o quadro abaixo:

QUADRO DE GREVES EM JOÃO PESSOA (1935)

CATEGORIA	CIDADE	DIA-MÊS	ANO
Trabalhadores de Cais, Trapiches e Armazens	Capital	30/09 a 02/10	1935
Padeiros	Capital	? a 10/10	1935
Operários da C. Civil	Capital	04 a 10/11	1935
Ferrovíários	Capital	04 a 13/11	1935
Operários F. de Cigarro	Capital	04 a 10/11	1935
Telefonistas	Capital	04 a 10/11	1935
Operários da F. de Óleo	Capital	04 a 10/11	1935
Estivadores	Capital	04 a 10/11	1935
Operários da I. Mobiliária	Capital	05 a 10/11	1935
Ferrovíários	Capital	10/11 a ?	1935

FONTE: GURJÃO, 1994,p. 157.

Em meio aos aplausos das facções oligárquicas e com apoio da Igreja, Argemiro de Figueiredo desencadeou violenta política de repressão aos trabalhadores. “Nos locais de trabalhos, nas fábricas, associações e sindicatos, os operários eram constantemente fiscalizados e perseguidos por agentes do governo, com objetivo de identificar os mais politizados”. (FALCÃO, 2000, p. 234). Nesse clima de hostilidade o jornal *O Dia* trazia nota sob o título de *A revolta de um operário contra o integralismo*:

(...) O integralismo acena para as massas populares com idéas novas, novo pensamento, nova sociedade, nova economia (...) sem mesmo entrar em acção, tudo no programma, promessas fagueiras (...) O integralismo traça as novas directrizes dos chanceleres, dos magnatas de poder, divorciados do Povo, reduzindo os salários em tempo de greve e em todos os momentos que as suas conveniências exigirem ao passo que vão aumentando cada vez mais o poder e as vantagens da classe fascista,

dominante, sufocadora, escravizadora, contra o povo brasileiro. (*O Dia*, 11 ago. 1935)

Não temos como afirmar se tal registro era mesmo escrito por um operário, o que observamos é que a crítica ao Integralismo vinha por colocar o movimento aos interesses dos “magnatas do poder”, acusando ainda a AIB de transmitir promessas sem nenhuma compatibilidade com a realidade opressora aos trabalhadores. Sob esse contexto de grande repressão, eclodiu, nos dias 23 e 24 de novembro, em Natal e Recife, respectivamente, o levante comunista. O governo paraibano não ficou ausente, e junto com os “exércitos particulares”, formados pelos coronéis, defendeu o território contra a ação e enviou contingente militar e material bélico para combater os revolucionários, viabilizando a retomada do controle em Natal.

Seguindo o exemplo nacional da AIB, onde Plínio Salgado dispunha ao governo federal “para defesa da ordem 100.000 camisas verdes”, a AIB-PB disponibilizou ao governo estadual “60 adeptos para pegar em armas.” (*A União*, 04 dez. 1935). No dia 30 de novembro o jornal católico publicava telegrama de agradecimento de Getúlio Vargas a Plínio Salgado pela oferta, informando que o “Governo estava perfeitamente aparelhado para manter a ordem.” (*A Imprensa*, 30 nov. 1935). O governo de Argemiro também agradeceu a ação dos integralistas e dos demais paraibanos em nota do jornal oficial: “O povo e a tropa estiveram dignos da honra da Parahyba, e o Governo não esquecerá nenhum serviço, nenhum gesto dos que vierem confortá-lo e fortalecê-lo na hora duvidosa”. (*A União*, 04 dez. 1935).

Segundo Cavalcante Neto (2013, p. 220), o fortalecimento dos movimentos sindicais, o apogeu das greves e principalmente, o malogrado Levante Comunista de 1935, deram subsídios para que o governo de Argemiro de Figueiredo mantivesse a Paraíba sob Estado de Guerra, autorizando a suspensão de direitos constitucionais e aumentando o uso da força pública que viria com a presença do exército e da Polícia Militar. Por meio dessa posição governamental todos que contestassem a ordem vigente passaram a ser vigiados, detidos e até mesmo torturados.

Dispondo dos instrumentos jurídicos necessários, Argemiro de Figueiredo provocou uma verdadeira campanha de caça e repressão aos comunistas, que era de perto auxiliada pela Igreja e pelos integralistas. Estes últimos, que por muitos também eram interpretados como integrantes de um movimento extremista, passaram a ser alvos de duras críticas, tendo inclusive a ameaça de perda da liberdade de atuação política, como apresentava em matéria de capa o jornal *O Dia*. Com interesse de afastar essa suspeita, os integralistas paraibanos publicavam no jornal católico uma matéria retirada do jornal *Offensiva*, onde o entrevistado

era o chefe de polícia do distrito federal, Felinto Muller, que informara ter o “Integralismo cumprido a promessa feita à Nação de agir dentro da ordem tem colaborado indiretamente com as autoridades para que essa ordem não seja alterada”. (*A Imprensa*, 18 fev. 1936). Como os boatos de fim da liberdade política da AIB continuavam, uma extensa nota da chefia provincial era publicada, assinalando a fala de Felinto Muller e do presidente Getúlio Vargas, que afirmavam não ter nada contra o movimento integralista que pudesse colocá-lo na ilegalidade, além de justificar o “boato” como perseguição, como podemos observar abaixo:

Na impossibilidade de combater a Ação Integralista Brasileira, dentro do campo doutrinário, os nossos inimigos, que são todos os comunistas embuçados, todos os maus brasileiros que colocam os próprios interesses acima dos supremos interesses da Pátria, todos os incapazes, todos os politiquinhos, todos os ateus, todos os degenerados, lançam mão das mentiras, das calúnias, dos boatos, dos constas e outros meios vergonhosos para realização dessa cousa impossível (...) Nós os camisas verdes, continuaremos tranquilos, nessa luta grandiosa pelo bem do Brasil, dentro da Lei, dentro da ordem, apoiados pelas próprias autoridades que vêem no nosso movimento não um perigo para os poderes públicos, mas uma esperança para o dia de amanhã. (*A Imprensa*, 20 abr. 1936)

A justificativa integralista enfática e furiosa demonstra a preocupação de que o movimento fosse enquadrado na mesma linha dos “inimigos odiosos”. Com a confirmação de que o integralismo continuaria na legalidade, as justificativas davam lugar à provocação e ataque aos “ilegais comunistas”, que continuaram durante toda a vivência da AIB-PB sendo os principais alvos da *Cultura Política Integralista*. Por meio desse inimigo comum e de outras experiências, a AIB-PB demonstrava mais uma vez grande compatibilidade com o catolicismo, usando da folha clerical para expor fala de Tristão de Ataíde:

(...) se há realmente vocação política, confesso que não vejo outro partido que possa, como a Ação Integralista, satisfazer tão completamente às exigências de uma consciência católica (...) como reação histórica (o integralismo) é o movimento mais sadio e útil do nosso atual momento político (...) (Ibid 09 jul. 1937)

A fala de uma das mais respeitadas autoridades católicas do período foi acompanhada por notas de 10 bispos e arcebispos de diferentes cidades, que compunham a matéria intitulada de *O Episcopado brasileiro e o Integralismo*. Como na Paraíba a Igreja mantinha grande acordo com o Partido Progressista, e conseqüentemente com a campanha de José Américo, os integralistas não receberam explícito apoio do clero para campanha presidencial, tendo, no entanto, mantido estreitas relações durante todo período de existência da AIB-PB. Baseado em tudo que apresentamos podemos afirmar que a aliança entre a AIB-PB e o clero paraibano beneficiava a ambos, os integralistas tinham grande suporte para propagar sua

Cultura Política por todo o Estado e em contrapartida a Igreja Católica se fazia presente nos discursos integralistas, tendo neles decididos parceiros no combate ao “desvio de condutas” e no inimigo principal: o comunismo.

4. É PRECISO VER PARA CRER: OS MEIOS DE DISSEMINAÇÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA NA PARAÍBA

Como vimos nos primeiros capítulos, o Integralismo se apresentava não apenas como um movimento político, mas como uma nova concepção de vida, um novo modelo de compreensão do saber. Para nos aproximarmos da complexidade e audácia desse projeto doutrinário, devemos ficar atentos ao sentido teológico criado por Plínio Salgado na sua elaboração de uma *filosofia da história* própria, a qual conjeturava uma nova era da humanidade, chamada por ele de *Quarta Humanidade*¹⁰⁹, que se iniciaria com a implantação do *Estado Integral*. Almejando chegar a essa etapa, a AIB criou e aperfeiçoou toda uma estrutura para a produção e divulgação de sua doutrina, estabelecendo um aparato controlador e autoritário, fazendo com que a ideologia integralista chegasse aos seus destinatários com nítido desejo de disciplinar os militantes, ajudando a fazer deles aquilo que o movimento queria que fossem além de proporcionar uma constante propaganda aos futuros adeptos do sigma.

Na Paraíba, assim como no restante do país, a atração, o ingresso ou simples simpatia pela doutrina da AIB era precedida pela observação do comportamento integralista, ou seja, era preciso “ver” para depois “crer”, logo, mediante a necessidade de se portar de maneira enfática a AIB-PB usou de vários elementos divulgadores da sua *Cultura Política* como veremos a seguir.

4.1 O SENHOR ESTEJA CONVOSCO, O SIGMA ESTÁ NO MEIO DE NÓS: A IGREJA CATÓLICA E A DISSEMINAÇÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA

Não seria exagero afirmar que a religião possui capacidade significativa no que diz respeito à influência do modo de vida das pessoas. Exercendo poder sobre as interpretações e

¹⁰⁹ Segundo o pensamento de Plínio Salgado na “Primeira Humanidade o homem estava penetrado do sentido profundo do cosmos. Na Segunda, o homem teria sido iluminado pelo verbo divino. Na Terceira, o homem tornou-se senhor dos elementos. E na Quarta surgiria uma sociedade perfeita, que fecundaria uma nova civilização a partir da chegada do integralismo no comando do Brasil, já que nosso país tinha um povo eleito, na junção da agudeza de nossos instintos (herança do índio); pela bondade extrema dos povos infantes (herança do negro) e pela profunda espiritualidade e tenacidade na luta pela conquista da terra e contra a exploração econômica (herança dos portugueses)”. Para maiores informações consultar SALGADO, Plínio. **Psicologia da Revolução**. Obras Completas. São Paulo: Editora das Américas, 1955, v.7.

principalmente intervindo nas práticas cotidianas, a religião foi (é) capaz de legitimar discursos, além de consagrar ações como nos aponta Pierre Bourdieu:

(...) a religião está predisposta a assumir uma função ideológica (...) Em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a esse grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social. (BOURDIEU, 1987, p. 46)

Levando em consideração essa predisposição religiosa, fundante no que diz respeito à legitimação de um estilo próprio de vida, podemos afirmar que a religião católica no Brasil dos anos 1930, buscava com maior veemência incidir seletivos atributos no modelo de conduta da sociedade. Imbuído de um sentimento de “recristianização”, despertado no Brasil desde os anos 1920 sob a liderança do cardeal Dom Sebastião Leme, o clero passava a investir na romanização dos seus rituais buscando servir ao propósito de influenciar a sociedade, “recristianizando-a” com a busca de espaços nas principais instituições, além de pregações contra a secularização, o protestantismo, o ateísmo, a maçonaria e o comunismo (MAINWARING, 2004, p.45).¹¹⁰ Com o advento do processo revolucionário russo de 1917, o comunismo deixava de ser visto como mera engenhosidade teórica e passava a ser uma ameaça concreta:

A questão central, na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. A filosofia comunista opunha-se aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu (...) No limite, o sucesso da pregação comunista levaria ao desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários. (MOTTA, 2002, p. 20.)

A vitória da “Revolução de 1930” abriu nova oportunidade para a reaproximação entre a Igreja Romana e o Estado Brasileiro. Focando no “perigo vermelho”, a Igreja Católica passou a fortalecer um discurso sobre os prejuízos que a cristandade teria caso o comunismo crescesse e, dessa forma, foi construído uma espécie de pacto com o governo varguista (Ibid. p.43). Buscando superar a separação entre o poder temporal e espiritual, decorrido do processo de laicidade desenvolvido pela República, foi estabelecido um movimento de

¹¹⁰ Concretizando esse projeto, ainda em 1921, foi fundada a revista *A Ordem*, sob o comando de Jackson de Figueiredo, difundindo a doutrina cristã e o projeto de salvação nacional. Em 1922, o mesmo Jackson de Figueiredo fundava o Centro Dom Vital, com sede no Rio de Janeiro, objetivando atrair os intelectuais católicos para uma militância política.

cooperação mútua envolvendo Vargas e a Igreja, onde o primeiro passava a contribuir com “verbas para escolas, hospitais e instituições de beneficência mantidas pela Igreja, que amplia assim de modo gigantesco sua rede assistencial subvencionada” (BEOZZO, 1986, p. 307), e em contrapartida recebia apoio do clero, que conseguia alicerçar enorme influência entre a população para a manutenção da ordem então vigente e conseqüente apoio ao governo.

Na Paraíba, a Igreja Católica sofria com a concorrência de elementos novos e tidos como perigosos à manutenção dos preceitos cristãos. A capital, João Pessoa, assim como Campina Grande, passava por um processo de modernização, que transformava o aspecto físico e principalmente cotidiano dos seus habitantes. A introdução do cinema, do carnaval, dos grupos de teatros, como meios de divertimentos e lazer, começavam a determinar costumes, que na visão da igreja deveriam ser controlados para a preservação da “boa cultura”, baseada na ordem moral contrária a qualquer desajuste social.¹¹¹

Esse desejo do clero de controle cultural, com fim de evitar os desajustes sociais, provocava suspeita a “toda e qualquer” alusão em favor da classe trabalhadora. Os problemas econômicos paraibanos eram graves, o que fazia, segundo o discurso da Igreja, do trabalhador urbano, que teoricamente seria beneficiado com as leis trabalhistas¹¹² e principalmente do trabalhador rural, “presas fáceis” para os discursos comunistas, ou mesmo a serem “cooptados” pelo que ela chamava de seitas, a exemplo do protestantismo. Caberia, então, à Igreja Católica atuar perante o trabalhador através de suas pregações nas missas, no jornal e também por meio de entidades assistencialistas, como a *União dos Operários e Trabalhadores Catholicos* e a *Juventude Operária Católica* em João Pessoa, bem como na *União Operária Católica* em Campina Grande, com funcionamento desde 1931.

Acreditando não ser suficiente a atuação em esferas sociais, a Igreja partiu para influência política, organizando, nacionalmente, a Liga Eleitoral Católica (LEC), que em publicação no jornal diocesano da Paraíba afirmava que::

Não vamos formar um partido católico, mas vamos arregimentar um eleitorado católico. Não nos limitaremos aos horizontes acanhados dos faccionistas partidários, mas apoiaremos todos os que, dentro ou fora dos partidos, estejam de acordo com os nossos princípios ou aceitem as nossas sugestões. (*A Imprensa*, 10 fev. 1934)

Buscando interferir na vida política, sem contudo criar um partido, a Igreja Católica se consolidava no centro da política paraibana, atuando como grupo de orientação ao

¹¹¹ Para maior esclarecimento sobre o assunto, consultar COSTA, Simone da Silva. **Mulheres em Defesa da Ordem**: um estudo do Núcleo Noelista da Paraíba nos anos de 1930 a 1945. Dissertação (Mestrado em história) 2007. UFPB, João Pessoa.

eleitorado, e demonstrando, como veremos, grande simpatia ao Integralismo. A simpatia ou mesmo a aliança entre o clero católico e a Ação Integralista Brasileira não era exclusividade da Paraíba, em todo o Brasil desenvolveram-se ligações entre a Igreja e a AIB, algo que pode ser explicado, dentre outros fatores, por meio do discurso integralista, que segundo Cavalari, era formado por meio de uma: “visão maniqueísta da história, a ideia da redenção pelo sofrimento, a transformação da história em uma espécie de fábula moralizante veiculada por tal discurso parecem apontar para a hipótese de que o arquétipo de tal discurso era o universo do catolicismo tradicional.” (CAVALARI, 1999, p.159).

4.1.1. PATROCINANDO A DOCTRINA DO SIGMA: O JORNAL CATÓLICO ‘A IMPRENSA’ E A AIB-PB

O jornal foi peça fundamental no surgimento e desenvolvimento da Ação Integralista Brasileira.¹¹³ Não é à toa que Oliveira (2009) afirmou que “Falar em jornais integralistas é quase o mesmo que falar na história do próprio integralismo nos anos de 1930.” (OLIVEIRA, 2009, p. 137). O mesmo autor ainda aponta a importância da imprensa para a Ação Integralista, onde no período de sua existência legal, de 1932 até 1937, foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, o *Monitor Integralista*¹¹⁴ e *A Offensivva*¹¹⁵, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear (Ibid., p.146). A explicação para tamanho investimento dar-se pela preocupação em fazer do jornal instrumento de educação, com ampla penetração nos diferentes meios sociais e com rápida propagação, devendo exercer influência sob os militantes, deixando-os em constante contato com a doutrina e com as ordens nacionais, ou mesmo locais. Diferente dos livros integralistas, que seriam destinados “para os mais cultos”, cabia ao jornal orientar “o homem do povo, das grandes cidades, homem que, por força de

¹¹³ Foi por meio do jornal *A Razão*, que surgiu em 1931 com circulação diária em São Paulo, que Plínio Salgado construiu a base ideológica do integralismo.

¹¹⁴ Surgido em 1933 no Rio de Janeiro, tinha circulação interna e era estruturado como uma espécie de diário oficial, regimentando a organização do movimento. Todas as lideranças dos núcleos estaduais e municipais deveriam fazer a aquisição dele. Originalmente era uma publicação quinzenal (entre dezembro de 1933 e fevereiro de 1934), depois passando a bimestral (até dezembro de 1934), a trimestral (entre março e novembro de 1935), a quadrimestral (entre janeiro e outubro de 1936) e apenas uma edição em 1937. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. Tese (doutorado em história) Porto Alegre-RS, 2009.

¹¹⁵ Esse periódico era o principal portal de transmissão da doutrina integralista. Tinha o caráter de órgão oficial e era através dele que a palavra de Plínio Salgado chegava aos lares dos militantes. Sua aquisição também era obrigatória.

circunstâncias facilmente verificáveis, nunca teve um livro nas mãos”. (*A Offensiva*, 15 dez. 1936).

A imprensa integralista teve grande desenvolvimento¹¹⁶, tornando-se inclusive “a maior organização de imprensa política da História do Brasil, pois nenhuma outra agremiação ou movimento político conseguiu possuir e manter tantos periódicos” (OLIVEIRA, 2009, p.65). Para sistematizar e orientar todos esses jornais, em 1935 a AIB criou o seu conglomerado, o *Sigma Jornaes Reunidos*. Na Paraíba, bem antes do surgimento do jornal oficial da AIB-PB, os integralistas ganhavam vultoso espaço nas folhas de um dos periódicos mais lidos do estado, o jornal católico *A Imprensa*¹¹⁷.

Como podemos observar nos primeiros capítulos, *A Imprensa* foi a nossa principal fonte no tocante as investigações sobre a presença da AIB-PB, isso se deu pela preservação do seu acervo¹¹⁸ e também pela ação divulgadora do jornal católico a doutrina integralista. Dedicar apenas um tópico da dissertação ao potencial colaborativo desse jornal parece pouco coerente por tudo que já foi exposto, por isso aqui, mais do que utilizá-lo como vestígio no prover da socialização da *Cultura Política Integralista*, trataremos o periódico como parte interessada em facilitar a expansão de tal cultura.

Em sua tese de doutorado, Oliveira (2009, p.178) trata dos jornais que não eram oficialmente ligados a AIB, levantando a hipótese de que os integralistas buscavam conquistar simpatizantes para a agremiação através de periódicos de forma em geral, como meio de atraírem indivíduos que não se propusessem a adquirir um jornal oficial do movimento. Essa hipótese sem dúvida é válida, na medida em que os integralistas usavam de vários recursos para gerarem visibilidade para sua *Cultura Política*, no entanto, no caso da Paraíba, devemos

¹¹⁶ Para maiores informações consultar as duas coletâneas: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org). **Entre tipos e Recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. E GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org). **Entre tipos e Recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2012. V.2

¹¹⁷ Lançado no dia 27 de maio de 1897, tinha formato grande com periodicidade semanal, circulando na sua primeira fase até 13 de novembro de 1903. Entre 1905 e 1912, ele foi substituído pela publicação mensal do *Boletim Ecclesiastico*. Em 15 de agosto de 1912 ele reaparece, agora na sua segunda fase em publicação bi-semanária (quartas e domingos) e com uma tiragem de dois mil exemplares. Durante os anos 1920 e 1930, esse jornal fazia a cobertura de todo Estado da Paraíba, alcançando também outros recantos do país, não mais como bi-semanário mas com publicações diárias, funcionando regularmente até 1942 pelo interventor Ruy Carneiro, ressurgindo em 1946 onde funcionou até 1968. Para maiores informações consultar LIMA, Francisco (Cônego). **Dom Adauto**: subsídios bibliográficos (1855-1915). Tomo I. 2.ed. João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.

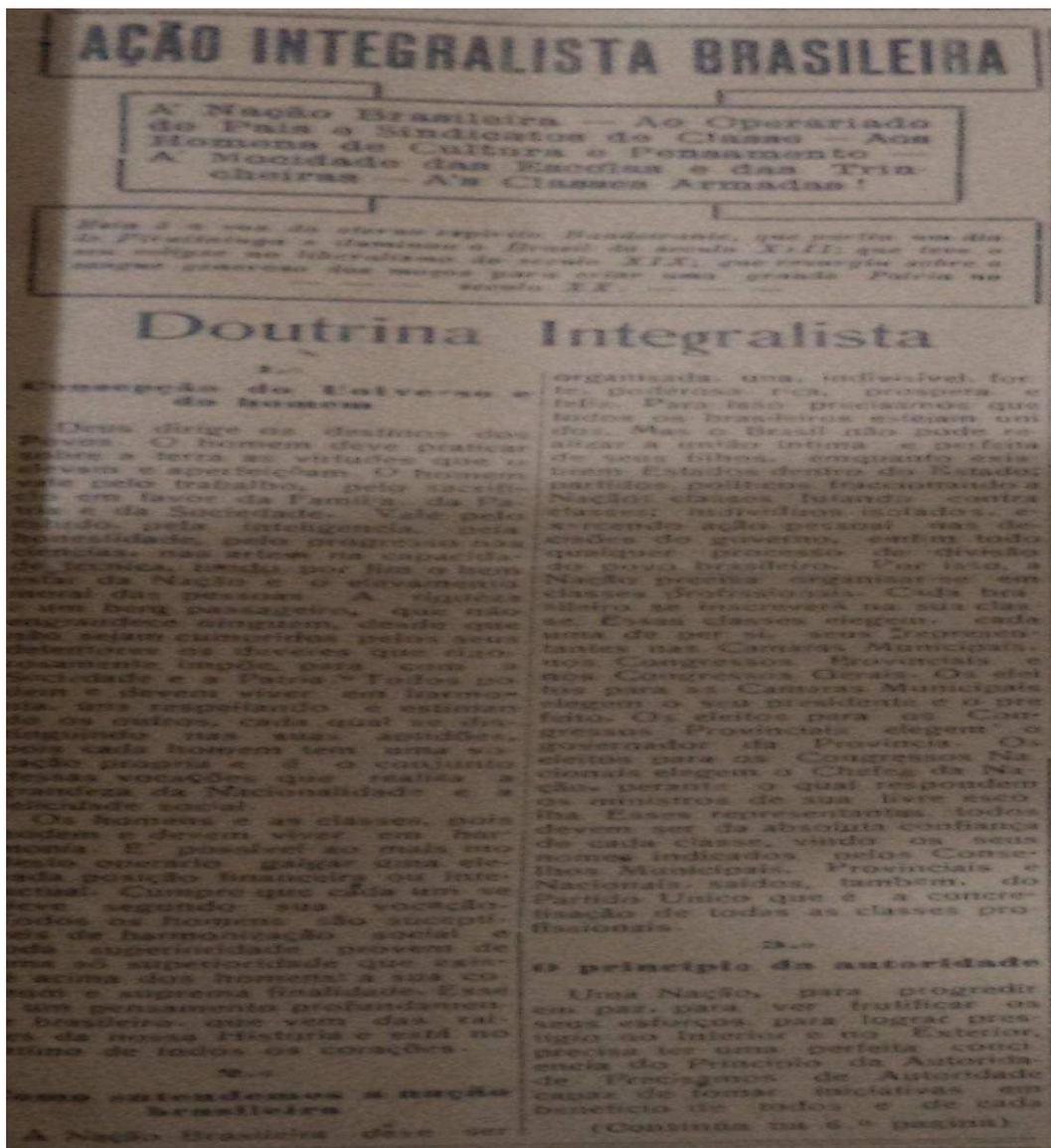
¹¹⁸ O acervo do jornal *A Imprensa* está em sua quase totalidade localizado no acervo da diocese na cidade de João Pessoa. Cabe ratificar que ao analisarmos o jornal *A Imprensa* ou qualquer outro jornal inserido na análise da dissertação, tivemos a preocupação de perceber os interesses envolvidos no texto e no contexto, não tomando aquilo que foi escrito como constatação de absoluta verdade. Outro fato que deve ser destacado é em relação à dificuldade de garimpar fontes referentes à atuação da AIB-PB já que a partir de 1938 os seus membros passaram a ser perseguidos pela polícia, e é muito provável que muitos materiais integralistas pertencentes a particulares foram destruídos como meio de proteção.

compreender a publicação integralista no jornal *A Imprensa* como uma via de mão dupla, ou seja, se os camisas verdes tinham no jornal da diocese uma estratégia de facilitar a divulgação, o jornal, mais especificamente, a Igreja que geria o jornal, também tinha grande interesse em divulgar o integralismo, e esse interesse foi demonstrado na medida em que foi o jornal católico o primeiro instrumento de divulgação das ideias da AIB na Paraíba.

Antes mesmo do surgimento da AIB-PB o periódico católico já propagava em matéria de capa, trechos do *Manifesto Integralista* (*A Imprensa*, 10, jun. 1933), ressaltando dias depois que prosseguiria na publicação do programa doutrinário e que se iniciava a partir daquele momento “um movimento em favor da patriótica organização.” (Ibid. 13 jun. 1933). A promessa de prosseguir na publicação da doutrina foi realizada, o jornal católico não só abria espaço para que os próprios integralistas fizessem suas divulgações como ele mesmo se encarregava de alardear os feitos do sigma. Em muitas notas não autorais divulgadas, o grau de admiração e exaltação do movimento é tão exacerbado que não é possível detectar nem mesmo se a autoria é de um integralista, de um membro do jornal ou de ambos, já que existiam integralistas que trabalhavam no jornal, a exemplo de Hortensio Ribeiro e Ivan Bichara.

A importância do periódico católico era tamanha para os interesses integralistas no estado, que as lideranças do movimento em passagem por João Pessoa não deixavam de dirigir uma visita à redação do jornal, como fez Plínio Salgado (*A Imprensa*, 08 ago. 1933); Gustavo Barroso, que mesmo em rápida passagem junto com os caravaneiros “entreteram em uma ligeira palestra com os redatores presentes” (Ibid. 13 jan. 1934); e os chefes provinciais ou municipais que vinham de Pernambuco ou mesmo da própria Paraíba.

PRIMEIRO REGISTRO DOUTRINÁRIO DA AIB NO JORNAL A IMPRENSA



FONTE: jornal *A Imprensa*, 10 jun. 1933.

Além da apresentação de trechos doutrinários, que eram frequentemente transmitidos nas páginas do jornal, os primeiros momentos de apoio da folha católica ao integralismo foram repletos de cobertura da expansão nacional do movimento. Em meio a informações sociais, econômicas e registros publicitários, surgiam colunas informativas sobre a AIB, que divulgavam a “marcha para crescimento” em Minas Gerais, Natal, Ceará e outros espaços brasileiros que “demonstravam entusiasmo ao ouvirem a palavra de Plínio Salgado.” (Ibid. 29 jul. 1933). Outro elemento característico da aparição de notícias integralistas no jornal era a publicação de telegramas envolvendo as autoridades da AIB, assim como as notas que repercutiam o crescimento integralista, interpretamos a publicação desses contatos como tentativa de demonstração de organização, na medida em que o movimento mantinha

constante troca de informações; diferenciação, já que perante os partidos políticos o integralismo era a única proposta de caráter nacional, e também de instrução interna, a partir do momento que a AIB-PB conseguiu se expandir por todo o estado o jornal passa a ser instrumento precioso de transmissão de ordens, convites ou informes.

Na passagem de Plínio Salgado pela Paraíba, *A Imprensa* acrescenta pela primeira vez em seu texto sobre o integralismo, o recurso da imagem, destacando como podemos ver abaixo o chefe nacional:

PRIMEIRA APARIÇÃO DA IMAGEM DE PLÍNIO SALGADO NO JORNAL A IMPRENSA



FONTE: Jornal *A Imprensa*, 08 ago. 1933.

Acreditamos que nesse momento o objetivo do jornal *A Imprensa* era tornar visível à feição do chefe integralista, oportunizando aos leitores conhecerem a face da figura do

“consagrado autor” que, segundo o texto, numa “visão de acendrado patriotismo”, movia a nação. Essa imagem de Plínio Salgado usando a farda foi recorrente nas publicações do jornal, em quase todas as matérias que tratavam do discurso do líder da AIB, ela era usada. Em 1937, em meio à efervescência do suposto plano comunista, outra imagem de Plínio Salgado ilustrava o texto:

MUDANÇA NA IMAGEM DE PLÍNIO SALGADO



FONTE: *A Imprensa*, 04 nov. 1937.

Essa nova imagem do líder da AIB de perfil, deixa muito claro a tentativa de retratá-lo com visão focada no horizonte em meio ao momento “das definições urgentes” (Ibid.). A ideia era transmitir a segurança do futuro brasileiro que, mesmo ameaçado, teria no integralismo e no próprio chefe a firmeza do combate ao perigoso inimigo. Anuente aos jornais oficiais do movimento, dos quais muitas vezes reproduzia matérias, o jornal *A*

Imprensa buscava sempre valorizar os atributos de Plínio Salgado, destacando suas qualidades públicas e até mesmo alguns momentos de sua vida privada, como o “enlace matrimonial (...) com a sta Carmela Patti.” (Ibid. 17 abr. 1936), ou mesmo, a efemeridade dele não ser mais paulista, fato ocorrido “Em virtude do acordo Paulista-Mineiro sobre a questão de limites, a cidade de Candelária passou a ser de Minas Gerais. E o sr. Plínio Salgado deixou de ser paulista para ser mineiro, por ter nascido ali.” (Ibid. 09 out. 1936). Provavelmente, a acolhida de tais notícias se dava especificamente aos integralistas paraibanos, que ficavam informados de detalhes da vida do chefe nacional.

Outra forma de promoção integralista utilizado pelo jornal *A Imprensa* era a exposição de eventos grandiosos, como podemos observar no relato abaixo:

(...) Constituiu verdadeiro acontecimento, assumindo proporções de grande apoteose, o desfile dos camisas-verdes em continência ao Chefe Nacional. Em estatística levantada pelo Núcleo de Blumenau, sob o controle da Chefia Provincial, foi apurado um total de 42.600 homens dos quais 40.000 desfilaram deante do Chefe Nacional, enquanto 2.600 patrulhavam a cidade. Tais dados estatísticos alcançaram com as cifras seguintes sua verdadeira significação: Meios de condução – 16 trens de 22 vagões abertos; 3 aviões; 4 navios; 250 ônibus; 210 caminhões; 320 automóveis; 5 embarcações fluviais; 600 ciclistas; 100 carretas; afora itinerantes a pé. (...) Fora abatidos 120 bois; 1800 frangos. Consumiram-se 2.000 patos; 12.000 quilos de pão; 32 sacas de feijão; 600 quilos de carne seca; 200 quilos de cebola; 50 quilos de banha; 120 quilos de manteiga; 10 sacas de farinha; 50.000 sandwiches; 200 quilo de salsichas; 13 enormes caldeirões de cobre de 1 metro de altura por 1,30 de diâmetro foram utilizados no cozimento da feijoada. (Ibid, 31 out. 1935)

Esse trecho faz referência ao congresso realizado em Santa Catarina, percebemos a tentativa de promover grande ostentação, relatando além das pessoas presentes, a quantidade de alimentos e até mesmo as especificidades dos recipientes que foram utilizados na preparação das refeições. O relato minucioso tinha como função provocar no leitor a impressão de grandiosidade política e até mesmo econômica do sigma, algo que também era feito em relação à AIB-PB, quando em publicação da visita de integralistas a cidade de Sousa é finalizada com: “E os discípulos do sr. Plínio Salgado, que viajaram num caminhão V-8, novinho, voltaram ao campo de suas atividades bastante satisfeitos, cantando hinos patrióticos.” (Ibid. 09 jul. 1935). O automóvel era objeto pouco comum na Paraíba dos anos 1930. A publicação do uso de um “caminhão novinho” ao nosso entender, compactuava com a tentativa de ostentar poder do movimento. Seguindo nessa mesma linha, quase todas as notícias de realizações de sessões, conferências ou comícios da AIB-PB eram feitas com usos de termos como “revestida de muito brilho”, “verdadeira apoteose”, “magnífica demonstração

patriótica”, da mesma forma que traziam a frase “entrecortados aplausos”, apontando que os oradores integralistas ao discursarem provocavam entusiasmo e apoio da plateia.

Durante quase todo o período de existência da AIB-PB inexistia uma formalidade organizacional em relação às notícias integralistas no jornal católico, fato que foi modificado na gestão de José Mayrink, que no final de 1936, demonstrando ter consciência de que não poderia usar o periódico sem “esquecer, nunca, a linha fidalga com que conduz o matutino que abre sua porta – apenas, ao Soldado de Deus, da Pátria e da Família” (Ibid. 22 dez. 1936), buscou organizar a *coluna integralista* no jornal *A Imprensa*, com objetivo de efetivar uma separação que gerasse maior independência para os integralistas e ausentasse o periódico de qualquer represaria, já que a folha católica também tinha compromissos políticos, principalmente aqueles que envolviam o Partido Progressista. Em fevereiro de 1937 o acordo entre integralistas e o jornal era efetivado trazendo a primeira publicação da coluna *Deus, Pátria e Família* explicitamente organizada pela AIB-PB:

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO DA COLUNA DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA EXPLICITAMENTE ORGANIZADA PELA AIB-PB:



FONTE: Jornal *A Imprensa*, 18 fev. 1937.

O texto que abre a coluna tem por título *Periodicidade* e esclarece como deveria ser as publicações integralistas:

Em virtude de um contrato verbalmente feito, entre a Chefia Provincial da Ação Integralista Brasileira na Paraíba do Norte e a direção da “A Imprensa”, a coluna Deus, Pátria e Família passará a publicar-se às quinta feiras, em meia página do jornal, visando maior desenvolvimento e relativa liberdade de movimentos, principalmente para evitar que se confunda por má fé, a guarda que os assuntos do Sigma têm recebido neste diário, atribuindo-lhes tendências integralistas. Além de artigos doutrinários, serão publicadas notas de interesse da Ação, na Capital, no interior e no País, em geral de maneira que os camisas verdes paraibanos possam ter, na província um jornal informativo da marcha dos acontecimentos políticos encarados pelo prisma da responsabilidade da A.I.B. (Ibid.)

A matéria ainda destacava que todas as publicações integralistas teriam o visto da chefia provincial, “não impedindo, a existência da periodicidade em causa, que ‘A Imprensa’ publique no decorrer da semana, pequenas notícias do Integralismo, o que verifica, para os núcleos do interior a necessidade de sua leitura, diariamente.” (Ibid.) Esse espaço destinado a AIB-PB definia, de vez, a importância do periódico católico para o movimento do sigma, tornando-o quase como jornal oficial integralista, tendo não apenas nas quintas-feiras, já que as publicações avulsas, ou seja, não oficiais, continuariam oportunizando meios para o fortalecimento da *Cultura Política Integralista*, tanto para os militantes como para os simpatizantes, que poderiam ser conquistados por meio de sua leitura.

4.2. RAZÕES DO NOSSO INTEGRALISMO: DANDO SENTIDO AO PASSADO PARA CONFIGURAR O PRESENTE E MODELAR O FUTURO

Como podemos constatar, os integralistas se apresentavam como possuidores de uma “missão” e viam a si mesmos como agentes políticos capazes de produzir um projeto de transformação cultural, política e social para o Brasil. A partir dessas considerações, a *Cultura Política Integralista* modelava estratégias de uso de linguagem que colaborariam em um processo singular de interpretação das tradições e da própria história como forma de justificar os seus desígnios de mundo. Na Paraíba podemos encontrar a materialização desse processo no exemplar de *Razões do Nosso Integralismo*, uma espécie de carta aberta de autoria do então chefe provincial Pedro Batista, que buscava justificar os motivos para a suposta compatibilidade do movimento do sigma com os atributos do povo paraibano.

A carta foi divulgada no final de 1934, tinha um formato de livreto, com trinta e duas páginas divididas em abordagens locais, ou seja, referentes às características da Paraíba e abordagens mais amplas com assuntos internos do integralismo, como os vinte e seis tópicos das diretrizes da AIB e algumas explicações em relação a elementos da *Cultura Política* do movimento.

CAPA DO LIVRETO INTEGRALISTA



FONTE: *Razões do Nosso Integralismo*.

O texto inicial da carta apresenta três razões para o paraibano aderir ao integralismo; a primeira seria a *Razão Biológica*, onde Pedro Batista exalta qualidades da região, afirmando que “A terra e o clima imprimem no caráter do nordestino positivos germens de reação” que assim como o ideal integralista, poderia ser usado na melhoria do futuro do Brasil. Tal perspectiva valorosa é um demonstrativo do grau de cumplicidade discursiva do movimento,

não sendo exclusividade do pensamento do chefe integralista paraibano, compartilhado por muitas outras lideranças da AIB, a exemplo do próprio Plínio Salgado, que pregava essa mesma visão ufanista do território, que seria capaz de modelar os costumes sociais e culturais do homem brasileiro, tornando-o gentil e de bom caráter.¹¹⁹

A região Nordeste continuava sendo exaltada quando Pedro Batista a descreve como espaço trabalhado pelo “idealismo cavalheiresco que deu as mais exuberantes mostras do seu patriotismo, quer na luta contra o invasor holandês (...) quer no estoicismo com os mártires de 17 e 24 (...)” Percebemos, nesse momento, um claro demonstrativo da apropriação de um passado mitificado, de um período idílico, onde no território brasileiro, mais especificamente no Nordeste brasileiro, nascia a unidade social entre as “três raças”, o branco, o indígena e o negro que, na visão integralista¹²⁰, uniam forças no combate ao “invasor holandês”, esse mesmo pensamento também era compartilhado por Plínio Salgado, sendo destacado no seu discurso em visita a Paraíba ao evocar “a bravura dos nordestinos na expulsão do holandês”. (*A Imprensa*, 08 ago. 1933). Fator curioso é a aceitação do português como elemento quase que inerente ao próprio território brasileiro, já que na interpretação integralista apenas os holandeses eram cometedores da invasão, sendo os portugueses representados como “poderosa raça luso-brasileira” deixando-nos legado o “(...) enormíssimo território e, mais do que isso, a unidade da língua, a consciência jurídica, através das Ordenações do Reino, a fé cristã e o sentido da indivisibilidade da Grande Pátria”. (SALGADO, 1995, p.95). Esse passado idealizado, conjeturado por princípios cristãos, construtor de uma sociedade harmônica tinha como intenção criar o que Girardet (1987) chamou de *Mito da Idade de Ouro*, ou seja, a construção de um estágio ideal de vida, em que os problemas relativos à convivência social estariam equacionados,¹²¹ devendo esse passado ser lembrado e relembado com fim de legitimar o projeto político integralista que se apresentava como o “redentor da nação.”

A segunda razão elencada no livreto seria a *Razão Econômica*. Nessa parte Pedro Batista fala do *déficit* que “nos acompanha desde a colônia, crescendo em cada novo governo com a rapidez daquela monocotiledônea dos nossos sertões”, destacando o exemplo Alemão, que não tendo, segundo ele, outra escolha se entregou:

¹¹⁹ Para maiores informações consultar Salgado (1937).

¹²⁰ Cabe destacar que “o mito das três raças” não pode ser entendido como exclusividade doutrinária da AIB, sendo no período aceito e divulgado por muitos intelectuais brasileiros.

¹²¹ Para maiores informações consultar GIRARDET. Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

(...) de braços abertos às mãos do Nazismo, que propôs lhe restaurar os créditos. A missão, portanto, do brasileiro na hora presente (...) tomar parte na luta que fomos atirados pela acumulação de erros que havemos de reparar. Repararemos! Custe o que custar,

(...) como, pretende o Integralismo, totalizará os esforços, somando todos os valores sob a égide do SIGMA, nossa bandeira do momento.

Conquanto o liberalismo, socialismo ou comunismo, três designações de uma única entidade, rujam bramindo deante da afirmativa Integralista que submete os interesses da coletividade aos do Estado, e este, por sua vez, também se submete a ordem sobrenatural, é o Integralismo o grande coordenador do fator humano.

(...) Pretende o Integralismo instituir um governo que realize obra duradoura, e a todos nós, anônimos brasileiros, cumpre trazer a pedrinha do seu esforço pessoal que, conjugado, se torne um bloco inquebrável. (*Razões do Nosso Integralismo*, 1934, p7-8)

A apresentação do integralista paraibano cria a imagem de um período de enorme estorvo, fruto de um passado de desorganização administrativa que teria levado o Brasil a viver uma triste realidade econômica, onde as bases teóricas do liberalismo, socialismo e comunismo não seriam suficientes para transformar tal cenário, a mensagem final aponta para soluções. Assim como fizeram os alemães, os brasileiros deveriam se apegar a propostas “totalitárias” que fizessem do governo a máxima representação de força e controle sobre os interesses pessoais, buscando com os desígnios divinos realizar obras duradoras, sendo para isso necessário o auxílio de brasileiro anônimo, humilde, que unido a outros brasileiros na mesma finalidade, transformariam a nação integralista em um bloco inquebrável. Tal indicativo, mais uma vez encontra subsídios no discurso de Plínio Salgado, que apontava os planos da AIB como planos de esperança para o futuro onde “Contra essa cruel civilização, que já agoniza nos estertores das crises econômicas, levantar-se-á a nova civilização”. (SALGADO.1995, p .50).

Na terceira e última razão, denominada de *Razão Política*, o passado paraibano era lembrado, não o passado longínquo da colonização, mas o passado recente, apresentado com o intuito de exaltar o sentimento de *paraibanidade* e compatibilidade integralista. Sendo Pedro Batista intelectual pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), é possível também creditarmos o escrito seguinte como influência desse meio:

A Paraíba, cuja parcela de responsabilidade na atual política republicana é das mais inequívocas, não tem direito a ficar indiferente quando se joga o próprio destino da nacionalidade. Daqui partiram os primeiros brados que foram ecoar pelas quebradas ínvias do Brasil, antes mesmo da semente Integralista, dados por uma administração cuja honestidade impressionou o país focalizando um nome – João Pessoa. Aos paraibanos cumpre, pois, falar claro, e é o que estamos tentando fazer. (...) O que assistimos agora, depois de 1930, é de estarrecer? Parece ter desaparecido por completo o ardor patriótico por um Brasil grande, coeso, forte, para dar lugar ao aparecimento em cada Estado de um novo feudo. Que tristeza! (*Razões do Nosso Integralismo*, 1934 p. 10-13)

O entusiasmo na qual a Paraíba é descrita tem por finalidade, como o próprio texto indica, invocar a responsabilidade dos paraibanos para o cenário político então vigente. Na concepção integralista as ações firmadas pós 1930 não marcaram a mudança necessária e o quadro brasileiro encontrava-se estarecedor, com o esfacelamento dos pressupostos nacionalistas e o sofrimento da sociedade. Cabia então ao leitor da carta, aflorar o seu sentimento, sentir-se chamado a aderir ao integralismo, que propunha uma compostura revolucionária, que restauraria a nação, defendendo-a com posturas políticas que pudessem reerguer o Brasil a uma unidade “grande, coesa e forte”.

Essa manipulação do passado, com objetivos de firmar o integralismo em um presente e almejando transformações do futuro, não poupou esforços narrativos, o mito em torno da figura de João Pessoa tão fortemente dissipado, especialmente na Paraíba, era elemento ativo no discurso integralista, que via na boa repercussão do “mártir” paraibano uma forma de acomodar sua *Cultura Política* e expandir seus pressupostos.

O trecho que encerra a parte destinada especificamente a Paraíba trazia no final um alerta, “O Integralismo não é uma aventura! Os integralistas não são aventureiros! Eles são a expressão da vontade férrea da Pátria!”, ou seja, tal trecho tentava gerar crédito para todo conteúdo exposto, ressaltando que o movimento e seus seguidores usavam de seriedade e deveriam ser interpretados como frutos da ânsia brasileira em ter um futuro transformado. Para ilustrar essa compostura séria do movimento e de seus respectivos militantes, a carta *Razões do Nosso Integralismo* trazia a fotografia seguinte:

FOTOGRAFIA DA CARAVANA INTEGRALISTA EM CAMPINA GRANDE



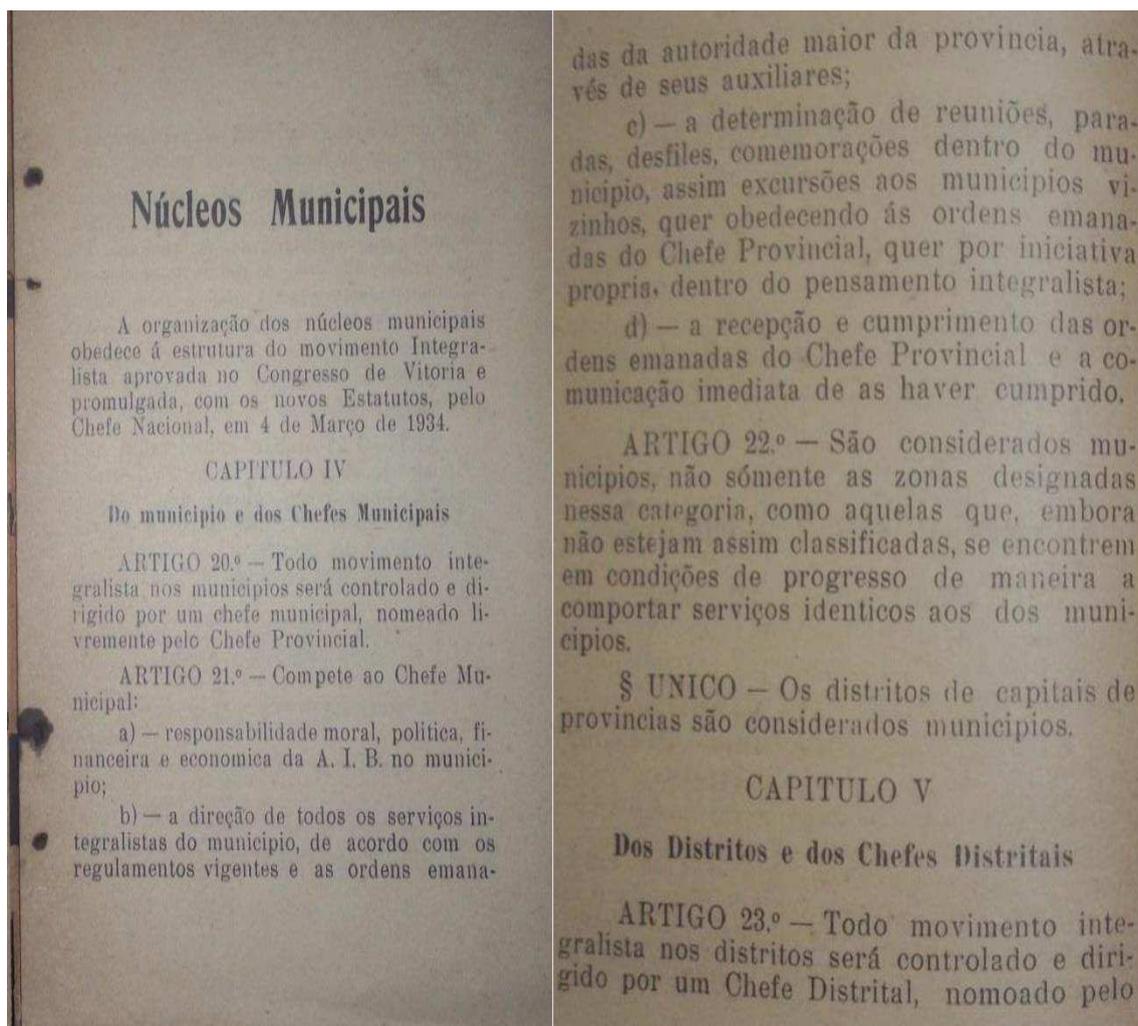
FONTE: *Razões do Nosso Integralismo*. 1934.

Como a própria legenda do registro fotográfico aponta, essa fotografia foi feita em Campina Grande em circunstância promovida pela passagem da caravana liderada por Plínio Salgado. Todos os presentes vestem terno escuro e quase todos, com exceção do chefe do Rio de Janeiro, Martins Moreira e o capitão Aristofanes Ribeiro do Vale, estão com braços cruzados e feições que apresentam seriedade, o que interpretamos como sendo uma tentativa de modelar a autoimagem do movimento, criando a impressão de homogeneidade e demonstrativo de ordem.

Para ratificar a postura de intensa ordem dentro do movimento e por meio dela desenvolver meios de conquista, a carta trazia as *Diretrizes Integralistas*, com a observação de que eram elas transmitidas aos departamentos provinciais e aos seus subordinados. O conteúdo publicado a partir desse tópico nos parece ter como objetivo familiarizar o próprio militante da AIB-PB ao esquema doutrinário, ou seja, as pregações da *Cultura Política Integralista* disseminadas em livros era sintetizada em uma carta, facilitando a adesão e manutenção dos “camisas verdes”. Nesse período, final de 1934, o integralismo na Paraíba

não possuía nenhum núcleo municipal, mas acreditamos ser bem possível que já existisse o desejo e a própria articulação para a formação dos núcleos de Sousa e Catolé de Rocha e que por meio desse desejo a carta dirigia direcionamentos nacionais frente à organização e atribuições, como podemos observar:

DIRECIONAMENTOS AOS NÚCLEOS MUNICIPAIS



FONTE: *Razões do Nosso Integralismo. 1934.*

Precedendo a criação dos núcleos municipais, a orientação da carta servia para esclarecer a complexa organização do movimento, bem como esclarecia a responsabilidade dos futuros chefes municipais. Infelizmente não temos fontes que nos indicam que os líderes da AIB-PB tenham tido acesso a tal material, mas encaramos como muito provável que isso tenha ocorrido.

O final da carta trazia decodificações sobre dois elementos da mística do movimento, as primeiras ponderações apresentavam explicações sobre a saudação integralista, “Anauê”, apresentada por Gustavo Barroso, como reflexo da apropriação de uma antiga tradição:

- “As antigas religiões usavam muito o prefixo “Enn”, que parece ser o radical do número 9, número matematicamente perfeito, propício a maravilhosas combinações que não escaparam a filosofia pitagórica. Plotino, filósofo, grego da decadência, escreveu um trabalho de Ética, ao qual denominou “Enneadas”. Vê-se aí o prefixo “Enn” numa obra que se inspira no conhecimento das tradições antigas.

Os tupis, quando deparavam com uma pessoa amiga, exclamavam: *Enecoema*. *Coema*, significa aurora. O prefixo “Enn” deixa entrever uma idéia religiosa, de divindade.

Enecoema póde traduzir-se como “Bom dia” “Que a aurora ti traga alegrias”. Ou ainda: “Deus ti abençoe”, “Deus esteja contigo”.

O outro índio respondia: *Iauê!* Ou *Indauê!* Isso lemos em Theodoro Sampaio, que não nos dá o significado do vocábulo.

Couto de Magalhães assiná-la que a resposta era antes: *Indauê* e também não lhe dá o significado.

Aproximemos o prefixo “Enn” da resposta *Iauê* e teremos “Ennauê”, de onde derivou o ANAUÊ.

As tradições religiosas antigas falam-nos do telegramacum, quatro letras representativas da idéia de divindade: “Ievé” ou “Iavé”, de onde nasceu “Jehovah” “Iauê” póde considerar-se como tendo a mesma origem. (...) A saudação “ANAUÊ”, pois, não pode ser patrimônio exclusivo dos escoteiros, embora não desconheçamos que estes a estilizaram antes que os integralistas. Ela foi escolhida num congresso em Vitória, em fevereiro deste ano, ao qual, por força de circunstâncias imperiosas, não pude comparecer”. D “A MARCHA” de Petropolis. (*Razões do Nosso Integralismo*, 1934, p. 27-29)

O texto acima, como o próprio final indica, parece ter sido reproduzido do periódico do núcleo da AIB em Petropolis-RJ. A escolha dele para explanar a utilização da saudação integralista para os paraibanos, nos parece estratégica já que o autor do texto, Gustavo Barroso, tinha passado pela Paraíba por meio de uma caravana no final de 1933. Outro fato que nos chama atenção para a escolha do texto é o caráter prolixo do mesmo, onde a definição do termo “anauê”, diferente de outros relatos mais simples¹²², é feita sob a utilização de toda uma contextualização pouco conclusiva, que vai da filosofia antiga grega até a cultura nativa brasileira com os povos tupis, ganhando destaque sacro na tentativa de demonstrar uma camada de espiritualidade do termo contido no passado que viria a justificar o seu uso no presente, reconhecendo ainda a não originalidade na medida em que os escoteiros utilizavam

¹²² No *Protocolos e Rituais*(1937, p. 54) a saudação é explicada como “um vocábulo tupi que servia de saudação e de grito de guerra àqueles indígenas. É uma palavra afetiva que quer dizer: “você é meu parente”. Como o Integralismo é a Grande Família dos “Camisas-Verdes” e um Movimento Nacionalista, de sentido heroico, Anauê foi a palavra consagrada em louvor ao Sigma (...). Serve ainda para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria”.

antes mesmo dos integralistas, que adotaram a obrigatoriedade do “anauê” a partir do congresso realizado no começo de 1934¹²³.

Outro aspecto da mística integralista que estava decodificado na carta era o “Sigma”, explicado como:

(...) o sinal convencionado para determinar a soma, a edição de todas as quantidades esparsas. A soma de todos os valores. Sobre o mapa do Brasil, o SIGMA, representa a união, o entrelaçamento de todas as províncias e, por conseguinte, de todos os brasileiros. (*Razões do Nosso Integralismo* p.30)

Interpretado dessa forma, o Sigma representaria a proposta de ação integral da *Cultura Política Integralista*, deveria servir como iniciativa capaz de manter viva a perspectiva de unidade do movimento, sendo estampado no centro da bandeira, nas insígnias portadas pelos militantes, bem como em todo e qualquer material oficial da AIB.

A parte final de *Razões do Nosso Integralismo* sob o título de *A voz de um integralista* trazia um relato de Osvaldo Chateaubriand¹²⁴, jornalista e diretor do *Correio de São Paulo*, que em trabalho feito para o *Diário de Pernambuco* descrevia o cenário brasileiro:

“Reduzimo-nos a uma cova de cacos. Adotou-se o voto secreto e se concedeu às mulheres o sufrágio. Tínhamos feito uma revolução. Essa é a voz dos pobres de espírito que atribuem à substância o que pertence à mecânica. E vamos de queda em queda, de trapo a bagaço, aluindo cada vez mais os alicerces da nacionalidade, negando ao Estado a sua essência, devorados por uma burguesia cúpida e inconsciente, permitindo que se desencadeiem os ventos da anarquia, e, ameaçados pelo eleitoralismo como os cegos da gota serena diante do panorama de tragédia que se desenrola a nossa vista.

Temos um caminho, um único, por onde podemos nos salvar: engrossarmos as hostes integralistas, retomarmos as nossas tradições iluminadas da luz suave do cristianismo, submetermos os interesses da coletividade à mão de ferro do Estado e este à ordem sobrenatural. Varremos, como se varre um lixo, o sufrágio universal, que é o cancro no organismo nacional, restituir o Estado à sua alta e legítima finalidade, defender o que é nosso, abater pela violência o liberalismo, o socialismo, o comunismo, que tudo no fundo são etapas de um mesmo e dramático destino, disciplina enfim as forças nacionais, coordená-las e conduzi-las para a grandeza crescente do Brasil. Passou o século da autodinização do homem, do filosofismo e do naturalismo. É à fé integralista, à mocidade que não se envenenou do negativismo revolucionário, que incumbe tomar de assalto o Brasil, pelo voto ou pelo esquadrismo, afim de subtraí-lo às unhas de um regimen anti-racial, dissolvente e degradado”. (*Razões do Nosso Integralismo*, p.31-32)

¹²³ A partir desse congresso a saudação integralista passava a representar acima de tudo um sinal de respeito dirigido às autoridades, devendo ser feita diante da bandeira nacional e integralista, ao hino nacional e integralista, e aos próprios “camisas-verdes”.

¹²⁴ Em julho de 1934, o jornal *A Imprensa* apresentava relato de Osvaldo Chateaubriand destacando a força do movimento integralista ao descrever um desfile de três mil homens da AIB.

As afirmativas que finalizam o texto são bem próximas ao comportamento inicial do integralismo e a toda carga textual já apresentada nos relatos do jornal *A Imprensa* e na própria carta, a apresentação de uma situação nebulosa que seria solucionada pela exaltação estatal, levada à frente pela conduta cristã da AIB que envolvida por um sentimento “revolucionário” não descartava a utilização da força contra os seus empecilhos. No texto, ainda podemos perceber, que o aspecto corporativista é exaltado em detrimento do individualismo, a fé integralista tentava atingir a mocidade, que em idade militar deveria servir à pátria e a própria milícia do movimento para tomar os rumos da nação. Em mais uma retrospectiva direcionada, o passado interpretado como envolto de bondosos alicerces, estava, na visão integralista, a se deteriorar mediante os acontecimentos próximos, que avançavam na conduta liberal e democrática, enquanto padecia na essência a saída seria a AIB, que promoveria soluções para um futuro glorioso, necessitando para isso a adesão popular que viria por meio de um conjunto de ações divulgadoras, como veremos a seguir.

4.3.FRONTEIRAS DA SALVAÇÃO: AS SEDES DA AIB-PB E A EXTENSÃO DA CULTURA POLÍTICA INTEGRALISTA

Para os integralistas o espaço de suas sedes era um ambiente sagrado, bem mais do que um simples local destinado a encontros e reuniões, as sedes serviam para os seguidores do sigma como meio de veneração, já que eram nelas em que muitos rituais e cerimônias importantes eram realizadas. Os estatutos integralistas demarcaram regras que deveriam ser seguidas fielmente em qualquer local destinado a ser utilizado como sede do movimento, o que na Paraíba, como constatamos, não implicou necessariamente no cumprimento de todas elas.

O primeiro prédio a ser consolidado exclusivamente como sede da AIB-PB foi inaugurado na tarde de um domingo, no dia 17 de fevereiro de 1935, em João Pessoa. A inauguração foi feita com festividade, contando com a presença de 21 integralistas pernambucanos¹²⁵ para uma sessão comemorativa, já que aquela ocasião era de significativa

¹²⁵ Os integralistas pernambucanos que estiveram presentes na inauguração da sede da AIB-PB eram: O chefe provincial de Pernambuco – Gonçalo de Melo, o secretário provincial Pitagoras de Sousa Dantas, Luiz Guimarães, Alfredo Montenegro de Mesquita, Eugenio Correia, Francisco Caldas Araujo, Bernadete Fonsêca de Mesquita, Maria de Lourdes dos Santos Mousinho, Amaury Gomes Pedrosa, Antonio Soares de Albuquerque, Nelson da Silva Guimarães, Artur de Melo Assunção, José Sales de Melo, José Guimarães Araujo, Clovis de Castro Chaves, Luiz Gonzaga dos Santos Mousinho, Ayrton Almeida Carvalho, Marino Ribeiro da Fonsêca, Alfredo M. Couceiro, José da Cunha Beltrão e Luiz Antonio Martins. (*A Imprensa*, 19 fev. 1935).

importância para o movimento, que depois de quase dois anos, teria o seu espaço próprio, localizado na avenida General Osório, número 77. A sessão foi feita com “as praxes integralistas”, tendo a sala “ornamentada com as bandeiras nacional e integralista e outras condecorações do sigma”. (*A Imprensa*, 17 fev. 1935).

No que diz respeito à ornamentação da sede, acreditamos ter sido a sede central um dos poucos espaços da AIB-PB a ter condições de recriar toda postura simbólica exigida pelos *Protocolos*. A indicação era de que na sala principal fosse colocado “o retrato do Chefe Nacional, entre as bandeiras Nacional e Integralista, cruzadas” além de:

(...) Um mappa do Brasil, sobre o qual se descreva um Sigma em preto, abrangendo toda a sua extensão. E mais um mappa da Província (...) Uma mesa longa ou balcão que servirá para a mesa das sessões, collocada de maneira que se veja ao fundo, no alto, o retrato do Chefe.

Um grande dístico ou cartaz, com os seguintes dizeres: - “O INTEGRALISTA É O SOLDADO DE DEUS E DA PÁTRIA, HOMEM NOVO DO BRASIL QUE VAE CONSTRUIR UMA GRANDE NAÇÃO”.

(...) A porta da Secretaria (ou onde existir uma só sala em lugar bem visível), serão afixadas estas palavras - “ANTES DE TRANSPORES ESTA PORTA, CONSULTA O TEU CORAÇÃO: ÉS CAPAZ DE RENUNCIAR PRAZERES, AMBIÇÕES, INTERESSES A PRÓPRIA VIDA PELA GRANDEZA DA PÁTRIA? SE ELLE TE DISSER “SIM”, ENTÃO ENTRA, E ENCONTRARÁS AQUI TEUS IRMÃOS E TUA GLÓRIA”.

As sédes deverão ter um relógio de parede, sobre o qual existirá a seguinte frase: - “A NOSSA HORA CHEGARÁ”. (...) Toda séde deverá possuir uma pequena bibliotheca com todos os livros indicados na Bibliographia Integralista (...). (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 24-28)

As fronteiras que separavam o restante do mundo das sedes integralistas, quando ultrapassadas, deveriam apresentar um ambiente de salvação e inspiração, era nesse espaço que os integralistas paraibanos fortaleciam todo conjunto característico da *Cultura Política* do movimento e tentavam criar um universo paralelo, onde a ordem, a disciplina e todo aspecto místico que eram afirmados nos discursos poderiam ser colocados em prática, sendo para o militante um “Templo de fé e de Trabalho pela Idéa”, devendo ser frequentado “com toda assiduidade e onde deve permanecer de maneira impecável”, tendo a consciência de que ali não se discute “política, religião, pugnas de ‘foot-ball’, nem se fala mal de ninguém. Deve haver uma alegria sã, comunicativa, pois todos, ali, são companheiros, ricos e pobres, poderosos e humildes, e ali estão reunidos pelo Bem do Brasil”. (*Ibid.* p. 30). Toda essa área unificadora era fortalecida com a ocorrência das sessões¹²⁶, que poderiam ser divididas em *ordinárias*, quando realizadas em obediência aos planos normais de propaganda (*Ibid.* p.32),

¹²⁶ As sessões integralistas também eram separadas em sessões internas, que se realizavam com comparecimento exclusivo de integralistas, e as públicas quando eram abertas a qualquer pessoa.

que na Paraíba ocorriam normalmente nas terças, quintas e domingos, e as sessões *solenes*, quando realizavam em ocasiões especiais em homenagem a brasileiros ilustres ou datas comemorativas. (Ibid.).

Graças ao empenho do jornal *A Imprensa* em cobrir o cotidiano das sessões e reuniões integralistas, encontramos informações minuciosas sobre a ocorrência delas. De modo geral, todas seguiam um roteiro próximo, com pequenas mudanças no que diz respeito ao conteúdo dos oradores, que versavam sobre a própria doutrina, muitas vezes lendo trechos de livros ou mesmos jornais do movimento, atacando o comunismo e exaltando o nacional-integralismo. Outro ponto forte eram os relatos sobre o desenvolvimento da AIB-PB, revelando dados de crescimento, noticiando estratégias de propaganda, relatando notícias sobre as bandeiras e criações de novos núcleos, ainda encontramos referências sobre problemas econômicos, seja nacionais ou mesmo estaduais, como no caso da queda dos preços do algodão na Paraíba, o salário mínimo e assuntos direcionados a uma nova forma de vida, que eram relacionados à pregação da *Cultura Política Integralista*.

Em todas as sessões da AIB-PB o hino nacional “era cantado em coro”, o militante integralista era obrigado a ter perfeito conhecimento de sua música e letra (Ibid. p.16), não devendo, no entanto, cantar a segunda parte, na medida em que não admitiam a ideia de que o Brasil estivesse deitado eternamente. Eram por meio dessas sessões que os “camisas verdes” se familiarizavam com a procedência do movimento e aderiam a um vocabulário próprio que servia como fator de identificação e coesão do grupo, podemos citar como exemplo os eventuais momentos em que o cumprimento “anauê” deveria ser empregado,¹²⁷ como também a substituição do termo Paraíba, por terra de Vidal de Negreiros, presente nos discursos da AIB-PB. Muito mais do que gerar entendimento, as sessões integralistas traziam grande número de elementos místicos, que serviam como realce estético. Abaixo, descrevemos a cerimônia de transferência da chefia provincial paraibana, repleta de simbolismo:

Teve lugar ontem, na séde central da A.I.B. a posse da nova Chefia nessa Província. O ato que foi bastante concorrido, revestiu-se da maior solenidade. Antes de ter início a sessão, os integralistas de João Pessoa, formados a porta da séde, ergueram dois anauês a entrada do Chefe Provincial companheiro Pedro Bentes Guimarães. Diante de uma assistência numerosa, teve início a sessão ordinária aberta sob a presidência do companheiro Pedro Bentes que fez, por ordem da Chefia Nacional da A.I.B. a entrega da Chefe desta Província ao companheiro Mayrink.

¹²⁷ Nas reuniões e solenidades integralistas, o Anauê coletivo só será dado quando houver mais de trinta pessoas, sendo provocado pela autoridade presente de maior graduação. A saudação quando pronunciada individualmente deveria ser feita com voz natural e em voz forte quando feita em conjunto. (Ibid. p.18).

Empossado no cargo, o novo Chefe Provincial cedeu a palavra ao companheiro Pedro Bentes que, num vibrante discurso, decorreu sobre vários assuntos interessantes sendo, ao terminar bastante aplaudido.

Falou depois o companheiro Luciano Lacerda Secretário Provincial de Imprensa, que abordou pontos doutrinários do movimento do Sigma, em ligeira palestra. Fala por último, o Chefe Provincial Mayrink, cuja palestra vinha sendo tão ansiosamente esperada pelos brasileiros da Paraíba, falou seguramente por duas horas diante de toda uma numerosa assistência que o aplaudia entusiasticamente. Abordou vários assuntos de interesse geral, provando a eficiência de sua doutrina, sendo de quando em vez, interrompido pelas palmas estrepitosas da assistência.

Encerrando, convidou a que todos os brasileiros presentes o ajudassem na grande causa integralistas ou não, facultando, na sede, a entrada daqueles que desejarem conhecer melhor a doutrina do Sigma, através de livros, boletins e jornais integralistas.

Assim terminou a oração do novo Chefe Provincial da Paraíba do Norte.

Encerrando foi entoado o Hino Nacional. Seguiu-se depois o ritual integralista, o juramento de fidelidade à causa do Sigma sendo por ultimo erguidos ao Chefe Nacional Plínio Salgado três vibrantes anuês. (*A Imprensa*, 03 out. 1936)

A cerimônia descrita acima é um demonstrativo de como o aprendizado da *Cultura Política Integralista* era colocado em prática, os três oradores discursaram e, segundo o jornal, encantaram as pessoas que estavam presentes, com destaque ao José Mayrink, que proferiu por mais de duas horas informações doutrinárias e convites para “a grande causa integralista”. Ao longo da pesquisa no jornal *A Imprensa*, percebemos a existência de um corpo de oradores da AIB-PB¹²⁸ que eram responsáveis por orientar publicamente, principalmente nas sessões, as ordens e diretivas do movimento, bem como estimularem a revelação de novos oradores e a intensificação da propaganda. (Ibid. p.36). Além da eloquência necessária, estes integralistas tinham que ter uma “vida límpida”, estando comprometido com os preceitos da doutrina na medida em que serviriam de exemplo para os demais seguidores do sigma e para a própria sociedade. Não raramente, estes oradores eram ameaçados pelos opositores do movimento ou mesmo perseguidos pela polícia, como constatamos no primeiro capítulo.

Além dos oradores locais, em sessões comemorativas, os visitantes integralistas pernambucanos sempre contribuíam com vigorosos discursos, como exemplo destacamos abaixo trechos da fala da “blusa verde” Maria de Lourdes Mouzinho, que depois de apontar todo um contexto de dominação e exploração do capitalismo internacional, descrevia o quadro perturbador e doentio que passava o Brasil:

(...) O Capitalismo usou de sábios meios para se apoderar do Brasil (...) De lá nos veio o cinema imoral, a música enérvante, a dança escandalosa, a moda, o vício. Tudo foi entrando no Brasil, sob o falso pretexto de liberdade, sem a menor

¹²⁸ Os oradores eram homens que faziam parte do comando da AIB-PB, chefes provinciais, municipais ou dos departamentos.

resistência (...) A mocidade fez da vida um eterno carnaval. Os livros foram sendo jogados um a um para o canto nas esstantes e substituídos pelas revistas pornográficas do nudismo, ou pelas leituras subversivas e dissolventes do crêdo do Moscou. (...) Se persistires em ficar indiferente aos destinos da tua pátria, serás conivente, na sua destruição (...) foi num desprendimento de abnegação, de patriotismo e de coragem, que Plínio Salgado, aquele coração puro quê sabe amar o Brasil, aquela inteligência fulgente quê sabe compreendêr o Brasil, aquela cultura vastíssima e incontestada quê se ofereceu generosamente ao Brasil; apresentou à mocidade a doutrina do Sigma, único movimento, capaz de salvar o país porque possui evidentemente, remédios para todos os males e reconstituintes para todas as debilidades da sociedade, da família e do próprio indivíduo. (...) Brasileiros e brasileiras quê me ouvis e que ainda não estás inscritos nas filéiras dos “Camisas Verdes”, é chegado o momento que não vos permite mais vacilações; a idéa salvadora foi lançada e, de vossa atitude depénde o futuro do Brasil, ou a mocidade se levanta corajósa para dar o golpe no Capitalismo Organizado e no Comunismo, essas duas forças demoníacas quê se combinam e se plétam, acabarão por riscar do mapa-mundial a pátria quê os nössos antepassados conquistaram com sangue e nos legáram genérosamente na hora andeira (...) Camisas Verdes! PELA GLORIA DE DEUS, PELO BEM DO BRASIL, EM FIDELIDADE AO GRANDE CHEFE. ANAUE! (*A Imprensa*, 12 mar, 1935)

O discurso da professora pernambucana foi proferido na ocasião em que a sede central da AIB-PB foi inaugurada, o jornal *A Imprensa* trouxe ele na íntegra, apontando que era um “brado de confiança nos destinos da Pátria”. O conteúdo do discurso é construído em meio a um enredo com começo, meio e fim, a princípio, a oradora destacava todo um quadro problemático internacional, onde as “mazelas” causadas pelo capitalismo passavam a afetar o Brasil, tornando a nação enferma, colocando em cheque o futuro, já que os jovens estavam entregues a males materiais que execravam o espírito e o conhecimento das tradições, onde os políticos nada faziam por estarem ludibriados com o modelo liberal. Como uma história heroica, quando tudo parecia não ter mais jeito, eis que o integralismo surgia, fruto da suposta generosidade de Plínio Salgado, apresentado como ausente de qualquer interesse pessoal e cheio de atributos louváveis, ofertando a doutrina do sigma, que facultava chances salvacionistas para a sociedade e para o próprio Brasil. Mais uma vez, percebemos na estratégia discursiva integralista, o compartilhar de responsabilidades, aqueles que ainda não estavam inscritos no movimento, deveriam se sentir coagidos a se moverem frente ao cenário “caótico” e auxiliarem no alcance do Estado Integral, vestindo a camisa verde e sendo parte do “medicamento necessário para cura” do Brasil. Oscilando o alvo do discurso, a “blusa verde” ao ponto que se dirigia aos não integralistas, também focava nos seus companheiros de fardas, regozijando-os com palavras elogiosas e exaltando a luta do movimento. Por fim, em um claro demonstrativo de transmissão de euforia, a mensagem final, rotineira nos discursos, encerrava pregando a saudação ao chefe nacional e o cumprimento anauê.

Acreditamos que o motivo que provavelmente levou o interesse da redação do jornal *A Imprensa* a publicar o discurso na íntegra, não foi o conteúdo, mas sim o fato das palavras serem provenientes de uma mulher, algo pouco comum no período, à observação do periódico quanto ao discurso transcrito em suas páginas, era que valeria a pena ser lido, sobretudo, quando se sabe que partiu de um coração feminino (*A Imprensa*, 12 mar. 1935), ou seja, a imagem da mulher, que teria na visão integralista, como principais características a sensibilidade, o sacrifício e a renúncia,¹²⁹ realçaria o apelo do movimento, transmitiria a pureza da doutrina e serviria de exemplo para as mulheres paraibanas que poderiam enxergar na AIB-PB e em suas sedes, espaços oportunos para participação feminina e para contribuição com a salvação da nação.

Os integralistas paraibanos não perdiam oportunidades para fazer de suas sedes espaços atraentes à população. Era comum que em datas comemorativas atrações fossem anunciadas no jornal, como no caso do “dia dos trabalhadores”, que foi realizada uma sessão comemorativa:

(...) A Ação Integralista Brasileira comemorou como devia, nesta Capital, a data convencionada universalmente para as festas do Trabalho. De véspera, por determinação do Chefe Provincial, sr. Pedro Batista, foi convocada uma concentração na sede do Núcleo Provincial, que se verificou com a comparência de avultado número de Camisas verdes.

Pela manhã, após dirigir a palavra aos trabalhadores que vestem a camisa integralista, demorando-se em considerações sobre o feriado do dia, demonstrando o princípio da verdadeira disciplina e acatamento as autoridades legitimamente constituídas, o Chefe mandou hastear as bandeiras Nacional e do Sigma. Foi escalada uma guarda de honra para os ditos estandartes, ficando os presentes e os que foram apresentados, concentrados na respectiva sede.

Foi uma significativa manifestação de respeito à ordem, do patriotismo e de confraternização com os trabalhadores ainda não contaminados pelo vírus das doutrinas subversivas e dissolventes. (*A Imprensa*, 08 mai. 1935)

A cerimônia descrita acima fazia parte das recomendações nacionais, os integralistas não deveriam deixar que alguma data nacional passasse sem um ato festivo e simbólico do hasteamento de bandeiras. A AIB-PB sabia da relevância dessa data para seus opositores, os comunistas e, por isso, celebrou uma sessão em que a pregação pautava o respeito, a ordem e o patriotismo, elementos que consideravam distintos da ideologia socialista e comunista, descritas como “vírus subversivos e dissolventes”. Ato curioso é que na mesma publicação o jornal fazia referência à comemoração integralista realizada no dia três de maio, onde os

¹²⁹ Para maiores informações consultar SIMÕES, Renata Duarte. Ação Integralista Brasileira: Educando mulheres para as funções de professora e mãe de família.

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo04/Renata%20Duarte%20Simoes%20-%20Texto.pdf> consultado no dia 19 de junho 2014.

oradores Joel Pinto, Otaviano Porpino e Pedro Batista justificaram as causas do feriado bem como palestraram sobre “a finalidade do movimento que empolga todo País”. (Ibid.) O jornal não esclarece detalhes sobre a explicação da data, mas até o ano de 1930 o dia três de maio era considerado feriado nacional, por ser o dia em que era celebrado a data do “descobrimento do Brasil”.¹³⁰ Comemorar essa data, ao nosso ver, seria uma tentativa de demonstrar a singularidade do movimento, que celebrava de forma exclusiva o que para eles seria o primeiro feito da construção nacional.

Outra grande data festiva, comemorada, segundo nossos registros, apenas uma vez pela AIB-PB, foi a *Noite dos Tambores Silenciosos*, abaixo destacamos o informe dado pelo jornal católico:

Realiza-se hoje na séde Provincial da A.I.B. uma sessão solene em homenagem à data da fundação do Integralismo no Brasil.
Será decerto um fato inédito entre nós, dado ao grande acontecimento que tem, para todos os camisas verdes do Brasil a mais alta significação.
Usarão da palavra vários oradores destacando-se o chefe Provincial que abordará assuntos interessantes sobre a doutrina do Sigma e Noite dos Tambores Silenciosos assim chamada pelos integralistas como um preito de saudade aos que tombaram pela causa que tão denodadamente abraçaram (...). (*A Imprensa*, 07 out. 1936)

A informação acima não apresentava de forma condizente o significado da data integralista, *A Noite dos Tambores Silenciosos*, também fazia referência à fundação integralista, mais especificamente a data de lançamento do *Manifesto*, no entanto, o grande poder simbólico era de uma cerimônia instituída “para lembrar, por todo o sempre, a amargura dos ‘Camisas-Verdes’, pela extinção de sua Milícia”. (Protocolos e Rituais, 1937, p. 50). Dois dias após a notícia da festividade, o jornal trazia detalhes sobre a comemoração na província paraibana:

Comemorando o dia da fundação a A.I.B. realizou no dia 7 do corrente, uma sessão solene em homenagem àquela data integralista.
Diante de uma assistência numerosa o chefe Provincial, obedecendo ao ritual integralista, convidou, dentre os mais humildes camisas verdes, um integralista que ali representasse a pessoa do sr. Plínio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo. Procedeu-se ao juramento renovado de todos os integralistas presentes que, de braços suspensos juraram fidelidade à causa que abraçaram. Usaram da palavra os srs. Chefe Municipal de João Pessoa, Alfredo Pires Ferreira em nome da mocidade estudantina da Paraíba, Pedro Amaral, secretário Provincial de Propaganda e o pliniano de 5 anos de idade Antonio Mayrink Mota que recitou uma belíssima

¹³⁰ Após a proclamação da República, um decreto de 14 de janeiro de 1890 do governo provisório considerava necessário e conveniente a formação de um calendário de festas públicas, destinadas a comemorar e dar continuidade a construção de uma identidade nacional. Nele, o 3 de maio era apontado como dia da realização do primeiro ato religioso feito pelos portugueses e conseqüentemente o dia da “descoberta”. Essa data perdurou até a “Revolução de 1930”.

poesia integralista. A meia noite em ponto, conforme o ritual dos integralistas, soaram os tambores verdes, como um preito de saudades aos que tombaram pela causa do Sigma e um sinal de protesto contra os inimigos da doutrina. Por último fez-se ouvir o chefe Provincial que dissertou sobre pontos doutrinários do Integralismo, falando cerca de duas horas.

Assim terminou aquela sessão integralista num ambiente de verdadeiro entusiasmo e vibração. Juraram dez novos companheiros. (*A Imprensa*, 09 abr. 1936)

Mais uma vez a matéria sonega o principal motivo da cerimônia.¹³¹ Cabe ressaltar a importância do apoio dado pelo periódico *A Imprensa*, em que o correspondente do jornal acompanhou a celebração madrugada adentro, na medida em que, segundo o mesmo, a cerimônia começou meia noite e Mayrink discursou por mais de duas horas. Outro fato curioso demonstra como a *Cultura Política Integralista* era impactante, no que diz respeito a sua transmissão, o filho do chefe Provincial, o pliniano Antonio Mayrink, com apenas cinco anos, começava a participar ativamente das sessões integralistas, o jornal não especificou a poesia recitada por ele, mas acreditamos que tenha sido uma das tantas poesias integralistas de autoria do seu pai, chamado dentro do movimento de “poeta proletário”.

A indicação nacional era que o evento da *Noite dos Tambores Silenciosos* fosse realizado em todos os núcleos integralistas, não acreditamos que na Paraíba tal evento tenha ocorrido além do núcleo central, na medida em que nada foi publicado no jornal *A Imprensa* e que quase todos os núcleos municipais da AIB-PB não tinham menor estrutura, não tendo em muitos casos número elevado de militantes nem mesmo espaços para sedes próprias. Além dos juramentos refeitos, essa solenidade contava com a obrigatoriedade da leitura de alguns capítulos do *Manifesto de Outubro*¹³² e quando o relógio marcasse meia noite teria a apresentação de uma série de ações orquestradas:

“É meia noite. – Em todas as cidades da imensa Pátria, nos navios, em alto mar, nos lares, nos quartéis, nas fazendas e estâncias, nas choupanas do sertão, nos hospitais e nos cárceres, os Integralistas do Brasil vão se concentrar três minutos em profundo silêncio.

É a noite dos Tambores Silenciosos!

Atenção!”

(Uma ou mais caixas surdas batem, devagar, durante esses três minutos).

Os integralistas presentes fazem, mentalmente, a seguinte oração, que será impressa e distribuída professamente na reunião, com o título de “Oração dos tambores”:

“Senhor, escutae a prece dos três mil tambores que estão rufando neste instante em todo o mappá da Pátria. Ajudae-nos a construir a Grande Nação Christã; inspirae-nos nas horas de dúvida e da confusão; fortalecei-nos na hora do sofrimento, da calúnia e da injustiça; esclarecei nossos inimigos para que eles compreendam quanto

¹³¹ Acreditamos que a ausência do verdadeiro significado do ritual era feito por interesses políticos, a milícia integralista foi proibida por meio da lei de Segurança Nacional e não cairia bem tornar público a lamentação de tal fato, já que os integralistas pregavam o acatamento das decisões institucionais.

¹³² Os capítulos deveriam ser o 1º, 7º, 8º e 10º (Protocolos e Rituais, 1937, p. 50).

desejamos a sua própria felicidade; defendei nosso Chefe e nossa Bandeira e levamos ao triunfo, pelo Bem do Brasil”

Decorridos os três minutos, calados os tambores, o presidente da sessão, dirá:

“Esta cerimônia acaba de ser realizada em todas, as cidades e povoados de todas as Províncias do Brasil. O Chefe está falando neste momento na capital do país. A sua voz exprime o Pensamento e o Sentimento de um milhão de camisas-verdes vigilantes que montam guarda às tradições da Pátria e cujos corações batem, como um milhão de tambores que nenhuma força poderá fazer calar, porque elles pertencem a Deus e anseiam pela grandeza da posteridade nacional!”

Imediatamente após estas palavras, a autoridade que preside a sessão senta-se, e, sem que seja necessário dar a palavra, o melhor declamador, ou a melhor declamadora do Núcleo dirá a poesia de Jayme de Castro (...) Terminada a declamação, o presidente da mesa levanta-se, procedendo-se ao juramento habitual constante nos Protocollos.

Canta-se o Hynno Nacional.

O presidente da sessão exclama: - “Pelo Brasil, futura potência entre as Potências, que nós construiremos, com a energia do nosso Espírito, com a força do nosso Coração e com a audácia do nosso Braço, três Anauês!” Todos respondem: -“ : - “Anauê! Anauê! Anauê!

Finalmente, o presidente da mesa exclama: -“A Deus, - o Creador do Universo, - para que nos inspire, fortaleça e conduza! Quatro Anauês! (...). (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 50-53)

A cerimônia relatada acima, era uma das mais demoradas do movimento, com duração de mais de três horas, por meio dela percebemos todo um conjunto complexo de ornamentação e simbolismo que personificava vários elementos da *Cultura Política Integralista*. Para que a mesma fosse realizada com sucesso, acreditamos na antecedência de preparo, com existência de ensaios e instruções dadas a cada integralista para que no dia da realização tudo ocorresse como programado. O enredo da cerimônia era estruturado de modo que cada aspecto fosse feito de forma encenada, com objetivos místicos e a presença de uma essência sacra, munida por um conjunto de discursos e a acústica dos tambores, que a partir da meia noite provocavam um clima mais do que propício para a entrega dos militantes a causa do sigma.

A escolha do integralista mais humilde para representar Plínio Salgado tinha como principal interesse o de representar a imagem de simplicidade do chefe e do próprio movimento. Como quase todas as cerimônias da AIB, o apelo religioso estava presente, e nesse caso específico, era ele o auge da sessão, onde o momento da oração silenciosa marcava a unidade pretendida entre política e fé, além de firmar o recorrente discurso de transformação nacional. As palavras pronunciadas pelo orador e pelos “camisas verdes” presentes são mais um exemplo de unidade vocabular que era aprendida e reproduzida dentro dos núcleos.

Cabia também ao espaço das sedes a ocorrência da cerimônia de exclusão. Na Paraíba não temos registros de tal acontecimento, mas acreditamos que ele ocorreu ao menos uma vez, com a exclusão do ex-chefe provincial Pedro Batista. Os *Protocolos* apontavam que

apenas Plínio Salgado tinha poderes para expulsar integralistas das fileiras do sigma e só os chefes provinciais podiam encaminhar o pedido. Se o pedido fosse acatado, fato que ocorreu em relação à AIB-PB, a autoridade local devia reunir, na sala principal da sede, no mínimo vinte integralistas, e pronunciar as seguintes palavras: “Integralistas!... Nosso companheiro F... é morto; ele faltou à sua fé e à sua palavra de honra!, os presentes responderão: Seja esquecido!” (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 44). Após isso a ficha do excluído seria queimada diante de todos. Para os “camisas verdes” que presenciavam e participavam dessa cerimônia, o sentimento de vergonha alheia deveria ser despertado, criando uma consciência de prudência e de temor de um dia ser ele apontado como um integralista ausente de fé e de honra.¹³³

Em meio a todos esses diferentes cenários ritualísticos, as sedes da AIB-PB serviam como espaços de ajustes e preparos para que dali os integralistas saíssem prontos para enfrentarem a batalha em terras paraibanas.

4.4.IDE E PREGAI: AS BANDEIRAS E OS DESLOCAMENTOS DA AIB-PB

Para expandir os aspectos da *Cultura Política Integralista* por toda a Paraíba, a AIB-PB não poupou esforços para mobilizar seus integrantes. Inicialmente restritos a capital, João Pessoa, os “camisas verdes” logo perceberam que para terem êxito deveriam levar sua doutrina para o restante da província. Como vimos no primeiro capítulo, o primeiro deslocamento dos integralistas na Paraíba ocorreu na visita de Plínio Salgado, onde, junto com os outros caravaneiros e membros do triunvirato local, visitaram Campina Grande, tendo na ocasião, realizado uma sessão pública no *Cine Teatro Apolo*. (*A Imprensa*, 10 ago. 1933). Se o objetivo era se estender além da capital, a fundação de dois núcleos no sertão paraibano, São Gonçalo e Catolé do Rocha¹³⁴, no começo de 1935, ajudou bastante. A partir desse momento à propagação das ideias do sigma passava a ser irradiada para dois polos, o litoral e o sertão.

A ordem nacional era a de que, para auxiliar na disseminação da doutrina, fossem criadas Bandeiras, que deveriam ser constituídas, oficialmente, de integralistas com qualidade

¹³³ Segundo os *Protocolos*, o integralista que falecesse não era considerado excluído e sim transferido para a milícia do além.

¹³⁴ Como destacamos no primeiro capítulo, infelizmente não possuímos fontes sobre os detalhes dos aspectos organizativos dos dois primeiros núcleos municipais da AIB-PB, acreditamos que além da influência do jornal *A Imprensa*, outro fator decisivo no desenvolvimento deles, tenha sido a proximidade com o Ceará, estado onde o integralismo teve grande poder e onde em alguns momentos recebeu a visita de “camisas verdes” da Paraíba.

de “orador, dentre os quais, um será o Chefe da ‘Bandeira’, responsável pela sua conduta e eficiência, e outro o tesoureiro, responsável pelos gastos dos dinheiros”.¹³⁵ (*Protocolos e Rituais*, 1937, p. 63). Um dos primeiros registros que temos sobre a organização de uma Bandeira da AIB-PB faz referência ao ato de instalação do núcleo de Pirpirituba, onde com as “devidas solenidades do estilo e rituais de praxe” uma “lustrosa bandeira de camisas verdes, acompanhada do respectivo chefe Provincial e secretario” partiu de João Pessoa, seguindo o programa abaixo:

Às 20 horas – I – Abertura dos trabalhos com o canto do Hino Nacional pelos Integralistas.
 II – Solenidade do juramento dos novos Integralistas perante o Chefe Provincial.
 III – Discurso do Integralista José de Queiroz Batista em nome do Secretariado Provincial. Dorinha Batista dirá versos de Mayrink. Discurso do novo companheiro Otaciano Porpino.
 IV – Posse do Chefe Municipal, dr. J. Romualdo Costa que falará em nome dos novos camisas verdes do núcleo.
 V – Palavras do Chefe Provincial aos novos conscritos do Sigma.
 Promulgação de resolução da Chefia Provincial. Os integralistas cantam o hino dos Camisas Verdes.
 Encerramento da sessão pelo ritual. (*A Imprensa*, 28 abr. 1935)

É bastante elucidativa a descrição exposta no jornal católico.¹³⁶ Por meio dela podemos nos aproximar do que ocorria nas cerimônias integralistas, acreditamos que o principal objetivo para sua publicação fosse o desejo de apresentar a uniformidade pregada pela AIB-PB, provavelmente essa programação era repassada aos seguidores do sigma com antecedência, para que os mesmos não tivessem dificuldades no momento necessário. Nada nesse evento deveria fugir a mistífica da *Cultura Política Integralista*, a organização dos cinco pontos demonstra a perspicácia do movimento, que trazia na inauguração de um núcleo municipal parâmetros que deveriam ser seguidos, como os praxes das sessões, a participação feminina e a hierarquia desejada. Dias depois da inauguração o jornal trazia mais informações sobre o evento, destacando que a Bandeira era composta por mais ou menos vinte pessoas, que se dirigiram a Pirpirituba um dia antes, no sábado, sendo recebidos na estação local de forma solene “por todos os integralistas e representantes do departamento feminino”, além de muitas pessoas “gradas ao movimento”. No domingo os integralistas assistiram à missa

¹³⁵ Os *Protocolos* ainda teciam observações quanto ao número de pessoas que constituíam as bandeiras, podendo ser formada por dois integralistas, dos quais, um seria o chefe. A bandeira seria designada pela finalidade, seguida do nome do chefe, ou recebendo um nome de um ícone brasileiro, todos os integrantes deveriam usar o fardamento da AIB, além de portarem bandeiras e flâmulas do movimento, que deveriam ser desfraldadas nos veículos em que são transportados, quando conveniente. (*Protocolos e Rituais*, p. 64).

¹³⁶ Ilustrando essa matéria, o jornal trazia a repetição da fotografia do dia da inauguração da sede central da AIB-PB, onde integralistas paraibanos e pernambucanos posavam em frente a sede.

paroquial, celebrada pelo padre José Vital Bezerra, tendo ocorrida a sessão à noite, onde a banda de música local teria abrilhantado o ato. A matéria era finalizada afirmando que a caravana teve “ótima acolhida por parte do povo de Pirpirituba, tendo sido distinguida com o mais franco e o mais afetivo acolhimento que poderia esperar.” (Ibid. 01 mai. 1935).

Como podemos perceber no informe do jornal, a notícia queria provocar a ideia de êxito da caravana, que teria conseguido mobilizar a atenção de toda cidade. Usando o trem como transporte, os membros da AIB-PB iniciavam sua missão logo no desembarque, onde a recepção transformava a “simples chegada” em um grande evento. A ida à igreja, mais do que uma demonstração de cristandade, nos parece ter sido uma excelente forma de propaganda; em uma cidade pequena do interior da Paraíba a missa dominical tinha poder de congregar muitas pessoas e o grupo integralista, fardado e unido, com certeza chamaria atenção, provocando no mínimo a curiosidade daqueles que estavam presentes e se apresentando para aqueles que não os viram na estação de trem. A formação do núcleo, sem dúvida, compartilhava da perspectiva de propagação doutrinária. Em meio a isso, podemos concluir que a caravana da AIB-PB teve certo sucesso, possibilitando visibilidade e expansão ao integralismo, que em Pirpirituba, teria a liderança de J. Romualdo da Costa, “clínico por demais conhecido e estimado de todos pirpiritubenses”. (Ibid.).

Enquanto o núcleo central, localizado em João Pessoa, atuava nas regiões próximas ao litoral, o núcleo de São Gonçalo, contribuía com a expansão do integralismo no sertão, onde o jornal católico apresentava a nota oficial da AIB-PB, destacando o recebimento de um telegrama que informava a instalação de um núcleo na cidade de Cajazeiras:

(...) com o comparecimento de notável número de adeptos. São professores, operários, empregados do comércio e alunos das escolas os novos camisas verdes. O Integralismo vai assim, penetrando nos sertões brasileiros, sempre recebendo nas suas fileiras os brasileiros que desejam a grandêza do Nosso Brasil. (...) (A Imprensa, 03 de abr. 1935)

A preocupação em destacar o número de adeptos, bem como a qualificação deles, é entendida como tentativa de demonstrar ser a AIB-PB um movimento que agregava “pessoas de valores”, que trabalhavam, estudavam e desejavam um país grandioso. O desenvolvimento dos núcleos dos sertões, não raramente eram elogiados pela chefia provincial e nos exemplares do jornal nacional integralista *Offensiva* que obtemos, os dois únicos núcleos municipais da Paraíba que aparecem em notícias são justamente os de São Gonçalo e Cajazeiras, o primeiro sendo destacado pelo recolhimento da “Taxa do Sigma” (*Offensiva*, 19 jul. 1936) e o segundo pelo envio de mensagem, se solidarizando com os integralistas do

Paraná, pedindo a abertura das sedes daquela província (*Offensiva*, 28 jul. 1936). Percebemos ao longo da pesquisa, que os integralistas do sertão foram elementos decisivos no crescimento da AIB-PB, tendo sido alguns deles deslocados para capital para participarem de eventos ou mesmo para assumirem chefias de departamentos provinciais.

Como veremos a seguir, os principais deslocamentos dos integralistas paraibanos, tiveram dois grandes fluxos de partida, o núcleo central que, com exceção do período de José Mayrink, não se dispunha a se deslocar para regiões muito distantes da capital, e os núcleos municipais, que contribuía para expansão da doutrina nas regiões não atendidas por João Pessoa.

Em mais uma Bandeira liderada por Pedro Batista, junto com os integralistas “mais decididos e melhor compreendedores de seus deveres”, o núcleo central se deslocara até Santa Rita, cidade vizinha a João Pessoa, para a instalação de um núcleo naquela localidade. A sessão ocorreu com o juramento de novos “conscritos do Sigma”, tendo o chefe provincial dissertado sobre:

O Integralismo e os Operários em que se esclareceu suficientemente a posição do trabalhador no Estado Integral. O professor Luiz Soares pronunciou um vibrante discurso mostrando as vantagens entre a luta pela vida e a indiferença das classes privilegiadas pelas que sofrem a opressão da procura do pão para o estômago. A impressão deixada pelos integralistas entre as famílias que estiveram presentes no Cine Independência foi das mais duradouras. O conêgo Rafael de Barros, Vigário de S. Rita e o prefeito do município se fizeram representar. (*A Imprensa*, 29 mai. 1935)

O registro acima demonstra o direcionamento do conteúdo da sessão. O município de Santa Rita tinha a presença de um grande número de operários, fato que provavelmente levou os “camisas verdes” a desenvolverem toda a cerimônia em alerta para eles, apresentando as contemplações que teriam se aderisse ao integralismo. É muito plausível acreditar que a exaltação do movimento integralista foi feita em detrimento das propostas comunistas, com objetivo de conquistar os trabalhadores. O relato da presença do vigário, autoridade religiosa, e do prefeito, autoridade política, pode ser interpretado como tentativa de valorizar o movimento, demonstrando a importância da caravana que mais uma vez teria conseguido chamar atenção e expandir as ideias integralistas.

Nem todas as Bandeiras tinham como objetivo a instalação de núcleos. No começo de julho, “uns 35 integralistas devidamente uniformizados” dos núcleos de Cajazeiras e de São Gonçalo, fizeram uma visita à cidade de Sousa, informando a população com antecedência por meio de boletim. A concentração ocorreu na “Praça da Igreja”, os oradores falaram do

coreto para uma “multidão que se comprimia na parte sombra da Praça. Isto às 5 horas da tarde.” No início os camisas verdes:

(...) cantaram com verdadeiro ardor patriótico o Hino Nacional. Ouvia-se em seguida a palavra do Prof. Manoel oliveira, do núcleo de Cajazeiras, que explicou numa linguagem clara, quais eram as origens filosóficas do Integralismo Brasileiro. Este moço foi feliz nas suas explicações.

Debaixo de palmas usa da palavra o jovem Ivan Bichara (...) Discorreu cerca de 30 minutos sobre as misérias do comunismo russo e sobre os perigos que pesam sobre a nossa Pátria com o influxo sempre crescente das ideologias materialista. (...)

Finalmente Eliseu Lira, chefe do núcleo de São Gonçalo, dirige a sua palavra de moço aquela multidão de brasileiros que ouviram-no com o máximo interesse. Este camisa verde começou definindo Deus, Pátria, Família, Sociedade, Estado, o Homem, o Sindicato. Comentou a doutrina de Marx e de Lenin. Fez uma crítica cerrada a Liberal-Democracia. Os seus conceitos eram elevados. Citava personalidades que tinham tido evidência no cenário político e social desde os primórdios do século XVIII.

E deixou em paz os homens de nossa “cândida” política, porque os integralistas não se preocupam com esses homens. A sua palavra demorou uns 50 minutos e o sr. Lira foi aplaudido pela mocidade de Souza. (...) Pode-se dizer que a doutrina integralista penetrou no cérebro e nos corações dos brasileiros de Souza. Pessoas de destaque pediram aos camisas verdes que voltassem mais uma vez ali (...). (*A Imprensa*, 09 jul. 1935)

A descrição do jornal acima, mais uma vez, não pode ser levada como ausente de interesse. Percebemos a tentativa de exaltação da AIB-PB durante todo o texto, inclusive no começo, quando o fato das pessoas se imprensarem na sombra não é encarado como horário inconveniente, mas sim como demonstrativo do desejo popular em ouvir os integralistas. Mesmo bastante tendencioso, o relato é grandioso registro que nos possibilita aproximarmos das práticas da *Cultura Política Integralista*. A escolha do espaço da praça demonstra que o objetivo era despertar a atenção da população, os oradores selecionados eram uns dos mais eloquentes das fileiras do sigma, homens que participaram durante todo tempo de legalidade do integralismo. A frase que mais nos chamou atenção foi a de que a doutrina integralista estava penetrando no cérebro e nos corações dos brasileiros, ou seja, o discurso integralista ao tempo que se propunha racionalista, conceituando elementos importantes que incluíam até mesmo, autores como Marx, também apelava para a emoção, com entonações variantes, vocábulos próprios, vestimentas etc. Mesmo não tendo fundado um núcleo, essa caravana marcou espaço em Sousa, município importante para a AIB-PB, que tinha em seu distrito, São Gonçalo, um dos mais atuantes espaços do sigma.

Foi em setembro de 1935, sob a chefia provincial de Antônio Francisco da Costa Filho, cumprindo determinação da Secretaria Nacional de Propaganda, que encontramos o

primeiro registro de uma bandeira da AIB-PB que continha um nome¹³⁷, a bandeira “Jaime Guimarães”. Composta por trinta integralistas, saiu de João Pessoa até a cidade de Santa Rita, onde distribuiu boletins de propaganda dentro da cidade e nas casas de operários da *Fábrica Tibiri*. Após a distribuição ocorreu uma sessão doutrinária no cinema local e em seguida a bandeira retornou “debaixo do mais franco entusiasmo da população local.” (Ibid. 20 set. 1935). O nome da Bandeira não era aleatório: Jaime Guimarães era Jayme Barbosa Pinto Guimarães, integralista morto em decorrência do confronto estabelecido na Praça da Sé em 1934¹³⁸, nomear a bandeira com o nome de um “mártir” era creditar caráter perpétuo ao movimento, além de fazer com que os princípios da doutrina estivessem presentes no cotidiano dos membros da AIB-PB.

No mesmo mês, outra bandeira se formava, essa foi nomeada de “Alberto Sechin”, nome retirado de outro “mártir” integralista, ferido em Cachoeira de Itapemirim, Espírito Santo.¹³⁹ Chefiada por Pedro Bentes Guimarães, então chefe provincial da AIB-PB e mais nove integralistas,¹⁴⁰ a bandeira chegou em Pocinhos no dia sete de setembro, se dirigindo a “igrejinha local”, assistindo a “missa pró-pátria”, onde o frei Elizeu Balmes “pronunciou significativo sermão alusivo a data, exultando a grande obra do Integralismo e incentivando os integralistas a continuarem firmes e fortes a lutar por Deus, Pátria e Família”.(A *Imprensa*, 10 set. 1936). Ao término da missa, os integralistas realizaram uma sessão, onde o chefe municipal de Pocinhos pronunciou discurso sobre o “Dia da Pátria, fazendo um magnífico estudo sobre as origens da Civilização Cristã e concluindo que o mesmo Deus que apontara o sinal da Cruz a Constantino, estava guiando os passos serenos dos camisas-verdes”. (Ibid.). Em seguida, o chefe provincial produziu uma “empolgante oração, afirmando que está nos sertões o potencial das energias morais do nosso povo, e que o sertanejo saberá levar o seu grande contingente de trabalho para a construção do Brasil Integral.” (Ibid.) Ao término desses discursos os integralistas hastearam a bandeira nacional e a bandeira integralista, realizando às 19 horas uma sessão na sede municipal, apresentada abaixo pelo correspondente do jornal:

¹³⁷ Infelizmente não temos fontes que possam nos indicar que antes dessa data os integralistas paraibanos tenham ou não dado nomes as suas bandeiras, acreditamos que essa tenha sido a primeira vez mediante fiscalização do integralista pernambucano Silvino Lira. (A *Imprensa*, 20 set. 1935).

¹³⁸ Para maiores informações consultar *Protocolos e Rituais*, 1937, p. 26.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ Os integralistas que compunham tal bandeira pertenciam ao núcleo central, eram eles João da Veiga Cabral, Luciano Lacerda, Oscar Pessoa da Costa, Arquimedes da Silveira Junior, Comes Batista, João Manuel de Maria, Pedro Samuel, Julio Tavares e Ivan Bichara. Este último se transferiu do sertão para capital onde passou a trabalhar no jornal *A Imprensa* e chefiar secretaria provincial.

(...) Devido à curteza da nossa notícia não poderemos descrever a grandiosidade da sessão, que decorreu num ambiente de vivo entusiasmo e foi assistida por quase todos os habitantes de Pocinhos. Nomeado pelo Chefe Provincial o acadêmico Luciano Lacerda pronunciou um estudo primoroso sobre as bases filosóficas, étnicas e morais do Movimento Integralista. Em seguida Ivan Bichara fez um vibrante discurso referente à data da Independência, e a nossa escravização ao capitalismo internacional. Depois o Chefe Municipal de Pocinhos, sr. Alberto Dantas faz uma comovente alocação. Por fim, o Chefe Provincial se levanta e fala durante mais de uma hora. (...) O povo delirou freneticamente quando o Chefe Provincial pronunciou as suas últimas palavras que foram mais ou menos estas: “Eu tenho confiança no sertanejo da Paraíba, porque eu bem conheço as energias poderosas da nossa Raça. Breve eu passarei novamente por aqui numa bandeira que se destina ao interior da Província e vos quero encontrar sempre firmes e unidos, para que, com os outros vossos irmãos do sertão paraibano, possamos levar o nosso grande contingente de trabalho e de ação, juntamente com as outras províncias, para a realização do Estado Integralista Brasileiro. Eu vos afirmo sertanejos que não descansarei, que não medirei trabalhos nem sacrifícios para que a nossa Província se levante unida e forte e responda galhardamente ao apelo do grande Chefe pela defesa de Deus, da Pátria e da Família”. (...) (*A Imprensa*, 10 set. 1936)

O correspondente, mesmo alegando não ter espaço suficiente¹⁴¹ para destacar “a grandiosidade da sessão” integralista, dedica uma descrição abrangente relatando quase toda movimentação da Bandeira. Percebemos ao longo do testemunho a repetição de alguns aspectos ocorridos em outras Bandeiras, como a ida à igreja que, como já falamos, ultrapassava a simples ideia de cristandade, sendo os integralistas na oportunidade elogiados pelo padre, bem como os momentos dos discursos que seguiam a ordem predeterminada, sendo o primeiro o da autoridade local, o chefe municipal, seguido por Ivan Bichara e por último o chefe provincial. Quanto à fala deste, é curioso como ele tenta criar nos habitantes de Pocinhos a compatibilidade com a imagem ufanista do sertanejo, que seria um ser de atributos louváveis, destituído de fraqueza e cheio de energias poderosas, visando encher de orgulho aquela população, que se sentindo valorizada deveria aderir a AIB-PB na luta pela construção de um país austero e virtuoso. Todo esse demonstrativo doutrinário se estendia, pois terminada a sessão os caravaneiros foram convidados a irem para a casa do “abastado fazendeiro Fabio Cezar de Araujo”, onde desenvolveram “uma hora de arte integralista”.

O momento de descontração da AIB-PB, raro em nossos registros, indica que mesmo em tais circunstâncias ocorria um controle, cabendo apenas um comportamento que frisasse disciplina e patriotismo. Destacamos abaixo trechos do correspondente do jornal sobre essa ocasião:

¹⁴¹ O correspondente usa o espaço do jornal no dia posterior para continuar descrevendo o movimento da Bandeira integralista, como veremos mais adiante.

(...) Depois do chá oferecido pelo distinto sertanejo, realizou-se com brilhantismo a hora de arte. Nomeado pelo Chefe Provincial Ivan Bichara fez um expressivo agradecimento em nome da Bandeira “Alberto Sechin” aos integralistas de Pocinhos pela generosidade e delicadeza com que trataram os camisas verdes de João Pessoa. Em seguida o sr. Arquimedes da Silveira Junior canta “Ao fogo da metralha” uma linda canção patriótica. Oscar Pessoa da Costa recita um bonito soneto da autoria do grande integralista paraibano, e seu pai, dr. Costa Filho, intitulado “Tiradentes”. A pedido Cosme Batista interpreta “Pátria” uma esplendida poesia de Olavo Bilac. A nota marcante porém da Hora de Arte foi a “Bandeira da minha Pátria”, uma encantadora poesia recitada com graça e simplicidade pela gentil camisa-verde Iris de Oliveira França, secretaria municipal de arregimentação feminina. Depois Luciano Lacerda consagrado poeta integralista lê um formidável poema de sua autoria. O sr. Abilio França, por ordem da Chefia Provincial, dirige palavras de encorajamento aos camisas-verdes presentes, pronunciando um primoroso discurso. Depois o dr. Pedro Bentes dá a palavra a Pedro Amaral, Pedro Amaral foi a revelação da noite. Por longo tempo prendeu a atenção da sala, fazendo um vibrante discurso de protesto contra as perseguições levadas a efeito pelo ex-interventor Juraci Magalhães na Província da Baía.

Foi vivamente aplaudido terminando, o Chefe Provincial se levantou para falar. Serenamente, o dr. Pedro Bentes refere-se elogiosamente ao brilhante êxito da “Hora de Arte Integralista” agradecendo o valioso concurso dos camisas verdes e referindo-se particularmente a brilhante interpretação da sta. Iris de França e a oração de Pedro Amaral. Em seguida passa a fazer um estudo ligeiro da Doutrina Integralista, acentuando a facilidade com que o sertanejo entende e sente “a palavra nova dos tempos novos” (...). (*A Imprensa*, 11 set. 1936)

O relato acima pode ser interpretado como mais um momento de intensa compatibilidade entre os interesses da AIB-PB e o jornal *A Imprensa*, ele demonstra que o correspondente do jornal¹⁴² acompanhou a Bandeira da sua chegada até a saída, fazendo questão de relatar de forma minuciosa o desenvolvimento das cerimônias. Encaramos esse fato como demonstrativo do desejo da direção do jornal, e da própria Igreja, em manter o integralismo em evidência, reforçando o compromisso dos “camisas verdes” e atraindo novos adeptos para a doutrina. Por meio da descrição, podemos perceber que A “Hora de Arte” se desenvolveu sob a condução do chefe provincial, Pedro Bentes, cabia a ele, como representante máximo do integralismo na Paraíba, mostrar poder de organização e liderança durante todo o tempo, tanto que partia dele a ordem ou nomeação para que outros integralistas usassem a palavra, resguardando o último momento para ele próprio concluir o ensejo. Todos os membros da AIB-PB que participaram ativamente da ocasião reforçaram a *Cultura Política Integralista*, a canção, o soneto e as poesias elencavam compromissos com a nação, cultuavam os símbolos da pátria e da construção de cidadãos-soldado, mais do que letras, a sonoridade e expressões provocadas pelos integralistas parecem ter sido tão bem executadas ao ponto de provocarem o encanto da plateia.

¹⁴² Infelizmente a nota do jornal não aponta o nome do correspondente, acreditamos que ele não fazia parte da AIB-PB na medida em que chamou a integralista Iris de França de “camisa-verde”, quando o correto segundo as normas do movimento seria “blusa verde”.

A presença feminina, como já falamos, elemento incomum para época, provocou ainda mais singularidade ao momento, a participação da “blusa verde”, então chefe do departamento feminino, ratificava a postura “inovadora” do integralismo, que evocava não apenas o homem para a luta nacionalista. Outro elemento de destaque é o empenho hereditário que a AIB-PB demonstrava proporcionar, onde o filho, Oscar Pessoa, além de também ser integralista, recita o soneto do pai, apontado como “grande integralista paraibano”, infelizmente não temos informações que esclareçam mais detalhes sobre eles, mas é um claro demonstrativo que a *Cultura Política Integralista* era influenciada dentro da família, conseguindo não raramente, agrupar todo núcleo familiar no movimento.

Algo que também nos chamou atenção foi o conteúdo do discurso do integralista Pedro Amaral, que versou sobre as perseguições sofridas pelos integralistas baianos. Em um clima de descontração e de alegria, o assunto apresentado pode, a princípio, ser interpretado como destoante dos demais, mas acreditamos que o tema foi gerado para tentar desmerecer toda e qualquer perseguição que viesse a ser feita aos próprios integralistas paraibanos, já que eles participavam de uma rede nacional, onde a imagem do movimento como um todo deveria ser blindada de qualquer acusação para não ser elemento provocativo de desconfiança nos estados.

Como já ressaltado, o costume integralista atribuía a última fala ao chefe provincial, que, mais uma vez, atribuía uma imagem sacra do “homem sertanejo”, destacando o próprio movimento integralista como sendo a “palavra nova dos tempos novos”, ou seja, seria a doutrina um ideal político espiritual para livrar os males que se apresentavam a construir uma nova vida e conseqüentemente um novo mundo. O final da matéria relatava o retorno da Bandeira, que teria sido por meio de um “caminhão V8 novinho” (Ibid.), onde os camisas verdes voltaram a João Pessoa cantando hinos patrióticos, demonstrando satisfação em mais um deslocamento. O jornal ainda aponta que na sessão da quinta feira “Ivan Bichara foi encarregado de contar as impressões que teve a ‘Bandeira Alberto Sechin’” (*A Imprensa*, 11 set. 1936), não dando maiores detalhes, acreditamos que Ivan Bichara tenha apresentado apenas pontos positivos da ida a Pocinhos, objetivando despertar satisfação e interesse de participação nos integralistas que não estiveram presentes.

Como observamos no primeiro capítulo foi na gestão de José Mayrink onde as bandeiras da AIB-PB se intensificaram. Levado por meio da necessidade de aumentar os núcleos e o aparato integralista em decorrência da proximidade do pleito presidencial, o chefe integralista não poupou esforços para interiorizar o movimento. No começo de novembro,

José Mayrink organizou a “Bandeira Vidal de Negreiros”¹⁴³, que até onde consta nos nossos registros, foi a primeira a fazer em um só deslocamento a visita em vários municípios. Deixando João Pessoa, de onde partiu do núcleo central, a bandeira seguiu para Campina Grande, onde se realizou uma sessão no Colégio Pio XI¹⁴⁴, tendo no dia seguinte se deslocado para Puxinanã¹⁴⁵ e Pocinhos¹⁴⁶. Ainda em decorrência dessa bandeira foi fundado o núcleo de Canoas¹⁴⁷, município de Picuí, e a visita às cidades de Areia¹⁴⁸ e Soledade¹⁴⁹, realizando sessões públicas em ambas. A estratégia de José Mayrink era fazer dos deslocamentos integralistas uma ação mais dinâmica, diferente das Bandeiras anteriores. O número de integralistas que partiam de João Pessoa era limitado, ocorrendo inclusive ocasiões de partirem apenas dois camisas verdes, como podemos perceber no relato abaixo:

Constituindo a bandeira “Araujo Lima”, em homenagem aos Camisas Verdes da Baía, o Chefe dos Integralistas da Paraíba do Norte, Mayrink, em companhia do Chefe do Departamento de Estudantes, Alfredo Pires Ferreira, rumou, de automóvel para Bananeiras, o prospero município da Serra, onde foi recebido pelos elementos locais, debaixo de grande entusiasmo. À noite na sede do Paço Municipal, presentes as pessoas de maior representação social de Bananeiras, foi feita a conferência assinaladora da instalação do núcleo, cuja sede fóra preparada com carinho pelos estudantes integralistas (...) Por último, dando por fundado o núcleo, falou o chefe provincial, que, apesar do adiantado da hora, rumou, logo em seguida para Serraria, que já ouvira a palavra de Mayrink e já conhecia o pensamento de Deus, Pátria e Família, recebeu articulação e preparo indispensáveis, ficando provisoriamente sob a orientação do estudante Odizio Duarte (...) Obedecendo à orientação de Feliciano Marques, conceituado elemento da localidade, foi reaberto o núcleo de Pirpirituba, cuja sede será inaugurada pela Chefia, na visita já preparada para a semana entrante (...) Na sede da Associação dos Empregados do Comercio, para uma platéia numerosa e acolhida, foi realizada a cerimônia de fundação do núcleo de Guarabira (...) Ao encontro da bandeira, como chave de excursão, deixou a capital, domingo pela manhã, um caminhão de camisas verdes, rumo a Mamanguape. Em Sapé, já se encontrava o Chefe Provincial, acompanhado do Chefe de Guarabira. No caminhão viajou também uma delegação de Bananeiras (...) No velho Teatro de Mamanguape,

¹⁴³ Tido como herói brasileiro e súdito português, nascido no engenho São João, Capitania da Paraíba, Brasil, tendo sido chefe e inspirador da insurreição pernambucana contra a colonização holandesa (1624-1654). Alistou-se para combater os holandeses e lutou contra esses europeus quando da invasão de Salvador na Bahia (1624). Após oito anos em Portugal e Espanha, voltou ao Brasil para lutar contra o governo do príncipe holandês Maurício de Nassau, instalado em Pernambuco e capitanias vizinhas. Para maiores informações consultar <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AndrVidN.html>.

¹⁴⁴ O Colégio Pio XI, fundado e coordenado pela Igreja Católica, funcionava dentro dos princípios educacionais por ela consagrados e numa época de laicização do ensino, teve presença marcante na região polarizada pela cidade de Campina Grande, PB, firmando-se como referência no ensino, desempenhando importante papel na formação da juventude da época. Na ocasião da sessão integralista falaram Eurípedes de Oliveira, Pedro Bentes, o professor Hildebrando Leal e o chefe provincial Mayrink. (Ibid. 12 nov. 1936).

¹⁴⁵ Por meio desse deslocamento foi criado um núcleo da AIB-PB, sob a chefia de Antônio Alberto Pires, tendo no dia da inauguração ocorrido o juramento de 20 novos integralistas.

¹⁴⁶ Nessa ocasião, como relatamos no primeiro capítulo, a AIB-PB encontrou sua primeira barreira institucional, onde o delegado Ascendino Feitosa colocou empecilhos à propaganda integralista naquela região.

¹⁴⁷ O núcleo ficou sob a chefia de Inácio Ribeiro e contava com vinte integralistas.

¹⁴⁸ A bandeira realizou uma sessão no teatro, onde falaram Pedro Bentes e José Mayrink, estando presente o padre da cidade, João Coutinho. (Ibid. 24 nov. 1936).

¹⁴⁹ Falaram na ocasião Trajano Nobrega, Pedro Bentes e Mayrink. (Ibid.).

repleto de famílias (...) Debaixo de grande vibração da família mamanguapense, foi iniciada a articulação do movimento (...) estando marcada a instalação da sede para o mês de Janeiro, ainda. Em Rio Tinto, foi feita, apenas, a distribuição de convites para conferência. (...) Desfraldando a bandeira nacional e a do Sigma, regressaram os integralistas a João Pessoa, nada havendo de desagradável a registrar-se. Na sede provincial, a rua Barão do Triunfo 400 foi feita a recepção dos elementos da zona do brejo, que embarcaram para suas localidades, levados até a estação por um grupo de atletas do Sigma.

Caminha o Integralismo da Paraíba para colocar-se dentro do ritmo de vida das demais províncias, o que equivale por dizer-se das dificuldades crescentes para a possibilidade de um golpe comunista a par da afirmativa do espírito que orienta o Governo da Província, respeitador do direito de reunião do único partido político de âmbito nacional, registrado no tribunal eleitoral e garantido em todas as unidades da federação onde não se haja abandonado a prática da democracia (...). (*A Imprensa*, 19 jan. 1937)

O nome que batizava a bandeira era o do engenheiro Joaquim Araújo Lima, chefe provincial integralista da Bahia. Em setembro de 1936, todos os núcleos integralistas baianos foram fechados, ocorrendo, ainda diligências da polícia nas sedes do movimento e a prisão de várias lideranças, inclusive, a de Araújo Lima¹⁵⁰. A homenagem ao líder baiano provavelmente, não era entendida pela população, servindo como elemento fortalecedor interno da AIB-PB, que se solidarizava com os companheiros de outra província e ratificava o desejo de encarar o movimento como ilibado e sofredor de injustiças. O relato acima nos aproxima do potencial das bandeiras integralistas, partindo em número reduzido de apenas dois camisas verdes, o deslocamento não necessitava da conveniência de um grande grupo, o que não impedia a transformação desse fato em um evento que chamasse atenção, já que eram esperados e recepcionados de forma entusiasmada pelos integralistas da região do Brejo e, posteriormente, pelos próprios integralistas pessoenses. Em um período relativamente curto, o chefe provincial percorreu sete municípios paraibanos tendo, em todos eles, promovido a propagação da doutrina integralista, realizado sessões públicas, entrega de convites, inaugurações de núcleos e toda uma série de ações que proporcionavam mudanças no cotidiano dessas cidades que paravam frente à aglomeração e discursos do sigma.

Se o desejo era tornar o movimento conhecido e arregimentar seguidores, ao que tudo indica, a bandeira logrou êxito, tal fato seria repetido em mais um movimento da AIB-PB que visava dessa vez atingir o sertão paraibano, como nos mostra relato de um dos bandeirantes:

(...) No dia 28 do mês transato partiu desta capital, a bandeira integralista “Jaime Ferreira da Silva”, integrada pelo Chefe provincial e pelos “camisas-verdes” Pires Ferreira e José dos Santos Costa. Daqui saindo às 15 horas, os bandeirantes integralistas chegaram a Pocinhos sem incidentes, onde pernoitaram. De Pocinhos até encontrar a estrada tronco, a caminho de Soledade a estrada era francamente má;

¹⁵⁰ Para maiores informações consultar Ferreira (2009).

os maus tratos das nossas rodovias patenteavam-se visivelmente a nossos olhos. Conseguimos chegar até Soledade no automóvel que conduzia a bandeira desde esta Capital; mas apenas transporta a cidade, onde houve um pequeno desarranjo no dismo do veículo, o nosso automóvel enguiçou. Sem contarmos com socorros imediatos, arrostamos contentes uma soalheira senegalesa, e fartamos os estômagos insatisfeitos com bananas e água de péssima qualidade.

Com a chegada de um caminhão Bedford, pedimos socorro e o nosso automóvel foi rebocado até Juazeiro, onde ficou em concerto. No mesmo caminhão seguimos viagem em procura de Cajazeiras, a princesa do oeste paraibano.

Em Patos o caminhão demora algum tempo enquanto se vulcanizava uma camada de ar, e a seguir prosseguimos viagem. Viajando toda a noite sem descanso, atingimos Pombal às 6 horas da manhã; em vista do Bedford ter se desarranjado, continuamos o esfalfante viajar em um caminhão Chevrolet. As 11,40 chegamos afinal a Cajazeiras.

(...) Chegados que fomos a Cajazeiras, após um descanso necessário começamos o nosso sublime afan em difundir a palavra sincera e boa do Sigma a gente rude, mas valorosa do sertão. No domingo, dia seguinte, chegava pelo trem da Rede Viação Cearense, via Pombal, a representação de Catolé do Rocha; logo depois davam entrada na cidade dois caminhões repletos de “camisas verdes”, eram os representantes de S. Gonçalo e S. José de Lagoa Tapada (...). (*A Imprensa*, 12 fev. 1937)

Acreditamos que o nome que homenageava a Bandeira era o do integralista e capitão reformado do exército, o carioca Jaime Ferreira da Silva, liderança da AIB. O relato colocado no jornal é do integralista Pires Ferreira. Por meio dele, percebemos a tentativa de tornar o translado da AIB-PB uma saga, uma missão cheia de dificuldades que deveria ser enfrentada como demonstrativo de bravura e suposta necessidade de salvar o Brasil. Levando aproximadamente três dias de João Pessoa até Cajazeiras, os três bandeirantes demonstraram estarem imbuídos de toda inspiração integralista, deixando a capital, o conforto e os próprios familiares para se aventurarem na pregação do sigma pelo sertão paraibano. Para os leitores, essa apresentação deveria mostrar o esforço do movimento para erguer o Brasil, para os integralistas, seria um exemplo que deveria ser compartilhado e principalmente seguido. Como as descrições anteriores, essa Bandeira agrupou integralistas de várias localidades que, por meio de trem ou caminhões, se uniam a autoridade máxima, o chefe provincial, demonstrando mais uma vez organização para prática de propagação de seus ideais.

De março a julho de 1937, nossos registros apontam mais sete Bandeiras da AIB-PB, todas com o intuito de fazer da Paraíba um espaço significativo para a eleição presidencial do chefe nacional integralista. Por meio desses movimentos, foram instalados oito núcleos municipais, com infraestruturas abaixo das exigidas, tendo números reduzidos de membros, como o núcleo de Itabaiana, apontado pelo jornal como detentor de sete brasileiros (*A Imprensa*, 27 abr. 1937). Muito mais do que visar qualidade, nesse momento a AIB-PB tinha como grande intenção multiplicar suas fileiras, a quantidade de núcleos deveria ser uma eficiente estratégia de arregimentação eleitoral e um demonstrativo, mesmo que falacioso, de

que na terra do “candidato da maioria”, José Américo, muitos apoiariam Plínio Salgado. Para ratificar esse desejo, os integralistas não pouparam esforços, criaram e mantiveram escolas, além de sempre que possível expunham ações educativas.

4.5. TRANSFORMANDO MENTES E CORPOS: A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PARAÍBA

Como podemos perceber, a *Cultura Política Integralista* necessitava de todo um aparato para convencer e manter em vigência a doutrina do sigma, toda a mística que fazia parte do movimento tinha como princípio a obediência e até mesmo a submissão disciplinar e hierárquica, que uma vez adquirida deveria ser preservada e sempre que possível transmitida. Para manter vivo esse repasse doutrinário a AIB-PB usou, além de todos os meios já destacados, a instrução educacional¹⁵¹, mantendo treze escolas que congregavam centenas de alunos na Paraíba.

O primeiro registro que temos sobre uma escola da AIB-PB, é do ano de 1935, onde o núcleo de Pirpirituba, por determinação de Pedro Batista, então chefe provincial, instalou no dia 13 de maio de 1935 a escola “Caetano Spinele”¹⁵². A nota do jornal revelava que “A homenagem desse núcleo à vítima da Praça da Sé é uma demonstração do ardor integralista revelado pelos camisas verdes locais” (*A Imprensa*, 24 mai. 1935). Assim como as Bandeiras, os nomes dados às escolas seguia o objetivo de rememorar os “mártires” do movimento ou pessoas tidas pela AIB como importantes no desenvolvimento da nação, fazendo com que a *Cultura Política Integralista* estivesse presente no cotidiano dos alunos e da própria cidade. No começo dos anos 1930, 70% da população paraibana era analfabeta (SANTANA, 1999, p. 111), e por isso, acreditamos, que mesmo sem uma infraestrutura adequada¹⁵³ a inauguração e o próprio funcionamento das escolas integralistas repercutia, consideravelmente, na população local, como nos aponta o jornal católico, ao afirmar que no dia 17 de novembro de 1936 foi

¹⁵¹ A criação das escolas não era uma ação exclusiva da AIB-PB, a direção nacional integralista apontava para a necessidade de criar uma rede escolar com objetivo de facilitar a revolução do espírito. Segundo Cavalari (1999, p. 72) em 1937 o número dessas escolas era bastante significativo atingindo 3.000.

¹⁵² Caetano Spinelli foi um integralista ferido e morto, no conflito entre integralistas e comunistas ocorrido em novembro de 1934 em São Paulo, na Praça da Sé.

¹⁵³ Cavalari (1999) aponta que a maior parte das escolas integralistas funcionava nas próprias sedes e se resumia a uma sala de aula. (CAVALARI, 1999, p. 72-73).

instalada no núcleo de Canoas a escola “Henrique Dias”¹⁵⁴, “sob intensa vibração do povo daquela localidade”. (Ibid. 19 nov. 1936). A informação de vibração popular, mesmo partindo de uma fonte oficial, nos parece provável, já que a escola integralista era destinada primordialmente, aos menos favorecidos, algo pouco comum no período. Cabe destacar que essa ação integralista, mais do que demonstrativo de solidariedade, visava alistar eleitores para seus interesses políticos, no caso específico a campanha de Plínio Salgado a presidência da República.

Na mesma matéria que destacava a fundação da escola em Canoas, era relatada a participação da Bandeira chefiada por José Mayrink, no ato de inauguração de mais uma escola, essa em Pocinhos, batizada de “Felipe Camarão”¹⁵⁵, tendo nesse mesmo dia prestado juramento mais “26 novos integralistas”. (Ibid.). As fundações das escolas serviam como demonstrativo de vigor do movimento e conseqüentemente atraíam mais pessoas para se integrarem a AIB-PB. Não temos, em nossos registros, informações sobre todas as escolas criadas pelos integralistas, mas em dezembro de 1936 a quarta escola gerenciada pelo sigma era criada, destinada ao público feminino, como nos mostra o relato abaixo:

“A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA” inaugura mais uma escola em João Pessoa.

Inaugura-se hoje, mais uma escola fundada pelo Integralismo em nosso estado. Essa é a quarta escola instalada pelos camisas-verdes paraibanos. Isso indica claramente um aceleramento do ritmo integralista na Paraíba, e mais uma vez ficou provada a preocupação louvável da A.I.B. em disseminar o ensino, criando escolas de alfabetização, profissionais, de artes aplicadas, etc. A escola a ser inaugurada hoje é de artes aplicadas e receberá o nome de “Joana Angelica” em homenagem a heroica religiosa baiana, mártir da Religião e da Pátria. Hoje, às 16 horas como se vê pelo programa abaixo será feita uma exposição dos trabalhos executados pelas alunas. A escola funciona à Rua Sete de Setembro, 13 (Praça D. Adauto). É deveras animador verificar o desenvolvimento que o Integralismo vem tendo em nossa terra, ultimamente, e a obra notável de educação que vem realizando com a criação de novas escolas, (4), de uma biblioteca de autores nacionalistas, à Rua Barão do Triunfo, 400) e de outras realizações de alcance social. Não furtamos de levar destas colunas uma palavra de parabéns à Chefia Provincial, transcrevendo abaixo o programa das solenidades de hoje:

- a) 15 horas, de 8 de Dezembro, data cristã, entronização solene de Jesus Crucificado, na sala principal da escola e bençã dos respectivos cursos.
- b) 16 horas – inauguração dos mostruários de trabalhos executados pelas alunas.
- c) Cerimonial de encerramento.

CONVOCAÇÃO

A Secretaria Provincial de Educação convoca todos os integralistas da capital para comparecerem hoje as 14 e meia horas, à rua 7 de Setembro, nº 13, Sede da

¹⁵⁴ Apontado como herói negro, teria participado ativamente na luta pela expulsão dos holandeses da região nordestina e era exaltado pelos integralistas, que o considerava como uma das referências de formação da sociedade brasileira.

¹⁵⁵ Assim como Henrique Dias, o indígena Felipe Camarão, era tido pelos integralistas como um dos articuladores da resistência brasileira aos invasores holandeses e por isso tratado como herói da pátria.

Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e Plinianos. (*A Imprensa*, 08 dez. 1936)

O relato acima é bastante revelador, por meio dele podemos confirmar a recepção e empolgação de parte da opinião pública em relação às ações educacionais do movimento integralista. A interpretação de “louvável preocupação da AIB em disseminar o ensino” deveria se estender a todos os leitores, provocando-os a encararem o integralismo como grupo político definitivamente singular, que diferente de todos os demais, apresentava preocupações e ações atípicas, dignas de gratidão e de votos de parabéns. Acreditamos que essa imagem transmitida, também tinha interesse em gerar confiança nas pessoas, que poderiam enxergar nessas ações da AIB-PB, gestos que seriam ampliados significativamente em caso de vitória de Plínio Salgado. O nome dado à escola, como já ressaltávamos, fazia parte da *Cultura Política Integralista*, a homenageada era a religiosa Joana Angélica de Jesus, que em meio aos conflitos ocorridos na Bahia durante as lutas pela independência do Brasil foi assassinada por tentar impedir a entrada de soldados no convento, tornando-se para o movimento uma espécie de mártir religioso e da independência. A entronização da imagem de “Jesus Crucificado” demonstrava a compatibilidade da doutrina integralista com o cristianismo, além de seguir conduta do estado, que vigorava em decreto a necessidade das escolas de portarem tal símbolo.

Outro ponto revelador da notícia é o grau organizacional da AIB-PB em João Pessoa. A escola de artes aplicadas, diferente da maioria das escolas do interior, tinha um prédio próprio, assim como também a Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos, tais espaços serviam como postos de arregimentação da *Cultura Política Integralista* que intensificava campanha perante as mulheres e crianças, a escola servia de meio de socialização feminina, enquanto a secretaria além de direcionar atenção para as “blusas verdes”, também atendia os pequenos integralistas.

Não satisfeito com a divulgação, o jornal católico cobriu o evento de inauguração da escola, errando no nome da mesma, trocando “Joana” por “Maria”, destacando mais uma vez a grandiosidade das atitudes da AIB-PB, como nos mostra o relato abaixo:

Constituiu uma nota de grande realce a inauguração ante-ontem da Escola de Artes “Maria Angelica” (...) Os camisas-verdes compareceram às solenidades devidamente uniformizados. Na hora marcada teve lugar a aposição do Crucifixo na sala principal do Dep. Feminino, e onde funciona também o curso de artes aplicadas. Oficiou a cerimônia o pe. José Coutinho, vigário da Catedral que na ocasião congratulou-se com a Chefia Provincial pela fundação da escola, pedindo a Deus pelo seu futuro e para que os integralistas continuem trilhando esse curso de realizações práticas e de alcance social que vem demarcando a sua atividade

proveitosa nesses últimos tempos em nosso Estado. As 16 horas teve lugar a abertura da exposição que contou de preciosos e distintos trabalhos de pinturas à laque, à oriental, alto relevo etc tudo demonstrando o esforço e a inteligência da mulher integralista da Paraíba. (...) Usou da palavra ainda na ocasião d. Isabel Mayrink secretária da A.F. e plinianos que dirigiu frases de incentivo às blusas-verdes paraibanas. Por fim, leu um primoroso discurso d. Olga Silveira que conseguiu arrancar vivos aplausos dos presentes.

Encerrando a solenidade o Chefe Provincial pediu que se cantasse o Hino da Pátria e foram dirigidos três anuês ao Chefe Nacional. (Ibid. 11 dez. 1936)

Mais uma vez é nítido o apoio dado pela Igreja Católica ao movimento integralista, a presença do vigário da catedral, confirma a importância do evento, que como todos os outros, era transformado em uma celebração envolta de festividade. A exaltação feita pelo religioso para que os integralistas continuassem a trilhar o “curso de realizações práticas e alcances sociais”, provavelmente despertava impacto positivo para os católicos que presenciaram a cena ou leram a notícia do periódico. Outro aspecto que cabe destaque é a participação da mulher do chefe provincial, Isabel Mayrink, que chefiava o departamento feminino e plinianos, demonstrando o poder envolvente da *Cultura Política Integralista*, que agregava famílias inteiras nas fileiras do sigma, as ações dela, além de aumentarem a credibilidade do chefe provincial, serviam como elemento inspirador para as demais blusas verdes, que deveriam seguir o exemplo e tentarem ter em suas famílias a cópia da família Mayrink.

Assim como em 1937, os núcleos da AIB-PB se expandiram consideravelmente, as escolas integralistas seguiram o mesmo caminho. Em janeiro foram inauguradas mais duas escolas, uma em João Pessoa, em Jaguaribe, tendo como nome de batismo “o grande marinheiro” “Tamandaré” (*A Imprensa*, 21 jan. 1937) e outra em Campina Grande, batizada de “Dom Vital”, sendo dirigida pelo professor Serafim Lacerda, chefe municipal, e destinada ao ensino primário. (Ibid. 22 jan. 1937). No mês de março foi fundada em, São José de Lagoa Tapada, a escola “Nicola Rosica”, apresentada pela matéria como a “10ª fundada pelo integralismo na Paraíba”, contendo “40 alunos, filhos de operários e trabalhadores das construções. (Ibid. 25 mar. 1937). Em abril foi instalada em João Pessoa a 11ª escola, destinada aos gazeteiros e outros menos favorecidos pela sorte (Ibid. 07 abr. 1937), como também a escola de alfabetização em Coremas, apontada pelo jornal como a 13ª escola aberta pelos integralistas, tendo 137 alunos e 5 professores. (Ibid. 11 abr. 1937).

Não temos fontes que nos apresentem todos os locais e as escolas criadas pela AIB-PB. Das treze escolas conseguimos localizar registros de doze delas, conforme o quadro seguinte:

ESCOLAS DA AIB-PB

NÚCLEOS	QUANTIDADE E NOME DAS ESCOLAS
João Pessoa	Quatro Escolas: Joana Angélica - Vidal de Negreiros - Tamandaré - ?
Pirpirituba	Uma Escola: Caetano Spinelli
Pocinhos	Uma Escola: Felipe Camarão
Canoas	Uma Escola: Henrique Dias
Campina Grande	Uma Escola: Dom Vital
São José de Lagoa Tapada	Uma Escola: Nicola Rosica
Coremas	Uma Escola: General Osorio
São Gonçalo	Uma Escola: ?
Cajazeiras	Uma Escola: ?

Quadro elaborado pelo autor.

Como podemos constatar no quadro acima, as escolas se espalharam por diferentes regiões, tendo na capital agrupado maior número e também melhor infraestrutura. Por meio delas o movimento poderia apresentar e manter vivo todo o potencial místico integralista, procurando transformar não apenas as mentes como também elaborando uma proposta corporal, militarizando atitudes que deveriam seguir a tríade Deus, Pátria e Família, expondo nas ruas e principalmente nas urnas o processo de mudança integral. Além das escolas, outra forma educativa da AIB-PB ocorria por meio de ações solidárias, como podemos comprovar no relato abaixo:

UMA DECURIA INTEGRALISTA VISITA O HOSPITAL DE STA. IZABEL

Precisamente às 11 1/2 da manhã do dia 1º de Setembro andante, dava entrada no hospital de Santa Izabel os “camisas-verdes” desta Província afim de fazerem uma visita de caráter humanitário, aos enfermos ali existentes e conseqüentemente internos. Foi tal a curiosidade despertada com a nossa presença, pela primeira vez em número tão elevado, que todos os convalescentes se mostraram admirados com a nossa visita, a qual tornou por algumas horas aquele casarão, em uma onda verdadeiramente verde, representada pela côr simbólica de nossa camisa. (...) Aproximamos dos doentes em seus leitos e indagamos do seu estado de saúde. Ouvimos sempre a mesma resposta. Vou melhor graças a Deus. (...) O hospital é um lugar que deve ser sempre visitado.

Não somente por aqueles que têm entes queridos internos no mesmo, mais ainda por todo aquele que tem no coração um pouquinho de amor ao próximo e sentimento humano. Muito aproveitamos com isso. Pelo menos assistimos bem de perto a miséria, classificada no seu mais elevado grau de aperfeiçoamento. Vemos de quanto é capaz a fraqueza humana. Vemos a dôr quase que susceptivamente sentida pelo nosso semelhante, o que muito nos comove (...). Assim, pois, nós Integralistas que visitamos o Hospital Santa Izabel, deixamos consignados nestas linhas os nossos mais francos aplausos a Diretoria daquele Pio estabelecimento de caridade extensivo

também as dignas irmãs que dirigem o mesmo. Pelo bem do Brasil. Anauê. João Manoel de Maria. (Ibid. 04 set. 1935)

O relato do integralista coloca a visita da “onda verde” como um claro demonstrativo de generosidade e bondade do movimento. Além de ressaltar os atributos dos “camisas verdes”, que visitaram o hospital com objetivo de elevar a estima dos convalescentes, a todo momento o autor tenta pregar a relação entre os princípios cristãos e os princípios da AIB-PB, querendo transparecer a fusão entre um e outro, passando para os leitores a mensagem de que o integralismo seria sinônimo do cristianismo, servido o primeiro como base educativa para a transmissão do segundo. Outra ação interpretada por nós como modelo educativo de comportamento foi a desobstrução de um trecho urbano de João Pessoa:

(...) OS “CAMISAS-VERDES” PESSOENSES, auxiliaram as populações pobres dos bairros da capital. Metidos na lama, de picareta na mão desobstruíram grande parte da rua Maximiliano Machado fortemente estragada pela ação das chuvas. Em dias desta semana os “camisas-verdes” de João Pessoa, prestaram relevantes serviços às populações pobres do bairro da Torre, na desobstrução dos trechos da rua inundados completamente. Sendo assim, e vendo que o trabalho era de largas proporções contratou a Chefia Provincial uns 8 homens que auxiliaram os integralistas naquela obra por todos os títulos notáveis. A começar do Chefe Provincial Mayrink que tomou parte ativa nos trabalhos, todos os camisas-verdes prestaram o seu contingente de esforço e dedicação. Metidos na lama, de picareta, e de pá na mão, desobstruíram grande parte da rua (...) Fato semelhante aconteceu na Baía, quando se deram terríveis inundações que desalojaram muitas famílias. Em proporções menores, mas com o mesmo espírito de fraternidade cristã, os integralistas de João Pessoa, sem fazer daquilo motivo de propaganda, sem fazer alarde, quase ocultamente porque foi das 8 até altas horas da noite, prestaram um relevante serviço aos humildes, aos abandonados, do bairro da Torrelândia. (Ibid. 10 abr. 1937)

O relato do jornal faz questão de exaltar o auxílio dos integralistas aos necessitados, transmitindo a imagem de que a AIB-PB não ficava apenas nas teorias de mudanças, mas colocava em prática uma conduta forte e solidária, focando em quem realmente precisava. Tal ato tinha, ainda, como princípio estar presente no cotidiano de dificuldades das pessoas, transmitindo a disposição para prestar serviços gratuitos e generosos, demonstrando suprirem as ausências dos fracos governos institucionais, se apresentando como eficiente opção de mudança política.

Essa preocupação em estudar e atuar sobre os problemas foi capaz de arregimentar seguidores, como nos revela Ivan Bichara a respeito de sua entrada no movimento: (...) Eu tive no integralismo uma oportunidade que foi me dedicar aos estudos dos problemas brasileiros. Isso eu acho que para mim serviu e numa idade difícil para todos os jovens, em vez de me

preocupar com outras coisas, eu fui estudar problemas brasileiros. (BICHARA p.7-8). Relato parecido ao de Ivan Bichara é o de Eurípedes de Oliveira, revelando que o “conceito de ordem, de organização e de defesa do patrimônio nacional” foram os elementos que despertaram seu interesse pela Ação Integralista Brasileira. (Sylvestre, 19993, p. 202). Ambos demonstram a capacidade “sedutora” da *Cultura Política Integralista*, que por meio de toda a aparelhagem debatida nesse capítulo conseguia alcançar figuras de renome que, mesmo não sendo filiadas a AIB-PB, não perdiam oportunidades de valorizar a pregação integralista, a exemplo do senador paraibano Duarte Lima que, em pleno contexto da disputa presidencial, afirmava no Parlamento Nacional, ser Plínio Salgado um “brasileiro, iluminado de fé pelos destinos do Brasil” e o Integralismo :

(...) obra assombrosa de educação cívica que é incontestavelmente o movimento cultural do Sigma; denunciei por conhecer-lhes as intenções ocultas, os centros estudantis, as chamadas frentes intelectuais democráticas, e as sociedades secretas, como focos permanentes de conspiração esquerdista; e preconizei contra a mística deletéria do comunismo internacional, calcada no materialismo histórico, essa outra mística, nacionalistas, espiritual, grande e invencível que tem por lema – Deus, Pátria e Família. (Ibid. p. 202)

A distinção da educação existente nos centros estudantis democráticos, dotados da “deletéria mística comunista”, e nas fileiras da AIB, calcada a mística “nacionalista e espiritual”, é mais do que reveladora para o posicionamento do senador paraibano, que mesmo pertencente ao partido de José Américo, não poupa elogios ao integralismo e ao então candidato Plínio Salgado. Demonstrando ter mais do que simples cumplicidade ao projeto educacional integralista, Duarte Lima apresenta nesse e em outros discursos pró AIB, a sedução à possibilidade de ver o Brasil transformado pelos “camisas verdes”, o que nos confirma o poder do discurso do movimento e sua anuência aos princípios autoritários presentes no Brasil da época.

O fato da *Cultura Política Integralista* ser capaz de seduzir até mesmo pessoas pertencentes a outros partidos, bem como todos os outros elementos discutidos ao longo da dissertação, nos deixa resquícios para entendermos a prolongação e manutenção do sentir integralista na Paraíba. Mesmo depois do fim da AIB-PB homens e até mesmo famílias inteiras continuavam mantendo aspectos inerentes ao “fazer-se integralista”, como nos mostra a fotografia abaixo:



FONTE: Arquivo particular de Tadeu Floresta de Oliveira.

A fotografia registra o primeiro encontro entre o paraibano Eurípedes de Oliveira e o “Grande Mestre”¹⁵⁶, Plínio Salgado, a mesma foi feita em 17 de janeiro de 1958 em Açúcar-RN. Em 30 de janeiro do mesmo ano, Eurípedes conseguia se reencontrar com Plínio, ocasião em que o paraibano conseguiu que a fotografia fosse autografada, ou seja, aproximadamente 20 anos depois das perseguições sofridas pelos integralistas paraibanos, incluindo a prisão de

¹⁵⁶ Segundo Tadeu Floresta de Oliveira, filho de Eurípedes de Oliveira, seu pai costumava chamar Plínio Salgado de “Grande Mestre”.

Eurípedes, retratada por ele como um triste fato de sua vida, a admiração por Plínio Salgado continuara, tal qual a apresentada pela família Nogueira, que em maio de 1952 enviara a última recordação do patriarca Pedro Nogueira, ao chefe Plínio Salgado:



FONTE: Arquivo Municipal de Rio Claro-SP Fundo Plínio Salgado.

Acreditamos que, a pedido do próprio Pedro Nogueira, ele foi colocado no caixão vestido com a camisa integralista, mesmo tendo a AIB-PB sido extinta mais de dez anos antes de seu falecimento¹⁵⁷. Nesse sentido, a *Cultura Política Integralista* como podemos observar permaneceu viva dentro de alguns paraibanos, não sendo objeto de nossa análise na dissertação, podendo ser em pesquisas futuras.

¹⁵⁷ Segundo os *Protocolos e Rituais* o integralista era imortal, transferindo suas funções terrenas para a Milícia do Além, existindo a tentativa de criar um caráter perpétuo para os militantes e para o próprio movimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos esse trabalho, observamos que as considerações levantadas seriam bastante relevantes pelo ineditismo da temática, na medida em que inexistem obras sobre a presença da Ação Integralista Brasileira na Paraíba. Mais do que encerrar as possibilidades de novas abordagens sobre a AIB-PB, acreditamos que a presente dissertação sirva de contorno inicial, capaz de promover, aos leitores e até mesmo a nós, condições para que sejam realizadas novas perspectivas acerca do tema.

O integralismo atuou no cenário político brasileiro durante parte significativa do governo de Getúlio Vargas. Neste período temporal (1933-1938), os seguidores do sigma desenvolveram toda uma *Cultura Política* própria, mobilizando milhares de pessoas por todo o Brasil, que enxergavam a AIB como sendo capaz de desenvolver soluções aos problemas do país através de uma revolução cultural. Incorporando uma mobilização constante, a *Cultura Política Integralista* consistia em transformar “cidadãos soldados”, que ao menos na teoria cumpririam, sem questionamento, todos os princípios envolvidos no projeto de criação do Estado Integral, regido de perto pela tríade “Deus, Pátria e Família”.

Na Paraíba, os integralistas se instalaram em meio a um quadro de reordenamento. A vitória da Aliança Liberal em 1930 e, principalmente, o aspecto mitológico do “filho da terra”, João Pessoa, provocara uma herança política muito forte, fator indispensável à formação contextual do período. Tal aspecto é ponto crucial para afastarmos indícios interpretativos de simples reprodução mimética, e entendermos o percurso desenvolvido pela AIB-PB como envolvimento de especificidades locais.

Constatamos como uma das principais especificidades do integralismo em terras paraibanas a dificuldade dos “camisas verdes” em se infiltrarem na política partidária. O centro político estava centrado em forças tradicionais, que pós “Revolução de Outubro” se reagrupava em dois fortes partidos, mantendo a tradição oligárquica. O Partido Progressista (PP), principal sigla que durante o período estudado se manteve como sendo situação, e o Partido Republicano Libertador (PRL), maior força opositora, preenchiem o espaço eleitoral, onde por meio de ações muitas vezes arbitrárias inviabilizavam os interesses do sigma e de qualquer outra legenda. Em meio a essa dificuldade percebemos uma ação dúbia em relação à atuação integralista. A força dos partidos hegemônicos limitava o crescimento da AIB-PB, fazendo-o ser quase que insignificante eleitoralmente, fator que ausentava qualquer barreira institucional contrária à pregação de sua doutrina, ou seja, o discurso integralista, principalmente a perspectiva anticomunista, não encontrava dificuldades em sua expansão, ao

ponto que esse discurso quando transformado em interesse político-partidário passara a ser visto com ressalva e casos isolados, sofrendo inclusive perseguições.

Outro aspecto bastante revelador da pesquisa foi a divergência envolvendo a propagação oficial do movimento integralista e as fontes extraoficiais. Os números de seguidores, de periódicos, núcleos e a impressão de adesão completa da *Cultura Política Integralista* puderam ser desmistificados, tornando ao nosso entender, a pesquisa mais próxima da realidade humana dos integralistas paraibanos, que mesmo imbuídos do credo da AIB, não raramente se posicionaram de maneira antagônica, subvertendo princípios doutrinários e praticando ações contrárias as teorias do sigma. Todo esse processo só foi possível, mediante meticulosa análise dos veículos de imprensa escrita da época, com destaque ao jornal *A Imprensa*, que além de ter sido nossa principal fonte, foi decisivo no processo de articulação e divulgação integralista.

Por meio do jornal *A Imprensa*, pudemos constatar o explícito patrocínio do clero ao integralismo. Motivados por meio da conduta de recristianizar o país, os membros da Igreja Católica não pouparam esforços para auxiliar a AIB-PB. Mesmo comprometidos partidariamente com o Partido Progressista, o clero paraibano uniu forças com “os camisas verdes” no combate ao “perigo vermelho”, buscando valorizar os estratos filosóficos pertencentes à *Cultura Política Integralista* ao ponto que repudiava as características contidas na *Cultura Política Comunista*, criando nesse sentido uma intervenção em torno da sociedade civil, que passara a presenciar não apenas embates teóricos, mas também confrontos físicos entre integralistas e comunistas. Se tais embates não trouxeram sucesso significativo na realização dos projetos políticos desejados, o mesmo não podemos afirmar quanto à transformação no cotidiano de algumas pessoas e até mesmo famílias.

A mística envolvida no conjunto de princípios da *Cultura Política Integralista* alcançou em muitos casos extrema compatibilidade não apenas com ideias e interesses, mas com a convicção pessoal, movendo direcionamentos entre paixões e sentimentos como a esperança, o orgulho, o medo e ódio; que mobilizados por meio de representações e imaginários, foram capazes de influenciar valores construídos em torno da religião, da nação e da família. Para tanto, um conjunto de estratégias foi posto em prática pela AIB-PB, envolvendo posicionamentos públicos como festividades, desfiles, reuniões, comícios e outra série de ações que terminavam por interferirem na vida privada, superando mesmo a extinção e perseguição da AIB-PB, existindo inclusive na chegada da morte, onde o falecido integralista era enterrado vestindo o “manto verde”.

Evocando todas essas características, os integralistas paraibanos buscaram construir figuras mitológicas, heróis exemplares, como também inimigos odiados, unindo a perspectiva política não apenas a apreensão racional de projetos sistemáticos e coerentes, mas também aos fatores culturais, incluindo o ordenamento com valores já existentes na sociedade paraibana. Enfim, longe de tentarmos apresentar respostas definitivas sobre o tema abordado, tentamos indicar, por meio de nossa escrita, meios viáveis que possam proporcionar debates futuros.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Fábio Lima. **O Integralismo em Pesqueira (1934-1938)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando tradições, construindo memórias: A “Revolução de 30” na Paraíba**. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa: UFPB, 2006.

_____. Baião no palanque. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 9, n.99, p.76-79, dez. 2013.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: imprensa e vida**. Jornalismo impresso (1826-1986). 2.ed. Campina Grande: GRAFSET, 1986.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização**. In: FAUSTO, Boris (Org). **História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano**. São Paulo: Difel, 1984. Tomo III. Vol. 4. p. 271-341.

BERTONHA, João Fábio. “A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30”. In: BERTONHA, João Fábio. **Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo**. Maringá, PR: Ed. UEM, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. **Para Uma História Cultural**. (Orgs.) Tradução: Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998: 349-359.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1987.

CALIL, Gilberto Grassi, **O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALDEIRA, João R. de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão**. São Paulo: Annablume, 1999.

CAPELATO, M. H. R. Estado Novo: novas histórias, *In: Historiografia Brasileira em Perspectiva*, Universidade da São Francisco, São Paulo: Contexto, 1998.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do Sigma ao Sigma- entre a anta, a águia, o leão e o galo- a construção de memórias integralistas**. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **A ameaça vermelha: o imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937)**. Tese (Doutorado em História) Pernambuco- UFPE 2013.

CAVALCANTI, Robson. **Cristianismo e Política**. São Paulo: Editora Temática Publicação, 1993, p. 189.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. 2. Ed. Belo Horizonte; São Paulo, SP: UMA: AD Hominem, 1999.

CHAUÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”, In: CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. **Ideologia e mobilização popular**, Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.

_____. Notas sobre o pensamento conservador dos anos 30: Plínio Salgado, In ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B. & MORAES, R (org.) **Inteligência brasileira**, São Paulo: Brasiliense, 1986.

CYTRYNOWICZR. **Integralismo e antisemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930**, Dissertação (Mestrado em História), USP-1992.

DOTTA, Renato Alencar. **O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)**. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: USP, 2003.

FAUSTO, Boris. (org) **História geral da civilização brasileira – O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. 2º vol. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

GOMES, Angela Maria de Castro. **História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: algumas reflexões**. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVEA, Maria de Fátima S. **Culturas Políticas: ensaios de História Cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2005. p.21-44.

GERTZ, René. **Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul**. Contribuição para interpretação de um fenômeno político controverso. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Ciência Política), UFRGS, 1977.

GIRARDET, Rauol. **Mitos e Mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro; ABREU, Martha. Apresentação. In: **A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia**. *Revista Tempo*, n 26, janeiro de 2009. Encontrado em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v13n26a01.pdf, acessado em 21 de janeiro de 2013.

GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org). **Entre tipos e Recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

_____. **Entre tipos e Recortes: histórias da imprensa integralista.** Guaíba: Sob Medida, 2012. V.2

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias.** Paraíba (1989-1945). João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1994.

LIMA, Francisco (Cônego). **Dom Adauto: subsídios bibliográficos (1855-1915).** Tomo I. 2.ed. João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985).** Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MELLO, José Octávio de Arruda. **A revolução estatizada.** Um estudo sobre a formação do centralismo em 30. 2ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1992.

_____. **Sociedade e Poder Político no Nordeste: O Caso da Paraíba (1945/1964).** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **O Integralismo no Ceará: variações ideológicas.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1986.

MORAES, Márcio André de. **Garanhus sob o símbolo do Sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942).** Dissertação (Mestrado em História). UFRPE, Recife- Pernambuco. 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: _____. (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009: 13-37.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937).** Tese (Doutorado em História) Porto Alegre-RS, 2009.

PARENTE, Josênio. **ANAUE: os camisas verdes no poder.** Fortaleza, Edições UFC, 1986.

PORFÍRIO, Waldir. **Bandeiras Vermelhas.** A Presença dos Comunistas na Paraíba (1900-1960). João Pessoa: Textoarte, 2003.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos Vermelhos: A Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira 1934-1937.** Dissertação (Mestrado em História), UFBA, Salvador 2006.

REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do ceará (1932-1937).** Tese (Doutorado em História) Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. **Poder e intervenção estatal.** Paraíba (1930-1940). João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

SANTOS, Ademir da Costa. **O Integralismo em Sergipe: as propostas e a propagação do ideário (1933-1938).** Dissertação de Mestrado em Educação. Aracaju, UFS, 2003.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. **Os domínios do Estado: a interventoria de Anthonor Navarro e o poder na Paraíba (1930-1932)**, Dissertação (Mestrado em História) UFPB, João Pessoa 2007.

SALGADO, Plínio. **Despertemos a Nação!** Rio de Janeiro, RJ: J. Olympio, 1935.

_____. **Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira**. Niterói: Edição do Núcleo Municipal de Niterói, abril de 1937.

_____. **O que é o Integralismo**. Obras Completas 2 ed. São Paulo. Editora das Américas 1955.

_____. **A mulher no século XX**. In: Obras completas. São Paulo, Editora das Américas. 1955, vol. 8.

_____. **A Quarta Humanidade**. In: Obras completas. São Paulo, Editora das Américas. 1955, vol. 5.

_____. **Psicologia da Revolução**. In: Obras completas. São Paulo, editora das Américas, 1954, vol. 7.

_____. **Literatura e Política**. In: Obras Completas. São Paulo: Editora das Américas, 1956, v.19,

SIMÕES, Renata Duarte. **A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Giselda B. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco: 1932-1938**. Dissertação (Mestrado em História), UFPE, 1996.

_____. **A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco**. Recife, UFPE. 277f. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, 2002.

SILVA, Hélio. **1938: Terrorismo em campo verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SOUZA, Renato Elias Pires de. **Teatralização e Simbolismo Político: a atuação da Ação Integralista Brasileira na Paraíba – 1933-1937**. Monografia (em História) Campina Grande: UEPB, 2010.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo**. Fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945). Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1993.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.

VASCONCELLOS, Gilberto. **A ideologia Curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo: brasiliense, 1979.

JORNAIS:

- *Jornal A União* (1933-1938) – Fundação Casa de José Américo / IHGP- JP
- *Jornal A Imprensa* (1933-1938) – Arquivo do Eclesiástico / IHGP - JP
- *Jornal Liberdade* (1933-1937) - Fundação Casa de José Américo/ IHGP- JP
- *Jornal O Dia* (1935-1936)- Fundação Casa de José Américo – JP
- *Jornal da Paraíba* (1937-1938) - Fundação Casa de José Américo – JP
- *Jornal O Rebate* (1935) – Biblioteca Átila Almeida- UEPB - CG
- *Jornal A Batalha* (1935-1936) – Biblioteca Átila Almeida- UEPB - CG
- *Jornal O Liberal* (1930) – Fundação Casa de José Américo - JP
- *Jornal Voz da Borborema* - Biblioteca Átila Almeida- UEPB - CG
- *Jornal A Offensiva* (1936) – Arquivo Municipal de Rio Claro - SP
- *Jornal Monitor Integralista* (1934-1937) – Arquivo Municipal de Rio Claro – SP

DOCUMENTOS REFERENTES À AIB-PB:

- *Razões do Nosso Integralismo* (1934) – Biblioteca Atila Almeida – CG
- Cópia do livro de registro plebiscitário (1937) - DOPS /APEJE / PE
- Carta do chefe de Rio Branco para o chefe provincial de Pernambuco (1937) - DOPS /APEJE / PE
- Entrevista de Ivan Bichara (1980) - CPDOC/UFPB
- Entrevista de Gratuliano de Brito (1980) - CPDOC/UFPB